

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA - EST

## Contribuições do Movimento dos Focolares ao Ecumenismo



**Beatriz Sarkis Simões**  
**Orientador: Dr. Valério Guilherme Schaper**

**São Leopoldo**  
**2010**

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

BEATRIZ SARKIS SIMÕES

**CONTRIBUIÇÕES DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES AO ECUMENISMO**

São Leopoldo

2010

BEATRIZ SARKIS SIMÕES

**CONTRIBUIÇÕES DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES AO ECUMENISMO**

Dissertação de Mestrado  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programas de Pós-Graduação em  
Teologia  
Área: Teologia e História

Orientador: Dr. Valério Guilherme Schaper

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S593c Simões, Beatriz Sarkis

Contribuições do Movimento dos Focolares ao ecumenismo / Beatriz Sarkis Simões ; orientador Valério Guilherme Schaper. – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.

191 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Movimento dos Focolares . 2. Ecumenismo. 3. Lubich, Chiara, 1920-. 4. Unidade cristã – Igreja católica. I. Schaper, Valério Guilherme. II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Escola Superior de Teologia pela acolhida no Curso de Mestrado, bem como a todos os professores e funcionários que demonstraram dedicação e compromisso com a educação.

Agradeço, em especial, ao Professor Valério Schaper por ter aceitado orientar o meu trabalho e por toda dedicação e paciência demonstradas. O estímulo e a confiança que recebi de sua parte foram fundamentais nesta caminhada.

Agradeço ao Professor Pedro Kunrath da PUC-RS que, apesar de suas inúmeras atividades, aceitou o convite para fazer parte da minha banca com sua valiosa contribuição.

Agradeço ao Professor Rudolf von Sinner por ter feito parte desta minha trajetória acadêmica e pelo incentivo ao desenvolvimento do meu tema.

Agradeço a CAPES pelo financiamento recebido que viabilizou esta pesquisa.

Agradeço aos meus familiares e amigos: o apoio e o encorajamento oferecidos contribuíram significativamente para realização deste trabalho.

Expresso meu profundo agradecimento, ainda, a todos aqueles que, espalhados no mundo inteiro e, talvez, no anonimato, dedicam suas vidas com generosidade à causa ecumênica.

*Dedico esta minha pesquisa*

a **Chiara Lubich** (1920-2008),  
fundadora do Movimento dos  
Focolares, que consagrou a sua vida à  
causa da unidade, do 'ut omnes unum  
sint' (Jo 17,21) de Jesus.

*Através de seu testemunho e de seus  
ensinamentos fez com que esta paixão  
se tornasse também minha e a de  
milhares de pessoas.*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo dar uma maior visibilidade às contribuições específicas que o Movimento dos Focolares, fundado em 1943 por Chiara Lubich, tem a oferecer à caminhada ecumênica. A primeira parte aborda a história do ecumenismo: o conceito, os fatos históricos, que levaram a rupturas na Igreja de Cristo, a gênese do movimento ecumênico e a relevância do ecumenismo. Ao analisar a importância do diálogo ecumênico, a pesquisa apresenta a proposta do *diálogo da vida* – que tem suas raízes na espiritualidade do Movimento dos Focolares e é considerada uma de suas contribuições específicas ao ecumenismo. A segunda parte apresenta uma hermenêutica ecumênica que tem dois princípios: o da fraternidade e o da cruz. Acredita-se que não é possível alcançar a plena comunhão (*koinonia*), sem passar pelo caminho da cruz, pelo caminho do abandono de Jesus (*kenosis*). Em seguida, faz-se uma reflexão sobre o Movimento dos Focolares e a Eclesiologia de comunhão. A reflexão conduz ao ponto central desta parte: o aprofundamento da proposta do *diálogo da vida*, oferecido como uma resposta atual às exigências do mundo ecumênico. A terceira parte apresenta uma segunda contribuição específica do Movimento dos Focolares à caminhada ecumênica: o *Projeto da Economia de Comunhão na Liberdade*, nascido em 1991 durante uma das viagens de Chiara Lubich ao Brasil. Este Projeto de cunho social e realizado ecumenicamente está presente hoje em vários países do mundo e reflete a realidade de comunhão que é a base da espiritualidade proposta pelo Movimento dos Focolares. Desse modo é possível asseverar que o Movimento dos Focolares tem algo de significativo a oferecer à caminhada ecumênica, quer seja em nível espiritual, quer seja em nível prático.

**Palavras-chave:** Movimento dos Focolares. Chiara Lubich. Ecumenismo. Diálogo da vida. Economia de comunhão.

## ABSTRACT

This research aims to give greater visibility to the specific contributions that the Focolare Movement, founded in 1943 by Chiara Lubich, has to offer to the ecumenical journey. The first part deals with the history of ecumenism: the concept, historical events that also led to ruptures in the Church of Christ, the genesis of the ecumenical movement and the relevance of ecumenism. Analyzing the importance of ecumenical dialogue, this research presents the proposal of the *dialogue of life* – which has its roots in the spirituality of the Focolare Movement and is considered one of its specific contributions to ecumenism. The second part presents an ecumenical hermeneutics which has two principles: fraternity and cross. It is believed that it is not possible to reach full communion (*koinonia*), without going through the way of the cross, through the way of the abandonment of Jesus (*kenosis*). Then a reflection on the Focolare Movement and the ecclesiology of communion is made. The reflection leads to the central topic of this chapter: the proposal of the *dialogue of life* presented as an answer to the demands of the current ecumenical world. The third part presents a second specific contribution of the Focolare Movement to the ecumenical journey: the *Project of the Economy of Communion in Freedom*, which was launched in 1991 by Chiara Lubich during one of her trips to Brazil. This social Project, which is put into practiced ecumenically, is present in several countries around the world today and reflects the reality of communion which is the basis proposed by the spirituality of the Focolare Movement. So, it is possible to asseverate that the Focolare Movement has something significant to offer to the ecumenical journey, whether on a spiritual or a practical level.

**Keywords:** The Focolare Movement. Chiara Lubich. Ecumenism. Dialogue of life. Economy of communion.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
<b>1 ELEMENTOS DO ECUMENISMO .....</b>	<b>15</b>
1.1 Significado do termo .....	16
1.2 As divisões na Igreja de Cristo .....	17
1.3 O movimento ecumênico .....	20
1.4 O diálogo .....	25
1.5 Tipos de ecumenismo .....	27
1.5.1 <i>Ecumenismo doutrinal</i> .....	28
1.5.2 <i>Ecumenismo prático</i> .....	29
1.5.3 <i>Ecumenismo institucional</i> .....	30
1.5.4 <i>Ecumenismo espiritual</i> .....	31
1.6 Dificuldades para o ecumenismo .....	32
1.7 Importância do ecumenismo .....	35
1.8 O que almeja o ecumenismo? .....	36
1.9 A construção da unidade .....	37
1.10 Perspectivas .....	40
<b>2 DIÁLOGO DA VIDA .....</b>	<b>49</b>
2.1 Hermenêutica ecumênica da amizade .....	50
2.1.1 <i>O sentido da amizade a partir de Jesus</i> .....	52
2.1.2 <i>Comunhão na diversidade</i> .....	54
2.2 Hermenêutica ecumênica da cruz .....	55
2.2.1 <i>Caminho de “purificação da amizade”</i> .....	57
2.1.2 <i>O amor cristão como estilo de vida ecumênica</i> .....	61
2.3 O Movimento dos Focolares e a eclesiologia de comunhão .....	62
2.3.1 <i>Diálogo da Vida</i> .....	67
2.3.2 <i>Jesus crucificado e abandonado: chave para a comunhão plena e visível entre as igrejas</i> .....	72
<b>3 ECONOMIA DE COMUNHÃO: UM PROJETO .....</b>	<b>76</b>
3.1 A gênese da economia de comunhão .....	77
3.2 A vivência da partilha a partir da espiritualidade do Movimento dos Focolares .....	79
3.3 A vivência da reciprocidade na economia .....	83
3.4 Uma economia voltada à pessoa humana .....	89
3.5 Trabalhar em comunhão .....	91
3.6 Economia de comunhão: nasce uma cultura nova .....	94
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>99</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXO A – Chiara na cerimônia de Advento: “Oração Ecumênica do Advento” .....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO B – Entrevista de Sandra Hogget com Chiara Lubich .....</b>	<b>117</b>
<b>ANEXO C – Chiara aos internos da Grã-Bretanha e da Irlanda .....</b>	<b>128</b>
<b>ANEXO D – Chiara no Congresso Ecumênico dos Bispos .....</b>	<b>145</b>
<b>ANEXO E – Discurso de Chiara Lubich em Stuttgart, Maio de 2007. ....</b>	<b>158</b>
<b>ANEXO F – Encontro de Chiara com as comunidades: Malta, Sicília e Calábria .....</b>	<b>163</b>
<b>ANEXO G – Documentário: doutorado <i>honoris causa</i> de Chiara em Piacenza .....</b>	<b>174</b>
<b>ANEXO H – Pronunciamento do Pr. Ervino Schmidt na abertura da SOUC 2008 .....</b>	<b>189</b>

## INTRODUÇÃO

*No momento devido  
haveremos de colher,  
se não desfalecermos.  
(Gal 6,9)*

A presente pesquisa, desenvolvida para obtenção do grau de Mestre em Teologia, na Área de Concentração Teologia e História, tem como objeto o Movimento dos Focolares fundado em 1943 por Chiara Lubich, leiga pertencente à Igreja Católica Romana. As questões estudadas foram como e por que este Movimento Eclesial, surgido dentro do catolicismo, adquiriu abrangência ecumênica e quais contribuições vêm oferecendo ao ecumenismo no decorrer destes anos.

Meu envolvimento com a temática do ecumenismo, o que determinou a escolha do tema para esta dissertação, tem uma história. Desde o ano de 1985, participo ativamente do Movimento dos Focolares. Pouco a pouco, isso despertou meu interesse pelo ecumenismo. As palavras de Jesus, ditas no Seu último testamento, “Que todos sejam um” (Jo 17,21), adquiriram um significado mais profundo na minha vida e se tornaram um imperativo, no sentido de que sinto a exigência de me comprometer para que este testamento possa chegar a sua plena atuação.

De fundamental importância para minha caminhada pessoal, e que contribuiu muito para que este interesse pela causa ecumênica se aprofundasse ainda mais, foi o fato de ter morado por seis anos na Inglaterra, devido ao meu

envolvimento com o Movimento dos Focolares, onde convivi lado a lado com cristãos de diferentes denominações. Confesso que levei meses para identificar quem era membro da Igreja Católica Romana, quem era Anglicano, Batista, Metodista, etc. Neste sentido, a constatação de Chiara Lubich, quando esteve em Londres em novembro de 1996, onde se encontrou com mais de mil pessoas pertencentes ao Movimento, provenientes de várias Igrejas, teve profundo impacto sobre mim: ela afirmou que, em qualquer lugar onde se vive a espiritualidade de comunhão, forma-se um único povo, uma única família em Cristo. Assim como Chiara, eu também me deparei com cristãos (leigos, sacerdotes, pastores, bispos) unidos sob o nome de Cristo. Aquilo que os unia era mais forte do que suas diferenças: “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou Eu no meio deles” (Mt. 18,20). Comecei a refletir sobre isso e a me perguntar se aquilo que experimentei em Londres era um fenômeno localizado ou geral, se era algo próprio do movimento ecumênico em geral ou se havia nele uma colaboração típica dos Focolares.

Voltando para o Brasil, logo engajei-me nos organismos ecumênicos locais, como o SELEO (Serviço Ecumênico Leopoldense) e o CONIC-RS (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil – Região RS). Percebi que o Movimento dos Focolares também tem algo a oferecer para a realidade brasileira com sua proposta do *diálogo da vida* (proposta que será aprofundada nesta dissertação). Posso dizer que se instaurou, através da realidade do amor recíproco atuado entre os membros destes organismos, um vínculo muito forte de fraternidade e estima. Talvez, seja relevante citar aqui o fato de que foi justamente um dos membros do SELEO, que me encorajou a fazer um Mestrado na EST a partir da experiência ecumênica do Movimento, o que denota certo reconhecimento por parte de alguém que, até então,

desconhecia tal proposta. Isso reforçou a minha impressão de que o Movimento dos Focolares tem algo de particular a oferecer ao movimento ecumênico. Essa impressão se acentuou ainda mais, quando vivenciei outra experiência singular.

De 26 a 31 de julho de 2009, reuniu-se uma equipe de diálogo teológico internacional composta por membros do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos (PCPUC) e por membros da Aliança Evangélica Mundial na cidade de São Paulo. O PCPUC requisitou a presença de um membro do Movimento dos Focolares e, por circunstâncias diversas, acabei participando da consulta. Discutimos várias questões teológicas, detivemo-nos em muitos aspectos doutrinários de nossas Igrejas e, quando se tratava de ilustrar com a *vida* como a teoria era colocada em prática, eram solicitadas experiências do Movimento dos Focolares. Solicitaram que eu falasse, inclusive, a respeito da experiência da *Economia de Comunhão na Liberdade* (tópico ao qual será dedicado o terceiro capítulo desta dissertação) como uma iniciativa de caráter social empreendida em nível ecumênico. Por fim, um dos participantes do grupo me agradeceu, dizendo que as discussões em nível teológico eram todas importantes e que ficava muito contente de ver que conseguíamos conciliar a teoria e a prática através de um ecumenismo realizado na vida cotidiana. Com esta experiência, verifiquei mais uma vez que o Movimento dos Focolares traz em si algo que pode ser oferecido ao movimento ecumênico no seu todo e espero poder tornar tal proposta mais conhecida através desta pesquisa.

Uma das hipóteses que orientou esta dissertação é a de que o modelo de unidade proposto e vivido pelo Movimento dos Focolares pode servir de estímulo para a Igreja atual, visto que, partindo da ótica da comunhão (*koinonia*), esse modelo considera as diversidades como riquezas. Esse modo de conceber a

unidade da Igreja (Igreja Comunhão) ainda não foi suficientemente aprofundado, como será demonstrado no item 1.2.4.

Durante a pesquisa, recorri a alguns autores e percebi que há uma discussão entre eles a respeito dos diversos tipos de ecumenismo e dos conseqüentes modelos de Igreja que derivam deles. Entre esses autores, cito o teólogo de tradição protestante Gottfried Brakemeier e Enrique Cambón, teólogo Católico Romano.

Metodologicamente, a dissertação baseia-se na pesquisa bibliográfica das fontes indicadas nas referências, as quais foram selecionadas com base no histórico da caminhada ecumênica e nas contribuições específicas oferecidas pelo Movimento dos Focolares, ou seja, a proposta do *diálogo da vida* e do *Projeto da Economia de Comunhão na Liberdade*. A distribuição dos resultados da pesquisa foi feita em três capítulos.

O primeiro capítulo aborda o histórico do ecumenismo, partindo do próprio significado do termo e avançando para questões mais amplas, como as divisões da Igreja de Cristo, a origem do movimento ecumênico e a importância do ecumenismo. Enfatiza o fato de que a Igreja de Cristo é apresentada como a comunidade dos fiéis unidos nos Atos dos Apóstolos: “[...] eram um só coração e uma só alma” (At 4,32). Ao longo dos séculos, porém, esta unidade foi enfraquecida, e a comunhão do corpo místico de Cristo deixou de ser plenamente visível, não obstante terem permanecido membros do único corpo de Cristo mediante o Batismo.

Neste contexto, o movimento ecumênico é apresentado. No movimento ecumênico, o Espírito Santo vem promovendo a obra de reconciliação entre os cristãos e iluminando muitas pessoas a aderirem à causa da unidade. Em seguida, aborda-se a importância do diálogo ecumênico, bem como as dificuldades com as

quais o movimento ecumênico depara-se. São apresentados os motivos que levam as pessoas a trabalhar pela plena unidade entre as Igrejas, o *como* fazê-lo, e é oferecida aqui, pela primeira vez neste trabalho, a proposta do *diálogo da vida*.

O segundo capítulo procura analisar a vida e a espiritualidade do Movimento dos Focolares na perspectiva da comunhão, a qual suscitou o chamado *diálogo da vida*. Como caminho para se chegar à proposta do *diálogo da vida*, foi apresentada uma hermenêutica que tem dois princípios de leitura: o da fraternidade e o da cruz. A chamada hermenêutica ecumênica da amizade coloca em relevo o quanto é precioso o papel de uma autêntica amizade na construção de relacionamentos ecumênicos. A amizade autêntica leva a ultrapassar barreiras impostas por diferenças que podem gerar conflitos. A pesquisa apresenta o conceito de amizade e, em seguida, aborda o sentido do termo na ótica de Jesus, refletindo, por fim, sobre a questão da comunhão na diversidade. Já a hermenêutica ecumênica da cruz introduz a cruz de Cristo como condição indispensável para alcançar a plena unidade. Por fim, há uma reflexão sobre o Movimento dos Focolares e a Eclesiologia de Comunhão, aprofundando a proposta do *diálogo da vida*.

O terceiro capítulo apresenta o *Projeto da Economia de Comunhão na Liberdade*. Trata-se de um projeto de cunho social colocado em prática ecumenicamente. O capítulo aborda o processo da gênese de tal Projeto. Em maio de 1991, enquanto o avião estava aproximando-se da cidade de São Paulo, Chiara Lubich surpreendeu-se ao ver a vasta área de favelas circundada por uma das maiores concentrações de arranha-céus do mundo. Inspirada na Encíclica de João Paulo II, *Centesimus Annus*, publicada justamente naqueles dias, Chiara criou o Projeto da Economia de Comunhão.

Nasceu aqui no Brasil, [...], uma idéia: sob o impulso da comunhão dos bens, deveriam surgir indústrias, empresas [...], a novidade seria essa: o lucro seria colocado em comum. Deveria nascer assim, uma Economia de Comunhão da qual esta Mariápolis Permanente<sup>1</sup> seria o modelo, a cidade-piloto. Queremos que o lucro seja colocado em comunhão livremente.<sup>2</sup>

O Projeto teve uma resposta imediata não somente na América Latina, onde foi lançado, mas também em outros Continentes. Até o presente momento, o Projeto abrange oitocentas e cinquenta empresas. No decorrer do capítulo, alude-se também ao valor do ser humano enquanto criado “[...] à imagem de Deus [...]” (Gn 1, 27) e às implicações desta afirmação no âmbito econômico.

Por fim, destaca-se a cultura que nasce a partir do Projeto da Economia de Comunhão. Desde seu início, o aspecto cultural acompanhou a experiência concreta da Economia de Comunhão, através da produção de teses, artigos, monografias, convenções acadêmicas e outros. De fato, o princípio motor do Projeto tem inspirado vários estudos, facilitando, assim, a reciprocidade entre a teoria e a prática. Este aspecto constitui uma das características específicas da Economia de Comunhão.

Ao longo destes anos, foram conferidos títulos de *Doutorado honoris causa* a Chiara Lubich, devido ao Projeto da Economia de Comunhão, bem como reconhecimentos públicos ao Projeto por parte de especialistas em Economia. Neste sentido, Stefano Zamagni, professor de Economia Política da Universidade de Bolonha, Itália, afirmou: “A experiência da Economia de Comunhão é um desafio tanto no âmbito intelectual quanto no âmbito propriamente existencial”.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Mariápolis Permanentes são as pequenas cidades onde habitam membros do Movimento dos Focolares. Elas têm o objetivo de ser um esboço de uma sociedade nova. A lei fundamental dessas cidades, compostas por casas, escolas, empresas, é a lei do amor recíproco. Isso tem por consequência a plena comunhão de todas as riquezas culturais, espirituais e materiais. Hoje, espalhadas nos cinco Continentes, existem trinta e cinco Mariápolis Permanentes.

<sup>2</sup> LUBICH, Chira apud EDC – a Idéia. Disponível em: <<http://www.edc-online.org/index.php/br/o-que-e-o-projecto/a-historia.html>>. Acesso em: 14 jan. 2010.

<sup>3</sup> ZAMAGNI, Stefano. *Disseram...* Disponível em: <<http://www.edc-online.org/index.php/br/publicacoes/disseram/326-hanno-detto.html>>. Acesso em: 14 de Jan. 2010.

## 1 ELEMENTOS DO ECUMENISMO<sup>4</sup>

*[...] O sacrifício mais agradável a Deus  
é a nossa paz e a concórdia fraterna,  
e um povo cuja união seja um reflexo da unidade  
que existe entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.<sup>5</sup>*

Um olhar planetário sobre a época atual confirma que esta é caracterizada por tendências aparentemente contrastantes: por um lado, trata-se de uma realidade essencialmente pluralista e, por outro, de uma busca desenfreada pela globalização. É neste contexto de pluralidade e de busca de unidade que se situa o movimento ecumênico.

Empenhar-se pela construção de uma comunhão sempre maior entre os cristãos é mais do que uma tarefa, é uma urgência dos nossos tempos. E o movimento ecumênico sente-se particularmente chamado a corresponder aos desafios dessa época. O ecumenismo pretende tornar visível a unidade que já existe entre os cristãos mediante o Batismo e, partindo desta base, esforça-se pela construção da fraternidade na família humana. Porém, muitas vezes, percebe-se que existe uma falta de clareza, seja em relação à definição, seja quanto ao

---

<sup>4</sup> Ainda sem fazer referência direta quero reconhecer ao longo deste capítulo a contribuição da autora Sandra Ferreira Ribeiro.

<sup>5</sup> SÃO CIPRIANO apud JOÃO PAULO II. *Ut Unum Sint*. Carta Encíclica sobre o Empenho Ecumênico. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1995. n.102. Citada doravante pela sigla UUS.



horizonte que o termo “ecumenismo” abrange. O mesmo pode ser aplicado com relação ao modo de se concretizar o ecumenismo.

### 1.1 Significado do termo

Ecumenismo traduz o grego “*oikoumene*” e significa “toda a terra habitada”, num sentido universal, refere-se à casa na qual se habita. Há tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento exemplos que ilustram a interpretação de “*oikoumene*” dentro desta ótica: “De Iahweh é a terra e o que nela existe, o mundo e seus habitantes [...]” (Sl 24,1); “De um só Ele fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, [...]” (At 17,26).

É importante ressaltar também que o termo “*oikoumene*” está relacionado a outros termos gregos como, por exemplo, o verbo “*oikein*”, que designa “habitar”, “reconciliar-se”, “estar familiarizado”. Sendo assim, ecumenismo refere-se à idéia de vivência na mesma casa, de irmãos habitando juntos, contrapondo-se, desta forma, a todo tipo de separação. O termo “*oikoumene*” passou a ser aplicado também para indicar a Igreja no seu todo e aqui se entende a *catolicidade* da Igreja no seu sentido mais profundo, isto é, enquanto como sendo realmente *universal*.<sup>6</sup>

Com o passar do tempo, “*oikoumene*” adquiriu uma conotação mais religiosa, indicando as diversas Igrejas cristãs no seu conjunto. O Concílio Vaticano II, em seu *Decreto sobre o Ecumenismo*, assim define o termo: Ecumenismo são todas as “[...] atividades e iniciativas, que são suscitadas e ordenadas, segundo as várias necessidades da Igreja e oportunidades dos tempos, no sentido de favorecer

---

<sup>6</sup> Cf. BRAKEMEIER, Gottfried. *Preservando a Unidade do Espírito no Vínculo da Paz*. um curso de ecumenismo. São Paulo: ASTE, 2004. p. 9.

a unidade dos cristãos”.<sup>7</sup> De acordo com essa definição, entende-se por movimento ecumênico o esforço que tende a reunificar os cristãos provenientes de diversas denominações entre eles, seja enfatizando os pontos teológicos de convergência, seja propondo um ecumenismo de base, feito de conhecimento e estima recíproca.

Embora o termo “ecumenismo” seja utilizado num horizonte mais amplo para indicar o relacionamento com as grandes religiões, o que é denominado frequentemente de “macroecumenismo”, esta pesquisa utilizará o termo “ecumenismo” para designar o esforço de unidade no âmbito das Igrejas cristãs.

## 1.2 As divisões na Igreja de Cristo

A unidade entre os cristãos sofreu várias rupturas com o passar dos séculos. De fato, ao percorrer a história da Igreja, é possível constatar que os cristãos enfrentaram anos muito difíceis. Já no Novo Testamento, encontram-se contínuos apelos dos Apóstolos para evitar qualquer espécie de divisão entre cristãos, visto que todos eram membros de um só corpo, o Corpo de Cristo.

Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo. Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito. [...] Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte. (1 Cor 12, 12-13; 27).

No Novo Testamento, encontram-se ainda exemplos significativos de esforços pela preservação da unidade da Igreja, respeitando, porém, a sua diversidade. Isto pode ser verificado em Atos 15 e Gálatas 2.

Na história, não foram poucas as situações em que, após um Concílio, grupos de cristãos se separaram por não aderirem às decisões tomadas. No século

<sup>7</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. Unitatis Redintegratio: Decreto sobre o ecumenismo, n. 4. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002. Citado doravante pela sigla UR.

V, destacam-se as Igrejas que hoje se denominam Antigas Igrejas Orientais. Estas são porções do cristianismo que não aceitaram as decisões dos Concílios de Éfeso, em 431, quando se formou a Igreja Síria Oriental, e de Calcedônia, em 451, originando as Igrejas Síria Ortodoxa, Armena Ortodoxa, Copta Ortodoxa e Etíope Ortodoxa. Atualmente, tais Igrejas são conhecidas como *Antigas Igrejas Orientais* e elas mantêm um diálogo permanente com as Igrejas Católica Romana, Anglicana e Ortodoxa.

No século XI, os Cristãos que tinham sido fiéis a todos os Concílios realizados até então se dividiram: os do Ocidente passaram a se denominar Católicos Romanos e os do Oriente, Ortodoxos. Traian Valdman, pároco e professor de teologia ortodoxa, descreve a separação da seguinte maneira:

[...] por motivos culturais, históricos, políticos e, especialmente, por motivos de caráter teológico – entre os quais os mais importantes são a introdução do *'Filioque'* no Credo (por parte da Igreja Ocidental) e a pretensão de um primado universal do bispo de Roma – a Igreja dividiu-se em duas, seguindo a fronteira lingüística e política que naquela época dividia o Império Romano. Depois deste fato dramático, conhecido na história com o nome de Grande Cisma de 1054, a Igreja ocidental romana ficou com o nome de 'Católica' e a oriental bizantina (de Bizâncio = Constantinopla, atual Istambul), com o nome de 'Ortodoxa'.<sup>8</sup>

A partir do século XVI, a Igreja do Ocidente se fragmentou ainda mais sob a influência do Movimento de Reforma iniciado por Martinho Lutero, João Calvino e Ulrico Zwinglio. Na ocasião, formaram-se as Igrejas Evangélicas ou Luteranas na Alemanha e as Igrejas Reformadas na França e na Suíça. Este grupo de Igrejas sente-se parte constituinte da única Igreja de Cristo que é una, santa, católica (no sentido de “universal”) e apostólica. A separação aqui se deve a diversidades em matérias de fé. Cabe salientar também que tais reformadores não tinham a intenção de criar novas Igrejas, mas sim de reformar a Igreja da qual participavam.

<sup>8</sup> VALDMAN, T. apud CAMBÓN, Enrique. *Fazendo ecumenismo: uma exigência evangélica e uma urgência histórica*. São Paulo: Cidade Nova, 1994. p. 41.

Na Inglaterra, o rei Henrique VIII, por questões pessoais, declarou a autonomia da Igreja da Inglaterra com relação à Igreja Romana, à autoridade do Papa. Surgiu assim a Igreja Anglicana. Esta separação facilitou a penetração das idéias dos reformadores na Igreja da Inglaterra. Portanto, mesmo se a Igreja Anglicana historicamente não seja fruto da Reforma, na realidade, desde o início ela se tornou uma Igreja doutrinalmente reformada. Com o passar dos anos, estas Igrejas se fragmentaram, originando sempre mais uma grande variedade de novas igrejas e uma série de movimentos.

Seja por circunstâncias históricas, culturais, políticas, geográficas, sociais, seja por falta de vivência do amor cristão, cada igreja, ao longo dos séculos, foi fechando-se em si mesma e aumentando ainda mais as indiferenças e as incompreensões entre elas. As divisões constituem não só motivo de dificuldade, como também de escândalo perante o mundo que, ao invés de ver o testemunho do amor vivido pelos cristãos, assiste a inimizades. Nesse sentido, talvez seja oportuno mencionar a visão de alguém que soube colher o aspecto positivo de todo este quadro ilustrativo de tamanha divisão entre os cristãos. João Paulo II, à pergunta feita “Por que o Espírito Santo permitiu todas estas divisões?”<sup>9</sup> assim respondeu:

Não poderia ser que as divisões tenham sido também um caminho que levou e leva a Igreja a descobrir as múltiplas riquezas contidas no Evangelho de Cristo e na redenção operada por Cristo? Talvez tais riquezas não pudessem vir à luz de maneira diferente.<sup>10</sup>

Tal afirmação expressa que unidade não é sinônimo de uniformidade e que, portanto, é preciso contemplar a diversidade com um novo olhar e compreender seu valor. Os cristãos são capazes de reconhecer o específico que cada Igreja traz como expressão do inexaurível mistério, sem perder a dimensão do todo plural.

<sup>9</sup> JOÃO PAULO II; MESSORI, Vittorio. *Cruzando o limiar da esperança*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994. p. 147.

<sup>10</sup> JOÃO PAULO II, MESSORI, 1994, p. 147.

### 1.3 O movimento ecumênico

No Novo Testamento, percebem-se insistentes apelos dirigidos aos cristãos para que vivam unidos e em harmonia. A unidade é uma vontade específica de Deus, um mandamento determinado pela Sua própria essência que, por ser Amor, quer ver todos agindo como verdadeiros filhos Seus. Além disto, o fato de os cristãos fomentarem divisões representa um escândalo tanto para os não-cristãos quanto para aqueles que não professam fé religiosa alguma, uma vez que estes encontrarão, nesta falta de testemunho evangélico, um obstáculo para acreditar na mensagem do Cristo que diz: “Nisso reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35) e, ainda, “Que todos sejam um para que o mundo creia” (Jo 17,21). É nesta oração de Jesus ao Pai que está a raiz do trabalho ecumênico. É dela que nascem a urgência e a paixão de trabalhar, com perseverança, na tarefa inadiável de reconstrução da unidade entre os cristãos, já que estes formam um só Corpo em Cristo.

Por isso afirmava com razão o teólogo protestante W. Pannenberg: “Não podemos mais nascer e viver tranquilamente em Igrejas separadas, sem reconhecer com o apóstolo Paulo quão grave é o escândalo da separação, porque divide o que é indivisível: o Corpo de Cristo”.<sup>11</sup>

A falta de unidade entre os cristãos constitui um verdadeiro escândalo também à sociedade atual, onde o fenômeno da globalização avança de forma irreversível. Diante deste quadro, os cristãos não podem permanecer alheios, mas, pelo contrário, devem unir forças para testemunhar uma unidade que seja visível e, dessa forma, guiar a humanidade no seu crescimento espiritual e humano, seguindo os ensinamentos do Evangelho.

---

<sup>11</sup> PANNENBERG, W. apud CAMBÓN, 1994, p. 20.

Diante dessas exigências evangélicas, iniciou-se um caminho de reconstrução da unidade. As origens do chamado movimento ecumênico situam-se nos inícios do século XIX e estão ligadas, de modo especial, à atuação de Anglicanos e Protestantes europeus em suas atividades na pastoral universitária. Assisti-se então à criação, entre outras, da *Comunhão Anglicana* (1867), da *Aliança Reformada Mundial* (1875), da *Conferência Ecumênica Metodista* (1881), da *Federação Batista Mundial* (1905), da *Convenção Luterana Mundial* (1923), etc. Entre muitas Igrejas cristãs já existe uma comunhão eclesial, tendo as mesmas, reconhecido que professam a mesma fé.

Um dos fatores determinantes que motivou as Igrejas Cristãs a trabalharem com mais afinco pela reconstrução da unidade foi a atividade missionária. O trabalho missionário contribuiu para uma crescente conscientização ecumênica que levou à Assembléia de Edimburgo (Escócia) em 1910. Esta Conferência Internacional sobre Missão, considerada o marco inicial do movimento ecumênico, trouxe à luz a dificuldade de evangelização que surgia nos países de missão, devido à divisão entre os cristãos. A título de ilustração, segue parte da mensagem que as Igrejas dos países considerados campo de missão mandaram às Igrejas que tinham enviado a missão:

Fostes vós que nos enviastes os missionários que nos fizeram conhecer Jesus Cristo: não podemos fazer outra coisa, senão agradecer-vos. Mas vós nos trouxestes também vossas diferenças e divisões [...]. Nós vos pedimos que preguéis o Evangelho e deixeis a Cristo Senhor o encargo de suscitar, Ele próprio, no meio de nossos povos, sob a solicitação de seu Santo Espírito, a Igreja conforme sua exigência, que será a Igreja de Cristo [...] libertada finalmente de todos os 'ismos' com que classificastes a pregação do Evangelho no meio de nós.<sup>12</sup>

A este propósito assim afirmou João Paulo II:

Pode-se afirmar que o movimento ecumênico teve início, em determinado sentido, da experiência negativa daqueles que, anunciando o único

<sup>12</sup> GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 488.

Evangelho, se apelavam cada qual à própria Igreja ou Comunidade eclesial: uma contradição que não podia passar despercebida a quem escutava a mensagem de salvação e que nisso via um obstáculo para acolher o anúncio evangélico.<sup>13</sup>

A partir disso, iniciou e se desenvolveu um verdadeiro programa de ação e de estudo, cada vez mais decidido e organizado, sob o impulso do Espírito Santo, como mais tarde irá afirmar o Concílio Vaticano II, com o objetivo de alcançar a unidade entre os cristãos. Foram surgindo vários organismos, os quais contaram com a participação de diversas Igrejas.

No panorama mundial, tem-se o *Conselho Mundial de Igrejas* (CMI), fundado em 1948, fruto da convergência das duas Comissões *Life and Work* (Vida e Ação) e *Faith and Order* (Fé e Constituição), tendo estas suas raízes na Conferência de Edimburgo. É importante mencionar que o Conselho Missionário Internacional foi incorporado ao Conselho Mundial de Igrejas na terceira Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, que ocorreu em Nova Deli, na Índia, em 1961. Recentemente (em 2008) o CMI, cuja sede encontra-se em Genebra, na Suíça, completou sessenta anos de história. Juntas, as mais de trezentas e quarenta Igrejas-membro celebraram esta data especial sob o tema: “Making a difference together”, i.e., “fazendo a diferença juntos”.

O CMI, como coloca Gibellini, “[...] não é uma espécie de ‘superigreja’, e sim um espaço eclesial que cria as condições para que as Igrejas estejam em vivo contato entre si”<sup>14</sup>. De fato, a fórmula do CMI é assim expressa: “O CMI é uma associação de Igrejas que confessam que o Senhor Jesus Cristo é Deus Salvador segundo as Escrituras e procuram, pois realizar juntas sua vocação comum para a

---

<sup>13</sup> UUS, n. 23.

<sup>14</sup> GIBELLINI, 1998, p. 489.

glória do único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo”<sup>15</sup>. Nas seis décadas de caminhada, o CMI tem colaborado muito no trabalho de reconstrução da unidade. Sua atuação se destaca tanto na produção de valiosíssimos “[...] documentos de reflexão e de consenso teológico”.<sup>16</sup>, quanto no engajamento em questões relacionadas à área social.

No panorama latino-americano, existe o *Conselho Latino Americano das Igrejas* (CLAI) assim como em nível europeu existe a *Conferência das Igrejas Européias* (KEK). No Brasil, tem-se o *Conselho Nacional das Igrejas Cristãs* (CONIC). Essas organizações não são Igrejas à parte. Não se trata de uma fundação de novas Igrejas. Ao contrário, essas organizações têm a função de facilitar a interação entre as Igrejas e estão a serviço nesta busca da unidade entre os cristãos.

A partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), mais especificamente através do Decreto sobre o ecumenismo *Unitatis Redintegratio* (1964), a Igreja Católica entrou decididamente no movimento ecumênico. De fato,

O Concílio Vaticano II pediu expressamente aos católicos para estenderem o seu amor a todos os cristãos, com uma caridade que deseja ultrapassar, na verdade, aquilo que os separa e se empenha ativamente nessa missão; devem atuar, com esperança e na oração, pela promoção da unidade dos cristãos; [...].<sup>17</sup>

Neste Concílio, o estabelecimento de uma eclesiologia de comunhão expressa na constituição dogmática *Lumen Gentium* foi determinante. Nesta, afirma-se que a Igreja de Cristo e dos apóstolos “[...] subsiste na Igreja Católica [...]”<sup>18</sup> e

<sup>15</sup> GIBELLINI, 1998, p. 489.

<sup>16</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 45.

<sup>17</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo*. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 17.

<sup>18</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Lumen Gentium: Constituição Dogmática sobre a Igreja*, n. 8. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002. Citada doravante pela sigla LG.



admite-se que “[...] fora do seu corpo se encontrem realmente vários elementos de santificação e de verdade [...]”<sup>19</sup>. Denota-se, assim, uma verdadeira virada no campo ecumênico, já que foi excluída a idéia, vigente até então, de que somente na Igreja Católica Romana poderia ser encontrada a Igreja de Cristo.

Embora tenha sido a última a dar o passo nesta caminhada ecumênica, pode-se afirmar que a Igreja Católica Romana está fazendo muito neste sentido atualmente. No ambiente do Concílio, mais precisamente no dia 5 de junho de 1960, foi criado o *Secretariado para a promoção da unidade dos cristãos*, um órgão a serviço do Concílio para tratar dos relacionamentos da Igreja Católica com as outras Igrejas. Mais tarde, este Secretariado “[...] passou a ser integrado, em caráter permanente, na estrutura da Cúria Romana, pela Constituição Apostólica de Paulo VI *Regimini Ecclesiae Universale*”<sup>20</sup>. No dia 1º de março de 1989, o Papa João Paulo II transformou esse Secretariado em *Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos* (PCPUC) justamente para afirmar que o ecumenismo na Igreja Católica não tem caráter temporário, mas é um empenho irreversível, de cunho permanente. Foi ainda João Paulo II quem afirmou várias vezes, que o ecumenismo era uma das prioridades do seu Pontificado. De fato, na sua Carta Encíclica *Ut Unum Sint* expressou que

[...] o ecumenismo, o movimento a favor da unidade dos cristãos, *não é só uma espécie de apêndice*, que se vem juntar à atividade tradicional da Igreja. Pelo contrário, pertence organicamente à sua vida e ação, devendo, por conseguinte, permeá-la no seu todo e ser como que o fruto de uma árvore que cresce sadia e viçosa até alcançar o seu pleno desenvolvimento.<sup>21</sup>

E ainda,

<sup>19</sup> LG, n. 8.

<sup>20</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, 1994, p. 186.

<sup>21</sup> UUS, n. 20.

Quando afirmo que para mim, Bispo de Roma, o empenho ecumênico constitui uma das prioridades pastorais do meu pontificado, é por ter no pensamento o grave obstáculo que a divisão representa para o anúncio do Evangelho.<sup>22</sup>

O CMI, em um trabalho conjunto com o PCPUC, promove anualmente a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos (SOUC). Esta é celebrada no hemisfério norte de 18 a 25 de janeiro e, nos países do hemisfério sul, na semana que antecede a festa de Pentecostes. Em 2008, o centenário da SOUC foi comemorado em nível mundial. A oração pela unidade dos cristãos é, sem dúvida, imprescindível na caminhada ecumênica e, neste sentido, a SOUC é de grande auxílio. De fato, “Para dar visibilidade à vontade de Jesus de que ‘todos sejam um’ (Jo 17,21)”<sup>23</sup>, a SOUC propicia oportunidades para que “[...] muitos cristãos e cristãs das mais variadas denominações do mundo inteiro [...]”<sup>24</sup> orem em conjunto.

Enfim, pode-se dizer que o CMI e o PCPUC trabalham juntos promovendo o diálogo em nível teológico entre as diversas Igrejas e propiciando ocasiões para um sempre mais visível testemunho de unidade. Estas são iniciativas que nascem como fruto de uma relevante caminhada de diálogo e como expressão concreta do amor fraterno, realidade entre as várias Igrejas cristãs.

#### 1.4 O diálogo

Cresce a consciência de que o diálogo constitui uma dimensão essencial da vida humana. Em sua *Encíclica Ut Unum Sint*, João Paulo II afirmou assim: “A atitude de *diálogo* situa-se ao nível da natureza da pessoa e da sua dignidade. [...] O

<sup>22</sup> UUS, n. 99.

<sup>23</sup> KILPP, Nelson. *Espiritualidade e compromisso: dez boas razões para...orar; praticar justiça; cuidar da criação; acolher o outro; compartilhar*. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 20-21.

<sup>24</sup> KILPP, 2008, p. 21.

diálogo é passagem obrigatória do caminho a percorrer *para a auto-realização do homem*, tanto do *indivíduo* como de *cada comunidade humana*<sup>25</sup>.

A palavra diálogo tornou-se, inclusive, uma palavra *moderna*. Diálogo significa que pessoas diferentes se encontram e, mesmo possuindo idéias muitas vezes antagônicas, são capazes de chegar a um entendimento recíproco através do qual desentendimentos, conflitos e rancores se resolvem. Elemento integral ao diálogo é a escuta recíproca. Esta conduz não apenas ao reconhecimento das riquezas do interlocutor, mas leva igualmente a transmitir aquele específico patrimônio que cada um possui em uma atitude de profundo respeito. Nesse sentido, João Paulo II, na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, convida cada um a “[...] entrar no diálogo intimamente dispostos a ouvir”<sup>26</sup>. Além disso, outro modelo que pode ser útil na via do diálogo é aquele proposto pelo apóstolo Paulo que diz ter-se feito “[...] servo de todos, a fim de ganhar o maior número possível” (1 Cor 9,19). Esta atitude de Paulo é importante, pois leva ao estabelecimento de um sincero e fraterno diálogo com todos.

No campo ecumênico, o verdadeiro diálogo busca a unidade, salvaguardando as diferenças e a liberdade de cada um. Além disso, ele visa evitar toda e qualquer atitude de superioridade, arrogância e autosuficiência. O diálogo gera um amor recíproco. Nele, deve-se ir além dos próprios pontos de vista e estabelecer relações autênticas e profundas com cada um. O amor recíproco exige que, incondicionalmente, tome-se a iniciativa sem esperar recompensas. A este respeito, pode-se afirmar que “o passo mais importante para a concretização do ecumenismo foi a mudança de atitude entre os cristãos: de uma posição apologética

---

<sup>25</sup> UUS, n. 28.

<sup>26</sup> JOÃO PAULO II. *Novo Millennio Ineunte*: Carta Apostólica do Sumo Pontífice João Paulo II ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis no Termo do Grande Jubileu do Ano 2000. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2001. n. 56. Citada doravante pela sigla NMI.

[...], polêmica, agressiva, de controvérsia, passaram a uma *mentalidade de diálogo*<sup>27</sup>.

No decorrer dos anos, organismos ecumênicos dedicaram-se ao estudo e a formulação de Documentos tendo em vista o ponto específico do diálogo. Importante ressaltar ainda que o autêntico diálogo ecumênico exige amor à própria tradição. Somente fundamentado na própria fé, pode-se dialogar sobre as diferenças. Desta forma, é possível dar ao outro o devido espaço sem renunciar à própria identidade.

### 1.5 Tipos de ecumenismo

Existe uma variedade de autores que utilizam uma linguagem bastante diversificada ao tratarem do ecumenismo. Ao abordar o aspecto mais doutrinário, por exemplo, há quem denomine essa abordagem de *Ecumenismo Doutrinal*<sup>28</sup>; há quem o classifique como *Ecumenismo de Consenso*<sup>29</sup>. Posteriormente, no que se refere às ações feitas conjuntamente por cristãos de diferentes denominações, há quem as denomine de *Ecumenismo Prático*<sup>30</sup> e há quem utilize a terminologia *Ecumenismo de Serviço*<sup>31</sup>. Em todo o caso, apesar da variedade de classificações e nomenclaturas dadas às várias ênfases do ecumenismo, estas estão intrinsecamente ligadas entre si. Nas palavras de Brakemeier, “Doutrina e práxis devem ser distinguidas, mas não podem ser separadas”<sup>32</sup>. Também o teólogo e filósofo Enrique Cambón segue esta mesma direção: “Quando o agir não se limita apenas ao ativismo, mesmo se bem intencionado e generoso, mas é inspirado pelo amor que provém do Espírito Santo, então amor e verdade, prática e conhecimento,

---

<sup>27</sup> CAMBÓN, 1994, p. 125.

<sup>28</sup> CAMBÓN, 1994, p. 72.

<sup>29</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 77.

<sup>30</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 85.

<sup>31</sup> CAMBÓN, 1994, p. 74.

<sup>32</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 88.

caminham inseparavelmente unidos”<sup>33</sup>. Enfim, segue abaixo uma apresentação de alguns tipos de ecumenismo, considerando a abordagem dos autores acima citados.

### 1.5.1 *Ecumenismo doutrinal*

Doutrinariamente, as várias Igrejas possuem visibilidade através de seus teólogos, representantes para dialogar a respeito da própria história e doutrina. São eles que esclarecem os pontos de vista de suas Igrejas, verificando quanto têm em comum e encontrando os pontos de divergência para resolvê-los.

Elemento muito importante neste assim chamado *tipo de ecumenismo* é o da unidade na diversidade. O estudo da situação das Igrejas no Novo Testamento, visto que cada comunidade possuía características próprias, bem como o aprofundamento da fé no Deus Uno e Trino, levou a teologia a compreender que é possível a existência de algumas diversidades dentro da unidade das Igrejas. Aliás, é até mesmo lógico que existam, pois unidade não quer dizer uniformidade. Tal conceito embasa-se na vida da Trindade, onde cada uma das três Pessoas divinas não é a outra, mas as três (Pai, Filho e Espírito Santo) são um só Deus. O diálogo ecumênico visa verificar quais diversidades, em cada Igreja, representam não uma anomalia ou infidelidade a Cristo, mas uma riqueza para as demais. Nas palavras do grande teólogo reformado Oscar Cullmann: “Devemos chegar à unidade não apesar, mas através da diversidade”<sup>34</sup>. Em todo o caso, ainda há desafios no que diz respeito ao desenvolvimento deste tipo de ecumenismo.

Segundo Brakemeier, “[...] confirma-se a necessidade de desenvolver uma hermenêutica ecumênica, incumbida de estudar as condições e possibilidades de

---

<sup>33</sup> CAMBÓN, 1994, p. 140.

<sup>34</sup> CULLMANN, Oscar apud ECUMENISMO: é possível a unidade na diversidade? Torre de Babel ou todos bebemos da mesma fonte? *Revista Mundo e Missão*, n. 115, Set. 2007. (Em Debate, n. 12). Disponível em: <<http://www.pime.org.br/mundoemissao/evangecumenbabel.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2009.

entendimento entre as Igrejas”<sup>35</sup>. É importante que os cristãos tornem os progressos dos diálogos teológicos oficiais como sendo propriedades suas. Isto porque a própria história ensina que uma declaração formal de unidade feita por responsáveis de Igrejas não é suficiente para selar a plena comunhão entre as Igrejas. É preciso que o povo seja informado e que viva conforme o que foi declarado.

### 1.5.2 *Ecumenismo prático*

O ecumenismo sob a ótica da *práxis* é aquele que convoca todos os cristãos a irem além das fronteiras de suas próprias Igrejas e, juntos, trabalhem pelo bem comum. Ele impele a todos a não mais fazer separados aquilo que já podem fazer juntos. Isso é de fundamental importância para testemunhar o Evangelho vivido aos não-cristãos e à humanidade como um todo. As palavras de João Paulo II em sua *Encíclica Ut Unum Sint* confirmam esta realidade: “Aos olhos do mundo, a cooperação entre os cristãos assume as dimensões de um testemunho cristão comum, tornando-se instrumento de evangelização proveitoso a uns e a outros”<sup>36</sup>. Os grandes desafios que caracterizam o cenário da sociedade atual, como a luta em defesa da vida e dos direitos humanos, justiça social, preservação do meio ambiente, paz, saúde, desafiam todos os cristãos a unirem suas forças e a trabalharem juntos na construção de uma sociedade mais fraterna.

Na América Latina, o *Ecumenismo Prático* encontrou solo fértil, já que a “[...] opção preferencial pelos pobres tem sido proeminente catalizador ecumênico, gerando novas formas de comunhão na busca de uma sociedade alternativa, justa, igualitária, pautada pelos valores do reino de Deus”<sup>37</sup>.

---

<sup>35</sup> BRAKEMEIER, 2004. p. 83.

<sup>36</sup> UUS, n. 40.

<sup>37</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 85.

### 1.5.3 *Ecumenismo institucional*

O *Ecumenismo Institucional* é aquele que se caracteriza pelo reencontro fraterno entre as autoridades cristãs. Através de visitas cordiais, os responsáveis de diversas Igrejas estreitam os laços de amizade recíproca e, assim, contribuem de forma determinante para o progresso do ecumenismo. Nessa direção, inúmeras visitas poderiam ser citadas. Entre elas, podem-se destacar aquelas ocorridas em Roma durante o ano jubilar (2000). Além do ato solene de abertura da Porta Santa, feito em conjunto pelo Papa João Paulo II, o Primaz da Igreja Anglicana, George Carey, e o Metropolita do Patriarcado Ecumênico de Constantinopla, Sua Santidade Bartolomeu I, ocorreram encontros importantes com Patriarcas Ortodoxos e responsáveis de outras confissões cristãs, como por exemplo, a visita de Sua Santidade Karekin II, Patriarca Supremo e Catholicos de todos os Armênios.

Durante o mandato do atual Papa Bento XVI, tais visitas cordiais continuam acontecendo. Aqui pode ser mencionada sua visita ao Patriarcado Ecumênico de Constantinopla (Istambul, Turquia) em novembro de 2006; seu encontro em Roma com Sua Santidade Karekin II, Patriarca Supremo e Catholicos de todos os Armênios, em maio de 2008; sua visita a Jerusalém no Encontro Ecumênico na Sala do Trono da Sede do Patriarcado Greco-Ortodoxo de Jerusalém em maio de 2009; e outras.

Os relacionamentos vividos na cordialidade vêm facilitando importantes negociações entre as diversas Igrejas. Neste sentido, pode ser citada aqui a assinatura, em 31 de outubro de 1999, na cidade de Augsburg - Alemanha, da Declaração Conjunta católico-luterana sobre a Doutrina da Justificação pela Fé<sup>38</sup>;

---

<sup>38</sup> A Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação pela Fé foi assinada pelo Cardeal Edward Cassidy e pelo bispo luterano Christian Krause. Tal documento declara que, embora com diferentes implicações as Igrejas Católica Romana e Luterana professam a mesma doutrina sobre

bem como a elaboração de importantes documentos nascidos como fruto dos diálogos bilaterais. Entre estes, pode ser mencionado o documento que trata sobre o lugar e a importância de Maria na vida dos cristãos. Tal documento, lançado em 2005, é intitulado *Maria: graça e esperança em Cristo*. Ele é resultado do trabalho da Comissão Internacional Católico-Anglicana (ARCIC – Anglican-Roman Catholic International Commission).

#### 1.5.4 *Ecumenismo espiritual*

Quando se menciona *Ecumenismo Espiritual*, logo se faz associação com o aspecto da oração. Esta é uma verdade e uma necessidade, já que a unidade pedida a Deus por Jesus “é um dom de Deus e é preciso implorá-lo juntos”<sup>39</sup>. Referindo-se ao ecumenismo espiritual, o Cardeal Walter Kasper, atual presidente do PCPUC, disse ser este “a alma de todo o movimento ecumênico”<sup>40</sup>.

No entanto, deve-se considerar igualmente a questão da coerência de cada cristão na vivência do Evangelho, o que deveria guiar toda a sua existência. A este respeito, assim sugere-nos o Decreto do Vaticano II *Unitatis Redintegratio*: “Lembrem-se todos os cristãos de que tanto melhor promovem e até realizam a união dos cristãos, quanto mais se esforçarem por levar uma vida pura, de acordo com o Evangelho”<sup>41</sup>.

No âmbito do Movimento dos Focolares, movimento nascido na Itália no seio da Igreja Católica Romana durante a Segunda Guerra Mundial, mas de cunho ecumênico, encoraja-se a viver esta mesma prática. Em uma determinada ocasião,

---

a justificação pela fé. DECLARAÇÃO Conjunta sobre a Doutrina da Justificação: Declaração Conjunta Católica Romana e Federação Luterana Mundial, Augsburg, 31 de outubro de 1999. São Leopoldo: Sinodal, Brasília: CONIC, São Paulo: Paulinas, 1999.

<sup>39</sup> CAMBÓN, 1994, p. 72.

<sup>40</sup> KASPER, Walter. *Vaticano apresenta 'manual' para o ecumenismo*. Disponível em: <<http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=8712>>. Acesso em: 31 mar. 2009.

<sup>41</sup> UR, n. 7.



assim dirigiu-se Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, a um grupo de membros pertencentes a tal movimento:

Se vivemos as Palavras de Jesus, ou melhor, se as suas Palavras vivem em nós, até o ponto de nos transformarmos em *Palavras vivas* somos um com Ele; não mais o *eu* ou o *nós* vive em todos, mas a Palavra. Isso nos permite pensar que, vivendo assim daremos uma contribuição para que a unidade entre todos os cristãos se torne uma realidade.<sup>42</sup>

Enfim, além de oração, que impulsiona a uma entrega constante a Deus da caminhada ecumênica das Igrejas, exige-se uma conversão. Faz-se necessário dar espaço ao Espírito Santo para que seja Ele a transformar as mentes e os corações, a fim de que o amor de cada cristão seja como o de Jesus que não vê no outro, no diferente, um rival, alguém a ser excluído, mas um irmão.

## 1.6 Dificuldades para o ecumenismo

Apesar de todos os esforços e conquistas realizadas até então, o movimento ecumênico depara-se com inúmeras dificuldades. Nesse sentido, o cardeal Walter Kasper encoraja: “[...] devemos empenhar-nos em superá-las com grande paciência, num processo muitas vezes longo e cansativo, feito de pequenos passos, recordando a humildade de não querer alcançar tudo de imediato”<sup>43</sup>. Uma dessas dificuldades é o surto do neopentecostalismo e dos movimentos transconfessionais.

Sobre a possibilidade de estabelecer um diálogo ecumênico com tais Igrejas, Brakemeier sugere que “A pergunta é de difícil resposta devido à complexidade do fenômeno”<sup>44</sup>. Seguindo a mesma linha de pensamento, Altmann complementa a resposta dizendo que o problema “[...] parece consistir em aguçar o confronto

<sup>42</sup> LUBICH, Chiara. Amar como Ele ensinou. *Revista Cidade Nova*, São Paulo, ano XLVII, n.1-2 (edição bimestral), p. 28-29, 2005. p. 28.

<sup>43</sup> KASPER, Walter. Intuição Profética. *Revista Cidade Nova*, São Paulo, ano L, n. 5, p. 54-55, 2008. p. 55.

<sup>44</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 91.

religioso, por meio de uma exacerbação cada vez mais intensa da concorrência, uma perigosa contradição total com o mandato bíblico em favor da unidade<sup>45</sup>. Isto porque uma das características deste movimento é o fato de serem fortemente proselitistas e agressivos contra as Igrejas cristãs tradicionais.

Aqui deve ser salientada a importância de uma intensificação na construção da unidade entre os cristãos, a fim de que o Evangelho se torne sempre mais credível. Cada Igreja é convidada a fazer um verdadeiro exame de consciência e perguntar-se sobre “o que é que não está indo bem na minha Igreja, na minha comunidade?”; “o que será que tantas pessoas estão encontrando no Neopentecostalismo?”; “em que se deve melhorar como Igreja para que haja mais coerência com o Evangelho?”; “o que fazer para que cada Igreja se torne mais atraente, mais à altura dos tempos atuais, com maior capacidade de responder às necessidades do povo?”.

Ainda dentro desta temática, outro desafio encontrado no contexto atual do movimento ecumênico é a confusão que se faz muitas vezes entre as Igrejas Pentecostais e Livres com aquelas neopentecostais: “Isto tem gerado desconforto [...], porque as Igrejas Pentecostais e Livres não podem ser confundidas com grupos e movimentos que em determinados momentos vêm à tona na mídia envolvidas com escândalos, principalmente financeiros<sup>46</sup>. Reforçando esta mesma idéia, o mestre e teólogo Antônio Gouvêa Mendonça afirma que

O neopentecostalismo talvez até merecesse hoje um outro nome que não o de pentecostal. O pentecostalismo clássico traz forte herança cristã, e principalmente do cristianismo protestante. O neopentecostalismo perdeu dois elementos fundamentais desses dois ramos: do pentecostalismo clássico praticamente perdeu a segunda bênção (batismo com o Espírito

<sup>45</sup> ALTMANN, Walter. O pluralismo religioso com desafio ao ecumenismo na América Latina. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Sarça ardente*. Teologia na América Latina: Prospectivas. São Paulo: Paulinas; SOTER, 2000. p. 407. (p. 391-414)

<sup>46</sup> SOUZA, Darli A. de. Ecumenismo na América Latina. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando (Org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 332.

Santo); e do protestantismo, a Bíblia. Em lugar desses elementos, entraram aspectos mágicos com o instrumental herdado das religiões correspondentes ao imaginário social, [...]. Os atos de exorcismo entram como instrumental de reorganização do universo dos clientes separando o bem do mal.<sup>47</sup>

Outro desafio à tarefa ecumênica, verificável no âmbito do relacionamento entre as Igrejas cristãs tradicionais, é a necessidade de uma maior *purificação das mútuas memórias históricas*<sup>48</sup>. Ou seja, ainda existem Igrejas que continuam a assegurar que a recordação de acontecimentos do passado impede ou dificulta os relacionamentos ecumênicos. Embora o ato de purificação da memória já tenha contribuído muito no caminho da reunificação das Igrejas, como afirma o próprio João Paulo II, “essa purificação da memória reforçou os nossos passos no caminho para o futuro, tornando-nos ao mesmo tempo mais humildes e vigilantes na nossa adesão ao Evangelho”<sup>49</sup>, sente-se que há ainda a necessidade de um maior aprofundamento neste aspecto.

Ainda pode-se mencionar como um desafio crucial para aqueles que trabalham em prol da unidade dos cristãos a insuficiente ou inadequada formação ecumênica. Atualmente, a formação ecumênica é absolutamente indispensável. Além de ajudar a perceber com mais clareza o que é essencial e o que é secundário, evita equívocos e iniciativas inoportunas que podem nascer de um desconhecimento recíproco no que diz respeito aos aspectos doutrinários das várias Igrejas. Atitudes deste tipo poderiam retardar o processo de reconstrução da unidade, ao invés de fomentá-lo.

Diante destas dificuldades, a proposta do *diálogo da vida* pode contribuir significativamente, visto que convida a todos a, mediante a prática do amor

<sup>47</sup> SOUZA, Irivaldo Joaquim de. *Introdução às Principais Religiões*. História, ecumenismo e diálogo inter-religioso. Maringá: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2001. p. 155.

<sup>48</sup> Aqui optei por manter a terminologia mais usada na tradição Católica Romana (cf. UUS, n. 2), ao invés do termo *reconciliação*, que é mais adotado nas Igrejas da Reforma.

<sup>49</sup> NMI, n. 6.

recíproco vivido no dia-a-dia, valorizar o que têm em comum mais do que as diferenças que os separa. Além disso, pode-se dizer que os membros do Movimento dos Focolares procuram trabalhar como verdadeiros apóstolos da unidade<sup>50</sup>, ajudando a criar, seja dentro da própria igreja, seja no trabalho com membros de outras Igrejas, uma atmosfera de unidade e amor.

### 1.7 Importância do ecumenismo

*Ecumenismo*, para alguns, esta palavra sugere um horizonte distante, desafios e questões em discussão. Para outros, evidencia-se o sofrimento existente, as dificuldades que ainda devem ser superadas. Para outros ainda, significa a grande esperança do cristianismo atual, a possibilidade de alcançar a meta da plena comunhão entre as Igrejas. É verdade, tal meta não foi ainda totalmente atingida, o que exigirá um esforço renovado na caminhada futura. Porém, é necessário fazer prevalecer tudo o que já foi construído durante séculos de empenho ecumênico, o que é, sem dúvida, motivo de gratidão. Assim, embora esta trajetória pareça, muitas vezes, fatigosa, devemos manter uma atitude positiva e contar com a presença do Espírito do próprio Cristo presente na Sua Igreja. Tal presença, além de renovar constantemente nossas forças, é “[...] capaz de surpresas sempre novas”<sup>51</sup>.

É importante salientar igualmente que o ecumenismo não se justifica apenas por uma exigência apologética, cultural ou sociológica. Trata-se de uma exigência primordialmente evangélica. Afinal, o povo de Deus é chamado a viver em comunhão. É este o distintivo de seus seguidores (cf. Jo 13,35). Sendo assim, o desafio da vida em comunhão torna-se um imperativo, e a tarefa ecumênica, um

---

<sup>50</sup> JOÃO PAULO II. *Orientalis Lumen*: Carta Apostólica do Sumo Pontífice João Paulo II ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis no Centenário da *Orientalium Dignitas* do Papa Leão XIII. Petrópolis: Vozes, 1995. n. 3.

<sup>51</sup> NMI, n. 12.

dever para o cristão. Partindo desta ótica, fazer ecumenismo significa devolver à Igreja o seu verdadeiro vulto.

O Papa João Paulo II afirmou várias vezes que o Ecumenismo é algo do qual não se pode mais prescindir, ou seja, é um processo irreversível: “Com o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica empenhou-se, *de modo irreversível*, a percorrer o caminho da busca ecumênica, colocando-se assim à escuta do Espírito do Senhor, que ensina a ler com atenção os sinais dos tempos”<sup>52</sup>. A consciência de que Cristo fundou a Igreja Una não permite mais que os cristãos permaneçam acomodados enquanto o Corpo Místico de Cristo esteja dividido. O testemunho evangélico deve ser tal hoje ao ponto que o apóstolo Paulo não se sinta mais no dever de dirigir também aos cristãos do século XXI a mesma repreensão que dirigiu aos coríntios que se gloriavam por serem uns de Apolo, outros de Cefas, como se Cristo mesmo estivesse dividido (cf. 1 Cor 1,13). Além disto, existe uma urgência histórica que impele a viver pela reconstrução da unidade da Igreja. Nas palavras de Enrique Cambón,

O sentido da Igreja não é viver para si mesma, mas a serviço da humanidade. Diante dos enormes problemas que o mundo enfrenta, diante da responsabilidade que temos de levar à frente o projeto de Deus para que a humanidade se realize plenamente e seja feliz, os cristãos divididos retardam o avanço da história.<sup>53</sup>

### 1.8 O que almeja o ecumenismo?

A Igreja custou a Cristo o Seu próprio sangue, por isto não pode permanecer dividida. O ecumenismo nada mais almeja que devolver à Esposa de Cristo o seu aspecto mais profundo, que é a unidade. Será somente mediante um trabalho incansável e perseverante, fundamentado na oração de Jesus dirigida ao Pai “Que

---

<sup>52</sup> UUS, n. 3.

<sup>53</sup> CAMBÓN, 1994, p. 21.

todos sejam um” (Jo 17,21), que será possível revelar ao mundo o coração da Igreja, ou seja, a comunhão vivida na sua plenitude segundo o modelo da Trindade. Portanto, o ecumenismo deseja colaborar com Deus na realização desta tarefa através de um compromisso sempre mais consciente por parte daqueles que se encontram engajados em primeira linha no campo do diálogo. Enfim, é importante salientar que o objetivo do movimento ecumênico de que a unidade entre as Igrejas se torne visível não tem um fim em si mesmo, mas almeja contribuir para a realização da segunda parte da oração sacerdotal de Jesus: “[...] para que o mundo creia [...]” (Jo 17,21).

### **1.9 A construção da unidade**

O objetivo final do ecumenismo é não apenas reforçar a unidade da Igreja, mas também, através do testemunho do amor recíproco, contribuir para a edificação de uma sociedade mais justa e mais fraterna. Porém, é fundamental lembrar que esta unidade não é algo que se pode simplesmente fazer, não depende de determinadas estratégias ou técnicas, nem é meramente resultado de capacidades humanas. Sem dúvida alguma, cada cristão deve empenhar-se com todas as suas forças, mas é necessário também reconhecer que, em última análise, esta unidade é um dom de Deus, pois a Igreja a Ele pertence. De fato, “É sobre a oração de Jesus, não sobre as nossas capacidades, que se apóia a confiança de poder chegar, também na história, à comunhão plena e visível de todos os cristãos”<sup>54</sup>.

Desse modo, a oração tem um lugar de relevo no trabalho ecumênico, é fundamental rezar para que se chegue “[...] a unidade que Deus quiser, quando Ele

---

<sup>54</sup> NMI, n. 48.

quiser, com os meios que Ele quiser [...]”<sup>55</sup>. O aspecto da eficácia, da potência da oração não pode jamais ser esquecido. Quando questionado sobre quais teriam sido os frutos da caminhada ecumênica nos cem anos desde a primeira SOUC, o atual moderador do CMI e presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), Pastor Walter Altmann, respondeu:

É benéfico olhar para nossa história e renovarmos nosso compromisso com a visão ecumênica e com o peregrinar conjunto em busca da unidade. De ‘inimigos’ que no passado até travaram guerras, passamos a nos ver mutuamente como irmãos na fé, uma mudança extraordinária [...].<sup>56</sup>

Uma unidade construída de modo unicamente político ou intelectual seria uma unidade de certa forma parcial, não vindo a realizar a unidade da Igreja pensada por Deus. É certo que esse modo de viver o ecumenismo exige algumas qualidades fundamentais: demanda tolerância, paciência e requer perseverança na caminhada conjunta. No entanto, essa paciência não é uma simples capacidade de espera, algo de passivo e de vazio, mas é ação e iniciativa, é uma dimensão da colaboração com Deus e também é uma dimensão da esperança. A paciência ecumênica é ativa, não é espera sem conteúdo, mas renúncia a toda e qualquer pressa apologética de pura vitória confessional.

Faz-se necessário ainda um esforço na vivência da humildade que conduz ao espírito de serviço e que respeita o outro nas suas diferenças e se deixa por ele interpelar e corrigir. Ocorre neste caminho de construção da unidade, um permanente processo de crescimento onde um elemento essencial é a cruz de Cristo. Como a própria Escritura adverte, “[...] sem efusão de sangue não há remissão” (Heb 9,22). Ora, “Se em todos os campos é válido que nada de profundo e duradouro pode ser construído no Reino de Deus se não passar pela cruz, como

<sup>55</sup> GIBELLINI, 1998, p. 490.

<sup>56</sup> ALTMANN, Walter. De inimigos a irmãos na fé. *Revista Cidade Nova*. São Paulo, ano L, n. 6, p. 24-26, 2008. p. 25. (Entrevista concedida a Ricardo Zugno).

poderia ser de outra forma com o ecumenismo?”<sup>57</sup>. Porém, deve ser lembrado que a cruz é uma passagem que leva à Ressurreição. Nesse sentido, Chiara Lubich propõe Jesus na Sua experiência de abandono quando grita “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,16) como chave de leitura também para a questão ecumênica. Diz Chiara que,

[...] o trabalho ecumênico será realmente fecundo em proporção a quanto, quem a ele se dedicar reconhecer em Jesus Crucificado e Abandonado, [...], a chave para compreender toda e qualquer falta de unidade e recompô-la. Receberá Dele a luz e a força para não parar diante do trauma, na fenda da divisão. Assim, irá adiante e encontrará sempre uma solução, a melhor possível.<sup>58</sup>

Partindo dessa ótica, entende-se que é preciso acreditar que a dor que persiste ainda hoje, devido às feridas provocadas pelas divisões, deverá – no tempo por Deus estabelecido – conduzir a uma comunhão mais plena. A propósito da tarefa dos cristãos do século XXI, disse certa vez o Cardeal Cormac Murphy O’Connor - Arcebispo Emérito de Westminster - que cabe a estes “[...] curar as feridas de inúmeros séculos de conflito e divisões”<sup>59</sup>, a fim de encontrar novamente aquela unidade que encaminhará a Igreja a ser uma novamente.

No momento, o que pode ser feito, e que é de inestimável valor neste processo de construção da unidade, é enfatizar tudo o que é comum entre as Igrejas. É necessário valorizar o fato de que todos os cristãos são membros do Corpo Místico de Cristo através do Batismo, o fato de estes terem como patrimônio comum as grandes riquezas do Antigo e Novo Testamento, o Credo Nicenoconstantinopolitano, a vida da graça, a fé, a esperança e a caridade.

<sup>57</sup> CAMBÓN, 1994, p. 89.

<sup>58</sup> LUBICH, Chiara. Chiara na cerimônia de Advento: Oração Ecumênica do Advento. Igreja de Sant’Ana, Augsburg, Alemanha. 29 Nov. 1998. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo A).

<sup>59</sup> “[...] to heal the wounds of many centuries of conflict and division”. MURPHY-O’CONNOR, Cormac. Lutheran Vespers. *The Briefing*, UK, p. 24, 2001. (Tradução Própria)



## 1.10 Perspectivas

De que modo pode-se continuar a avançar no caminho ecumênico? Dar prosseguimento ao trabalho ecumênico constitui, ao mesmo tempo, um desafio e um mandato maravilhoso que exige constância e comprometimento.

Há quem acredite que hoje o ecumenismo esteja passando por uma fase de estagnação, seja devido a particulares situações que cada Igreja deve enfrentar no seu interior, seja pelo enorme crescimento dos novos movimentos religiosos, movimentos estes que, na maioria das vezes, não são abertos ao diálogo. Porém, tais desafios devem servir unicamente para incentivar ainda mais a luta pela plena realização da oração de Jesus no Cenáculo: “Que todos sejam um” (Jo 17,21). A este respeito, são significativas as palavras de Bento XVI proferidas no seu discurso durante a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos em Janeiro de 2007:

O ecumenismo é um processo lento, às vezes desanimador, quando caímos na tentação de sentir e não escutar, de falar sem convicção, porque não é sempre fácil abandonar o conforto. Mas se o ecumenismo é uma estrada lenta e íngreme, como toda via de penitência, é também um caminho que, apesar de suas dificuldades, apresenta amplos espaços de alegria, paradas refrescantes, e permite também respirar a plenos pulmões o ar da comunhão.<sup>60</sup>

É necessário renovar a consciência de que não é possível saber *quando* o dom de Deus da plena unidade se materializará, nem *como* exatamente será a Igreja do futuro. Talvez, é possível apenas presumir que esta não será a “[...] absorção de uma instituição por outra”<sup>61</sup>, mas, ao contrário, que ela venha a ser uma Igreja que expressará uma única verdade observada de vários ângulos, na qual a

<sup>60</sup> BENTO XVI apud ECUMENISMO: é possível a unidade na diversidade? Torre de Babel ou todos bebemos da mesma fonte? *Revista Mundo e Missão*, n. 115, Set. 2007. (Em Debate, n. 12). Disponível em: <<http://www.pime.org.br/mundoemissao/evangecumenbabel.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2009.

<sup>61</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 208.

riqueza específica de cada Igreja será refletida; uma Igreja onde unidade e pluralidade irão se complementar. Neste sentido, afirmou certa vez Chiara Lubich:

Estou convencida que Deus não abandonou nenhuma das Igrejas durante estes séculos de divisão. Portanto, amanhã, com a reunificação, cada Igreja unida às outras, refletindo justamente a unidade de Deus, não só manterá a característica particular que foi desenvolvendo ao longo dos séculos, mas colocando-se em comunhão com todas as outras Igrejas, completar-se-á, fortalecer-se-á. Por isso, cada Igreja tornar-se-á, de certo modo, uma 'especialista' daquele determinado aspecto de verdade que ela mesma, ao longo dos séculos, foi aprofundando.<sup>62</sup>

A propósito disso, Brakemeier propõe a *estratégia dos pequenos passos* em relação às perspectivas ecumênicas:

A magnitude do projeto ecumênico pode assustar, acarretando o perigo da resignação. Enquanto faltar uma utopia ecumênica, importa investir nas possibilidades de cooperação existentes. Mesmo que as Igrejas exibam dificuldades com a abertura ecumênica, é possível fazer muita coisa em conjunto. Por isto importa enfatizar a necessidade da estratégia dos pequenos passos. São esses, e não os saltos gigantescos, que levam longe. Isto significa em termos concretos fazer o que promove a comunhão.<sup>63</sup>

Este tipo de estratégia contribuirá, sem dúvida, para uma comunhão sempre mais profunda entre os fiéis. Neste contexto, é oportuno citar a proposta de uma *ecclesiologia de comunhão*, onde a unidade é constituída na diversidade. Tal modelo de unidade eclesial enfatiza o aspecto da Igreja vista como comunhão (*koinonia*), onde as diversidades são riquezas e, dessa forma, é dada uma maior visibilidade de unidade da Igreja de Cristo. Este modo de conceber a Igreja ainda não foi totalmente explorado e, embora possua suas limitações, especialmente no que diz respeito à carência de estruturas, apresenta uma grande potencialidade no que se refere ao avanço da caminhada ecumênica. Referindo-se a tal modelo de unidade eclesial, Brakemeier diz que “Não foram esgotadas, [...], as riquezas dessa concepção. O

<sup>62</sup> LUBICH, Chiara apud ECUMENISMO: é possível a unidade na diversidade? Torre de Babel ou todos bebemos da mesma fonte? *Revista Mundo e Missão*, n. 115, Set. 2007. (Em Debate, n. 12). Disponível em: <<http://www.pime.org.br/mundoemissao/evangecumenbabel.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2009.

<sup>63</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 129.

assunto deve permanecer na agenda”<sup>64</sup>. Na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, encontra-se igualmente uma valiosa abordagem de concepção de Igreja enquanto *koinonia*:

Fazer da Igreja a casa e a escola da *comunhão*: eis o grande desafio que nos espera no milênio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo. Que significa isso concretamente? Também aqui o nosso pensamento poderia fixar-se imediatamente na ação, mas seria errado deixar-se levar por tal impulso. Antes de programar iniciativas concretas, é preciso *promover uma espiritualidade da comunhão*, [...]. Espiritualidade da comunhão significa em primeiro lugar ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor. [...] Espiritualidade da comunhão é ainda a capacidade de ver antes de mais nada o que há de positivo no outro, para acolhê-lo e valorizá-lo como dom de Deus [...]. Por fim, espiritualidade da comunhão é saber [...] rejeitar as tentações egoístas que sempre nos incidiam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes. Não haja ilusões! Sem essa caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores da comunhão. Revelar-se-iam mais como estruturas sem alma, máscaras de comunhão, do que como vias para a sua expressão e crescimento.<sup>65</sup>

É a prática de uma comunhão vivida nessa dimensão que deve estar na base, deve ser o sustento de todo o diálogo ecumênico. O teólogo luterano Harding Meyer também considera a reflexão sobre a concepção de Igreja vista a partir da ótica da *comunhão* como uma importante contribuição para o campo ecumênico: “Trata-se de uma idéia que descreve o alvo do esforço ecumênico [...] partindo da essência da Igreja [...] abrangendo, a partir daí, também as diversas dimensões do alvo ecumênico juntamente com seus diversos motivos e correlacionando uns aos outros”.<sup>66</sup>

Comunhão e unidade são expressões constitutivas do Carisma<sup>67</sup> que anima a vida do Movimento dos Focolares. Esta unidade, porém, não se atém apenas ao

<sup>64</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 109.

<sup>65</sup> NMI, n. 43.

<sup>66</sup> MEYER, Harding. *Diversidade Reconciliada: o projeto ecumênico*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 45.

<sup>67</sup> Esta é uma terminologia bastante usada no âmbito da Igreja Católica Romana e vem assim definido pelo Catecismo da Igreja Católica: “[...] os carismas são graças do Espírito Santo que, direta ou indiretamente, têm uma utilidade eclesial, ordenados à edificação da Igreja, ao bem dos

âmbito da Igreja Católica. A difusão do movimento nos seus primeiros quinze anos ultrapassa as fronteiras de todas as nações européias. Começa a penetração do seu espírito entre cristãos de outras Igrejas, de outras religiões e com o mundo secularizado, com os quais o Movimento estabelece um profícuo diálogo, visando a realização do “Que todos sejam um” (Jo 17,21). Assim, o ecumenismo apresentado e vivido pelos membros do Movimento dos Focolares, que teve início na década de 1960, está em plena sintonia com a proposta da eclesiologia de comunhão.

Interessante notar que, ainda na década de 1950, quando perguntada se o Movimento procurava a unidade dos cristãos, Chiara respondeu simplesmente que não. Nessa ocasião, ela não sabia o que estava para acontecer.

Bem longe de nós, por exemplo, a idéia do ecumenismo. Do qual não tínhamos algum conhecimento. Mesmo alguns anos depois, [...] quando nos perguntaram se a unidade, na maneira como a entendíamos, agia em função da unidade da Igreja, com firmeza respondemos negativamente.<sup>68</sup>

O primeiro contato com cristãos de outras Igrejas aconteceu na Alemanha, em 1960, instaurando-se imediatamente o diálogo espiritual e o diálogo da caridade. Estes se surpreenderam quando descobriram que também os católicos viviam o Evangelho e, assim, eles fizeram seu o espírito evangélico proposto pelo Movimento. Após o contato com os luteranos na Alemanha, começou-se a realizar encontros de luteranos e católicos em Roma. Surgiu uma fraternidade sincera baseada no amor e na verdade. Desta forma, preconceitos de séculos foram caindo.

Em um destes encontros, estavam presentes também três ministros anglicanos que ficaram muito impressionados pela atmosfera que havia entre católicos e luteranos, pelo clima fraterno característico onde se reconheciam irmãos pelo Batismo, cristãos que há muito tempo estavam totalmente separados. Quiseram

---

homens às necessidades do mundo” (CATECISMO da Igreja Católica. 5. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, Ave-Maria, 1993. p. 160, § 799).

<sup>68</sup> LUBICH, Chiara. *A Unidade e Jesus Abandonado*. São Paulo: Cidade Nova, 1985. p. 34.

também eles fazer parte desta família e, a partir desse momento, iniciou-se a difusão do Movimento também na Igreja da Inglaterra.

O Cônego Bernard Pawley, um anglicano observador no Concílio Vaticano II, encontrou Chiara Lubich em 1961. Ao retornar a Inglaterra, falou sobre a experiência do Movimento dos Focolares a Michael Ramsey, na época Primaz da Igreja Anglicana. Este, acolhendo-a em Londres, reconheceu imediatamente que existia “[...] a mão de Deus nesta Obra”<sup>69</sup>. Incentivou-a a trabalhar e a manter a comunhão com eles.

Chiara passou a ter um contato direto não só com Michael Ramsey, mas também pode encontrar pessoalmente os outros quatro últimos primazes da Igreja da Inglaterra, que ocuparam sucessivamente este cargo: Donald Coggan, Robert Runcie, George Carey e Rowan Williams. Em todos, ela encontrou uma grande abertura. Estabeleceu-se, assim, uma profunda amizade com cada um. Foi também graças ao apoio destas pessoas que o Movimento se difundiu no mundo anglicano.

Chiara Lubich ainda foi interlocutora de grandes personalidades religiosas do mundo contemporâneo. Um desses contatos se deu com Atenágoras I, o patriarca ecumênico de Constantinopla. Em 1967, ele quis conhecer Chiara, a qual considerava sua filha. Certa vez, declarou: “Você tem dois pais: um grande, em Roma, e um velho, aqui”<sup>70</sup>. Chiara viajou repetidamente a Istambul para se encontrar no Fanar com Atenágoras I e, mais tarde, com Demétrio I e Bartolomeu I.

---

<sup>69</sup> LUBICH, Chiara. *Ideal e luz: pensamento, espiritualidade, mundo unido*. Organizado por Michel Vandeleene. São Paulo: Brasiliense, 2003. p. 47.

<sup>70</sup> LUBICH, Chiara. Frente a Frente – 3ª Parte, Rocca di Papa, Itália. 21 Abr. 2003. Entrevista concedida a Sandra Hogget. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo B).

A espiritualidade da unidade proposta pelo Movimento dos Focolares, como afirmou Chiara Lubich, é uma “[...] espiritualidade que foi feita para a Igreja”<sup>71</sup>. Ela penetra cada vez mais nas diversas Igrejas, ao ponto de se passar do diálogo da caridade, ao *diálogo da vida, do povo*.

Uma das contribuições características oferecida pelo Movimento à caminhada ecumênica é a corrente espiritual e a proposta do *diálogo da vida*, que nasce do relacionamento cotidiano, com pessoas de outras Igrejas e que vem renovando a vida cristã de modo tangível. Hoje cerca de cinquenta mil membros de mais de trezentas e cinquenta Igrejas cristãs, inseridos em suas próprias Igrejas, partilham esta espiritualidade e vivem unidos de tal modo que nada os pode separar.

Uma presença tão maciça de cristãos de outras denominações cristãs sugere que o ecumenismo já faz parte da vida do Movimento, apresentando-se com um novo rosto. Esta foi a constatação que Chiara Lubich fez ao se encontrar, em novembro de 1996, em Londres, com uma comunidade do Movimento composta por pessoas de várias Igrejas e que viviam intensamente o amor recíproco. Chiara surpreendeu-se ao constatar que, apesar da não-plena comunhão entre as Igrejas e Comunidades eclesiais, aqueles ali presentes eram realmente uma porção do povo cristão, um só coração e uma só alma, graças a tudo o que já os unia, bem como pela particular presença de Jesus entre os Seus: “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou Eu no meio deles” (Mt 18,20). Esta é uma realidade que se verifica onde quer que estejam presentes as pessoas que buscam colocar em prática a espiritualidade proposta pelo Movimento dos Focolares. Assim pronunciou-se “um bispo anglicano” ao término do Primeiro Encontro Ecumênico de Bispos do Brasil promovido pelo Movimento dos Focolares em abril de 2008 na

---

<sup>71</sup> LUBICH, Chiara. Dimensão Eclesiológica de Jesus no Meio no pensamento de Chiara Lubich. *Escola de Ecumenismo*, São Paulo, n. 4, p. 17-27, 1986. p. 17.

cidade de São Paulo: “A nossa meta é a eucaristia em comum. Por ora temos o ‘sacramento’ do pacto do amor recíproco”<sup>72</sup>.

Desde que começaram as reuniões ecumênicas do Movimento, procurou-se fazer de modo que houvesse a presença de Jesus entre todos os irmãos cristãos. Tornava-se sempre mais evidente o valor eclesial desta presença do Ressuscitado. Certa vez, aos participantes de um Congresso Ecumênico, disse Chiara:

Estamos aqui para amar. E o amor deverá ser tão ardente, tão purificado pela crucificação do nosso eu (contínua, constante) que quem nos vê possa dizer: não existe nem católico, nem luterano, nem anglicano, nem ortodoxo: são todos um em Cristo Senhor [...].

Então Ele virá entre nós espiritualmente [...] e nos guiará hora após hora, dia após dia, [...]. Ele pode ser para este momento ecumênico a via da unidade, a via de uma unidade que já existe, e será Ele que fará brilhar a verdade da única Igreja de Cristo.<sup>73</sup>

Assim, com a presença de Jesus no meio, trazida pela vivência do amor mútuo, criou-se um vínculo tão forte entre todos a ponto de cristãos de diferentes Igrejas se questionarem: “Quem nos separará do amor de Cristo?” (Rm 8,35). A tal pergunta, Chiara respondeu: “Mas quem me separará de Lesley e de Callan? Ninguém, porque Cristo nos uniu! Jesus no meio nos uniu. Ninguém nos separará!”<sup>74</sup>. A este modo de viver, foi dado o nome de *diálogo da vida* e também de *povo em diálogo*, pois todos sentiam que formavam um único povo cristão, abrangendo não somente leigos, mas também monges religiosos, diáconos, sacerdotes, pastores, bispos, já que o povo de Deus é feito por todos.

Poucos meses depois deste marcante evento com a comunidade do Reino Unido, Chiara foi convidada a apresentar a espiritualidade ecumênica do Movimento

<sup>72</sup> FARO, José Antônio. Um pacto pela unidade. *Revista Cidade Nova*, São Paulo, ano L, n. 6, p. 22-23, 2008. p. 23.

<sup>73</sup> LUBICH, 1986, p. 24-25.

<sup>74</sup> LUBICH, Chiara. Chiara aos internos da Grã-Bretanha e da Irlanda: Responde a 21 perguntas. Logan Hall, Londres. 16 Nov. 1996. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo C).

dos Focolares na Assembléia Ecumênica Européia, em Graz, na Áustria. Em 2002, Chiara falou do Movimento dos Focolares ao Conselho Mundial de Igrejas (CMI):

Por isso nós já nos sentimos uma família: sentimos que nós todos, de diferentes Igrejas, compomos um povo cristão que envolve não somente leigos, mas sacerdotes, pastores, bispos. Ainda que a comunhão plena e visível entre as nossas Igrejas deva compor-se. Não é um diálogo que se contrapõe ou se justapõe quando realizado pelos chamados vértices ou responsáveis das Igrejas, mas um diálogo do qual os cristãos podem participar. E este povo cristão é como um fermento no Movimento ecumênico. Além disso, temos a esperança de que outras formas de diálogo – o diálogo da caridade, do serviço comum, da oração, teológico – possam ser potencializadas pelo “diálogo da vida”. E não só: esperamos que o perene problema do modo como as pessoas poderão receber os progressos dos diálogos teológicos oficiais possa ser superado por um povo ecumenicamente preparado.<sup>75</sup>

Pode-se afirmar que um dos benefícios do *diálogo da vida* é que este mobiliza tanto o povo quanto as autoridades religiosas. A este respeito, Chiara Lubich afirmou:

Também o diálogo teológico terá grandes vantagens do "diálogo da vida". Se os teólogos se amarem reciprocamente e estabelecerem a presença de Jesus entre eles, Jesus, que é a única verdade para a qual todos tendem, iluminará as suas mentes e indicará o caminho a seguir para alcançar a plena unidade de pensamento.<sup>76</sup>

É o amor entre todos que impulsiona naturalmente ao conhecimento mútuo, colocando em evidência as riquezas peculiares de cada Igreja. Tal atitude gera um apreço e estima recíprocos. Ela favorece edificação da unidade pedida por Jesus ao Pai. Deste modo, embora a comunhão entre as Igrejas ainda não seja plena, torna-se mais forte o vínculo de amor que une as pessoas – sejam estas luteranas, anglicanas, reformadas, católicas, metodistas – do que as diferenças encontradas em suas Igrejas. Esta forte experiência de amor recíproco leva a pensar quão bela

<sup>75</sup> LUBICH, Chiara. *Diálogo da vida, diálogo do povo*. Disponível em: <<http://www.focolare.org/page.php?codcat1=280&lingua=PT&titolo=os%20caminhos%20do%20diálogo&tipo=entre%20as%20Igrejas>>. Acesso em: 14 abr. 2009.

<sup>76</sup> LUBICH, Chiara. Chiara no Congresso Ecumênico dos Bispos: Vós sois um só em Cristo Jesus (Gal 3,28) – A presença de Jesus entre os seus e o diálogo da vida. Rocca di Papa, 26 de novembro de 2003, 26 Nov. 2003. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo D).



será a Igreja de Cristo quando os cristãos estiverem plenamente unidos.

No decorrer deste capítulo, constatou-se que a Igreja de Cristo sofreu rupturas ao longo dos séculos e, com o intuito de sanar tais divisões, nasceu o movimento ecumênico. Este, nos cem anos de sua existência, muito têm colaborado para a atuação do “Que todos sejam um” (Jo 17,21). Os elementos teóricos oferecidos neste capítulo refletem que a experiência ecumênica vivida, seja na Inglaterra, seja no Brasil, serve para reforçar a suspeita de que existe um potencial no Movimento dos Focolares que pode ser de auxílio ao movimento ecumênico. Logo, no capítulo seguinte, será apresentada a proposta oferecida pelo Movimento dos Focolares do *diálogo da vida*. Esta proposta parte da vivência de uma amizade profunda geradora de comunhão e vem contribuindo significativamente à caminhada ecumênica.

## 2 DIÁLOGO DA VIDA

*A amizade purifica-se através de sua própria prática,  
seu próprio desenvolvimento;  
através dos mal-entendidos,  
tensões, incompreensões e conflitos, [...],  
e na medida em que vão sendo superados.<sup>77</sup>*

O capítulo anterior procurou abordar os fundamentos do ecumenismo, percorrendo uma trajetória que incluiu desde elementos etimológicos e históricos, até questões mais abrangentes. Refletiu-se sobre a complexidade da caminhada ecumênica atual e os desafios com os quais ela se depara. Foram apresentados também meios para a concretização do ecumenismo, bem como suas perspectivas para o futuro.

Neste capítulo, evidencia-se o quanto o papel de uma verdadeira amizade é importante para a caminhada ecumênica. A amizade pode contribuir de forma determinante na superação das diferenças e na renovação dos relacionamentos. O capítulo se inicia com a conceituação de amizade e, partindo de uma breve análise bíblica, indica o valor atribuído pelo próprio Cristo, bem como a nova dimensão por Ele estabelecida, aos laços de amizade presentes na comunidade a qual pertenciam. Prossegue-se com a proposta de uma hermenêutica da amizade, onde se constata

---

<sup>77</sup> GALILEA, Segundo. *A Amizade de Deus: o cristianismo como amizade*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 45.

que o fruto de uma amizade embasada em valores cristãos, que traz em si a medida do amor de Cristo pelos seus – “[...] amai-vos uns aos outros como Eu vos amei” (Jo 15,12) – é a de uma profunda comunhão entre os membros da única Igreja de Cristo.

A seguir, reflete-se sobre a condição necessária para que uma amizade se torne sempre mais madura, sólida e duradoura: a cruz de Cristo. Esta é apresentada como a chave para superar as inclinações ao egoísmo, ao fechamento àquilo que é diferente, às incompreensões, aos preconceitos e, enfim, a toda forma de comportamento que esteja em antítese com o *sonho* de Jesus: “Que todos sejam um para que o mundo creia” (Jo 17,21). É proposto, então, um estilo de vida ecumênico embasado na vivência do amor cristão.

Por fim, faz-se alusão à proposta ecumênica oferecida pelo Movimento dos Focolares de uma forma mais direta. Ou seja, aborda-se o *diálogo da vida*. O capítulo se encerra retomando a questão do sofrimento e da cruz de Cristo, apresentados como condições indispensáveis para que o *diálogo da vida* seja plenamente realizado.

## 2.1 Hermenêutica ecumênica da amizade

Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa on-line, o termo amizade “do latim *amicitate* designa afeição, amor, boas relações, laço cordial entre duas ou mais entidades, dedicação, benevolência”<sup>78</sup>. Já, um Dicionário Bíblico evidencia o aspecto

---

<sup>78</sup> DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. Língua Portuguesa On-Line: Priberam Informática, 2008. Disponível em: <<http://www.priberam.pt.dlpo>>. Acesso em: 18 dez. 2008.

da confiança quando se trata de um amigo: “Amigo é a pessoa em quem confiamos e que amamos; companheiro íntimo [...]”<sup>79</sup>.

Percebe-se que está ocorrendo um resgate do conceito e do valor da amizade atualmente, justamente para indicar uma nova opção diante dos modelos de relacionamentos que a sociedade oferece hoje. Ao invés da desconfiança, do egoísmo e da dominação, abre-se espaço ao diálogo, à comunhão e à igualdade. Assim, quando se fala em amizade pensa-se em um relacionamento de confiança, de sinceridade e de reciprocidade, o qual cria as bases necessárias para a superação de toda e qualquer desigualdade. Desta forma, a amizade ganha espaço na caminhada ecumênica, já que esta busca renovar a vida cristã por meio do testemunho da unidade. Ilustrando o que foi dito, Empédocles sugere que “Pela ação da amizade, o múltiplo tende a constituir uma unidade”<sup>80</sup>.

A amizade supõe e reflete a superação das diferenças, gerando um relacionamento de abertura ao outro que, por sua vez, leva a um crescimento e enriquecimento do *eu*. Portanto, a amizade é fundamental ao ecumenismo, pois esta impede que se coloque “[...] o ‘eu’ acima do ‘nós’, o individual sobre o social, a corporação sobre a coletividade. Isto tem reflexos no relacionamento das Igrejas entre si”<sup>81</sup>. Esta tarefa de buscar na amizade uma nova forma de relacionamento entre as pessoas pode, então, contribuir para o agir ecumênico no sentido de que potencializa o caráter relacional do ser humano, levando simultaneamente ao respeito da individualidade e da diversidade intrínseca a cada pessoa.

<sup>79</sup> YOUNGBLOOD, Ronald; BRUCE, F. F. & HARRISON, R.K (Co-ed.). *Dicionário Ilustrado da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 54.

<sup>80</sup> EMPÉDOCLES apud SOARES, Órris. *Dicionário da Filosofia*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Instituto Nacional do Livro, 1952, Vol. I A-D. p. 49.

<sup>81</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. *Ecumenismo, Sociedade e Missão*. Reflexões sobre o caminho da Unidade. São Paulo, 10 ago. 2004. Disponível em: <<http://www.itesc.ecumenismo.com/bibliovirtual/artigos/ecumenismobrakemeier.htm>>. Acesso em: 04 nov. 2008.

### 2.1.1 O sentido da amizade a partir de Jesus

Na Bíblia, encontram-se inúmeros exemplos de relacionamentos de profunda amizade. Pode-se citar 1 Sm 18,1-4, que descreve a amizade existente entre Davi e Jônatas; ou ainda 2 Cr 20,7, onde Abraão é chamado de “amigo de Deus”. Há igualmente a passagem de Ex. 33,11, onde o Senhor fala com Moisés “[...] face a face, como qualquer fala a seu amigo”.

No Novo Testamento, o tema da amizade é enfatizado ainda mais. É possível perceber nas passagens que o próprio Jesus dá profundidade e um novo significado ao conceito de amizade. Ele não chama seus discípulos de servos, mas sim de amigos. Ele qualifica de amor a sua relação com aqueles que o seguem: “Vós sois meus amigos, se praticais o que vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que o senhor faz; mas vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer” (Jo 15,14-15). De fato,

O amor de Jesus para com os seus é amor de amizade, que, como o amor do Pai para com o Filho (Jo 5,20), exclui a submissão e a distância próprias do servo (Jo 15,13-15); a amizade baseia-se no cumprimento do que Jesus manda, ou seja, na prática do amor mútuo, que põe em sintonia com Ele (Jo 15,14; 15,12-17). Tão importante é que o vínculo com Jesus seja o da amizade e não o de subordinação, que é o objeto da pergunta decisiva de Jesus a Pedro. (Jo 21,17).<sup>82</sup>

Além do mais, partindo do princípio de que a amizade pressupõe a livre escolha, ou seja, os amigos são escolhidos e não impostos; cada um pode sentir-se privilegiado e pleno do amor de Deus, pois “Ele nos escolheu como amigos, livremente, desde sempre. ‘Não fostes vós que me escolhestes, mas fui Eu que vos escolhi’” (Jo 15,16)<sup>83</sup>.

<sup>82</sup> MATEOS, Juan & BARRETO, Juan. *O evangelho de São João: análise lingüística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 27.

<sup>83</sup> GALILEIA, 1988, p.13.

Um texto singular é a ressurreição de Lázaro em Jo 11. Jesus chama Lázaro de amigo: “Nosso amigo Lázaro dorme, [...]” (Jo 11,11). Talvez, seja importante ressaltar aqui o fato de que Jesus, ao se referir a Lázaro, usou o pronome possessivo *nosso*. Ao dizer *nosso* amigo, percebe-se que Jesus se insere no grupo, o que demonstra uma relação de igualdade. Ora, é consequência lógica que, como fruto de tal relação, aqueles que circundavam Jesus viviam com Ele em um clima de total confiança e liberdade, sendo estas características próprias de uma autêntica amizade. Na seqüência desta mesma passagem, encontram-se as palavras: “Jesus chorou” (Jo 11,35), o que prova quão verdadeiro e profundo era o sentimento de amizade que Jesus experimentava por Lázaro.

Existem inúmeras outras passagens no Novo Testamento, onde Jesus oferece, através do Seu testemunho de vida, exemplos daquelas características que são essenciais para se gerar e se manter relacionamentos de amizade: atitudes de serviço (cf. Jo 13,1-15); de demonstração de um amor inclusivo (cf. Lc 5,29-32; 10,29-37); de companheirismo (cf. Lc 10,1); de confiança (cf. Lc 12,22-32); de liberdade (cf. Jo 8,31-32); etc. Entretanto, é necessário ressaltar, que além dos aspectos já citados, a característica mais determinante e, poder-se-ia dizer única à proposta de Jesus, é a sua atitude de total entrega, de dom de si aos próprios amigos: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13). Desta forma, Jesus eleva a um plano muito maior o conceito de amizade, dando legitimidade à relação entre os amigos, através do alto preço de Sua morte na cruz por amor à humanidade. A partir de Jesus, é possível entender que não há espaço para sentimentalismo ou egoísmo em uma verdadeira amizade. No entanto, através da imitação do modelo deixado por Ele, há espaço para constante entrega de si em favor dos outros.

### 2.1.2 Comunhão na diversidade

Vive-se em um contexto de pluralidade e, simultaneamente, de constante busca por unidade. Nesse sentido, “a Igreja de Jesus Cristo não deixa de ser afetada e constrangida pelo espírito da época e da sociedade em que vive”<sup>84</sup>. Essa busca por unidade, porém, não visa à uniformidade. Ao contrário, procura valorizar todos aqueles elementos que se tem em comum para, assim, chegar à construção de um mundo mais de acordo com o plano do Criador. Um princípio básico para o pensamento ecumênico é admitir que, além da minha interpretação, existem muitas outras interpretações, existe uma multiplicidade. Então, como relacionar o paradoxo de pluralidade e unidade no ecumenismo? Aqui o papel de uma hermenêutica ecumênica da amizade é fundamental.

Infelizmente, vive-se em um mundo onde as diferenças servem mais para separar as pessoas umas das outras do que para enriquecê-las. No entanto, no arquétipo de amizade proposto por Jesus existe espaço para todos. Desse modo, Jesus desafia a viver o aspecto da inclusão. Saber valorizar o diferente e respeitá-lo é tarefa de todo aquele que se considera cristão.

Não se pode esquecer que, apesar das inúmeras diferenças, existe um ponto onde todos se encontram ancorados: Jesus Cristo. Baseado em um relacionamento de verdadeira amizade cristã, torna-se possível conviver harmoniosamente com as diferenças. Além do mais, estas diferenças espelham não somente a sociedade atual. Há autores que defendem a idéia de que o cânon do Novo Testamento não afirma a unidade, mas a diversidade da Igreja<sup>85</sup>. Tal afirmação deixa claro que, desde os primeiros anos do Cristianismo, a unidade era descoberta

---

<sup>84</sup> BRAKEMEIER, 2008.

<sup>85</sup> Cf. afirmação feita por Ulrich Körtner durante sua aula de Hermenêutica ao Mestrado em Teologia na EST em 10 set. 2008. (Anotações Pessoais).

e vivida dentro da pluralidade. A partir do momento em que as diferenças são ignoradas, geram-se tensões. Ao invés disso, onde existe atitude de tolerância e de escuta, nasce um diálogo frutífero. Neste campo, o papel da amizade é de um valor inestimável, já que “A amizade ameniza as tarefas difíceis [...]”<sup>86</sup>.

Baseado em tudo quanto foi dito até então, pode-se constatar que, um relacionamento de profunda e sólida amizade, capaz de superar as diversidades e gerar comunhão, é uma tarefa que exige empenho e constância na caminhada. Encontram-se aqui os elementos de uma hermenêutica ecumênica da amizade que “Não pretende nem nivelar nem uniformizar. Procura o consenso, a diversidade reconciliada, a cooperação conjugada dos membros do mesmo corpo”<sup>87</sup>. Justamente por gerar o amor recíproco, conduz à unidade, que é a alma do testamento de Jesus: “Pai que todos sejam um” (Jo 17,21). Porém, um forte vínculo de união, como aquele pedido por Jesus em sua proposta de autêntica amizade, pressupõe o elemento da cruz.

## 2.2 Hermenêutica ecumênica da cruz

Em geral, ninguém gosta de ouvir falar de sofrimento, de dor. De fato, prefere-se lutar para anular a dor e evitar a morte. A sociedade atual, caracterizada como uma sociedade de consumo, oferece todo tipo de prazer, emprega todos os meios para promover o bem-estar, o comodismo, tudo aquilo que acredita ser a *felicidade*. Tal sociedade está perdendo o senso de Deus: ou não crê mais em Deus ou vive como se Deus não existisse. Se Deus não existe, Ele não participará da vida do ser humano. Porém, quando se perde o senso de Deus, se perde também o

---

<sup>86</sup> SCHNEIDER, Roque. *Referências bibliográficas de documentos eletrônicos* [Power-point recebido]. Mensagem recebida por sarkisbeatriz@gmail.com em 25 out. 2008.

<sup>87</sup> BRAKEMEIER, 2008.



senso do outro e de si mesmo. Assim sendo, neste tipo de sociedade sem Deus, instaurou-se o individualismo, e a consequência imediata é a perda da percepção do outro. Não há espaço para uma atitude de abertura, de encontro, de escuta em relação ao outro. Ao contrário, olha-se para o outro com medo e com desconfiança; ele é diferente de mim, é algo distinto de mim. O que é o recurso às drogas, aos tóxicos senão uma busca desenfreada de felicidade que, na prática, se torna uma fuga que ilude, engana e destrói a pessoa? Então, como se deve viver em uma sociedade onde persiste a dolorosa verdade expressa no lamento da filósofa Maria Zambrano: uma sociedade que está enfrentando “[...] uma das noites mais escuras que jamais vivemos?”<sup>88</sup>.

Numa perspectiva cristã, sabe-se que a felicidade não é decorrência apenas do entusiasmo, nem existe somente quando tudo vai bem. Ao contrário, pode-se dizer que a alegria verdadeira é aquela que tem raízes mais profundas, ou seja, que a alegria mais pura é aquela que brota justamente das raízes da dor, do sofrimento. Essa é uma experiência que pode ser aplicada ao cristão seja enquanto indivíduo seja enquanto membro de uma comunidade onde se caminha lado a lado com os irmãos. Somente através da vivência do amor, que gera a comunhão, poder-se-á ultrapassar toda e qualquer barreira a fim de difundir a fraternidade até torná-la universal. E talvez seja importante salientar que este processo não é isento de sacrifícios, de sofrimento, pois é justamente em Jesus, na cruz, que se encontra o vértice do Amor.

---

<sup>88</sup> ZAMBRANO, Maria apud LUBICH, Chiara. *Por uma Cultura de Comunhão*: Discurso de Chiara Lubich em Stuttgart: Stuttgart, Alemanha. 12 Maio 2007. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo E).

De fato, na caminhada conjunta, não faltam oportunidades onde se deve superar, mesmo com sacrifício, os limites do *eu* para poder construir uma verdadeira comunhão cristã. A esse respeito, Bonhoeffer afirma:

O Criador não fez o outro como eu o teria feito, não me deu o irmão para que eu o dominasse, mas para nele encontrar o Criador. [...] Deus não deseja que eu molde o outro conforme a imagem que eu considero boa, portanto, à minha imagem. [...] Deus, porém, cria o homem à semelhança de seu Filho, o crucificado, quadro que, aliás, também se me afigurava estranho e nada divino, antes de o compreender.<sup>89</sup>

Jesus veio a terra para que todos sejam um, e foi justamente na cruz e no abandono que Ele pagou pela unidade. Assim, cada cristão deve estar pronto para, através do amor a cruz, encontrar a força para superar cada divisão e contribuir para a realização do testamento de Jesus (cf. Jo 17,21). Somente desse modo, desempenhará a sua mais profunda vocação como instrumento de unidade a serviço de toda a humanidade.

### 2.2.1 Caminho de “purificação da amizade”<sup>90</sup>

Assim como em todo tipo de relacionamento humano, também no exercício da amizade, encontram-se diferentes fases que são indispensáveis para um amadurecimento. Num primeiro momento, acontece uma escolha determinante, ao ponto que se pode declarar: Este é meu melhor amigo. A seguir, vem a etapa a qual se deve demonstrar com fatos esta escolha de predileção; demonstrar fidelidade à amizade. Esta fase envolve anistia das ofensas recebidas, atitude de serviço, de renúncia interior, perseverança e, sobretudo, sacrifício. Por fim, chega-se ao estágio mais difícil no relacionamento entre amigos: é a fase na qual o egoísmo inerente à natureza da condição humana se expressa de forma mais intensa, e, assim, as

<sup>89</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 1982, p. 47.

<sup>90</sup> Expressão utilizada a partir de GALILEA, 1988, p. 45.

segundas intenções que muitas vezes se instauram inconscientemente e determinam nossas ações são refinadas. Somente tendo ultrapassado tais etapas, pode-se considerar como maduro um relacionamento de amizade. Fundamental nesse processo é que o olhar fraternal passe através da cruz de Cristo, pois a única imagem que reflete a dialética, a lógica do paradoxo subtendido em tal processo de crescimento, é a cruz:

Deus aceitou os homens, e eles o esmagaram. Deus, porém, ficou com eles, e eles com Deus. Suportando os homens, Deus manteve comunhão com eles. Essa é a lei de Cristo cumprida na cruz. Os cristãos tomam parte nessa lei. Devem suportar e agüentar o irmão e, o que é mais importante, agora podem suportá-lo sob a lei de Cristo cumprida.<sup>91</sup>

É Jesus na cruz quem dá a chave para ultrapassar toda crise que conduz ao amadurecimento e, conseqüentemente, a um amor ainda maior. Foi Ele quem, derramando seu sangue sobre a cruz, possibilitou que a humanidade fosse reconciliada com Deus. A cruz de Cristo, portanto, pode ser considerada metaforicamente como o ponto onde Deus e a humanidade se encontram. Apropriadas aqui são as palavras do ex-Secretário Geral do Conselho Mundial de Igrejas, Konrad Raiser: “Quanto mais nos aproximamos da cruz de Cristo, mais nos aproximamos uns dos outros. É na cruz que podemos estender os nossos braços uns para os outros”<sup>92</sup>. Seguindo esta mesma linha de pensamento, Iginio Giordani<sup>93</sup> afirma: “Um impulso para cima o conduz a Deus; um em latitude o conduz à

<sup>91</sup> BONHOEFFER, 1982, p. 51.

<sup>92</sup> Esta citação é uma fala do Pastor Konrad Raiser como reação ao discurso de Chiara Lubich no Conselho Mundial de Igrejas em 2002, cujo título foi: *O Mistério de Jesus Crucificado e Abandonado, chave para a unidade entre as Igrejas*. RÁDIO VATICANA. *O Mistério de Jesus Crucificado e Abandonado, chave para a unidade entre as Igrejas*. Disponível em: <<http://www.focolare.org/articolo.php?codart=3145>>. Acesso em: 18 dez. 2008.

<sup>93</sup> Iginio Giordani (1894-1980) foi uma personalidade do mundo cultural italiano, humanista, deputado, escritor. É considerado co-fundador do Movimento dos Focolares. Atualmente, está em andamento seu processo de canonização; é já considerado Servo de Deus.

humanidade: os dois impulsos não são independentes, mas ligados, como as duas tábuas da cruz, que se encontram sobre o coração de Cristo [...]”.<sup>94</sup>

Na perspectiva da fé cristã, talvez não exista nada mais enigmático, mais difícil de entender do que a cruz, o sofrimento. Porém, o sentido do sofrimento é justamente o de fortalecer a fé. Se tal elemento se faz presente, a cruz, a dor adquirem um novo sentido e se torna possível repetir com São Paulo: “Com efeito, a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus” (1 Cor 1,18).

Enfim, a purificação, apesar de dolorosa, se faz necessária. Ao cristão cabe sempre lembrar que o discipulado de Cristo é o discipulado da cruz, o que requer um esvaziamento até o último lugar. Assim sendo, o cristão – pelo legado que herdou do próprio Cristo – é facilitado na vivência de uma autêntica amizade e na superação de suas tensões. Na carta de São Paulo aos Filipenses, por exemplo, encontram-se orientações valiosíssimas para essa posição:

[...] levari à plenitude a minha alegria, pondo-vos acordes no mesmo sentimento, no mesmo amor, numa só alma, num só pensamento, nada fazendo por competição e vanglória, mas com humildade, julgando cada um os outros superiores a si mesmo, [...]. Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus. Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, [...]. (Fil 2,2-7).

A verdadeira amizade supõe e conduz à unidade de pensamento e de sentimentos; porém, isto não significa uniformidade. Ou seja, é possível que se estabeleça uma amizade profunda, real e duradoura também entre aquelas pessoas que provêm de culturas e tradições religiosas diferentes. Aqui se faz referência, de modo particular, ao diálogo ecumênico que, em sua caminhada histórica, propiciou

<sup>94</sup> *“Una spinta in altezza lo conduce a Dio; una in latitudine lo conduce all’umanità: le due spinte non sono indipendenti, ma legate, come le due assi della croce, che s’incontrano sul cuore di Cristo; [...]”*.GIORDANI, Igino. *Segno di Contraddizione*. Brescia: Casa Editrice Morcelliana, 1933. p. 244. (Tradução própria)

que se instaurassem verdadeiros vínculos de amizade, amadurecidos ao longo do tempo, partindo do modelo deixado por Jesus. Em tal modelo, a cruz é vista como uma passagem que leva à ressurreição. A cruz foi e continua sendo o instrumento necessário através do qual o divino penetra no humano, a fim de que a humanidade possa superar seus conflitos e divisões e, desse modo, participar mais plenamente da vida de Deus. De fato, ao defrontar-se com a cruz, o ser humano deve perceber “[...] que a força de vida divina alcança a plenitude na fraqueza”<sup>95</sup>.

Partindo desta ótica, deve-se acreditar que uma amizade construída sobre bases sólidas ajudará a superar toda e qualquer dor que possa decorrer das diversidades encontradas através do amor. A cruz supõe a ressurreição: “E, se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é vossa fé” (1 Cor 15,14). Sem a perspectiva da ressurreição, o drama da cruz não encontra solução: “Isso se traduz num compartilhar os sofrimentos de Cristo, como prelúdio à configuração plena com Ele mediante a ressurreição, que contemplamos com esperança”<sup>96</sup>. Em síntese, pode-se afirmar que, para o cristão, o caminho de purificação da amizade implica a passagem pela cruz. Nas palavras de Santo Agostinho, recentemente citadas pelo Papa Bento XVI,

Os cristãos não são poupados do sofrimento; ao contrário, a eles cabe um pouco mais, porque viver a fé é uma expressão do valor de enfrentar a vida e a história mais em profundidade. Contudo só assim, experimentando o sofrimento, conhecemos a vida em sua profundidade, em sua beleza, na grande esperança suscitada por Cristo crucificado e ressuscitado. (sic).<sup>97</sup>

---

<sup>95</sup> RAISER, 2008.

<sup>96</sup> KÖRTNER, Ulrich. [Sem Título]. São Leopoldo, 08 a 12 de Setembro de 2008. Material Didático fornecido durante o Seminário de Hermenêutica Teológica realizado na EST. (polígrafo) p. 34.

<sup>97</sup> AGOSTINHO apud BENTO XVI. São Paulo, modelo de como fazer teologia. *ZENIT*, Roma, 5 de Novembro de 2008. Disponível em: <<http://www.zenit.org/article-19977?l=portuguese>>. Acesso em: 20 Nov. 2008.

### 2.1.2 O amor cristão como estilo de vida ecumênica

Como já mencionado anteriormente, a essência da espiritualidade cristã consiste em relacionar-se com Deus como amigo, e, de conseqüência, relacionar-se com o próximo nesta mesma dimensão. Nesse sentido, diz-nos Galilea: “A espiritualidade, basicamente, é crescer na amizade com Jesus e na fraternidade com os demais”<sup>98</sup>.

Para ser verdadeira, a amizade cristã deve manter os dois movimentos: vertical, no amor a Deus; e horizontal, através do amor ao próximo. Cabe salientar que a amizade proposta por Jesus é universal – Jesus morreu por todo o gênero humano – e, assim, ela é oferecida a todos indiscriminadamente. Da mesma forma, “O amor fraterno é igualmente universal: oferecido a todos sem discriminação, pois a amizade de Jesus e o amor de Deus Pai são oferecidos a todos, o que nos torna irmãos e irmãs”<sup>99</sup>. Só será um autêntico cristão da reconciliação quem souber amar os outros com a mesma caridade de Deus, a qual faz reconhecer Cristo em cada um, leva a amar cada próximo como a si mesmo.

Encontra-se aqui um paradoxo, pois é justamente assumindo a unicidade de Jesus Cristo que se assegura a universalidade; e é justamente desse relacionamento de livre amizade com Deus e com cada próximo que brotam novas práticas capazes de tornar a comunidade mais rica. Nasce, então, por exemplo, o trabalhar juntos ecumenicamente, no qual as diferenças são naturalmente superadas através de uma prática que visa a um bem maior. De fato, “um dos sinais de amadurecimento da amizade humana é a colaboração em ideais e causas comuns”<sup>100</sup>. Tudo é facilitado quando, como fruto de uma sólida amizade, os

---

<sup>98</sup> GALILEA, 1988. p. 28.

<sup>99</sup> GALILEA, 1988, p. 73.

<sup>100</sup> GALILEA, 1988, p. 79.

indivíduos se colocam a trabalhar, apesar de suas diversidades, fazendo próprios os objetivos e projetos de cada um.

Para ilustrar, talvez seja relevante citar uma ação social realizada conjuntamente por membros de diversas Igrejas e que teve sua origem no âmbito do Movimento dos Focolares. Trata-se aqui do Projeto da *Economia de Comunhão na Liberdade*, o qual será aprofundado no terceiro capítulo desta dissertação, que foi lançado no Brasil em 1991 por Chiara Lubich, fundadora do Movimento. Neste Projeto, encontram-se “Pessoas de diferentes origens religiosas [que] descobriram-se unidas na luta pela mesma nobre causa”<sup>101</sup>.

### 2.3 O Movimento dos Focolares e a eclesiologia de comunhão

O fato de se viver num mundo secularizado que não é majoritariamente cristão faz com que a evangelização, talvez mais do que em épocas passadas, se torne algo urgente. Isso faz também com que surja mais uma vez a pergunta sobre a Revelação, como resposta aos sinais dos tempos. Andrés Torres Queiruga, por exemplo, procura responder a questão da Revelação, afirmando, por um lado, a vontade salvífica universal e, por outro, o desejo de realização por parte de todas as pessoas. Portanto, para Queiruga, existe uma relação direta, uma proporção, entre a Revelação por parte de Deus e a acolhida desta mesma Revelação por parte dos seres humanos. Queiruga expressou do seguinte modo:

Deus, como puro amor sempre em ato, está sempre se revelando ao homem na máxima medida que lhe é possível; de modo que os limites da revelação histórica não se devem a uma reserva divina, mas antes a uma incapacidade humana: a incapacidade constitutiva do homem que, como ser finito, tão-somente obscura, ambígua e lentamente pode ir-se apercebendo da palavra viva que Deus lhe está constantemente dirigindo.<sup>102</sup>

<sup>101</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. Ecumenismo: Repensando o Significado e a Abrangência de um Termo. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v.33, n. 90, p. 195-216, 2001. p. 206-207.

<sup>102</sup> QUEIRUGA, Andrés T. *A Revelação de Deus na Realização Humana*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 408.

Falar do Movimento dos Focolares significa, de algum modo, colocar-se em contato com a Revelação e, de maneira explícita, referir-se à dimensão carismática da Igreja, a qual é indissociável da dimensão institucional. De fato, o Movimento dos Focolares, enquanto portador de um carisma – o carisma da unidade – tem em si significado teológico para a explicitação da Ecclesologia de Comunhão. Esta, enquanto paradigma teológico, nasceu da atenção despertada, já a partir de meados do século XIX, em relação ao ministério da Igreja. Mais tarde, surgem os movimentos de renovação bíblica, patrística, litúrgica, espiritual. Enquanto isso, passados quatro séculos do famoso Concílio, surgia em Trento, na Itália, em 1943 – ano da publicação da *Mystici Corporis*, de Pio XII – o Movimento dos Focolares. Este Movimento nasceu no seio da Igreja, comungando de todo o seu patrimônio espiritual, doutrinal e histórico.

Desde que Chiara Lubich e suas companheiras, vivendo a Palavra, no encontro com o discurso de despedida de Jesus, e especialmente com Jo 17,21, perceberam uma particular vocação à unidade, esta passou a ser o objetivo específico do Movimento nascente. A vida cristã passou a ter a característica particular de vocação à unidade. Essa característica foi tomando feições cada vez mais claras à medida que se progredia na sua compreensão e na sua realização. A vida de unidade vivida por aquele grupo levou Chiara a afirmar que,

Nós só temos sentido se estivermos na Igreja e com a Igreja. O 'ut omnes unum sint' foi confiado à Igreja por Jesus; e a unidade, este carisma, é para a Igreja, [...], porque a Igreja é una (além de ser santa). Este carisma serve para reforçar essa qualidade da Igreja. Então, temos de caminhar em plena sintonia com a Igreja.<sup>103</sup>

---

<sup>103</sup> LUBICH, Chiara. *O Ano do Pai*. Encontro de Chiara com as comunidades de Malta, da Sicília e da Calábria. Malta, 25 Fev. 1999. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo F).



Assim, a unidade é uma das notas da Igreja. Não se pode setorizar a vida eclesial: viver a unidade significa viver simultaneamente a santidade, a catolicidade e a apostolicidade da Igreja. Cada uma das notas comporta as demais, havendo entre elas uma mútua interioridade, como na Trindade, onde se vive a distinção de Pessoas, mas se é um só Deus. Da mesma forma é a Igreja, por isso a unidade não significa uniformidade. À unidade corresponde a pluralidade de experiências, de vocações, de estados de vida, de culturas. É preciso ser um para chegar a realizar o testamento de Jesus, ser um “[...] a fim de que todos sejam um”. (Jo 17,21).

A unidade é simultaneamente dom e tarefa, por isso, quando em Jo 17,21 Jesus fala da unidade, Ele se dirige ao Pai. Ele sabia muito bem que o Seu desejo superava totalmente a capacidade humana. A unidade não é, de fato, um mandamento, é um desígnio de Deus sobre toda a humanidade, do qual a Igreja é chamada a ser sinal e sacramento, antecipando no tempo algo que está para vir e que é característico do Reino de Deus. A unidade é uma realidade divina.

No plano histórico, a unidade da Igreja está sempre em projeto. Cada nova época lança uma nova luz sobre a vida da Igreja, iluminando-a e orientando-a. O carisma da unidade parece ter, na Igreja, a função de colaborar de maneira nova e determinante para uma maior plenitude de unidade que encontra sua expressão em uma profunda comunhão entre todos os seus membros. Isso vem ajudando a refazer o tecido eclesial rompido ao longo dos séculos por incompreensões e divisões. Hoje, porém, urge mostrar ao mundo este rosto que não é mais desfigurado como então, a fim de que a Igreja volte a ser aquilo que ela é efetivamente, ou seja, sacramento de unidade.

A Eclesiologia de comunhão apresenta-se como algo situado entre o *já* e o *ainda não* do Reino de Deus. Do ponto de vista doutrinal ou teológico, mesmo tendo

seu mistério explicitado, há que, no entanto, procurar indícios de como esse mistério pode radicar-se cada vez mais na vida da própria Igreja, modelando suas estruturas e determinando sua missão.

A Trindade é o modelo de unidade buscado pelo Movimento dos Focolares, consiste nisso a sua identidade fundamental. Sabemos pela experiência de fé que, em Jesus Cristo, deu-se a Revelação de Deus-Trindade. Ao mesmo tempo, Jesus estendeu esta mesma unidade a todos os seus seguidores (cf. Jo 17,11-23; 25-26), ou seja, a unidade entre os cristãos tem uma raiz na pericorese trinitária. Isto significa ter um amor semelhante ao das Pessoas da Trindade (cf. Jo 13,34-35). A comunhão gera a unidade, mesmo se neste caso faz-se necessário ter claro que existe um abismo espiritual e antropológico entre o mistério trinitário e a unidade das pessoas. Mas, o que é afinal a unidade? É a inabitação trinitária, que é ao mesmo tempo pessoal e comunitária (cf. Mt 18,20).

Na história da Igreja, percebe-se como Deus suscitou carismas, suscitou novos modos de viver o cristianismo – necessários para um determinado período histórico – dos quais nascem aquelas que, na Igreja Católica Romana, são chamadas de espiritualidades. Geralmente, o fundador é um líder carismático, que recolhe ao seu redor discípulos e está em grau de fazer nascer obras concretas, e aqui Chiara Lubich pode ser apresentada como um exemplo de tal realidade.

Assim como as várias espiritualidades que nasceram ao longo dos séculos na Igreja podem ser definidas através de uma única palavra, como por exemplo, *pobreza* para os franciscanos; *obediência* para os jesuítas; *oração* para as espiritualidades que se baseiam em Santa Teresa de Ávila, e assim por diante, para o Movimento dos Focolares seria suficiente a palavra *unidade* para exprimir aquilo que Deus quer dizer à Igreja e ao mundo através deste.

De fato, expoentes e responsáveis de Igrejas, entre os quais, o Patriarca Atenágoras I e o Patriarca Teoctist, além dos vários Pontífices de Paulo VI em diante, reconhecem Chiara Lubich como portadora de um carisma para a unidade. O Cardeal Agostino Bea, o grande ecumenista da Igreja Católica e o primeiro presidente do então Secretariado para a Promoção da Unidade dos Cristãos, já nos anos 1960, definiu o carisma de Chiara Lubich como “[...] um carisma para a unidade das Igrejas”.<sup>104</sup>

Porém, mais uma vez pode retornar a pergunta: qual é o conceito que se tem de unidade? Esta não é uma simples união de corações, não é uma convivência de pessoas, não é simplesmente um grupo. A unidade em Cristo é uma realidade especial, porque traz consigo a presença do próprio Cristo que disse: “Onde dois ou três estiverem reunidos no meu nome, ali estou eu no meio deles”. (Mt 18, 20). Portanto, o horizonte da unidade é novo e sugere uma mudança de atitude em relação a um passado bem recente. A este respeito, são significativas as palavras de Rahner:

Nós anciãos, fomos espiritualmente individualistas, dada a nossa origem e a nossa formação. [...] é verdade que, substancialmente, a genuína experiência do Espírito, a verdadeira espiritualidade, a mística, entendida como evento obviamente pessoal, sempre foram realidades entendidas e vividas no plano pessoal, ou seja, na meditação solitária, na experiência da própria conversão, nos exercícios espirituais feitos na solidão, na cela do claustro, e assim por diante.<sup>105</sup>

Logo, a perspectiva apontada por Rahner é a da passagem de uma espiritualidade individual para uma espiritualidade comunitária. A proposta de Chiara Lubich encontra-se em perfeita sintonia com tal idéia. Chiara afirma que a espiritualidade do Movimento dos Focolares é uma espiritualidade essencialmente

<sup>104</sup> BEA, Agostino apud BACK, Joan. Uma Espiritualidade para o Diálogo Ecumênico. *Revista Humanidade Nova*, n.177, p. 389-402, 2009. p. 390.

<sup>105</sup> RAHNER, Karl. Elementos de Espiritualidade na Igreja do Futuro. In: GOFFI, Tullio; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 367. (p. 361-370)

comunitária. De fato, a Espiritualidade da Unidade vivida pelo Movimento dos Focolares deu origem a uma autêntica cultura da unidade. Essa cultura contribui também para abater preconceitos existentes há séculos entre os cristãos e é partilhada hoje por cerca de cinqüenta mil membros de mais de trezentas e cinqüenta Igrejas cristãs, sendo que os membros permanecem fiéis de sua Igreja.

Ao longo dos anos, o diálogo ecumênico não só se manteve e se desenvolveu, muitos cristãos aderiram à espiritualidade e à vida do Movimento que se tornou, assim, uma realidade ecumênica reconhecida internacionalmente.

O ecumenismo é vivido pelo Movimento dos Focolares no sentido de sensibilizar e formar os católicos para a unidade dos cristãos. Mas também é vivido, fundamentalmente, como comunhão fraterna com todos os cristãos de outras Igrejas.<sup>106</sup>

### *2.3.1 Diálogo da Vida*

A exigência de uma espiritualidade que possa auxiliar neste processo de renovação da vida cristã nasceu como resultado de um amadurecimento no relacionamento de amizade fraterna instaurado entre os cristãos. De fundamental importância em tal processo está a vivência do mandamento de Jesus “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este: dar a vida pelos próprios amigos”. (Jo 15,13). Este mandamento contribui significativamente para realização do Seu testamento: “Que todos sejam um para que o mundo creia”. (Jo 17,21). Cada cristão, seguindo o Seu mesmo caminho, encontrará a coragem para também dar a própria vida pelos seus companheiros de caminhada e, assim, acontecerá o milagre da superação do medo, das diferenças e das divisões. Afinal, na unidade, as riquezas e as diferenças não são anuladas, mas, ao contrário, potencializadas e colocadas a serviço de todos.

---

<sup>106</sup> LUBICH, Chiara. *A Aventura da Unidade*: entrevista de Franca Zambonini. São Paulo: Cidade Nova, 1991. p. 127.

Uma espiritualidade ecumênica vivida desse modo poderá produzir frutos excepcionais principalmente neste momento onde tantos dizem que o movimento ecumênico está passando por um momento de crise na busca da unidade. De fato, a esse respeito, “o teólogo brasileiro Gottfried Brakemeier afirmou: O barco ecumênico, neste início de milênio, sente o vento soprar pela proa, estando ameaçado de ver anuladas as milhas avançadas até o momento”<sup>107</sup>.

Contudo, é necessário deixar-se interpelar pelas palavras do profeta Isaías: “Não fiqueis a lembrar coisas passadas, não vos preocupeis com acontecimentos antigos. Eis que vou fazer uma coisa nova, ela já vem despontando: não a percebeis?” (Is 43,18-19). Em sintonia com essa realidade estão as palavras de Chiara Lubich: “O mundo ecumênico depara-se com uma situação mutável: alguns a vêem como um inverno, outros como uma primavera, outros ainda como uma crise. [...] emerge a exigência de um caminho novo”<sup>108</sup>. “E é nesse contexto que [...] se fala do ‘diálogo da vida’ [...]”.<sup>109</sup>

Através do “diálogo da vida” abrem-se os espaços nos quais membros de diversas Igrejas, inseridos em seus próprios contextos, vivem já unidos entre si de tal modo que nada os pode separar. Esta experiência permite fazer enxergar já a Igreja do futuro, onde unidade e pluralidade se complementam. A este respeito, uma personalidade do mundo ecumênico escreveu, Sua Santidade o Catholicos Aram I da Igreja Armena:

É preciso levar o movimento ecumênico às pessoas, à base e abri-lo a novos horizontes. [...] Devemos procurar um novo rumo para o ecumenismo, novos modos de viver ecumenicamente. [...]. O panorama

<sup>107</sup> SCHMIDT, Ervino. Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos 2008: “Orai sem cessar” (Pronunciamento do Pr. Ervino Schmidt na abertura da SOUC 2008). [Arquivo de Word recebido]. Mensagem recebida por sarkisbeatriz@gmail.com em 13 out. 2008. (Arquivo reproduzido na íntegra no anexo H).

<sup>108</sup> LUBICH, Chiara. Mensagem de Chiara à Hope University de Liverpool. *Noticiário Mariápolis*. São Paulo: Cidade Nova, ano XXV, n.3, p. 8-9, 2008.

<sup>109</sup> LUBICH, 2008, p. 9.

ecumênico atual indica que o movimento ecumênico está em uma encruzilhada e necessita de uma direção clara. Devemos decidir que tipo de ecumenismo queremos. Um ecumenismo das Igrejas institucionais ou um ecumenismo que abrace todo o povo de Deus? [...] A minha opinião é que um ecumenismo orientado ao povo é a estrada certa a ser percorrida.<sup>110</sup>

A espiritualidade da unidade leva a viver com maior empenho aquilo que somos: o Corpo místico de Cristo, a Igreja. O diálogo da vida para o Movimento dos Focolares é viver com Jesus no meio. A promessa de Jesus em Mt 18,20, da Sua presença entre aqueles que estão unidos no Seu nome - que significa, como dizem os Padres da Igreja, estar unidos no Seu amor - leva a viver em unidade, onde cada um doa a sua própria contribuição, a fim de que a plena comunhão se torne uma realidade. Nesse contexto, pode-se afirmar que o diálogo da vida situa-se em uma realidade bem precisa do Evangelho vivido: é a experiência da unidade com Jesus no meio, é a *koinonia* construída por meio do amor a Jesus Crucificado e abandonado para viver a realidade de Cristo Ressuscitado.

A falta de comunhão entre os cristãos impediu relacionamentos de reciprocidade e agora é Jesus em meio aos Seus que dá novo vigor e força ao vínculo sacramental que já existe entre todos os batizados. Como é afirmado no Decreto *Unitatis Redintegratio*: “O Batismo [...] constitui o vínculo sacramental da unidade que liga todos os que foram regenerados por ele”<sup>111</sup>. É possível experimentar, assim, o tesouro que já foi recebido através deste sacramento, graças ao qual “vos revestistes de Cristo”. (Gal. 3,27) e com Cristo caminhamos em “uma vida nova” (cf. Rom. 6,3-4).

É Jesus em meio aos Seus que transforma os fiéis em *células vivas* do Corpo Místico de Cristo. Já em 1949, Chiara dizia que era preciso reavivar as *células vivas* e, no ano de 2003, afirmou em um seu discurso ser esta uma tarefa a ser

<sup>110</sup> ARAM I apud BACK, 2009, p. 391.

<sup>111</sup> UR, n. 22.

desempenhada principalmente por aqueles que estão, em primeira linha, envolvidos no trabalho ecumênico: “Devemos criar continuamente estas células vivas do Corpo Místico de Cristo, que são os irmãos unidos no seu nome, para dar vida ao Corpo todo”.<sup>112</sup>

A vida é a Vida Trinitária: quando se procura viver o mandamento do amor recíproco, vive-se segundo o modelo da Santíssima Trindade, e o amor circula entre todos. Uma nova dinâmica de *koinonia* na Igreja é oferecida, comunicando esta vida aos outros para torná-los participantes deste tesouro. Chiara sempre insistiu na necessidade desta corrente de amor entre as Igrejas: “Cada Igreja com o passar dos séculos petrificou-se em si mesma pela onda de indiferença, de incompreensão, para não falar de ódio recíproco. Por isso mesmo cada uma deve ter um suplemento de amor”.<sup>113</sup>

Neste sentido, o diálogo da vida coloca em evidência o fato de que, tendo sido unidos pelo próprio Cristo, os fiéis constituem um só povo, apesar de pertencerem a diferentes Igrejas. A este respeito, disse Chiara Lubich:

O fato é que Cristo nos uniu e fez de nós um único povo. [...] Este é o nosso ecumenismo. Existirão dificuldades. [...] Estas dificuldades são teológicas. Nós temos a vida. Nós nos amamos. Nós nos queremos bem. Nenhuma dificuldade teológica pode travar o amor! Nós vamos adiante. Nós nos compreendemos. Nós nos ajudamos. [...] E seremos aquele povo que vencerá!<sup>114</sup>

Este ecumenismo do povo é a base sobre a qual todos os outros diálogos podem apoiar-se e prosperar. Em conseqüência, este novo modo de atuar o

<sup>112</sup> LUBICH, Chiara. Chiara no Congresso Ecumênico dos Bispos: Vós sois um só em Cristo Jesus (Gal 3,28) – A presença de Jesus entre os seus e o diálogo da vida. Rocca di Papa, 26 de novembro de 2003, 26 Nov. 2003. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo D).

<sup>113</sup> LUBICH, Chiara. Chiara na cerimônia de Advento: Oração Ecumênica do Advento. Igreja de Sant’Ana, Augsburg, Alemanha. 29 Nov. 1998. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo A).

<sup>114</sup> LUBICH, Chiara. Chiara aos internos da Grã-Bretanha e da Irlanda: Responde a 21 perguntas. Logan Hall, Londres. 16 Nov. 1996. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo C).

ecumenismo intensifica a valorização de todas as outras estradas que conduzem à plena realização do testamento de Jesus: “Que todos sejam um”. (Jo 17,21).

Portanto, o caminho da caridade se transforma numa reciprocidade de pessoas que se sentem membros do mesmo corpo, o que somos de fato mediante o batismo, segundo a fé cristã. O caminho da oração ou o ecumenismo espiritual se intensifica, pois foi o próprio Jesus quem disse: “Se dois de vocês na terra estiverem de acordo sobre qualquer coisa que queiram pedir, isso lhes será concedido por meu Pai que está no céu” (Mt 18,19) . Então, se há união no amor, os pedidos são certamente acolhidos por Deus.

O diálogo teológico encontra novo impulso, pois, se Jesus estiver presente entre aqueles que falam, será Ele mesmo a iluminar cada idéia, cada palavra. A este propósito, o Cardeal Walter Kasper afirmou: “O ‘ecumenismo do amor’ e o ‘ecumenismo da verdade’, que tem sem dúvida uma grande importância, devem ser concretizados por meio do ‘ecumenismo da vida’”<sup>115</sup>.

Enfim, pode-se dizer que a metodologia utilizada neste novo modo de fazer ecumenismo não parte das estruturas, discussões teóricas, doutrinas e organizações; mas de uma unidade já vivida, experimentada. Tal metodologia vem sendo valorizada e apreciada por muitos na caminhada ecumênica, por exemplo, à pergunta: “Que contribuição o senhor acha que o Movimento dos Focolares pode dar ao ecumenismo?”<sup>116</sup>, o Reverendo Samuel Kobia – então Secretário Geral do Conselho Mundial de Igrejas – respondeu:

Para mim, o Movimento dos Focolares representa o melhor exemplo de ecumenismo aplicado. [...] Vocês vivem o Evangelho de Jesus Cristo, caminham no sulco do Evangelho, falam do Evangelho, partilham o

<sup>115</sup> KASPER, Walter apud BACK, Joan, 2009, p. 401.

<sup>116</sup> Pergunta formulada por Gabri Fallacara na entrevista com Samuel Kobia. KOBIA, Samuel. Os Últimos Encontros com Chiara. *Noticiário Mariápolis*. São Paulo: Cidade Nova, ano XXV, n. 4, 2008. p. 6. (Entrevista concedida a Gabri Fallacara)



Evangelho num modo muito atraente. [...] Uma das coisas de que o mundo mais precisa hoje é o amor. [...] Eu diria que difundir a amizade ecumênica, como vocês fazem, é a melhor contribuição que podem dar ao Movimento ecumênico. [...] Continuem a fazer o que estão fazendo.<sup>117</sup>

#### Segundo o Cardeal Kasper:

O Movimento dos Focolares deu um grande contributo para o movimento ecumênico, partindo da idéia central da presença de Jesus em meio aos Seus, da centralidade do amor. Vejo grupos de focolarinos onde estão presentes os protestantes, anglicanos, ortodoxos, e isto já é um ecumenismo da vida. São pequenas células, mas que têm uma importância enorme.<sup>118</sup>

Constata-se que a grande atualidade do diálogo da vida é aquela de fornecer os elementos para responder as perguntas e às exigências do mundo ecumênico. Quando o povo vive o diálogo da vida, potencializam-se todos os outros diálogos. Não são apenas os outros diálogos que têm necessidade do diálogo da vida, mas o mundo ecumênico de hoje exige uma simbiose entre todos. É esta, em resumo, a essência do *diálogo da vida*, que, sem dúvida, não dissociada da vivência do mistério da cruz, procura construir pontes para restabelecer e / ou reforçar os vínculos de unidade. Portanto, é necessário voltar a refletir sobre o mistério da cruz.

#### 2.3.2 *Jesus crucificado e abandonado: chave para a comunhão plena e visível entre as Igrejas*

A unidade revelou-se como a síntese da espiritualidade do Movimento dos Focolares. Esta pressupõe merecer as promessas de Mateus 18,20: a presença de Cristo entre os Seus. Tal presença, porém, requer o amor à cruz, isto é, a Jesus crucificado e abandonado. Ou seja, para chegar-se à *koinonia* e para ter a presença de Jesus no meio, é necessário passar pela *kenosis*. Assim, para que o modelo de ecumenismo proposto acima seja concretizado, faz-se necessária uma *chave*. Esta chave é a cruz de Cristo. O modelo de Jesus crucificado e abandonado que grita na

<sup>117</sup> KOBIA, 2008, p. 6.

<sup>118</sup> KASPER, Walter apud BACK, 2009, p. 401.

cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,16 e Mc 15,34) é a chave para uma pessoal *koinonia* com Deus e entre os irmãos, para construir a *koinonia* na própria Igreja e entre as Igrejas. Não existe *koinonia* sem *kenosis*. Jesus, enfrentando o abandono sobre a cruz mostrou o caminho por excelência. Foi na Sua paixão e morte, quando sofreu no momento da agonia no horto, da flagelação, da coroação de espinhos, da crucifixão que Ele deu a Sua vida pela humanidade.

Neste mesmo sentido, a *Ut Unum Sint* cita a carta aos Efésios: “[...] destruindo o muro de inimizade que os separava [...], pela Cruz levando em Si próprio a morte à inimizade’ (Ef 2,14-6), Ele fez a unidade entre o que estava dividido”.<sup>119</sup> É esta também a chave para compreender o estilo de vida ecumênica do Movimento dos Focolares. É amando Jesus crucificado e abandonado, porque se reconhece com amor o Seu vulto em cada dor, que se encontra a força para enfrentar e transformar o sofrimento: “[...] Ele manifestou o Seu amor, sobretudo com o sacrifício de si mesmo na cruz e no abandono. Jesus abandonado é o nosso estilo de amor”<sup>120</sup>.

Hoje, para edificar plenamente a comunhão no amor recíproco, é importante contemplar, sobretudo, esta dor de Jesus e espelhar-se nela. Jesus se ofereceu para tirar os pecados do mundo e reunir os homens separados de Deus. Por consequência, desunidos entre eles, o único modo para realizar esta Sua missão foi experimentando em Si a abissal separação entre Ele, Jesus, que é Deus, e o Pai: sentiu-se abandonado por Ele. Jesus, porém, volta a abandonar-se no Pai: “Em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46). Assim ele superou essa imensa dor e reconduziu os homens ao Pai e à aceitação recíproca. Portanto, não é difícil ver que

---

<sup>119</sup> UUS, n. 5.

<sup>120</sup> LUBICH, Chiara. *A Unidade e Jesus Abandonado*. São Paulo: Cidade Nova, 1985. p. 62-63.

é exatamente Jesus abandonado aquele que deve guiar e iluminar o caminho ecumênico:

O mesmo diria diante das divisões maiores, como aquelas entre as nossas Igrejas: temos que trabalhar para recompor a plena e visível comunhão. [...] Experimentaremos que Jesus abandonado, amado, é sempre a chave da unidade: nele encontraremos o motivo e a força para não fugir desses males, mas para dar a nossa solução pessoal e coletiva. A cultura da comunhão tem como caminho e modelo Jesus crucificado e abandonado.<sup>121</sup>

O amor recíproco vivido com esta medida leva, em consequência, a atuar a unidade e esta, colocada em prática, tem como efeito um elemento chave para um ecumenismo vivo. E aqui se reforça a idéia da presença de Jesus entre várias pessoas, na comunidade: “Onde dois ou três estiverem reunidos no meu nome, ali estou eu no meio deles”. (Mt 18,20). E é Ele quem dá vigor e força neste processo de superação de toda e qualquer barreira. Nesse sentido, o Padre Richard Quinlan, um pároco de Londres, participante ativamente da espiritualidade do Movimento dos Focolares, expressa:

No bairro londrino de Putney, o ecumenismo era um valor apreciado, sobretudo, quando praticado pelos outros! Contudo, há dez anos, iniciamos uma grande mudança: passamos de um Conselho local de Igrejas diferentes a uma Igreja reunida por um profundo entendimento de amor. Isso significou um empenho profundo para agirmos juntos, para partilharmos o que temos em comum e nos respeitarmos mutuamente, quando não é possível caminhar lado a lado. [...] O que cresceu entre as diversas Igrejas e o respectivo clero foi o respeito mútuo, que nos levou a amar a Igreja do outro como amamos a nossa. Não escondemos nem abolimos as diferenças. Ao contrário, aceitamos as tradições de todos sem a preocupação de corrigir as que são diferentes das nossas. [...] Isso gera a presença de Cristo entre nós, em nossas associações e fraternidades. [...] Naturalmente, há sempre um preço a pagar em qualquer iniciativa. O seu nome é Jesus crucificado e abandonado. Ele está presente para ser amado e para fazer surgir um novo germe de vida. Poderíamos dizer que a nova e maravilhosa Igreja do futuro acontecerá na medida em que experimentarmos Jesus crucificado e abandonado. É Ele quem abre e fecha as portas do diálogo. Foi assim que começamos a descobrir uma nova identidade no clero de nossa diocese em Putney [...].<sup>122</sup>

<sup>121</sup> LUBICH, Chiara. *Por uma Cultura de Comunhão*: Discurso de Chiara Lubich em Stuttgart: Stuttgart, Alemanha. 12 Maio 2007. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo E).

<sup>122</sup> REVISTA MUNDO E MISSÃO. Evangelização e Ecumenismo. Disponível em: <<http://www.pimenet.com.br/mundoemissao/evangplano.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2008.

Portanto, o restabelecimento de toda unidade dá-se não pela análise dos eventuais problemas ou causas de desunidades, mas pelo amor mais radical a Jesus abandonado presente na cotidianidade dos membros do Movimento. A unidade é o fruto maduro do amor a Jesus abandonado. Esse amor liberta as pessoas de si mesmas, dos afetos, dos bens, de tudo o que possa impedir a unidade. Esse amor gera a unidade com Deus e a unidade com os irmãos. Essa unidade é identidade e integração, quer seja em nível pessoal, quer seja em grupo. Através desta intimidade com Jesus abandonado, a comunidade se torna verdadeiramente pascal: comunidade do Ressuscitado. Enfim, para ser *um*, vive-se o amor radicado no abandono de Jesus na cruz, o qual, dando Seu Espírito, gera a comunhão: “[...] nós somos muitos e formamos um só corpo em Cristo, sendo membros uns dos outros”. (Rom 12,5).

A partir do que foi apresentado nesse capítulo, pode-se dizer que o *diálogo da vida*, que nasce de um profundo relacionamento de amizade, amadurecido e que é sustentado pela vivência da cruz de Cristo, é uma das contribuições específicas do Movimento dos Focolares ao ecumenismo. A seguir, será oferecida uma sua segunda contribuição à caminhada ecumênica, proposta esta de cunho mais prático: trata-se do *Projeto da Economia de Comunhão na Liberdade*.

### 3 ECONOMIA DE COMUNHÃO: UM PROJETO

*A Economia de Comunhão  
é uma construção toda de amor,  
só de amor, [...].  
É uma obra que, sendo amor,  
não permanecerá  
somente nesta terra, mas, [...],  
que permanecerá na outra vida.<sup>123</sup>*

Os carismas são modos diferentes, porém complementares de viver o Evangelho. Como a vida da Igreja é um progredir rumo à plenitude do Reino de Deus, cada carisma suscitado pelo Espírito Santo compreende, em si, todos os anteriores e, ao mesmo tempo, traz uma novidade na compreensão da palavra de Deus.

Os capítulos anteriores evidenciaram que a novidade do carisma do Movimento dos Focolares é a unidade, a qual é o ponto central da mensagem de Jesus e do Seu testamento: “Que todos sejam um para que o mundo creia” (Jo 17,21). Assim, é constituída uma espiritualidade que coloca, no seu centro, os dois pólos fundamentais da ética cristã: a caridade e a comunhão.

Típico da espiritualidade da unidade é o fato de ser uma espiritualidade coletiva: a comunhão que dela desabrocha não é coletivismo nem companheirismo, mas transcende tanto o coletivismo como o individualismo. É uma terceira alternativa

---

<sup>123</sup> LUBICH, Chiara. *Economia de Comunhão: História e Profecia*. São Paulo: Cidade Nova, 2004. p. 52.

que privilegia a pessoa como alguém que é se está em comunhão com os demais. Dentro dessa perspectiva, deduz-se que não há separação entre conversão individual e reforma das estruturas sociais e políticas; entre moralidade pessoal e ética social.

Os grandes problemas da humanidade, sem negligenciar a contribuição da ciência e da tecnologia, só poderão ser resolvidos através da reconstrução da comunhão humana em todos os níveis. Aqui está a importância da vivência coerente por parte de cada cristão. Se cada cristão viver a sua fé, será caridade viva. E esse viver a fé tem conseqüências, transformando o ambiente que o circunda. De fato, a ética cristã é uma ética da caridade e, da mesma forma que essa caridade é o amor que existe em Deus, também a ética cristã é a ética da comunhão.

Foi, então, como resultado da vivência da espiritualidade da unidade – espiritualidade esta embasada na vivência radical do Evangelho - que nasceu em 1991, durante uma visita de Chiara Lubich ao Brasil, o Projeto da Economia de Comunhão na Liberdade. Este capítulo dedica-se à apresentação de tal Projeto que, colocado em prática conjuntamente por membros de diferentes Igrejas, tem muito contribuído para gerar relacionamentos e estruturas sociais verdadeiramente justas e de acordo com a dignidade do ser humano.

### **3.1 A gênese da economia de comunhão**

A proposta do Projeto da “Economia de Comunhão na Liberdade” foi lançada por Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, em maio de 1991, na ocasião de sua visita às comunidades dos Focolares no Brasil. Sua idéia principal consistiu em fundar ou reorganizar empresas e indústrias, de todos os setores da economia, a fim de obter lucros que pudessem ser livremente partilhados. Os lucros

partilhados são divididos em três partes: uma parte destinada para o desenvolvimento da própria empresa; outra parte ajudaria àqueles que estão em necessidade; e uma terceira parte destinada ao desenvolvimento das estruturas necessárias para a formação de “homens novos” (cf. Ef 4,24). Isso aconteceria também pelo ânimo do amor cristão, sem o qual não é possível conceber uma economia de comunhão e uma cultura da partilha.

Assim que Chiara anunciou a Economia de Comunhão, os membros do Movimento dos Focolares foram atraídos por esse Projeto através de uma impressionante participação. Para o Projeto, foram colocados à disposição terrenos, casas, meios econômicos e capacidades; muitas empresas nasceram e muitas se transformaram segundo os parâmetros da Economia de Comunhão na Liberdade<sup>124</sup>. A adesão foi imediata não só nas várias comunidades do Brasil, mas também entre os membros de outras nações e de outros Continentes. Hoje existem cerca de oitocentas e cinquenta empresas que participam do Projeto.

Com a Economia de Comunhão (EDC), Chiara Lubich propõe a todos àqueles que atuam no campo da economia que partilhem os lucros, e, desta forma, é possível transformar os bens materiais em instrumentos de fraternidade. Esse novo modelo de economia tem sido aprofundado por estudiosos e por empresários de diversas partes do mundo. Desses estudos está emergindo um quadro interessante sobre os possíveis desenvolvimentos deste modo de conceber a gestão de uma empresa. Além disto, a validade da proposta de Chiara Lubich começa a ser reconhecida em âmbito acadêmico. Devido à Economia de Comunhão, Chiara Lubich recebeu três doutorados *honoris causa*: em Ciências Sociais pela Universidade de Lublin (Polônia); em Economia pela Universidade Católica de

---

<sup>124</sup> Aqui, ao utilizar a expressão *parâmetros da Economia de Comunhão*, refiro-me às características específicas do Projeto já citadas no parágrafo acima.

Pernambuco (Brasil); e em Economia e Comércio pela Universidade Católica do Sagrado Coração de Piacenza (Itália).

A Economia de Comunhão, expressão da espiritualidade da unidade na vida econômica, pode ser compreendida, em sua integridade e em sua complexidade, somente se inserida no contexto da visão do homem e da sociedade que brota da espiritualidade do Movimento dos Focolares. Espiritualidade que provém do Evangelho vivido, do qual nasce a partilha, a comunhão, a unidade. Nas palavras da própria Chiara Lubich:

A Economia de Comunhão tornou-se viável, porque nasceu num contexto cultural bem determinado: a cultura do amor, que requer comunhão, unidade, e ajuda a visar a um mundo novo, a criar um povo novo, com uma cultura nova, que traz em si aqueles valores dos quais somos mais ciosos.<sup>125</sup>

A este respeito, na cerimônia de entrega do doutorado *honoris causa* a Chiara Lubich pela Universidade de Piacenza (1999), o professor de Economia Stefano Zamagni falou sobre:

[...] uma necessária re-fundação das categorias econômicas, justamente porque nesse agir econômico entram em ação fatores desconhecidos à teoria econômica dominante, como a comunhão, em oposição ao individualismo, o doar, em oposição ao possuir, a centralização do homem com valores de plena realização, confiança, felicidade, que se revelam como fatores produtivos.<sup>126</sup>

### **3.2 A vivência da partilha a partir da espiritualidade do Movimento dos Focolares**

A fim de compreender melhor a proposta do projeto da *Economia de Comunhão na Liberdade*, é necessário retomar os objetivos e a espiritualidade do Movimento dos Focolares. Como mencionado anteriormente, embora tenha nascido

<sup>125</sup> LUBICH, 2004, p. 46.

<sup>126</sup> Parte do pronunciamento de Stefano Zamagni na outorga do doutorado *honoris causa* a Chiara Lubich pela Universidade de Piacenza, 1999. Economia de Comunhão. Doutorado h.c. Piacenza (Itália). 21. fev. 2000. Disponível em: <[http://focolare.org/br/edc\\_pt.html](http://focolare.org/br/edc_pt.html)>. Acesso em: 27 out. 2009).



no seio da Igreja Católica, o Movimento difundiu-se rapidamente entre pessoas das mais diversas Igrejas, religiões e culturas. Como consequência disso, desenvolveu-se um profícuo diálogo ecumênico e inter-religioso. Assim, estão inseridos, no Movimento, membros de várias confissões cristãs, membros de outras religiões, inclusive, pessoas que não professam uma fé ou uma crença religiosa, mas que anseiam por uma sociedade mais fraterna, embasada nos valores da justiça, da igualdade e da paz.

No início da experiência de Chiara, o que também é seu fundamento, está a compreensão de que Deus é Amor. Tal compreensão inaugura um novo conhecimento de toda a realidade enquanto reflexo do amor trinitário. Tudo o que existe está numa relação de amor recíproco, numa relação de comunhão que gera a unidade. Desse modo, o Movimento dos Focolares coloca suas raízes no amor recíproco e na unidade e o carisma permeia sua espiritualidade.

E é justamente por essa espiritualidade da unidade que o Movimento consegue unir de forma harmoniosa pessoas tão diferentes por convicções e culturas. A unidade é considerada a expressão suprema do amor cristão. Os principais pontos-chave da espiritualidade do Movimento estão fundamentados e voltados à unidade. Através da unidade, Chiara sempre conduziu os membros do Movimento a olharem para o alto:

Na Economia de Comunhão nada se consegue fazer se não houver na base a cultura do dar, que é o Evangelho. O Evangelho é amor, porque Deus é amor, e nós devemos ser o amor. Concretamente amor significa dar. Sem dar, sem servir, sem ajudar, não existe amor, existe sentimentalismo. Portanto é preciso sem dúvida que haja na base uma transformação do *homem velho* em *homem novo*, com diz São Paulo, e, por conseguinte, que seja subtraído o egoísmo, que sejam eliminadas as divisões, que haja o amor e a unidade.<sup>127</sup>

---

<sup>127</sup> LUBICH, 2004, p. 65.

Portanto, a espiritualidade presente no Movimento dos Focolares investe a pessoa no seu todo e a ajuda a estabelecer um relacionamento de unidade, de filiação com Deus, de fraternidade com os demais irmãos. Esse relacionamento deve ser traduzido em gestos concretos sob todos os aspectos da vida, também do ponto de vista sócio-econômico; além disso, deve-se respeitar a liberdade da pessoa, espelhando a comunhão típica da espiritualidade evangélica do Movimento.

De fato, ao observar a história do Movimento, constata-se que a vida dos seus membros, desde o início, foi caracterizada pela prática espontânea da comunhão dos bens. Com suas primeiras companheiras, Chiara Lubich colocou em comum as poucas coisas pessoais, retendo para si o estritamente indispensável. A comunhão originária, de corações e de bens, semelhante à prática das primeiras comunidades cristãs (cf. Atos 4, 32-37), eco dos ensinamentos de Jesus, havia perdido a sua força ao longo da vida da Igreja. A comunhão cristã enfraqueceu, apesar de que sua prática ainda acontecia em mosteiros, em conventos e em algumas comunidades de leigos.

Através deste carisma emergia como uma possibilidade para as multidões, para todo o povo cristão, com todos os frutos e conseqüências que amadureceram mais tarde. Era forte a consciência, para aquele primeiro grupo, do que aconteceria:

Nós tínhamos como meta atuar a comunhão dos bens ao máximo alcance que pudéssemos pensar, porque não é que nós queríamos amar os pobres pelos pobres, ou apenas amar Jesus nos pobres, nós queríamos resolver o problema social.<sup>128</sup>

Em diversas ocasiões, Chiara Lubich voltou a este assunto. Mesmo que fossem poucas pessoas e estivessem dando os primeiros passos na nova aventura, a convicção era de chegar ao mundo inteiro com a meta da comunhão. Contudo,

---

<sup>128</sup> LUBICH, Chiara. *Linhas Mestras para o aspecto: Comunhão dos Bens e Trabalho*. São Paulo: Cidade Nova, 1983. p. 18.

naquela época, as pessoas do Movimento estavam conscientes de que com aquilo que faziam poderiam atingir somente a cidade de Trento.

O que eu sentia fortemente dentro de mim era atuar a comunhão dos bens na cidade de Trento, porque não podia ir mais além. Eu pensava: Existem duas ou três localidades onde existem pobres [...] vamos até eles, levemos o que temos e dividamos com eles.<sup>129</sup>

Portanto, a base de tudo é um raciocínio muito simples, mas com efeitos revolucionários: realizar a igualdade entre todos. Não se tratava de uma comunhão dos bens finalizada apenas em obras caritativas ou assistenciais para socorrer alguns. Havia uma viva atenção à questão social e ao desejo de contribuir para a sua solução.

Em Trento no ano de 1943, na cidade atingida pelos horrores da II Guerra Mundial, os primeiros membros da comunidade do Movimento recolhiam alimentos, vestuário e remédios e os distribuíam não só para aqueles que aderiam ao Movimento. Em poucos meses eram, aproximadamente, quinhentas pessoas que auxiliavam os doentes, os sem-teto, os mutilados, os presidiários, as pessoas que perambulavam entre os destroços da guerra. O Movimento se empenhava também em encontrar trabalho para quem não o tinha.

A confiança na Providência: “Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6,33) era vida cotidiana. Assim, foi justamente essa vida de comunhão e partilha dos bens a premissa e o fundamento para o projeto da Economia de Comunhão.

Muitas iniciativas e ações internacionais concretizaram-se nos mais variados contextos sociais, sobretudo as ações que foram ao encontro das exigências dos mais pobres e marginalizados, ou por ocasião de calamidades naturais, ou para

---

<sup>129</sup> LUBICH, 1983, p. 18.

ajuda a países em graves dificuldades. Tais iniciativas decorrem naturalmente, como um fruto da espiritualidade que anima os membros do Movimento dos Focolares. Esses membros almejam dar visibilidade ao amor ensinado pelo próprio Jesus: “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei” (Jo 13, 34) até ao ponto de gerar a unidade que é a idéia central do Movimento.

### 3.3 A vivência da reciprocidade na economia

Alguém poderia perguntar-se: ‘Mas o que levou Chiara Lubich a lançar o Projeto da Economia de Comunhão na Liberdade?’ Um primeiro motivo que inspirou Chiara a lançar o Projeto no Brasil foi o fato de ela haver *tocado com as próprias mãos* os fortes contrastes sociais existentes no Brasil. Embora ela já os conhecesse pessoalmente através de viagens feitas na década de 1960, agora Chiara encontrou os contrastes sociais ainda mais agravados e isso lhe causou um forte impacto.

Em São Paulo, com seus enormes arranha-céus, circundados por inúmeras favelas, Chiara Lubich encontrou aquilo que o Cardeal Paulo Evaristo Arns definiu plasticamente como a “coroa de espinhos”, onde milhões e milhões de pessoas vivem em condições desumanas. Essa é a situação do Continente latino-americano, causada pelas “[...] estruturas de pecado [...]”,<sup>130</sup> como definiu o Papa João Paulo II.

De fato,

[...] Chiara Lubich ficou impressionada com a extrema miséria e com as muitas favelas que [...] circundavam a cidade; uma impressão profunda causada principalmente pelo enorme contraste entre aqueles barracos [...] e os muitos arranha-céus luxuosos. O problema social, sempre muito vivo nela, por uma inspiração, apresentou-se a ela naquele momento em toda a sua dureza e dramaticidade. Depois chegou [...] com um forte sentimento íntimo: à urgência de fazer algo concreto para aquelas pessoas.<sup>131</sup>

<sup>130</sup> JOÃO PAULO II. *Aprendendo com João Paulo II – Pecado Social e Pecado Pessoal*. Disponível em: <<http://www.universocatolico.com.br/content/view/1052/3/>>. Acesso em: 29 dez. 2008.

<sup>131</sup> BRUNI, Luigino. *Comunhão e as Novas Palavras em Economia*. São Paulo: Cidade Nova, 2005. p. 26.

Além do impacto com a realidade brasileira, deve-se considerar uma forte intuição que Chiara Lubich teve há mais de cinqüenta anos e que deu um impulso à economia de comunhão. Ela estava em Einsiedeln, na Suíça, pequena localidade, que hospedava um notório santuário mariano com uma abadia beneditina em seu centro. Um dia, do alto de uma colina, Chiara Lubich e suas companheiras observavam a belíssima Igreja onde os monges rezavam; observavam o conjunto de casas onde moravam, a escola onde estudavam e os terrenos ao redor onde exerciam suas atividades. Ali, Chiara viu realizado o carisma de São Bento: *ora et labora*. Após alguns anos, em 1964, surgiu Loppiano, a primeira das trinta e cinco cidadezinhas atualmente espalhadas no mundo todo. Entre estas, está a Mariápolis Ginetta, onde Chiara lançou a proposta da Economia de Comunhão.

Outro motivo que inspirou Chiara a lançar o Projeto da Economia de Comunhão na Liberdade foi a reflexão sobre a *Encíclica Centesimus Annus*<sup>132</sup>, publicada em maio de 1991. As reflexões decorrentes da Encíclica aconteceram justamente nos dias em que Chiara preparava-se para sua viagem ao Brasil. Assim Chiara Lubich exprime a sua reflexão:

Ora, depois da queda do coletivismo comunista, o Papa reafirma a Doutrina Social Cristã, o direito à propriedade privada, a liberdade de associação e a salvaguarda dos direitos humanos sob todos os aspectos. É fala, simultaneamente, do objetivo social e universal da propriedade, e da solidariedade, até sugerir a idéia de uma economia mundial. Foram justamente a lembrança daquela primeira intuição de nossas cidadezinhas e a reflexão sobre a *Centesimus Annus* que nos levaram a considerar um elemento essencial da espiritualidade do nosso Movimento: o seu aspecto socioeconômico. Ele enfatiza a comunhão de bens; e não só a enfatiza, mas a realiza há quarenta e sete anos sob diversas formas. [...] Todos os membros do Movimento, de modo mais ou menos radical e sempre com liberdade, vivem a comunhão de bens. É um elemento novo. De fato, todo carisma que surge na Igreja traz uma novidade implícita no Magistério e nas Sagradas Escrituras, mas que o Espírito Santo torna explícita por meio daquele determinado carisma. Nós explicitamos a necessidade de o cristão atuar, livremente, a comunhão de bens.<sup>133</sup>

<sup>132</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Centesimus Annus: Carta Encíclica no Centenário da Rerum Novarum*. Petrópolis: Vozes, 1991.

<sup>133</sup> LUBICH, 2004, p. 12-13.

Chiara pensou, então, qual seria a contribuição que o Movimento poderia dar na América Latina. Ela viu que todos os membros do Movimento deveriam fazer um salto de qualidade no campo social. Por isso, Chiara propôs que a comunhão de bens fosse mais ampla.

A partir da Mariápolis Ginetta e depois das outras cidadezinhas do Movimento, graças à comunhão dos bens, surgiram empresas e indústrias, administradas por pessoas competentes, capazes de fazê-las funcionar com a máxima eficiência e obtenção de lucros. A novidade de Chiara Lubich consiste exatamente nisto: esses lucros, repartidos entre aqueles que participam do capital, deveriam, livremente, ser colocados em comum. Deste modo, poderia nascer uma economia de comunhão e a Mariápolis Ginetta seria um modelo para tal economia. A esse respeito, são apropriadas as palavras de Chiara na sua conversa com os habitantes da Mariápolis Ginetta: "Comecemos por essa Mariápolis brasileira, justamente para partir de um lugar do mundo onde os problemas sociais são especialmente dramáticos, mas também onde o ímpeto para enfrentá-los é mais intenso. Além disso, sabemos, que o exemplo arrasta".<sup>134</sup>

A novidade de tal proposta está exatamente na destinação dos lucros, os quais não seriam exclusivamente para incrementar o capital, mas também para objetivos de justiça social.

[...] Mas o lucro deve ser posto em comunhão com todos, para aliviar os pobres, dando assim o exemplo de uma sociedade em que não haja pobres. Não basta um pouco de caridade, uma ou outra obra de misericórdia, um ou outro supérfluo de pessoas isoladas. É necessário que empresas inteiras ponham livremente em comum o próprio lucro que obtiverem. Uma tarefa particular é formar *homens novos*, porque sem homens novos nada faremos. Essas empresas, hoje pequenas, mas que amanhã crescerão, serão uma realidade na comunhão de lucro, se houver *homens novos*.<sup>135</sup>

---

<sup>134</sup> LUBICH, 2004, p. 15.

<sup>135</sup> LUBICH, 2004, p. 62

Baseado no que foi dito, pode-se constatar que ocorre um aprofundamento do conceito de comunhão dos bens. De fato, enquanto nesta existe apenas o ato de doar, na Economia de Comunhão há um uso ativo dos bens, que “[...] são colocados em circulação no tecido social para que por sua vez produzam outros”.<sup>136</sup> Ao mesmo tempo, a Economia de Comunhão pressupõe a comunhão dos bens tanto no sentido de formação de capital, como na distribuição dos lucros. A Economia de Comunhão, portanto, investe no trabalho e na empresa, ambos destinados a colocar em comum os recursos. Desse modo, a empresa se torna um instrumento na construção de uma economia que esteja a serviço de todos, colaborando, assim, para “[...] construir uma sociedade mais justa e fraterna”.<sup>137</sup>

Quanto aos empresários, eles representam uma nova ética empresarial: os relacionamentos organizativos internos devem ser orientados para a fraternidade, e a relação com os fornecedores, clientes e com a administração pública deve seguir a mesma linha. Já os trabalhadores das empresas são tão fundamentais quanto os donos e os sócios das empresas, pois também estes possuem a tarefa de transformar tais firmas em empresas de comunhão. Os pobres, que, numa visão tradicional da solidariedade para com as pessoas carentes teriam um papel passivo, segundo o Projeto da Economia de Comunhão passam a ser considerados agentes, parte ativa, fundamental do Projeto. Os pobres se tornam integrantes, participantes desta fraternidade que se almeja realizar.

Assim, nas empresas da Economia de Comunhão, procura-se, de modo especial, estabelecer relações de lealdade e respeito. Relações motivadas por um sincero espírito de serviço e de colaboração com os clientes e fornecedores, com a

---

<sup>136</sup> COSTA, Rui, et al. *Economia de Comunhão: projeto, reflexões e propostas para uma cultura da partilha*. São Paulo: Cidade Nova, 1998. p. 8.

<sup>137</sup> DIÁLOGO com o Leitor. *Revista Cidade Nova*, São Paulo, ano XLII, n. 5, p. 3-5, 2000. p. 3.

administração pública e, até mesmo, com os concorrentes. Da mesma forma, procura-se valorizar os funcionários, formando-os e envolvendo-os como possível na gestão da empresa.

Aqui é importante salientar que esta relação de reciprocidade entre a direção da empresa e seus funcionários não tem por objetivo obter resultados quantitativos. Porém, é evidente que as conseqüências de novas posturas como estas propiciam uma maior satisfação dos funcionários, os quais passam a trabalhar com maior prazer e compromisso, trazendo vantagens para a empresa. É a gratuidade que gera reciprocidade. Portanto, pode-se afirmar que os diversos agentes do Projeto da Economia de Comunhão, cada um com sua contribuição específica, desejam formar uma comunidade fraterna, onde todos possam contribuir com igual dignidade.

Os adeptos de tal Projeto se empenham em dar atenção ao ambiente de trabalho e ao respeito à natureza, mesmo quando isto significa ter que enfrentar investimentos de custo elevado. Além disso, buscam cooperar com outras realidades empresariais e sociais em nível local e em nível internacional.

Muitas pessoas se perguntam como podem sobreviver no mercado empresas tão atentas às exigências de todos os sujeitos com que tratam e ao bem de toda a sociedade. Com certeza, o espírito que as anima ajuda-as a superarem os contrastes internos que dificultam e, em certos casos, paralisam as organizações humanas. Além disso, seu modo de atuação atrai a confiança e a estima de clientes, fornecedores ou financiadores. Não devemos, contudo, esquecer um outro elemento essencial que vem acompanhando constantemente o desenvolvimento da Economia de Comunhão durante esses anos. Nessas empresas dá-se espaço à intervenção de Deus, também na atuação econômica concreta. E experimenta-se que, depois de toda escolha que vai na contracorrente, desaconselhada pela prática dos negócios costumeira, Ele não deixa faltar aquele acréscimo que Cristo prometeu: uma receita imprevista, uma oportunidade inesperada, a oferta de uma nova colaboração, a idéia de um novo produto de sucesso [...].<sup>138</sup>

É importante salientar que *dar espaço à intervenção de Deus* ocorre através da vivência das palavras de Jesus. Afinal, foi Ele mesmo quem afirmou: “Buscai, em

---

<sup>138</sup> LUBICH, 2004, p. 35.



primeiro lugar, o Reino de Deus a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6,33). A doutrina social da Igreja ensina-nos que os bens materiais não são a verdadeira riqueza, mas que antes de tudo está Deus.<sup>139</sup>

Os bens servem para assegurar ao indivíduo as suas necessidades e para garantir-lhe certa autonomia. Todavia, o indivíduo não pode desvincular-se da relação com os outros seres humanos, já que ele é um ser social. As próprias necessidades são medidas em relação a de outros indivíduos. Portanto, o *possuir* pode encontrar o seu verdadeiro significado apenas na *partilha*. A este respeito, a socióloga Vera Araújo escreve o seguinte:

Além do que cada um precisa para suprir as suas necessidades fundamentais (alimento, roupas, habitação), para viver na sociedade à qual se pertence, começa a esfera do ‘dever de dar’, dever não apenas moral, mas também de justiça.<sup>140</sup>

O dar gratuito responde a mais profunda exigência da natureza humana. Logo, o ato de dar pode estar presente não apenas no agir econômico, mas constitui a necessidade, ainda que inconsciente, desta época tipicamente tecnológica, com enormes riquezas produzidas e mal distribuídas. A esse respeito, são relevantes as seguintes palavras da *Gaudium et Spes*: “Mas, para tanto, requerem-se muitas reformas na vida econômico-social e uma mudança de mentalidade e de hábitos por parte de todos”<sup>141</sup>. Para alcançar esse nível é preciso uma plena adesão que, sem dúvida, não pode ser imposta, mas que, se for verdadeira e profunda, torna-se, na consciência do indivíduo, uma espécie de norma de comportamento mesmo quando requer sacrifícios.

<sup>139</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Centesimus Annus*: Carta Encíclica no Centenário da *Rerum Novarum*. Petrópolis: Vozes, 1991, n. 61.

<sup>140</sup> ARAÚJO, Vera. Para superar o consumismo, a cultura do dar. *Revista Cidade Nova*, São Paulo, ano XXXV, n. 2, p. 19-21, 1993. p. 20 (Entrevista concedida a José Quartana).

<sup>141</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Gaudium et Spes* (GS): Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo, n. 63. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

Atualmente a atividade econômica é exasperada: produz-se para acumular e para possuir bens, produtos e serviços; no consumo se vê uma melhor qualidade de vida e, portanto, a felicidade. Isso prejudica a dimensão individual e social da vida humana.

### 3.4 Uma economia voltada à pessoa humana

Baseado no que foi exposto em relação à Economia de Comunhão na Liberdade, pode-se dizer que esta é um fato espiritual, sociológico e antropológico ao mesmo tempo. É um **fato espiritual**, porque para realizar a Economia de Comunhão é preciso ser renovado espiritualmente; é preciso sentir-se irmão de outras pessoas, todos filhos de um mesmo Pai. É um **fato sociológico**, porque se trata de um uso ativo dos bens e não de uma mera renúncia.

Na Economia de Comunhão, os bens são multiplicados e colocados em comunhão para outros objetivos, não para si mesmos. Em prática, na Economia de Comunhão, existe aquilo em que São Paulo sempre insistiu, sobretudo na carta aos Efésios: “[...] mas trabalhe com as suas próprias mãos, realizando o que é bom, para que tenha o que partilhar com o que tiver necessidade” (Ef 4,28). No tempo de Paulo, as necessidades eram alimentação e roupas. Atualmente, além de alimentos e roupas, outras necessidades emergem: emprego, moradia, condições básicas de saúde, de instrução, capacitação profissional, melhoria das condições sociais.

Em todas as experiências que estão sendo realizadas no mundo através da Economia de Comunhão é perceptível o surgimento de um novo modo de relações sociais concretas. Há pessoas que, à distância, colocam em comum os bens materiais, somas em dinheiro. Também há pessoas que se transferem para outros lugares, colocando em comum as capacidades profissionais, os talentos, as

habilidades empresariais, as competências pessoais, a serviço de regiões em vias de desenvolvimento para criar novas empresas e novas possibilidades de trabalho. Existem famílias que repensam seus investimentos e aplicam as suas economias em objetivos de solidariedade. O que surge é uma sensibilidade para as necessidades dos outros. Não se trata apenas de dar, mas sim de um doar-se totalmente.

Eis porque Chiara Lubich fala do nascimento de uma nova mentalidade: a *cultura do dar, a cultura da partilha*, capaz de despertar o sentido do social, já apagado em muitas pessoas. Essa nova cultura tem seu fundamento evangélico: “Dai, e vos será dado [...]” (Lc 6,38). Tal fundamento, prometido por Jesus, leva a assistir a intervenção da providência divina.

A Economia de Comunhão constitui um **fato antropológico**, porque no centro da Economia de Comunhão está o homem e o seu crescimento integral, ou melhor, esta é uma economia para o ser humano:

[...] Ela requer que se coloque no centro o homem e as relações interpessoais, evitando comportamentos contrários ao amor do Evangelho. Pede a valorização dos empregados mediante seu envolvimento na gestão [...].<sup>142</sup>

Também quem possui pouco pode tornar-se acionista, agente econômico em pequena escala, como fizeram e fazem muitos. Também os jovens e as crianças se tornam participantes ativos, tornando-se promotores de inúmeras iniciativas. Isso comporta um crescimento em dignidade humana, porque quem consegue libertar-se da mentalidade consumista, tende a horizontes sobrenaturais. Com a cultura da partilha, o indivíduo abre-se para a comunhão com Deus e isso o leva a estabelecer relações mais verdadeiras com os outros seres humanos e com a criação. Somente em Deus, o indivíduo encontra a sua mais autêntica realização. O sociólogo

---

<sup>142</sup> LUBICH, 2004, p. 55.

Tommaso Sorigi tem uma teoria a este respeito: ele diz que o ponto de amadurecimento de um ser humano é alcançado quando este consegue dar sem esperar o retorno<sup>143</sup>.

Confirmando tal pensamento, Chiara Lubich afirmou que é muito importante buscar o lucro da empresa, usando bem todas as capacidades econômicas e profissionais. Todavia, este não deve ser obtido, passando sobre os outros como acontece na economia moderna que, fechada em si mesma, leva a consumir sempre mais para produzir ainda mais. Busca-se o lucro, mas pede-se para colocar a pessoa humana no centro do agir econômico. É uma lógica nova, a economia adquire uma alma e, ao mesmo tempo, liberta-se e torna-se libertadora.

### 3.5 Trabalhar em comunhão

Na cultura da partilha, o trabalho readquire o seu valor espiritual e o seu significado original: tornar o homem consciente de que através de suas atividades ele torna-se partícipe “[...] na obra do Criador e, num certo sentido, continua, na medida das suas possibilidades, a desenvolvê-la e a completá-la, [...]”<sup>144</sup>. E, continua ainda a *Laborem Exercens*:

Esta verdade, segundo a qual o homem mediante o trabalho participa na obra do próprio Deus, seu Criador, foi particularmente posta em relevo por Jesus Cristo, aquele Jesus de quem muitos dos seus primeiros ouvintes em Nazaré ficavam admirados e exclamavam: ‘Donde lhe veio tudo isso? E que sabedoria é essa que lhe foi dada? Porventura não é este o carpinteiro?’<sup>145</sup>

Infelizmente, hoje são poucas as pessoas que realizam o próprio trabalho da maneira mais perfeita possível, pensando naqueles que podem usufruir dos

<sup>143</sup> SORGI, Tommaso. A Cultura do Dar. In: COSTA, Rui, et al. *Economia de Comunhão: projeto, reflexões e propostas para uma cultura da partilha*. São Paulo: Cidade Nova, 1998. p. 68. (p. 31-68)

<sup>144</sup> JOÃO PAULO II. *Laborem Exercens*: Carta Encíclica sobre o Trabalho Humano no 90º Aniversário da *Rerum Novarum*. São Paulo: Loyola, 1981, n. 25. Citada doravante pela sigla LE.

<sup>145</sup> LE, n. 26.

resultados do trabalho. Todos são absorvidos pelos deveres a cumprir, pelo lucro a obter, colocando, inevitavelmente, um freio no crescimento em humanidade e a própria realização.

Seguindo o pensamento de Chiara Lubich, no Movimento sempre se procurou acreditar no Amor de Deus e na Sua providência, ou seja, acreditar que Ele está realmente presente e que age na vida de cada ser humano. Deus é um Pai que acompanha cada um com a sua providência e pede que os homens Lhe deixem um pouco de espaço, pede aos homens que não confiem apenas nas suas próprias forças. Naturalmente, a consciência de que Deus não deixará faltar nada não significa que não seja necessário trabalhar, porque o próprio Jesus trabalhou durante a sua juventude.

Entretanto, é preciso evitar o risco de fazer do trabalho o único objetivo da vida, o seu centro. É importante empenhar-se, mas com espírito de desapego interior, porque somente quem “[...] deixar os campos [...]” (cf. Mt 19, 29; Mc 10, 30; Lc 18,30), receberá o cêntuplo sobre esta terra. (Cabe mencionar que por *campos* aqui entende-se também o trabalho).

O Reino de Deus deve ser buscado segundo o caminho indicado por Jesus. As pessoas não devem buscar o Reino sozinhas, mas junto com os demais irmãos. A união entre as pessoas leva à compreensão recíproca; ao sentimento de assumir como próprios os problemas alheios, a fazer próprias as fadigas dos outros, a encontrar novas formas de organização do trabalho. A conseqüência de tudo isso se torna evidente, porque o trabalho não se torna alienante, não leva ao anulamento da personalidade, mas, ao contrário, leva a um crescimento, porque cada pessoa vê nele o fruto da sua inteligência e das suas mãos.

O trabalho torna-se trabalhar com o outro em comunhão e um trabalhar para o outro, porque nele descobre-se a presença de Cristo: “Todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos a mim o fizestes” (Mt 25, 40). Deste modo, pode-se chegar a trabalhar com Deus e por Deus. Somente assim poderá acontecer a passagem da cultura do *ter* para a cultura do *dar*, da *partilha*. Portanto, “O apelo de Chiara Lubich pretende fazer desse dar a alma de novo modelo de comportamento econômico, provocando uma verdadeira revolução de concepções: no centro da economia está o homem. Mas que homem? O irmão”<sup>146</sup>.

A cultura da partilha não apenas inspira, mas está na base do Projeto da Economia de Comunhão. Não se trata de um *dar* contaminado pelo desejo de poder e de domínio sobre os outros, o que constitui apenas um dar aparente. Não se trata de um *dar* impulsionado pelo egoísmo que busca a própria satisfação e que leva o outro a sentir-se oprimido e humilhado. Também não se trata de um *dar* interessado que busca obter um retorno, ou seja, o próprio proveito. Estas diversas formas de *dar* alimentam sempre a mentalidade consumista.

Ao contrário disso, a cultura da partilha é gerada pelo dar evangélico e é parte integrante das atitudes daqueles que acolhem e se empenham na construção do Reino de Deus. Além do mais, a cultura da partilha oferece um crescimento da dignidade humana que não ignora usos, costumes, culturas, tradições, porque – como já mencionado, – liberta o indivíduo da mentalidade consumista e o impulsiona a novos horizontes em conformidade com o desígnio de Deus.

Pode-se dizer, enfim, que a Economia de Comunhão, como um instrumento privilegiado na edificação e difusão da cultura do dar, contribui de maneira singular na construção de um mundo mais unido, na construção da fraternidade universal. A

---

<sup>146</sup> SORGI, 1998, p. 67.

Economia de Comunhão representa o caminho para um desenvolvimento integral da pessoa humana, no respeito ao direito de todos os indivíduos ao desenvolvimento. O Projeto da Economia de Comunhão inclui o desenvolvimento integral de todas as capacidades humanas, seja no plano técnico material – o que exige competência – seja no plano espiritual, através do amadurecimento de uma consciência social que faz alargar os próprios horizontes às necessidades do próximo. E tudo isto no mais alto respeito à liberdade de cada um.

Portanto, o Projeto da Economia de Comunhão não se apresenta tanto como uma nova forma de empresa, mas quer transformar no seu âmago as estruturas empresariais de trabalho usuais, baseando todas as relações fora e dentro da empresa à luz de um estilo de vida de comunhão. É, ainda, característico deste novo modo de conceber o trabalho, que tem como base a cultura da partilha, contribuir para que se abram caminhos para um intercâmbio entre nações, gerando espaços ainda mais amplos de solidariedade.

### **3.6 Economia de comunhão: nasce uma cultura nova**

Após ter lançado a proposta da Economia de Comunhão Chiara Lubich, em uma entrevista concedida à Revista Cidade Nova, disse:

[...] o que me dá esperança de que a idéia da Economia de Comunhão se traduza em testemunho visível vem justamente da resposta prática que deram imediatamente aqueles que a compreenderam. E não só no Brasil, mas também nos países latino-americanos vizinhos e na Europa, oferecendo disponibilidades concretas de pessoas, de meios econômicos, de capacidades e competências específicas. Dizem desde já – como sempre acontece com os impulsos que vêm do Espírito – que essa Economia de Comunhão, que nos propomos colocar em prática como nossa contribuição específica para a realização da Doutrina Social da Igreja, terá um futuro. E haverá de contribuir para estimular uma nova mentalidade, um novo estilo de vida no campo socioeconômico.<sup>147</sup>

---

<sup>147</sup> LUBICH, 2004, p. 15-16.

Não se trata de um Projeto fechado, ao contrário, ele está adquirindo uma dimensão planetária. O Projeto nasceu para resolver o problema social dentro do Movimento, todavia, cada vez mais, seu alcance está fora do Movimento. Hoje, com a queda do coletivismo e com a crise do individualismo, há esperanças de que aconteça algo para resolver os problemas sociais e econômicos, visando as exigências mais verdadeiras do ser humano o qual - criado à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26) - aspira a mais plena comunhão.

Seguem algumas reflexões de expoentes na área acadêmica e/ou econômica poucos anos após o surgimento da Economia de Comunhão:

Jung Mo Sung, economista e teólogo coreano, residente no Brasil:

O grande aspecto positivo e, talvez, a principal razão do seu sucesso está no fato de ser uma proposta concreta e praticável imediatamente por pessoas de 'boa vontade'. A proposta de uma economia de comunhão, fundada na idéia da 'empresa como família', sobre a destinação social dos lucros e sobre uma nova espiritualidade, é muito louvável. O mérito desta proposta do Movimento dos Focolares reside, a meu ver, em três pontos principais:

1. assumir a questão econômica, tanto em nível teórico quanto prático, suscitando debates teóricos e realizando experiências novas, dentro da missão evangelizadora da Igreja;
2. propor caminhos concretos ao alcance dos indivíduos ou de pequenos grupos (particularmente naqueles setores da classe média e dos pequenos e médios empresários cristãos que se sentiam um pouco deixados de lado no discurso eclesial sobre os problemas sociais);
3. estimular a necessidade de pensar em novas formas de relações de trabalho dentro das empresas e entre as empresas. Estas novas formas se baseiam sobre uma nova espiritualidade que substitui a atual *espiritualidade capitalista*, mesmo se isto não é dito explicitamente.<sup>148</sup>

Pasquale Foresi, sociólogo e teólogo:

É verdade que Chiara Lubich freqüentemente, mesmo não tendo uma competência específica num certo campo, tem intuições que fazem emudecer as pessoas mais especializadas. Também neste caso concreto, não é que ela possui um conhecimento específico dos meandros e das complexidades da vida econômica. Porém, quando lançou esta idéia, ela a fez apoiar-se imediatamente sobre dois princípios: a liberdade na condução

<sup>148</sup> SUNG, J. M. apud ARAÚJO, Vera. Por uma economia de comunhão. *A Sociedade*. n. 8-9, p. 513-514, 1994. p. 513.



da empresa e o fato que livremente os proprietários poderiam colocar em comum os lucros. Eu fiz a seguinte reflexão: 'Talvez é mesmo o Espírito Santo que a ilumina', pensando que ela, justamente por não estar dentro dos aspectos técnicos da economia, era mais livre para ouvir a voz de Deus.

Em suma, creio que esta pode ser uma solução realmente grandiosa também por todas as implicações que comportará num plano não apenas nosso, mas também da Igreja e da sociedade civil.<sup>149</sup>

Adam Biela, na época Decano da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Lublin (Polônia) em seu pronunciamento durante o cerimonial de outorga do título de doutor *honoris causa* em Ciências Sociais a Chiara Lubich em Junho de 1996:

Chiara Lubich criou um novo fenômeno social que, indicando a possibilidade de aplicação de um novo paradigma de unidade, pode ter uma importante função inspiradora, com chance de encontrar-se na base das ciências sociais e de significar tanto quanto a revolução copernicana para as ciências naturais.<sup>150</sup>

Stefano Zamagni, professor de economia política na Universidade de Bolonha, assim afirmou em um Congresso sobre a Economia de Comunhão em abril de 1998:

A experiência da Economia de Comunhão é um desafio seja em nível propriamente intelectual, seja em nível propriamente existencial. Com relação às razões específicas que a caracterizam, com relação a outras formas de experiência..., vejo duas diferenças: a primeira é que na Economia de Comunhão, quem aceita livremente esta fórmula, não aceita separar o momento da produção de riqueza do momento da distribuição. O segundo elemento qualificativo é o contrapor-se à opinião segundo a qual a Ética pode submeter-se às exigências da economia. (...) A experiência da Economia de Comunhão demonstra que, ou se acredita em certos valores, como, por exemplo, a dignidade das pessoas, o respeito pela autonomia, a justiça - mas se acredita, independentemente dos resultados que estes valores trazem - ou então, o risco é a produção de efeitos perversos. Por estas duas razões, acredito que o modelo da Economia de Comunhão tenha todas as premissas para desenvolver-se e enriquecer-se.<sup>151</sup>

<sup>149</sup> FORESI, P. apud ARAÚJO, p. 514, 1994.

<sup>150</sup> BIELA, Adam. *Economia de Comunhão – O que falaram...* Disponível em: <[http://focolare.org/br/eco9\\_pt.html](http://focolare.org/br/eco9_pt.html)>. Acesso em: 21 Jan. 2010.

<sup>151</sup> ZAMAGNI, Stefano apud ECONOMIA de Comunhão – O que falaram... Disponível em: <[http://focolare.org/br/eco9\\_pt.html](http://focolare.org/br/eco9_pt.html)>. Acesso em: 21 Jan. 2010.

E o Padre Theodoro Peters, S. J., na ocasião Reitor da Universidade Católica de Pernambuco, em seu pronunciamento durante o cerimonial de outorga do título de doutor *honoris causa* em Economia a Chiara Lubich em Maio de 1998:

A sua luta incansável pela unidade, fundamentada no amor que vence tudo, levou-a a conceber aqui no Brasil, uma nova cultura - a cultura da partilha, que denominou Economia de Comunhão. Chiara Lubich faz o Evangelho transbordar no mundo social, econômico, transformando a água em vinho, isto é, a feroz competição capitalista em sinfonia humana de comunhão.<sup>152</sup>

Como foi dito anteriormente, as diversas implicações decorrentes a partir da proposta da Economia de Comunhão têm sido aprofundadas por estudiosos de vários campos e vem alcançando um amplo reconhecimento no mundo acadêmico. Segundo o Prof. Sérgio Zaninelli, então reitor da Universidade Católica de Piacenza (Milão), quando esta concedeu a Chiara Lubich o doutorado *honoris causa* em Economia e Comércio:

Eu diria que existe uma primeira perspectiva interessante, é justamente aquela dos teóricos, daqueles que procuram interpretar e direcionar os sistemas econômicos. Eles reconhecem que a experiência em economia dos focolarinos é significativa e digna de ser objeto de estudo, porque é concreta.<sup>153</sup>

Esses reconhecimentos a Chiara Lubich, além de dar maior visibilidade à proposta do Projeto da Economia de Comunhão, representam uma etapa significativa no processo de elaboração de teorias econômicas implícitas em tal Projeto. Além disso, o interesse do mundo acadêmico pelo Projeto da Economia de Comunhão, proposto por Chiara Lubich, insere-se no horizonte da pesquisa teórica encaminhada já há alguns anos por economistas, sociólogos e estudiosos de diversas disciplinas sobre essa nova teoria econômica de comunhão. Tal pensamento econômico tem sido objeto de congressos, seminários de estudos

<sup>152</sup> PETERS, Theodoro apud ECONOMIA de Comunhão – O que falaram... Disponível em: <[http://focolare.org/br/eco9\\_pt.html](http://focolare.org/br/eco9_pt.html)>. Acesso em: 21 Jan. 2010.

<sup>153</sup> ZANINELLI apud DOCUMENTÁRIO sobre o doutorado *honoris causa* em Economia e Comércio a Chiara pela Universidade Católica do Sagrado Coração. Piacenza, 29 de janeiro de 1999. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo G).

organizados por universidades e centros culturais, no Brasil, na Colômbia, na Polônia, em Portugal, na Itália e em tantos outros países.

## CONCLUSÃO

Ao longo desse trabalho buscou-se oferecer um panorama histórico da caminhada percorrida pelo movimento ecumênico, traçando alguns de seus desafios e de suas perspectivas. A trajetória ecumênica pode dar um novo vigor no desejo de trabalhar pela plena realização do “Que todos sejam um” (Jo 17, 21).

Esta dissertação procurou mostrar como um dos novos movimentos eclesiais, o Movimento dos Focolares, fundado por Chiara Lubich, vem contribuindo de forma determinante para a concretização da plena unidade entre as Igrejas, já que o Movimento tem justamente a *unidade* como seu fim específico. Assim, o Movimento dos Focolares possui uma ampla e profunda bagagem ecumênica que, no decorrer dos mais de sessenta anos de sua existência, muito tem auxiliado na sensibilização e na formação dos cristãos, levando-os a uma maior experiência de comunhão fraterna.

Gostaria aqui de compartilhar parte da mensagem que Chiara Lubich, em uma de suas visitas ao Brasil, dirigiu à Trigésima Sexta Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em 27 de abril de 1998. Nessa mensagem, na qual ela reporta sua experiência no campo ecumênico, encontram-se elementos que estão em perfeita sintonia e que retratam aspectos abordados no decorrer dessa dissertação.

[...] Se nós cristãos, hoje, no limiar do terceiro milênio, recapitularmos os dois mil anos da nossa história e, sobretudo, a do segundo milênio, não podemos evitar a consternação por constatar que muitas vezes ela foi um alternar-se de incompreensões, de atritos, em lutas que rasgaram em muitas partes a túnica sem costuras de Cristo, que é a sua Igreja.

De quem é a culpa? É claro que das circunstâncias históricas, culturais, políticas, geográficas, sociais, mas também do desaparecimento, entre os cristãos, de um elemento unificante, típico deles: o amor. [...] Viver uma espiritualidade ecumênica significa dar aos homens e às mulheres uma possibilidade maior de viverem e revelarem-se como filhos e filhas de Deus. [...] Uma espiritualidade de comunhão, portanto. E a unidade é a característica que poderá resumi-la por completo.<sup>154</sup>

Nessa pesquisa, foi apresentado, como caminho para se chegar à unidade, o caminho da amizade. A amizade constitui um campo de profunda convivência entre os seres humanos, levando-os a, quase que naturalmente, superarem as tendências egoístas intrínsecas a sua natureza. Foi salientado, que, muitas vezes, o espírito individualista que se infiltra no relacionamento entre indivíduos e no relacionamento – em maior escala – entre instituições não é tão simples de ser superado. Assim, foi vislumbrada a proposta de amizade, partindo da ótica de Jesus Cristo cuja medida de amor é aquela de dar a própria vida pelos amigos: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13).

Prosseguindo, através de uma hermenêutica da cruz, apresentou-se o *segredo* para concretizar tal proposta: a cruz de Cristo. Essa foi apresentada como a *chave* capaz de compor e recompor os laços de amizade. A cruz de Cristo recompõe os laços de amizade ameaçados e leva a um amadurecimento até o ponto de gerar a comunhão no amor recíproco. Partindo desse ponto de vista, constatou-se que Jesus crucificado e abandonado é de extrema importância para o diálogo ecumênico: Ele que assumiu em si todas as divisões, todas as dores.

Apresentou-se a experiência ecumênica do Movimento dos Focolares com a proposta do *diálogo da vida*. Proposta que pode ser considerada uma das contribuições específicas do Movimento à caminhada ecumênica. Aqui as palavras de Segundo Galilea são apropriadas: “A amizade se pratica e cresce compartilhando

---

<sup>154</sup> LUBICH, Chiara. *Pronunciamento de Chiara Lubich na 36ª Assembléia da CNBB*, 1998. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares).

tempo e momentos com o amigo”. Em resumo, essa é a idéia central do *diálogo da vida* que, não desvinculada do elemento da cruz, procura construir pontes para restaurar e/ou fortificar os vínculos de unidade.

Porém, essa comunhão, essa unidade a qual se almeja não é um fim em si mesma, mas deve ser mostrada e levada à humanidade que não conhece Deus, que não sabe o que significa a esperança: “Que sejam um para que o mundo creia”. (Jo 17,21). Nesse contexto, foi apresentado, no terceiro capítulo, uma outra contribuição específica oferecida pelo Movimento dos Focolares à caminhada ecumênica: o *Projeto da Economia de Comunhão na Liberdade*. A esse Projeto aderem e empenham-se diretamente membros de diversas Igrejas. Eles trabalham conjuntamente, mobilizando as energias no sentido de resolver situações de injustiça social. Relevantes, neste sentido, são as palavras de Chiara Lubich:

Às vezes pensa-se que o Evangelho traz somente o Reino de Deus entendido num sentido religioso e não resolve os problemas humanos. Mas não é assim. Cada cristão, como outro Cristo, membro do seu Corpo místico, pode dar uma contribuição típica para uma cultura de comunhão em todos os campos: na ciência, na arte, na política, nas comunicações, etc. E maior será a sua eficácia se trabalhar com outros, unidos no nome de Cristo. [...]

No âmbito econômico, por exemplo, é possível suscitar de modo espontâneo, entre aqueles que vivem o Evangelho, uma comunhão de bens que imite aquela que foi feita entre os primeiros cristãos, sobre os quais está escrito que “não havia necessitados entre eles” (At 4,34).

Nas empresas é possível tentar aplicar o mandamento do amor recíproco em todos os níveis e assim gerar a presença de Jesus no meio, prometida pelo Evangelho: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou no meio deles”. (Mt 18,20).<sup>155</sup>

No mundo atual, é visível a trágica situação de desequilíbrio econômico entre os povos e as conseqüências decorrentes de tal situação. Assim, o Projeto da Economia de Comunhão procura ser uma resposta, trazendo ao mundo da economia os pilares fundamentais da ética cristã. O Projeto da Economia de

<sup>155</sup> LUBICH, Chiara. *Por uma Cultura de Comunhão*: Discurso de Chiara Lubich em Stuttgart: Stuttgart, Alemanha. 12 Maio 2007. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo E).

Comunhão é *comunhão* e acontece na *liberdade* e, portanto, é ditado unicamente pelo *amor*. Tal postura ética é indispensável para estabelecer os alicerces de um profícuo diálogo, visto que não há diálogo que se sustente se este não acontecer entre iguais.

Na base da Economia de Comunhão está uma visão do ser humano não somente como sujeito de direitos que devem ser respeitados, mas como um irmão pelo qual se está pronto até mesmo a ceder o que se tem por direito. Além disso, outro aspecto fundamental desse modelo econômico é que a sua estrutura empresarial é baseada na comunhão. Desta forma, todos os membros da empresa encontram-se em uma posição ativa e criadora na produção de um capital que será destinado não só ao desenvolvimento da própria fonte de trabalho, mas também à geração de mais empregos.

Pode-se afirmar que o Projeto da Economia de Comunhão na Liberdade está em grau de contribuir muito ao processo de moralização da vida social, na medida em que ajuda a realizar a comunhão entre as pessoas e as empresas, colocando umas e outras na posição de sair do próprio isolamento egoísta. As palavras de Luigino Bruni são significativas<sup>156</sup>. Aqui ele, em forma de homenagem a Chiara Lubich, devido ao seu falecimento<sup>157</sup>, expressa seu profundo agradecimento pela proposta da Economia de Comunhão:

Querida Chiara, antes de tudo obrigado em nome dos pobres, dos empresários, dos trabalhadores de toda a Economia de Comunhão (EDC): com a sua intuição do ano de 1991 você abriu a todos nós um caminho de felicidade, de liberdade e de justiça na normalidade das operações econômicas [...]

Muitos carismas no decorrer da história da Igreja produziram efeitos no campo econômico (Bento, Francisco, Inácio etc), mas o seu carisma não deu apenas vida a importantes obras econômicas, ele gerou, e continua a

---

<sup>156</sup> Luigino Bruni (1966) é professor de Economia Política da Universidade de Milão Bicocca (Itália) e foi um dos maiores colaboradores de Chiara Lubich na elaboração do pensamento e contribuição do carisma do Movimento dos Focolares no campo econômico.

<sup>157</sup> Chiara Lubich faleceu em 14 de março de 2008.

gerar, também efeitos na teoria econômica. [...] Três coisas tocaram-me profundamente nestes anos vividos com você. [...] você me fez entender o que significa um carisma e o papel que não só o seu carisma, mas todo carisma autêntico, desempenha na vida civil e econômica. [...] você me ensinou, com a vida, que não se pode fazer qualquer experiência autenticamente intelectual se as teorias e os pensamentos que se elaboram e se escrevem não se tornam vida em quem os organiza e produz. [...] Enfim, Chiara, você me levou a descobrir o significado profundo da riqueza e da pobreza. Levou-me a compreender que [...] sem relacionamentos de reciprocidade nenhum bem se torna bem-estar, e mesmo quando os bens são escassos ou ameaçados, o amor recíproco nunca permite a indigência.<sup>158</sup>

Enfim, pode-se dizer que, ao longo dos anos, o Movimento dos Focolares contribuiu de forma significativa e tem muito a oferecer nesse caminho de construção da unidade. Essa contribuição acontece no campo espiritual, através do *diálogo da vida* e no campo prático, através da atuação do *Projeto da Economia de Comunhão na Liberdade*.

Pensando no futuro do ecumenismo, inúmeras foram as dificuldades e inúmeras foram as conquistas nesses cem anos do movimento ecumênico. Hoje as opiniões encontram-se divididas: existem aqueles que consideram que o ecumenismo esteja atravessando uma crise e existem aqueles que vêem, nos obstáculos, caminhos de oportunidades de crescimento, de maturação para chegar ao “Que todos sejam um” (Jo 17,21). As palavras relevantes e tão realistas e, ao mesmo tempo, ricas de otimismo, do Cardeal Walter Kasper são de grande estímulo a todos aqueles que se empenham com zelo e generosidade a fim de que o testamento de Jesus chegue a sua plena atuação:

[...] Não há um novo ecumenismo nem o velho acabou. [...] Certamente não estamos surdos diante das perguntas ainda abertas. Expusemos com clareza que existem questões fundamentais de hermenêutica, antropologia, eclesiologia e teologia sacramental que ainda devem ser resolvidas. De qualquer maneira, um problema delineado com exatidão já é metade da solução. [...] Também está a crescer uma geração nova de ecumenistas que

---

<sup>158</sup> BRUNI, Luigino. Obrigado pela Economia de Comunhão. *Revista Cidade Nova*. São Paulo, ano L, n.5, p. 32-33, 2008.



têm idéias inéditas e vigorosas, [...] Isto prova que o ecumenismo não é algo do passado: está a enfrentar um novo início.<sup>159</sup>

Nesse sentido, pode-se dizer que o Movimento dos Focolares tem algo a oferecer, a partir de sua experiência ecumênica. Hoje o Movimento está presente em diferentes partes do mundo, está entre milhares de cristãos provenientes de várias tradições que vivem a espiritualidade da unidade contribuindo, assim, para fortalecer a caminhada ecumênica não só no tempo presente, mas garantindo um estímulo para o seu futuro.

---

<sup>159</sup> KASPER, Walter. Para o futuro do ecumenismo. *L'osservatore Romano*. Edição semanal em português, n. 48, p. 4, 2009.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Walter. De inimigos a irmãos na fé. *Revista Cidade Nova*. São Paulo, ano L, n. 6, p. 24-26, 2008. (Entrevista concedida a Ricardo Zugno).

\_\_\_\_\_. O pluralismo religioso com desafio ao ecumenismo na América Latina. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Sarça ardente*. Teologia na América Latina: Prospectivas. São Paulo: Paulinas; SOTER, 2000. p. 391-414.

ARAÚJO, Vera. Para superar o consumismo, a cultura do dar. *Revista Cidade Nova*, São Paulo, ano XXXV, n. 2, p. 19-21, 1993. (Entrevista concedida a José Quartana).

\_\_\_\_\_. Por uma economia de comunhão. *A Sociedade*. n. 8-9, p. 513-514, 1994.

BACK, Joan. Uma Espiritualidade para o Diálogo Ecumênico. *Revista Humanidade Nova*, n.177, p. 389-402, 2009.

BENTO XVI. São Paulo, modelo de como fazer teologia. *ZENIT*, Roma, 5 de Novembro de 2008. Disponível em: <<http://www.zenit.org/article-19977?l=portuguese>>. Acesso em: 20 Nov. 2008.

BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 1982.

BRAKEMEIER, Gottfried. Ecumenismo: Repensando o Significado e a Abrangência de um Termo. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v.33, n. 90, p. 195-216, 2001.

\_\_\_\_\_. *Ecumenismo, Sociedade e Missão*. Reflexões sobre o caminho da Unidade. São Paulo, 10 ago. 2004. Disponível em: <<http://www.itesc.ecumenismo.com/bibliovirtual/artigos/ecumenismobrakemeier.htm>> . Acesso em: 04 nov. 2008.

\_\_\_\_\_. *Preservando a Unidade do Espírito no Vínculo da Paz*: um curso de ecumenismo. São Paulo: ASTE, 2004.

BRUNI, Luigino. *Comunhão e as Novas Palavras em Economia*. São Paulo: Cidade Nova, 2005.

\_\_\_\_\_. Obrigado pela Economia de Comunhão. *Revista Cidade Nova*. São Paulo, ano L, n.5, p. 32-33, 2008.

CAMBÓN, Enrique. *Fazendo ecumenismo: uma exigência evangélica e uma urgência histórica*. São Paulo: Cidade Nova, 1994.

CATECISMO da Igreja Católica. 5. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, Ave-Maria, 1993.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Gaudium et Spes* (GS): Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002. p. 539-661.

\_\_\_\_\_. *Lumen Gentium* (LG): Constituição Dogmática sobre a Igreja. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002. p. 101-192.

\_\_\_\_\_. *Unitatis Redintegratio* (UR): Decreto sobre o ecumenismo. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002. p. 215-240.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo*. São Paulo: Paulinas, 1994.

COSTA, Rui, et al. *Economia de Comunhão: projeto, reflexões e propostas para uma cultura da partilha*. São Paulo: Cidade Nova, 1998.

DECLARAÇÃO Conjunta sobre a Doutrina da Justificação: Declaração Conjunta Católica Romana e Federação Luterana Mundial, Augsburg, 31 de outubro de 1999. São Leopoldo: Sinodal, Brasília: CONIC, São Paulo: Paulinas, 1999.

DIÁLOGO com o Leitor. *Revista Cidade Nova*, São Paulo, ano XLII, n. 5, p. 03-05, 2000.

DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. Língua Portuguesa On-Line: Priberam Informática, 2008. Disponível em: <<http://www.priberam.pt.dlpo>>. Acesso em: 18 dez. 2008.

DOCUMENTÁRIO sobre o doutorado *honoris causa* em Economia e Comércio a Chiara pela Universidade Católica do Sagrado Coração. Piacenza, 29 de janeiro de 1999. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo G).

ECONOMIA de Comunhão – O que falaram... Disponível em:  
<[http://focolare.org/br/eco9\\_pt.html](http://focolare.org/br/eco9_pt.html)>. Acesso em: 21 Jan. 2010.

ECUMENISMO: é possível a unidade na diversidade? Torre de Babel ou todos bebemos da mesma fonte? *Revista Mundo e Missão*, n. 115, Set. 2007. (Em Debate, n. 12). Disponível em:  
<<http://www.pime.org.br/mundoemissao/evangecumenbabel.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2009.

EDC – a Idéia. Disponível em: <<http://www.edc-online.org/index.php/br/o-que-e/o-projecto/a-historia.html>>. Acesso em: 14 jan. 2010.

FARO, José Antônio. Um pacto pela unidade. *Revista Cidade Nova*, São Paulo, ano L, n. 6, p. 22-23, 2008.

GALILEA, Segundo. *A Amizade de Deus: o cristianismo como amizade*. São Paulo: Paulinas, 1988.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.

GIORDANI, Igino. *Segno di Contradizione*. Brescia: Casa Editrice Morcelliana, 1933.

JOÃO PAULO II. *Aprendendo com João Paulo II – Pecado Social e Pecado Pessoal*. Disponível em: <<http://www.universocatolico.com.br/content/view/1052/3/>>. Acesso em: 29 dez. 2008.

\_\_\_\_\_. *Centesimus Annus: Carta Encíclica no Centenário da Rerum Novarum*. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Laborem Exercens: Carta Encíclica sobre o Trabalho Humano no 90º Aniversário da Rerum Novarum*. São Paulo: Loyola, 1981.

\_\_\_\_\_. *Novo Millennio Ineunte: Carta Apostólica do Sumo Pontífice João Paulo II ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis no Termo do Grande Jubileu do Ano 2000*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

\_\_\_\_\_. *Orientalium Lumen: Carta Apostólica do Sumo Pontífice João Paulo II ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis no Centenário da Orientalium Dignitas do Papa Leão XIII*. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Ut Unum Sint*. Carta Encíclica sobre o Empenho Ecumênico. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1995.

\_\_\_\_\_. ; MESSORI, Vittorio. *Cruzando o limiar da esperança*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

KASPER, Walter. Intuição Profética. *Revista Cidade Nova*, São Paulo, ano L, n. 5, p.54-55, 2008.

\_\_\_\_\_. Para o futuro do ecumenismo. *L'osservatore Romano*. Edição semanal em português, n. 48, p. 4, 2009.

\_\_\_\_\_. *Vaticano apresenta 'manual' para o ecumenismo*. Disponível em: <<http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=8712>>. Acesso em: 31 mar. 2009.

KILPP, Nelson. *Espiritualidade e compromisso: dez boas razões para...orar; praticar justiça; cuidar da criação; acolher o outro; compartilhar*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

KOBIA, Samuel. Os Últimos Encontros com Chiara. *Noticiário Mariápolis*. São Paulo: Cidade Nova, ano XXV, n.4, p.6, 2008. (Entrevista concedida a Gabri Fallacara).

KÖRTNER, Ulrich. [Sem Título]. São Leopoldo, 08 a 12 de Setembro de 2008. Material Didático fornecido durante o Seminário de Hermenêutica Teológica realizado na EST. (polígrafo)

KÖRTNER, Ulrich. *Seminário de Hermenêutica Teológica*. São Leopoldo, 08 a 12 de Setembro de 2008. (Anotações Pessoais).

LUBICH, Chiara. *A Aventura da Unidade: entrevista de Franca Zambonini*. São Paulo: Cidade Nova, 1991.

\_\_\_\_\_. Amar como Ele ensinou. *Revista Cidade Nova*, São Paulo, ano XLVII, n.1-2 (edição bimestral), p. 28-29, 2005.

\_\_\_\_\_. *A Unidade e Jesus Abandonado*. São Paulo: Cidade Nova, 1985.

\_\_\_\_\_. Chiara aos internos da Grã-Bretanha e da Irlanda: Responde a 21 perguntas. Logan Hall, Londres. 16 Nov. 1996. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo C).

\_\_\_\_\_. Chiara na cerimônia de Advento: Oração Ecumênica do Advento. Igreja de Sant'Ana, Augsburg, Alemanha. 29 Nov. 1998. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo A).

\_\_\_\_\_. Chiara no Congresso Ecumênico dos Bispos: Vós sois um só em Cristo Jesus (Gal 3,28) – A presença de Jesus entre os seus e o diálogo da vida. Rocca di Papa, 26 de novembro de 2003, 26 Nov. 2003. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo D).

\_\_\_\_\_. *Diálogo da vida, diálogo do povo*. Disponível em: <<http://www.focolare.org/page.php?codcat1=280&lingua=PT&titolo=os%20caminhos%20do%20diálogo&tipo=entre%20as%20Igrejas>>. Acesso em: 14 abr. 2009.

\_\_\_\_\_. Dimensão Eclesiológica de Jesus no Meio no pensamento de Chiara Lubich. *Escola de Ecumenismo*, São Paulo, n. 4, p. 17-27, 1986.

\_\_\_\_\_. *Economia de Comunhão: História e Profecia*. São Paulo: Cidade Nova, 2004.

\_\_\_\_\_. Frente a Frente – 3ª Parte, Rocca di Papa, Itália. 21 Abr. 2003. Entrevista concedida a Sandra Hogget. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo B).

\_\_\_\_\_. *Ideal e luz: pensamento, espiritualidade, mundo unido*. Organizado por Michel Vandeleene. São Paulo: Brasiliense, 2003.

\_\_\_\_\_. *Linhas Mestras para o aspecto: Comunhão dos Bens e Trabalho*. São Paulo: Cidade Nova, 1983.

\_\_\_\_\_. Mensagem de Chiara à Hope University de Liverpool. *Noticiário Mariápolis*. São Paulo: Cidade Nova, ano XXV, n.3, p. 08-10, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Ano do Pai: Encontro de Chiara com as comunidades de Malta, da Sicília e da Calábria*. Malta, 25 Fev. 1999. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo F).

\_\_\_\_\_. *Por uma Cultura de Comunhão: Discurso de Chiara Lubich em Stuttgart: Stuttgart, Alemanha. 12 Maio 2007*. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares, reproduzido no Anexo E).

\_\_\_\_\_. *Pronunciamento de Chiara Lubich na 36ª Assembléia da CNBB, 1998*. (Material de uso interno do Movimento dos Focolares)

MATEOS, Juan & BARRETO, Juan. *O evangelho de São João: análise lingüística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989.

MEYER, Harding. *Diversidade Reconciliada: o projeto ecumênico*. Tradução de Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

MURPHY-O'CONNOR, Cormac. Lutheran Vespers. *The Briefing*, UK, p. 24, 2001.

QUEIRUGA, Andrés T. *A Revelação de Deus na Realização Humana*. São Paulo: Paulus, 1995.

RAHNER, Karl. Elementos de Espiritualidade na Igreja do Futuro. In: GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno. *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p.361-370.

RÁDIO VATICANA. *O Mistério de Jesus Crucificado e Abandonado, chave para a unidade entre as Igrejas*. Disponível em: <<http://www.focolare.org/articolo.php?codart=3145>>. Acesso em: 18 dez. 2008.

REVISTA MUNDO E MISSÃO. *Evangelização e Ecumenismo*. Disponível em: <<http://www.pimenet.com.br/mundoemissao/evangplano.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2008.

RIBEIRO, Sandra Ferreira. *Ecumenismo: simples tolerância ou um estilo de vida?* São Paulo: Cidade Nova, 2002.

SCHMIDT, Ervino. Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos 2008: "Orai sem cessar" (Pronunciamento do Pr. Ervino Schmidt na abertura da SOUC 2008). [Arquivo de Word recebido]. Mensagem recebida por sarkisbeatriz@gmail.com em 13 out. 2008. (Arquivo reproduzido na íntegra no anexo H).

SCHNEIDER, Roque. *Referências bibliográficas de documentos eletrônicos* [Powerpoint recebido]. Mensagem recebida por sarkisbeatriz@gmail.com em 25 out. 2008.

SOARES, Órris. *Dicionário da Filosofia*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Instituto Nacional do Livro, 1952, Vol. I A-D.

SORGI, Tommaso. A Cultura do Dar. In: COSTA, Rui, et al. *Economia de Comunhão: projeto, reflexões e propostas para uma cultura da partilha*. São Paulo: Cidade Nova, 1998, p. 31-68.

SOUZA, Darli A. de. Ecumenismo na América Latina. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando (Org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p. 330-332.

SOUZA, Irivaldo Joaquim de. *Introdução às Principais Religiões*. História, ecumenismo e diálogo inter-religioso. Maringá: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2001.

YOUNGBLOOD, Ronald; BRUCE, F. F. & HARRISON, R.K (Co-ed.). *Dicionário Ilustrado da Bíblia*. Tradução de Lucila M. Pereira da Silva et al. São Paulo: Vida Nova, 2004.

ZAMAGNI, Stefano. *Disseram...* Disponível em: <<http://www.edc-online.org/index.php/br/publicacoes/disseram/326-hanno-detto.html>>. Acesso em: 14 de Jan. 2010.

\_\_\_\_\_. Economia de Comunhão. Doutorado h.c. Piacenza (Itália). 21. fev. 2000. Disponível em: <[http://focolare.org/br/edcC\\_pt.html](http://focolare.org/br/edcC_pt.html)>. Acesso em: 27 out. 2009



## ANEXO A – Chiara na cerimônia de Advento: “Oração Ecumênica do Advento”

Augsburg – Igreja de Sant'Ana, 29 de novembro de 1998

### Chiara na cerimônia de Advento:

#### “Oração ecumênica do Advento”

**Speaker:** Perto de Augsburg, antiga Augusta, cidade da Alemanha famosa pela sua história e arte, nasceu a Mariápolis permanente «Nova lei», uma das primeiras do Movimento dos Focolares. É sede de uma Escola de ecumenismo, que visa aprofundar o conhecimento das diversas Igrejas e é um lugar privilegiado para encontros de vários níveis entre cristãos de diversas confissões. A Mariápolis dá um eficaz testemunho do ecumenismo da vida.

Não podia existir ambiente melhor para sediar o XVII Encontro dos Bispos de várias Igrejas promovido pelo Movimento dos Focolares, realizado de 26 de novembro a 2 de dezembro, do qual participaram 34 bispos: ortodoxos, sírio-ortodoxos, anglicanos, evangélico-luteranos, um velho-católico e católicos romanos.

Um dos momentos mais significativos do congresso, que proporcionou a experiência do que é um povo cristão já unido, foi quando os Bispos animaram com Chiara Lubich e com centenas de pessoas a Oração ecumênica do Advento na Igreja Evangélica de Sant'Ana.

(Música)

**Speaker:** A história desta igreja nos recorda os anos muito dolorosos para os cristãos. Ela foi construída em 1321, como mosteiro dos carmelitas. Hoje a Igreja de Sant'Ana é uma das mais importantes para a história luterana.

Em outubro de 1518, Lutero se hospedou nesta cela do convento de Sant'Ana. Ele foi a Augsburg para encontrar-se com o Cardeal Caetano, representante do Papa. Esse encontro foi considerado determinante para a ruptura com a Igreja de Roma.

Em 1530, em Augsburg, os chamados "protestantes" apresentaram um documento que procurava evidenciar as teses em comum com a Igreja de Roma: a «Confissão Augustana», documento básico da doutrina de mais de 100 Igrejas evangélicas no mundo. A tentativa de reunificação fracassou. O Conselho municipal impôs a reforma e a Igreja de Sant'Ana se tornou a igreja principal.

No entanto, só depois do tratado de Westfália, que em 1648 pôs fim à terrível Guerra dos 30 anos, é que a igreja de Sant'Ana foi definitivamente designada aos luteranos.

Na sacristia está um pequeno livro no qual, desde 1648, todos aqueles que pregaram na igreja escreveram a data e uma breve frase sobre o próprio discurso. A última assinatura nos conduz ao presente: «29 de novembro de 1998. Rumo à meta de sermos um único povo cristão. Chiara Lubich».

Às 17h e 30 min a Igreja de Sant'Ana está cheia. É o primeiro domingo do Advento, início do novo ano litúrgico. Há muita expectativa, esperança. Os hinos de entrada, acompanhados por uma orquestra de metais, falam de portas abertas, de céus a serem abertos.

O pastor da igreja, Peter Thorn, dá as boas-vindas aos bispos do encontro ecumênico de Ottmaring e – de modo especial – a Chiara.

A leitura – feita pelo decano luterano Rudolf Freudenberger – é a do testamento de Jesus: «Que todos sejam um» (Jo 17, 17-26). Quando Chiara tomou a palavra para apresentar o seu «caminho para a plena comunhão entre as Igrejas», o seu discurso pareceu mesmo a resposta ao último desejo de Jesus.

**Chiara:**

Eminência Cardeal Vlk, senhores bispos,  
Reverendo Decano Freudenberger,  
Irmãos e irmãs no Senhor,

hoje sei que desejam ouvir uma reflexão minha sobre aquele diálogo que é muito importante para todos nós: o diálogo ecumênico.

Qual é a situação das nossas Igrejas hoje, às portas do Terceiro Milênio?

Se nós, cristãos, observarmos a nossa história de 2 mil anos e principalmente aquela do segundo milênio, não podemos evitar a consternação por constatar que muitas vezes ela foi um alternar-se de incompreensões, de brigas, de lutas.

A culpa, certamente, é das circunstâncias históricas, culturais, políticas, geográficas, sociais, mas também do desaparecimento entre os cristãos de um elemento unificante, típico deles: o amor.

É a pura verdade.

Então, na tentativa de sanar hoje todo o mal que se fez, devemos considerar o princípio da nossa fé comum: Deus. Ele, porque é Amor, nos convida também a amar. De fato, que motivação temos para amar os outros, se não nos sentimos profundamente amados? Se não está viva em todos nós, cristãos, a certeza de que Deus nos ama?

Hoje é realmente Deus Amor que deve revelar-se novamente a nós, cristãos, individualmente, mas também às Igrejas que compomos.

Deus ama as Igrejas por tudo o que fizeram na história correspondendo ao seu desígnio sobre elas, mas - e este é o lado magnífico

da misericórdia de Deus - Ele ama as Igrejas também quando elas não corresponderam, como no caso da divisão entre os cristãos, contanto que hoje busquem a plena comunhão com as outras Igrejas.

Esta consoladora convicção emerge de um texto de João Paulo II, o qual, confiando naquele que extrai o bem do mal, respondeu à pergunta: «Por que o Espírito Santo permitiu todas estas divisões?», mesmo admitindo que um dos fatores pode ter sido os nossos pecados, dizendo assim: «Não poderia ser também que as divisões tenham sido um caminho que levou e leva a Igreja a descobrir as múltiplas riquezas contidas no Evangelho de Cristo e na redenção operada por Cristo? Talvez tais riquezas não pudessem vir à luz de maneira diferente...»<sup>1</sup>.

Acreditar que Deus é Amor também para as Igrejas.

Mas, se Deus nos ama, nós não podemos ficar inertes diante de tamanha bondade divina. Como verdadeiros filhos devemos retribuir o seu amor também como Igreja.

**Cada Igreja com o passar dos séculos petrificou-se em si mesma pela onda de indiferença, de incompreensão, para não falar de ódio recíproco. Por isso mesmo cada uma deve ter um suplemento de amor.**

Amor pelas outras Igrejas e amor recíproco entre os cristãos e entre as Igrejas, que leva cada uma a ser um dom para as outras. Assim podemos prever, na Igreja do futuro, que uma e uma única será a verdade, mas expressa de várias maneiras, observada de vários ângulos, embelezada por muitas interpretações.

O amor recíproco, porém, é realmente evangélico e plenamente válido se for praticado segundo a medida pedida por Jesus: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este: dar a vida pelos próprios amigos» (Jo 15, 13).

Ele deu a sua vida por nós na sua paixão e morte, quando sofreu no momento da agonia no horto, da flagelação, da coroação de espinhos, da crucifixão, mas também quando experimentou uma dor atroz, que exprimiu no grito: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?»<sup>2</sup> Esse sofrimento, como afirmaram teólogos e místicos, foi a sua provação mais aguda, a sua escuridão mais tenebrosa.

Ora, parece que hoje, para edificar plenamente a comunhão no amor recíproco, é importante contemplar, sobretudo, aquela dor de Jesus e espelhar-se nela. E se entende. Se Jesus se ofereceu para tirar o pecado do mundo e reunir os homens separados de Deus e, por conseqüência, desunidos entre eles, o único modo para realizar a sua missão era experimentando em si a abissal separação entre Ele, Jesus, que é Deus, e o Pai, sentindo-se abandonado por ele. Jesus, porém, voltando a abandonar-se no Pai («Em tuas mãos entrego o meu espírito» – Lc 23, 46), superou essa imensa dor e reconduziu assim os homens ao Pai e à aceitação recíproca.

<sup>1</sup> João Paulo II. Em: *Cruzando o limiar da esperança*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1994, pág. 147.

<sup>2</sup> Mt 27, 46

Se é assim, não será difícil ver que é Ele, exatamente Ele, Jesus abandonado, a estrela mais radiante que deve iluminar o caminho ecumênico.

Parece que o trabalho ecumênico será realmente fecundo em proporção a quanto, quem a ele se dedicar, reconhecer em Jesus crucificado e abandonado, que volta a abandonar-se no Pai, a chave para compreender toda e qualquer falta de unidade e recompô-la. Receberá dele a luz e a força para não parar diante do trauma, na fenda da divisão. Assim irá adiante e encontrará sempre uma solução, a melhor possível.

O amor recíproco vivido com esta medida leva também a atuar a unidade. E a unidade vivida tem um efeito que também é, por assim dizer, um elemento chave para um ecumenismo vivo. Trata-se da presença de Jesus entre várias pessoas, na comunidade. «Onde dois ou três – disse Jesus – estiverem unidos no meu nome, ali estou eu no meio deles» (Mt 18, 20).

Jesus entre um católico e um evangélico que se amam, entre anglicanos e ortodoxos, entre uma armênia e uma reformada... Quanta paz desde já! Quanta luz para um reto caminho ecumênico!

Jesus em meio é uma dádiva que ainda por cima torna menos dolorosa a espera do momento em que todos juntos o receberemos sob as espécies eucarísticas.

É necessário ainda um grande amor pelo Espírito Santo, Amor feito Pessoa. O Espírito Santo une as Pessoas da Santíssima Trindade e é ponto de união entre os membros do Corpo místico de Cristo.

Sei por experiência que, se todos nós vivermos assim, os frutos serão extraordinários, produzindo sobretudo um efeito especial: vivendo juntos os diversos aspectos do nosso cristianismo, nos daremos conta de que formamos um único povo cristão, que será um fermento para a plena comunhão entre as Igrejas. Será quase a atuação de outro diálogo, articulado ao da caridade, ao teológico e ao da oração, chamado: diálogo da vida, diálogo do povo de Deus.

Esse diálogo é mais do que nunca urgente e oportuno, se é verdade (como a história ensina) que pouca coisa é garantida no campo ecumênico sem a participação do povo. Esse diálogo revelará com maior evidência e interesse, e valorizará o imenso patrimônio comum entre os cristãos, constituído pelo batismo, pela Bíblia, pelos primeiros Concílios, pelos Padres da Igreja.

Esperamos ver realizar-se este povo, que já vai despontando aqui e ali.

Será útil, também agora, renovar o compromisso de vivermos assim como Jesus quer. Na verdade, não há nada de mais urgente no mundo do que uma potente corrente de amor, se sonhamos com aquela civilização do amor, que o Terceiro Milênio espera de nós.

Obrigada senhor Cardeal, senhores Bispos, todos, irmãos, irmãs por me terem ouvido. E que Jesus esteja entre nós desde já, pelo nosso amor (aplausos).

**Speaker:** Após um momento de silêncio e uma canção, um bispo luterano, um católico, um anglicano, um romeno-ortodoxo e um sírio-ortodoxo formulam a própria oração.

**Oberkirchenrat Merz:** Aproxima-nos tu nas nossas diferenças de fé e diversidades de pensamento e doa-nos a graça de levar, em teu nome, a paz onde há discórdia, a fé onde reinam a dúvida e a angústia. Rezemos ao senhor.

**Speaker:** A última foi Chiara. A sua não é uma simples oração. É um diálogo pessoal com Jesus, emprestando a todos nós a sua voz.

**Chiara:** Jesus, acho e tenho certeza de que estás aqui entre nós. Por isso eu me dirijo a ti, vivo, ressuscitado, ressuscitado em meio a nós, leigos e leigas, bispos de diferentes Igrejas.

Jesus, tu estás realmente entre nós, porque estamos unidos no teu nome, nos amamos em ti. Estamos aqui para que se possa dar um passo adiante na unidade das Igrejas.

Estamos conscientes do que aconteceu nos séculos passados. Foram séculos tremendos, terríveis, que feriram o teu coração.

Por isso, Jesus, nós te pedimos: perdão. Perdão por tudo aquilo que aconteceu no passado. A nossa voz quer ser a voz de todos os cristãos, que nos precederam. Também em nome deles te pedimos perdão.

Ao mesmo tempo, porém, que o nosso sofrimento é grande, o desejo do teu perdão é palpitante no nosso coração, nós, Jesus, temos uma fé imensa no teu amor e na tua misericórdia. Sabemos que o teu amor e a tua misericórdia são maiores do que tudo o que aconteceu e que poderá acontecer nos séculos futuros.

Então, nós nos abandonamos confiantes neste amor. Temos a certeza de que, se nós nos dirigirmos com confiança a ti, tu — como uma mãe que pelo amor que sente não recorda os erros dos próprios filhos — te esquecerás de tudo, porque sabes não só perdoar mas também esquecer.

Então, permite que sejamos teus instrumentos, unidos a muitos outros, que trabalham pela unidade. Sabemos que, se ninguém semeia, ninguém colhe.

Creio que vivos não veremos realizada a belíssima Igreja Una, que tu fundaste. Porém, do Paraíso esperamos vê-la. Entretanto, dá-nos a chance de viver os anos que nos restam para que todos sejam um. Amém.

## **ANEXO B – Entrevista de Sandra Hogget com Chiara Lubich**

Rocca di Papa, 21 de abril de 2003

### **Entrevista de Sandra Hogget com Chiara Lubich** **FRENTE A FRENTE** **(3ª parte)**

Sandra:

**1. Chiara, a senhora vive num ritmo incrível, mas não será para sempre assim. O que faz para assegurar o futuro do Movimento?**

**Chiara:** Eu já estou preparando o Movimento para o futuro, isto é, para quando eu tiver falecido, neste sentido: explico como são as coisas nas obras de Deus. Existe um primeiro momento, nas obras de Deus, que é um momento carismático e é o período no qual eu estou viva, porque recebi este carisma e o transmiti. Com este carisma nasceu uma espiritualidade, um estilo de vida e uma grande Obra. E dia após dia, nesses anos, vi realizar-se sempre algo novo, até que fomos aprovados pela Igreja... com toda a Obra completa. Havia ainda alguns detalhes para se resolver. Falei sobre isso com o Papa atual e ele me ajudou a definir também o que faltava.

Contudo, uma Obra, no período em que o portador do carisma está vivo e depois, é muito diferente, porque quando um fundador faz nascer uma Obra, é como se nascesse um filho, o qual, mesmo pequeno, é completo. Depois, para fazer crescer o filho, não se pode acrescentar mais nada, por exemplo, um dedinho a mais. Apareceria um monstro. Portanto, as obras de Deus, geralmente, são completas desde que nascem, de forma que o fundador possa dizer: isto é o que Deus queria. Geralmente é sua obra-prima, cuja carteira de identidade é o Estatuto aprovado pela Igreja, onde está descrito tudo com a sabedoria.

Eu me lembro, quando escrevi os Estatutos, que possuía também graças de profecia, no sentido de que previa como iriam para frente as realidades. Só para dizer: nos anos 80 eu via já como caminhariam as coisas nos anos 90, em 2000.

Depois de mim, a realidade será totalmente diferente, porque fui a fundadora e por isso Deus centralizou em mim (sem depender de mim, pois era Deus que o queria) uma grande carga de autoridade. Portanto, muitos me seguem de bom grado. Mas no futuro, a autoridade será subdividida em todas as pessoas presentes nos Estatutos: a presidente, o Conselho da Obra, o Centro de coordenação, muitos centros... E será, portanto, diferente; não será necessário acrescentar nada. A única coisa que será necessária fazer é aprofundar – depois darei um exemplo – e difundir. Difundir significa que, se

nós chegamos a 182 nações (e nos faltam ainda três para...) e, nas nações onde estamos, se somos 10 mil, precisamos chegar a 20 mil, 30 mil... Expandir e aprofundar.

Por exemplo, há dez anos, nasceu a Escola Abbá, que tem como objetivo elaborar, extrair a doutrina desta espiritualidade. Já foi feito um certo trabalho, mas será um trabalho de séculos, séculos, porque é riquíssima a iluminação do carisma. Para ressaltar a doutrina, deverão estudar, estudar, estudar.

Portanto, o futuro será muito belo, mas totalmente diferente. Eu não devo me preocupar em formar pessoas particularmente capazes, que talvez morrerão antes de mim. Devo me preocupar em deixar para a Igreja uma Obra completa e preparar os outros, que permanecerão, para fazer aquilo que deverá ser feito, que não será uma repetição deste período, mas será diferente.

Sandra:

**2. Como a senhora pode assegurar que, quem guiará os vários Centros do Movimento estará em condições, espirituais e humanas, de levar para frente a sua Obra?**

**Chiara:** Nós continuamos a formar as pessoas. Todos os meses, por exemplo, temos o assim chamado 'collegamento'.

Nós fazemos uma conferência telefônica todos os meses, com o mundo inteiro através do telefone, mas também com o vídeo, em certos lugares, e continuo a formá-los, a formá-los, a formá-los. Naturalmente, cada um responde, e depois são escolhidas as pessoas melhores, mas cada um responde como pode. Porém, mais do que formar, continuar a formá-los, o que devemos fazer? Rezar, certamente.

Temos muitos encontros de formação, temos os centros Mariápolis, e, às vezes, precisamos de outras salas, porque o nosso salão é quase pequeno. Portanto...

Sandra:

**3. Como se sente quando está diante de uma multidão que repete: "Chiara, Chiara"?**

**Chiara:** É, sem dúvida, uma coisa que não agrada. Mas tem isso: nós estamos em contato com cerca... Se contarmos as línguas que temos, são 91. Portanto, os povos são ainda mais, porque o inglês é falado em muitas nações. Em cada povo encontramos alguma coisa de "anormal" para nós. É preciso ter paciência! Paciência! Eu entendo que a senhora, Sandra, sendo do norte, não entende essas explosões; se fosse à África! Nessas coisas, onde se comunicam... veria que é toda uma outra realidade.

Portanto, nós procuramos dar o exemplo com a nossa pessoa, comportando-nos... mas temos também que entender esses povos: são todos

diferentes, muito diferentes de nós, não podemos uniformizar todos segundo os ingleses ou os italianos..., não podemos. Por exemplo, tendo escutado esta crítica, eu mando dizer ou eu mesma digo, sem mencionar o nome, mas também Jesus tinha discípulos um pouquinho "cabeças duras"! É assim.

Sandra: I understand. Capisco!

**4.A senhora mencionou três fases do Movimento: a primeira “Assis” – aquela espiritual; a segunda “Paris” – aquela cultural; e a terceira “Hollywood” – as comunicações.**

**A que ponto chegou com Hollywood?**

**Chiara:** Já fizemos bastante, bastante! Por exemplo, nós estamos justamente em Hollywood. Na própria cidade de Hollywood, temos um bom grupo de diretores, de pessoas que trabalham no cinema, que são cultivadas nesta espiritualidade.

Há pouco tempo nasceram as "inundações" do Espírito Santo nos vários âmbitos humanos e uma das "inundações", bela e forte, é aquela da arte. Nós esperamos muitos dos artistas.

Temos caminhado, não posso dizer que somos... Não é como o Movimento político, que é mais forte, pois faz anos que existe o Movimento político; também o Movimento econômico é mais forte, tem mais anos. A da arte é uma das últimas, porém, existe. Além disso, temos muitos artistas, existem muitos artistas entre os nossos, de todos os setores. E eles deveriam, devem levar esses valores ao teatro, ao cinema, à TV.

Sandra: **Interessante.**

**Chiara:** Sim, é interessante esta possibilidade para os leigos, como somos nós, de entrarmos nessas realidades.

Sandra:

**5.Gosto de desenhar e sei que a senhora é uma artista também...**

**Chiara:** Oh! Quando eu era jovem.

**Sandra: A senhora diria que a arte e a beleza são sinônimos?**

**Chiara:** Certamente, porque a beleza é outra qualidade de Deus, além da verdade e da bondade. Deus é verdadeiro, é bom, é belo! E, portanto, o belo é somente de Deus e das coisas boas e verdadeiras.

Atualmente, existe toda essa confusão, pois dizem que o feio é quase como se fosse belo. Não é assim. Pode-se fazer também... se poderia pintar e esculpir algo trágico, mas que diga que é trágico e que anuncie o belo.



Sandra:

**6. Já que o tema é a beleza, falemos de Maria. Quem é Maria para a senhora?**

**Chiara:** Maria, hoje, para mim, mas também para a Igreja e para os cristãos, deveria ser muito mais atual do que antes, porque Maria, nos séculos passados, era objeto de devoção. Hoje está se tornando objeto de imitação: imita-se Maria. Por que isso? Aqui existe toda uma realidade doutrinal, mas que é bela e vou explicar.

Nos primeiros tempos, quando Jesus era vivo, era circundado por uma constelação de pessoas: Maria, Pedro, João, Tiago, depois veio também Paulo. Eram as pessoas mais próximas de Jesus. A figura de Pedro permaneceu nos Papas, e pareceu que as outras tivessem desaparecido, ao invés, não é assim. O Papa, pessoalmente, me explicou isso, baseando-se num grande teólogo, que é von Balthasar. Esses outros estão presentes até hoje, porque não existe somente o perfil petrino, isto é, o perfil da hierarquia, mas existe também o perfil mariano que continua na Igreja. Onde? Nos Carismas. Os Movimentos carismáticos, os vários carismas, são a presença de Maria na Igreja. Nós, eu mesma, sou um braço de Maria. Uma mística, Adrienne von Speyer, que é conhecida por von Balthasar, afirma que nós, os Movimentos, somos o trem de Maria, cada um é um vagão. Portanto, o Movimento dos Focolares seria um vagão de Maria.

Os carismas sempre estiveram presentes na história, basta pensar em São Basílio, Santo Agostinho, São Bento, São Francisco, e em muitos outros que nasceram depois de 1800, sobretudo com obras sociais. Hoje, existem esses Movimentos: é Maria presente, é Maria.

Em 1998, o Papa reuniu na Praça de São Pedro muitos Movimentos. Naquela vez, eram 60 e fez um discurso extraordinário. Ele disse que era como o Cenáculo, quando no Pentecostes desceu o Espírito Santo, e a seguir o Papa invocou o Espírito Santo.

João Paulo II explicou que na Igreja existe um duplo perfil: o perfil petrino, a hierarquia e o perfil mariano, os carismas. E que é necessário estar cientes desses dois aspectos da Igreja, que são muito unidos entre eles, porque o aspecto carismático: os Movimentos, deve estar sempre em unidade com a Igreja e obedecer-lhe. Não recebem dela as idéias, mas submetem o próprio carisma para que seja verificado. Ao mesmo tempo, se o aspecto petrino não se deixar plasmar pelos carismas, os quais trazem santidade, amor, liberdade, familiaridade, fraternidade, solidariedade, a hierarquia permanece dura, não apetecível. Portanto, também a hierarquia deve receber dos carismas.

Maria está muito presente na Igreja por meio dos carismas, porque ela era a carismática, por excelência, não teve uma função de direção. É plena de carismas, sobretudo, do carisma do amor. Ela possuía o super carisma. E ela é a sua presença.

Depois, mencionei outros, que estavam ao lado de Jesus. Por exemplo, João está presente e tinha o perfil do amor; Paulo, o perfil da novidade;

Tiago, o perfil da tradição, isto é, todo o passado permanece como base para o futuro. Portanto, esses não passaram, estão presentes.

O que nós devemos fazer nos Movimentos? Maria, para nós, não é somente para ser venerada, com a novena, com as flores, não; para nós ela deve ser imitada, é a nossa forma. De fato, sobretudo para nós, mulheres, ela é importantíssima, porque ela trouxe ao mundo a realidade mais importante, que permanecerá para sempre. Enquanto que a hierarquia não existirá na Outra Vida; existirá o amor. Ela é a figura que traz, que trouxe ao mundo o que mais tem valor no cristianismo: o amor. Portanto, a mulher se realiza se for consciente de que é livre, livre do aspecto jurídico para poder afirmar o grande valor do cristianismo, que é o amor.

Sandra:

**7. Numa sua meditação, diz que Maria é o silêncio e que sem o silêncio não existiria a palavra. Este conceito me interessa.**

**Chiara:** Certamente, certamente. Ela é a acolhida, ela é... É extraordinária!

Sandra:

**8. A senhora tem um relacionamento especial com o Papa atual, mas o teve com todos os outros Papas no decorrer de sua vida. O que significa esse relacionamento?**

**Chiara:** É importantíssimo! Importantíssimo! Estou convencida daquilo que dizia santa Catarina, que ele é Cristo na terra, nele está justamente o carisma da unidade de toda a Igreja.

Na verdade, tive contato com cinco Papas, porque tenho a idade que tenho. Sinto muita sintonia com o João Paulo II e ele comigo, penso. Ele me escreveu muitas cartas, muitas e me pediu para levar este espírito para fora do Movimento, a todos os lugares. Ele está muito contente com o trabalho que fazemos para unir os Movimentos, em comunhão. Nós nos reunimos, periodicamente, com os superiores carismáticos dos Movimentos ou com os seus sucessores, justamente para gerar essa comunhão entre os Movimentos, que é uma força.

Lembro-me que nunca tive medo de falar com as pessoas, nem para as multidões nem para as pessoas individualmente, mas me agitava ao ter que falar com o Papa, porque ele é realmente importante demais para mim. O Papa possui um grande carisma. Mas quando pensei de ir paraamá-lo, como uma filha, me passou o medo. Existe um relacionamento bellissimo, um bellissimo relacionamento com o Papa. Às vezes, me convida para almoçar com ele.

Temos que saber quem é o Papa.

Sandra:

**9. Graças aos Papas, a senhora conheceu outras pessoas...**

**Chiara:** No tempo de Paulo VI, conheci Atenágoras e ele se afeiçoou muito a nós, como Movimento. Ele gostava muito de nós, pois entre nós encontrava a vida, o amor, que é algo muito oriental, e também Maria, que é muito oriental.

Nesse caso, fui realmente um instrumento entre o Papa e ele, porque ele me dizia em confiança muitas coisas, porque me considerava sua filha. Ele me dizia sempre: «**Você tem dois pais: um grande, em Roma, e um velho, aqui**». Portanto, fui como uma ponte entre Istambul e Roma. Eu transmitia a Paulo VI o que Atenágoras me pedia para lhe dizer, pois ele amava muito o Papa, com o coração. Por exemplo, me dizia: “Mas diga-lhe para passear um pouco, que se alimente um pouco mais, não vê como está magro?” Assim ele me dizia.

Tenho muitas cartas de Paulo VI, onde eu referia tudo e ele respondia. Eu também transmitia a Atenágoras o pensamento do Papa. Provavelmente foi isso que moveu o coração de Paulo VI para ir, pela segunda vez, até Istambul, encontrar-se com Atenágoras.

João Paulo II é diferente. Ele pega da nossa espiritualidade coisas que servem para toda a Igreja. Por exemplo, ele chama a espiritualidade da unidade de “espiritualidade de comunhão”, mas é a mesma. Ele generalizou na Igreja o conceito de Jesus abandonado, mas o pegou aqui. Ele mesmo o reconheceu. Temos uma carta, dirigida aos cardeais e bispos do Movimento, onde ele diz: «A espiritualidade da unidade, que é a de vocês; a espiritualidade de comunhão, que é de vocês».

Portanto, aqui existe, eu diria, uma comunhão de carismas, se podemos dizer assim. Ao passo que Paulo VI nos ajudou muito, porque o nosso Movimento era novo. Não existiam Movimentos mistos na Igreja, isto é, com homens, mulheres, jovens, sacerdotes, frades, todos. Não existia; existiam somente as freiras de um lado, os frades de outro... Foi o Papa Paulo VI que... Ele era parente da minha secretária. E foi Paulo VI que nos ajudou a escrever o novo Estatuto e a aprová-lo, porque como Papa podia aprová-lo, embora o código de Direito Canônico não previsse estas realidades eclesiais.

Sandra:

**10. Assim como aconteceu com os santos e com as pessoas que tiveram um dom particular, sabemos que também a senhora foi provada. Poderia me dizer como enfrentou a provação?**

**Chiara:** Eu passei por elas. Prefiro não comentar! Porque está escrito na Escritura, em latim: “Sacramenta regis abscondere bonum est”, que significa: os segredos do rei é melhor mantê-los escondidos. Eu prefiro.

Passei por elas. Podem ser chamadas “noites escuras”, podem se chamar “noites de Deus”, podem se chamar com muitas palavras. São terríveis! É participar dos sofrimentos de Jesus abandonado. Porém, não quero entrar nos particulares, não me sinto.

Sandra:

**11. Lembro-me do Papa que, naqueles momentos terríveis, naquela solidão assustadora, terá sido o único a sustentar e ajudá-la, terá sido o único a quem recorrer e que podia dizer se o que a senhora fazia era correto.**

**Chiara:** É isso que queremos do Papa: o discernimento. Ele tem a graça, com todos os bispos, do discernimento. Entender: esta é uma obra de Deus; esta não é uma obra de Deus. O Papa, com todos os documentos que possuo, confirma que é uma obra de Deus. E é esta a grande alegria. Isso me permitiu ir para frente, para frente.

Sandra:

**12. Acenou aos fatos extraordinários<sup>1</sup>, onde se nota a intervenção do Espírito Santo. Poderia me contar alguns deles, no qual ele intercedeu?**

**Chiara:** Ah, sim, esses episódios (primeiramente digo algo em geral) são muito importantes! Para escrever este livro, li cerca de 300 episódios. A um certo momento, sobressaía sempre a intervenção de Deus: a pessoa confia tudo a Deus; passa um dia e eis que Deus intervém. É uma coisa estupenda! E a coisa estupenda é esta: que é um Evangelho vivido pelo povo, não nos conventos, mas no meio do mundo. É algo... Não vejo a hora de ter tempo para ler esses episódios.

Cada vez que os leio, quando chega o momento da intervenção de Deus, me comovo, porque são coisas sobrenaturais. Se você visse essas mães pobres, essas famílias, esses pais que procuram emprego, que vivem o Evangelho e Deus responde. É uma coisa impressionante! É uma coisa impressionante! Uma coisa estupenda! Porque nós não conhecemos bem o Movimento neste aspecto. Vamos, falamos, tomamos... resolvemos muitas... temos as Mariápolis permanentes para construir. Eu lhes pedi: "Mandem-nos um pouco desses..." e chegavam pilhas de episódios todos os dias... Depois, os recolhemos nesses livros. É lindo, porque desta vez é a multidão, não são as pessoas eleitas.

Esta manhã, por exemplo, li um: uma senhora é encarregada por certas obras sociais. Então, se levantou e trabalhou como assistente social; ajudou uma pessoa, e depois voltou para casa. Estava muito cansada e disse: «Hoje já trabalhei demais, basta. Agora vou para casa». Porém, voltando para casa, encontrou uma senhora albanesa, que tinha conhecido e lhe disse: «Poderia me ajudar, preciso falar com a senhora?». Ela, que estava cansada, disse: «Sim, sim, uma outra vez». Foi para casa e assim que entrou em casa disse: «Meu Deus, o que eu fiz! Não vivi bem; deveria ter conversado com ela»; telefonou logo para esta senhora e disse: «Venha, venha conversar; encontrei um tempo». Ela disse: «Olhe, estou grávida, mas é impossível; não temos condições para mantê-lo, meu marido... Então, está decidido, vou abortar». Ela disse: «Não; é uma criatura, é uma criatura de Deus». E salvou a criança. Mas se ela não tivesse feito aquele telefonema, teria partido uma

---

<sup>1</sup> I fioretti.

criatura. Escutar a voz de Deus, fazer a vontade de Deus, viver bem o momento presente, nos traz a vida.

Sandra:

**13. Existe este grupo de estudiosos, a Escola Abbá. Por que é tão importante?**

**Chiara:** A sua importância depende disso: sempre, na história da Igreja, quando surge uma forte espiritualidade, por exemplo, a espiritualidade franciscana ou a espiritualidade dominicana, Deus manda também uma pessoa que interpreta, de forma doutrinal, aquela espiritualidade para doá-la à Igreja.

Desses grandes carismas, que nos dão uma espiritualidade, a um certo ponto, se extrai uma doutrina, uma doutrina universal, que não é somente daquele Movimento. Foi assim para São Francisco com São Boaventura, o teórico que elaborou a partir do franciscanismo uma doutrina. Foi assim também para São Tomás, que era dominicano, e conseguiu extrair da espiritualidade dominicana, toda centralizada na verdade, uma doutrina, que faz parte da doutrina da Igreja.

Nós, a certa altura, nos apercebemos que estava emergindo da nossa espiritualidade uma nova doutrina. Então, nasceu, há cerca de 20 anos (mas está trabalhando há 10 anos), com um bispo focolarino e comigo, nasceu esta Escola.

Devido aos momentos de iluminações particulares, que tivemos, nós estudamos, de modo especial, essas iluminações, extraindo dali uma doutrina que, amanhã, se for perfeitamente ortodoxa – e se estuda para que seja ortodoxa, confrontando-a com a verdade da fé –, vai se tornar doutrina da Igreja

Por isso é muito importante, muito importante.

Sandra:

**14. Qual foi o momento mais belo da sua vida?**

**Chiara:** Olhe, eu não posso dizer, porque foram muitos, foram muitos, foram muitíssimos. Todas as vezes que percebo a presença do Espírito Santo em mim, é a felicidade, é a felicidade. Eu sei o que é a felicidade, eu sei o que é a felicidade! É o Espírito Santo, é ele que... Os seus dons são: paz, luz – vemos, entendemos, nos apercebemos –, amor: é ele.

Por exemplo, eu não entendo como alguém pode não acreditar em Deus, porque acho tão claro que, no mundo, tudo seria um absurdo, até as nossas vidas, se não existisse alguém. Não sou eu o rei do universo, nem mesmo você, nem mesmo ela; o que somos nós? Vivemos, morremos. O que somos? Nós somos o melhor do universo. Como não compreender que existe alguém que dá sentido a todas essas coisas? Caso contrário, tudo é sem sentido, para mim nada tem sentido.

Por que existem as árvores? Por que a história? Por que a política? Por que a... se não existe um objetivo, se não existe... por quê? Porém, é o Espírito Santo que coloca isso dentro de nós como um prego.

A ressurreição, que é algo tão delicado, tão difícil... Uma das coisas mais belas que me vem aos lábios: «creio na ressurreição da carne».

É possível que em todas as primaveras as flores floresçam, que em todas as primaveras as flores floresçam; é possível que também nós sejamos enterrados e não refloresçamos? Existe uma evolução cristã que leva tudo para frente, tudo vai para frente, e que exprime a vida.

Repito, no Credo, para mim, as duas frases mais importantes são: «Creio na ressurreição da carne». Não porque me esforço por acreditar, mas «creio na ressurreição da carne, creio na vida eterna», porque essa é a vida. Não posso indicar: um momento de alegria, um momento... Foram muitos na minha vida, muitos! Realmente, quem segue Deus...

Diz-se que a evangelização consiste nisso, em dizer: «Deus te criou por amor; Deus te quer salva por amor, porque mandou, por amor; o seu Filho morreu por ti, por mim, por ti, por você; Deus te preparou um futuro de amor e de felicidade». Este é o Evangelho e eu o experimentei e estou experimentando.

Qual o período mais belo? Como é este último período? O mais belo da minha... Este último é o mais belo da minha vida, o mais belo da minha vida, sem comparações, porque são mais freqüentes esses momentos assim, são mais...

Sandra:

**15.Vi pessoas muito tristes, sobretudo no mundo ocidental. Materialmente eles têm tudo aquilo que desejam, mas parece que perderam a própria identidade. Segundo o seu ponto de vista, é importante, antes de tudo, conhecer a si mesmo?**

**Chiara:** Bem, agora é mais intensa, mais clara, agora é mais mística, pertence mais ao reino místico, onde se sente... Contudo, desde pequena eu já tinha a minha identidade. Eu era aquela que era. Era filha de Deus.

Nós, geralmente, com essas pessoas... procuramos falar, sobretudo partilhar das suas realidades, procurando entendê-las, fazendo o vazio, como se diz: Jesus abandonado se anulou. Também nós devemos ser o nada para entender, para entender. Se desejarem ouvir uma palavra, muitas vezes explicamos que Jesus, no abandono, perdeu tudo, tudo, tudo, e as pessoas se sentem um pouco semelhantes a Jesus abandonado. Às vezes retomam o sentido das coisas, entendem.

Por exemplo, por que em certos países a espiritualidade do Movimento penetra menos e em outros, mais? Na minha opinião, não depende nem da santidade das pessoas que estão ali, nem da raça. Depende, muitas vezes, dos bens, das riquezas. Por exemplo, tomamos certas... Não quero mencionar as nações; porém, em algumas nações se tem tudo: a própria realização, o estudo, uma pátria muito estimada no mundo, uma família,

uma casa, se tem tudo. Outras, ao invés, onde... o nosso espírito se difunde mais, não se tem tudo, mas falta alguma coisa ou são pobres, de modo que são mais livres para entender. De fato, Jesus disse: vim para evangelizar os pobres, porque são os primeiros a compreender.

Têm tudo, têm tudo. Eu estive nessas nações. Porém, o que possuem também? A percentual mais alta de suicídios. Portanto, têm tudo até certo ponto. Enquanto que, em certos países muito pobres, nem conhecem o suicídio, não sabem o que é. Geralmente é assim: se estamos plenos ou um pouco vazio; se estamos plenos, não entra mais nada; por isso, é mais difícil.

Sandra:

**16.A senhora fala da “rosa mística”. Poderia me explicar?**

**Chiara:** Sim, sim. A nossa Obra é como uma rosa mística, porque a Obra tem uma vida. Às vezes, por exemplo, em outubro, todos os anos, os dirigentes da Obra no mundo inteiro, viajam para Roma. Dizemos que eles são como muitas pétalas do mundo inteiro, que compõem uma rosa. Depois, partem de novo. Aqui eles são nutridos com muita, muita nova sabedoria, e também são ajornados sobre muitas realidades. Essas notícias são importantes, para que em cada ponto do mundo saibam tudo e sejam... De fato, é assim, se for às Ilhas Fiji, sei que encontrarei a mesma formação que em Roma; vou à Argentina: a mesma coisa que em Roma. É algo estupendo! Poderíamos pensar que os que estão distantes são mais enfraquecidos! Não, não, não, não!

Quando termina o mês de outubro, essas pétalas partem e com os dirigentes do Movimento locais recompõem outra rosa que receber formação, notícias. Depois, cada um deles... Entre os responsáveis, por exemplo, está o responsável pelas famílias, pelas crianças, pelos adolescentes, pelos jovens, responsável pelos sacerdotes. Depois que se reuniram como uma rosa, abrem-se e vão ajornar, formar as famílias, este outro vai formar... e assim por diante.

Naturalmente, esse modo de viver na Obra é também variado, não são somente os responsáveis que vêm para Roma. Por exemplo, se fará o congresso dos gen 3, dos adolescentes, e ali chegarão adolescentes do mundo inteiro. Eles se ajudam, porque a viagem é cara. Fazem atividades durante meses para conseguir a passagem, para ajudar os que vivem mais longe, para que possam participar.

Então, parte do mundo inteiro essa fileira de representantes, porque seriam muitos mais. Só os representantes vêm a Roma e compõem outra rosa, de uma outra cor, talvez amarela, e depois, se voltam para os centros... Assim, dessa forma.

Sandra:

**17.Há alguns anos, você escreveu que esperava ansiosamente pelo ano 2000, quando chegaria a civilização do amor. Estamos no ano 2000? Onde ela está?**

**Chiara:** Existe e já começou. Existe! É preciso ter confiança. É preciso entrar num outro mundo. Jesus tinha mesmo razão em dizer que estamos no mundo, mas não somos do mundo. O mundo nos desencoraja, o mundo nos tira a esperança. É preciso estar no mundo, mas estar no nosso mundo, e dali vemos o progresso, conseguimos entender também o progresso que os outros fazem e valorizamos todas as coisas.

Realmente, é necessário estar no mundo, mas não ser do mundo... O mundo...!

Sandra:

**18.Última pergunta. O seu relacionamento com Deus: há quantos anos está "casada" com Ele? Mais de cinquenta! Em todo casamento existem altos e baixos. Como amadureceu o seu relacionamento com Deus?**

**Chiara:** Existiram altos e baixos, mas dependia sempre de mim, não dele. Eu é que, talvez, não fazia um ato de amor e sentia logo que faltava alguma coisa, então, pedia perdão! Eu me recolocava e dizia: recomeço.

Nós temos uma palavra fabulosa que é: recomeço. Nós recomeçamos sempre, recomeçamos...

É assim!...

Sandra: Belíssimo. Obrigada.



## **ANEXO C – Chiara aos internos da Grã-Bretanha e da Irlanda**

Logan Hall (Londres), 16 de novembro de 1996

### **Chiara aos internos da Grã-Bretanha e da Irlanda: “Responde a 21 perguntas”.**

**Chiara:** Então, finalmente nos encontramos. Visitei várias pessoas, como vocês foram informados, mas é a primeira vez - depois dos gen 4 -, que me encontro com membros do Movimento. Imaginem a minha alegria. (aplausos)

(...) Obrigada, realmente obrigada por todo o amor de vocês. E obrigada também pela recepção que me deram, com tantos presentes, que não sei como levar para Roma. E também pelas suas cartas, pelas flores e por todas as coisas.

Agora eu devo responder a umas vinte perguntas que vocês me fizeram. Eram mais. Porém, o tempo à disposição limitou-as a vinte.

Então, a primeira.

**Michel John:** Esta é a minha pergunta:

**1. Muitos dos meus amigos não acreditam em Deus. Como posso explicar-lhes que Deus é Amor e quer que estejamos todos unidos?**

**Chiara:** (...).

A nossa experiência nos diz assim: para que os outros acreditem que Deus é Amor, os outros saberão que nós acreditamos em Deus, se amarmos. Assim eles vão deduzir: "Se eles amam, o estilo do Deus deles é Amor".

Depois, nós devemos difundir o amor também entre os homens, entre nós. Assim Jesus estará entre nós. Ele é Deus e é Amor. Ele mesmo testemunhará aos outros que Ele é Amor. De fato, Ele disse: "Que sejam um - como sabem - para que o mundo creia" (Jo 17, 21). É potentíssima a presença de Jesus no meio para que o mundo creia!

Outra coisa importante é falar. Vocês não devem ficar calados. Eu sempre falei; na minha vida eu sempre falei. E a minha experiência é que, não obstante as palavras por vezes possam até ferir, deixam sempre uma marca nas pessoas; de forma que mais tarde, talvez na hora da morte ou em circunstâncias dolorosas, são recordadas.

Portanto, para que, quem não crê, acredite que Deus é Amor: amem, amem-se reciprocamente e falem. Assim. (aplausos)

**Simone Giles:**

**2. Caríssima Chiara, você disse que todos são candidatos à unidade. Eu procuro sempre viver estas palavras junto com as palavras do Evangelho. Na escola estudamos a segunda Guerra Mundial e as suas conseqüências. Eu li o livro 'Diário de Ana Frank' e fui visitar a sua casa em Amsterdã. Você diz para 'amar a todos', mas eu não consigo amar os nazistas. Eles mataram as pessoas por motivos racistas. O que você acha e o que diria aos rabinos que nos dizem para jamais perdoar?**

**Chiara:** Eu respondo assim.

Os judeus possuem outra religião, que não é a religião cristã. Nós temos a religião cristã e sabemos que devemos amar também os inimigos, ainda que fossem nazistas. Nós temos que amar também os inimigos. Os nazistas fizeram um grande mal aos outros, pois mataram muitas pessoas, mas se nós nos comportássemos como eles, se nos vingássemos e matássemos, o mundo logo pereceria. Ao invés, é preciso (tal como Jesus quer) criar um mundo novo, onde todos se amam. E por algum lado é preciso começar!

Os cristãos estão num ponto estratégico, pois podem ser os primeiros a amar, porque eles sabem amar também os inimigos. Eles possuem um amor mais forte.

Em muitas outras religiões o amor é mais natural, mais humano, e não chega ao ponto de amar o inimigo. O nosso é um amor mais forte. (aplausos)

**Manfred:** Ciao, Chiara, sou Manfred.

**3. Vivemos numa sociedade que considera o indivíduo muito importante. Por isso vemos que o relacionamento pessoal é essencial para o nosso apostolado e muitos não gostam de encontros numerosos. Que solução encontrar para conseguir levar o Ideal ao maior número possível de pessoas?**

**Chiara:** (...) Eu diria assim: é uma conseqüência natural.

Quando amamos, quando estamos nos nossos lugares de trabalho, na escola, na família, comecemos com pequenas coisas, com pequenos encontros, porque este é o modo de nos inculturarmos na Inglaterra, que ama... os contatos pessoais, os pequenos encontros, etc. Sempre, sempre devemos inculturar-nos com quem está ao nosso lado, isto é, assumir a sua cultura.

Depois, naturalmente, amando-os, somos amados por eles e, assim sendo, Jesus estará entre nós. Mas Jesus não disse: "Que sejam um para que alguém creia". Ele disse: "Que sejam um para que o mundo creia"! Portanto, muitos.

Uma prova de que os ingleses são feitos também para grandes encontros são vocês. (aplausos)

**Mônica:** 4. Chiara, estamos mergulhadas numa cultura individualista, que é natural neste país, mas promovida de propósito, sobretudo nos últimos 15 anos. Embora amemos as pessoas com um amor divino e humano, elas nada mais vêem que um amor meramente humano, uma filantropia.

**Que conselho você nos dá para viver sempre um amor sobrenatural?**

**Chiara:** Eu gostaria de dizer isso. Os outros acreditarão que a nossa é uma filantropia, é um modo de amar humano, é bondade, enquanto Jesus não os tocar. Quando forem tocados por Jesus, notarão que o seu amor é sobrenatural, além de humano.

Ora, sabemos que muitos santos, que viviam uma espiritualidade individual, só com a presença deles, com o fato de se apresentarem em alguma parte, impressionavam as pessoas. Era como se ali tivesse passado Jesus.

Portanto, também hoje elas ficarão tocadas e sentirão que é um amor diferente. Depois, notarão também que são tratadas com um amor sobrenatural, que é diferente.

Se depois nós... Eu repito sempre isso, pois é a... única saída. Além disso, se colocarmos Jesus no meio, Ele penetra nos corações, pois é Ele que fala de si! Humanamente falando, é impossível amar-se, amar-se sempre, abraçando Jesus Abandonado, e incrementar esse amor, se não formos movidos por um amor sobrenatural. Somente um amor sobrenatural produz a unidade.

De fato, a unidade é uma graça que vem do alto, porque nos amamos reciprocamente. A graça, que recebemos, é mesmo a presença de Deus entre nós. Ora, esta presença de Deus toca os outros, que passam a acreditar.

Por isso, não pensem: "Mas eles pensam... Os ingleses são assim, são assim...". O mundo Por toda a parte é igual. Vocês terão também as suas características, como vi na encenação que fizeram. Vocês são muito personalizados. São inconfundíveis. Enfim, não são os outros. Por isso, têm uma personalidade própria, belíssima. Porém, também somos todos filhos de Deus. Somos todos iguais. E Jesus, quando fala, dirige-se a todos: para os ingleses, aos italianos, aos espanhóis, até mesmo aos napolitanos! (aplausos)

**Tim:** Sou Tim, do focolare de Londres.

**Chiara:** Sim, Tim.

**Tim** 5. Um dos aspectos mais típicos da cultura inglesa é a rejeição do indivíduo a submeter-se ao coletivo. Frases como "fazer unidade", "cortar a cabeça", "a unidade ou a morte", usuais na nossa linguagem, soam mal e suscitam a suspeita de que se trate de algum

**tipo de corporativismo. Esta linguagem é parte integrante da forma do Ideal ou pode ser adaptada à cultura local para exprimir melhor o seu conteúdo?**

**Chiara:** Olhe. Nós, com toda a certeza, não pedimos a ninguém que se submeta ao coletivismo; de modo algum. Nós queremos que todos construam juntos a comunidade, a unidade, e esta é a vontade de Deus, porque temos que viver segundo a Santíssima Trindade, que é uma comunidade de três Pessoas em um só Deus.

A respeito das palavras, mais uma vez é uma questão de inculturação. Não devemos usar palavras que os outros não compreendem ou compreendem mal ou subentendem. É preciso... usar as palavras justas. Por isso, ao invés de "fazer-se um", vocês digam: "amar". Amar é "fazer-se um". Ao invés de dizer: "É preciso cortar a cabeça", devem dizer: "É preciso amar a ponto de dar a própria vida, portanto, a deixar de lado o próprio pensamento para penetrar no outro, para compreender o outro". "A unidade ou a morte"; ninguém precisa proclamar... pois nem sequer é uma palavra de Deus. É um lema dos focolarinos. Basta dizer: "Olhe que a unidade exige muito empenho; não é uma coisa simples, que fazemos... por divertimento; não é banal. É uma opção forte". Entendeu?

Portanto, você mude as palavras. Quando vamos para outro país, aprendemos até outra língua. Ainda mais é preciso mudar... para inculturarmos-nos. (aplausos)

**Morade: Oi Chiara !**

**6. Pode nos dizer algo mais sobre como você se faz um com personalidades importantes, por exemplo, no âmbito da Igreja ou da política? E qual é a sua experiência pessoal a este propósito?**

**Você não treme um pouco?**

**Chiara:** Olhe, eu confesso que, quando era jovem, eu tremia um pouquinho, sobretudo quando ia encontrar o Papa, que é a maior personalidade que encontrei na minha vida. Conheci diversos papas. Eu sempre me agitava um pouco.

Quando comecei a pensar: "Devo ir para amar também ele; vou para amá-lo", desapareceu tudo! Por isso, eu me aproximo de qualquer pessoa... Podem chamar aqui todos os reis do universo, os príncipes, quem quiserem e eu não me agitarei, porque sei que devo amá-los.

Eu me perguntei: "Mas por que será, se vou para amá-los, não me preocupo?". Porque se a minha intenção é ser a primeira a amar, a caridade em mim me move. A caridade é potente, porque é a vida de Deus dentro de mim. E onde existe o amor, não há lugar para o temor. Deve ser por isso! (aplausos)

**Padre Dick:**

**7. Chiara, muitos sacerdotes possuem como centro de suas vidas a paróquia que os absorve completamente. Geralmente não lhes interessa nenhuma realidade fora da paróquia tal como, por exemplo, a comunhão entre os sacerdotes.**

**Que conselho nos daria para mostrar melhor a esses nossos irmãos a beleza e o fascínio da vida animada por uma espiritualidade coletiva?**

**Chiara:** Eu diria assim: não se preocupem com os sacerdotes que não querem saber de nada exceto que da paróquia. Vivamos nós. Nós. Os senhores. Vivam os senhores.

Por exemplo, numa paróquia em que dois sacerdotes vivem juntos num focolare, vivendo com Jesus no meio, acontecem muitas coisas. Em primeiro lugar, possuem uma alegria que os outros sacerdotes não têm. Depois, um conceito positivo do celibato, que muitas vezes é suportado pelos outros. Os senhores, porém, sentem que é até uma libertação. Nascem por todo o lado - por força, porque Jesus no meio irradia! - grupos de pessoas da Palavra de Vida. O presbitério da diocese dos senhores, ao redor do bispo, começa a tornar-se uma única família, porque Jesus no meio irradia o amor, produz a unidade, a unidade. Os senhores começam a abrir-se a pessoas de outras Igrejas, enquanto os outros têm medo e por vezes se fecham até demais na própria paróquia. Os senhores começam a ter contato também com pessoas de outras religiões, acolhendo-as. Ou também, por exemplo, outra coisa: chega muita providência, se os senhores buscarem o Reino de Deus. Então, constróem a sala para isso, a sala para aquilo, a igreja, etc., etc. Os outros sacerdotes, com o tempo, dirão: "Mas como é que fizeram tudo isso? Como conseguiram construir uma unidade tão bela assim com o bispo; por que estão sempre contente? Eu os vejo sempre com o sorriso nos lábios. Nós temos tantas preocupações, preocupações. Como é?".

Então, falem. Falem. Digam: "Nós escolhemos Deus e não o sacerdócio como nosso primeiro Ideal. Escolhemos Deus por Ideal. O nosso Ideal é Deus Amor; Ele nos ensina a amar. Nós nos amamos reciprocamente. Estabelecemos a presença de Jesus no meio e Jesus atrai muitas graças".  
(aplausos)

**Pauline:** Ciao, Chiara.

**8. Como você tem a certeza de que está fazendo a vontade de Deus?**

**Chiara:** No início do Ideal inclusive para nós, primeiras focolarinas, não era tão claro. Não sabíamos qual era a vontade de Deus, se era essa ou aquela. Então, encontramos um truque, que era esse. Dizíamos a Jesus: "Ouça, eu faço isso; se estiver errada, por favor, leve-me para o outro lado. Mas eu não posso fazer mais do que aquilo que sinto. Eu acho que a vontade de Deus é esta. Se não for, me ajude a mudar para a certa".

Começamos a fazer assim, mas à medida que crescemos no Ideal, a voz interior vai aumentando, a voz de Deus fica cada vez mais potente. Ela

emudece as outras vozes e entendemos logo: "Esta é a vontade de Deus". Temos toda a certeza que aquela é a vontade de Deus. Entendeu? (aplausos)

**Gerard: 9. Chiara, somos de uma cidadezinha do Lancashire. Frequentamos uma paróquia onde há muitas gerações as famílias são católicas e os pais levam os filhos à igreja, procurando dar-lhes uma formação cristã. Porém, de uma geração para cá os filhos já não querem ir à igreja e não vão. Essa situação é universal.**

**Como fazer para não desanimar e como podemos preveni-la?**

**Chiara:** (...) Então. Esta é uma situação universal, você diz. Os jovens, acima dos 10 anos, já não querem ir à igreja, é uma situação universal, geral. Não era assim alguns anos atrás.

Bem. É uma situação geral, devemos admitir. É uma situação universal, admitimos. Porém, existem exceções. Por exemplo, observando os nossos gen 2, os gen 3 sobretudo, nós notamos que nasce neles, com o Ideal, a paixão pela Igreja. Eles não a abandonam e nos seguem, porque nós lhes explicamos o que é.

Porém, o que é preciso fazer? Temos que formar os jovens, dando-lhes o Ideal, porque - como explicarei depois -, o Ideal suscita também a paixão pela Igreja. É preciso que nós formemos os jovens.

E depois, estejamos atentos. Em tempos difíceis aparecem sempre ajudas especiais do Espírito Santo. Pois bem, na época atual vemos a presença forte, no mundo - não sei se também aqui na Inglaterra -, dos Movimentos. Confie os jovens a sacerdotes, por exemplo, desses Movimentos, que sabem convencê-los, explicar as coisas, etc.

Esta poderia ser uma boa solução para que os nossos jovens não abandonem a Igreja muito cedo. Esses sacerdotes sabem formá-los através, não sei...

Vocês mesmos, como pais, aproveitem as festas, as férias juntos, o teatro... Eu soube que no Trentino, ou no Vêneto, os pais, para manterem a família unida, produziram um filme, mas muito bem feito. Os atores eram a mãe, o pai, os filhos de uma família, de outra. Estão exibindo este filme. Para dizer que os pais... Então, os filhos gostam e, aonde os pais vão, os filhos também vão.

Confie no Ideal, sabe? Devo lhe dizer a verdade: é assim, porque sei que é difícil encontrar ajuda em outras partes. Entendeu? (aplausos)

**Voluntário: Em carne e osso, não via Internet, Chiara.**

**10. Estudo num grande instituto católico. Os estudantes e os professores têm sempre uma atitude negativa em relação às estruturas da Igreja e debocham de quem é obediente à Igreja. Eu reajo. Porém, o que mais posso fazer para mudar isso?**

**Chiara:** Veja bem; eu dou um pequeno exemplo que me lembro. Se tivesse outro melhor, lhe daria. Mas se deu quando eu ia à escola. Você já deve conhecer este episódio.

Quando eu fazia o Magistério, havia um professor ateu que falava sempre mal da Igreja, regularmente. Eu recordo que depreciava santo Agostinho. A certo ponto eu não agüentei mais. Porém, não sabia como contradizê-lo, porque não tinha argumentos. Eu era ignorante, pois sabia pouco da religião. Porém, regularmente eu levantava a mão: "Professor, não é verdade!". Depois eu me sentava. Ele continuava o discurso. "Professor, não é verdade!". E depois eu sentava.

As minhas colegas me puxavam pela camisa. "Mas, Chiara...", me diziam: "Lubich, fique quieta. Você vai se arrepender da nota! Você vai ver!". Mas eu não podia ficar calada: "Professor, não é verdade!". Então, dizia: "Mas Agostinho... isso e aquilo!". "Não é verdade!" e chega.

No final do trimestre eu tirei a nota máxima, que naquela época era 10. A nota máxima. E as minhas colegas, disseram: "É assim que se faz!".

Mais tarde a esse professor, que era ateu, aconteceu uma desgraça em família. Ele cruzou comigo numa rua e me disse: "Sabe, Lubich - disse -, entrei naquela igreja, que você vai sempre, para invocar aquele Deus no qual você acredita". Portanto, algum efeito teve.

Portanto, é preciso convencê-los! E convencê-los com a nossa convicção, mas que não conseguimos explicitar, porque não temos os argumentos, ou convencê-los com os argumentos.

Por exemplo, eles acreditam em Cristo, mas não na Igreja. Mas assim dividem Cristo pela metade! A hierarquia da Igreja foi fundada por Cristo. Foi Ele que disse: "Quem vos ouve, a mim ouve". Foi Ele que disse, que impôs as mãos e deu o Espírito Santo aos apóstolos para que se tornassem os primeiros bispos, os primeiros sacerdotes. Foi Ele que lhes deu a possibilidade e o poder de consagrar a Eucaristia, de perdoar os pecados. Foi Ele que disse a Pedro: "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja". Foi Ele que disse isso.

Portanto, se você tirar do Evangelho tudo o que se refere à hierarquia, ele vai ficar sem uma parte. Portanto, não é verdade que podem acreditar em Jesus sem acreditar na Igreja. Ou acreditam em Cristo por inteiro, inclusive na Igreja, ou não acreditam em nenhum Cristo. (aplausos)

### **Focolarino casado:**

**11. Chiara, somos 4 focolarinos casados e dirigimos juntos uma escola de inglês. Como podemos ter a certeza de que o nosso modo de administrar os negócios é uma expressão da espiritualidade coletiva?**

**Chiara:** Olhe, antes de mais nada eu os felicito por esta escola tão bela, sobre a qual chegam notícias até em Roma, naturalmente.

E depois, a coisa é a seguinte: você quer fazer algo segundo a linha da "economia de comunhão". Ora, para fazer a "economia de comunhão" é

necessário ter homens novos; mas os homens novos são aqueles que vivem o Ideal, aqueles que vivem o Ideal, vivem os instrumentos da espiritualidade, vivem o amor recíproco, vivem a unidade.

Vocês quatro de vez em quando devem encontrar-se para comunicar como agiram, para fazer um balanço e ver se tudo correu bem, ou se correu mal; para ouvir os conselhos dos outros, para escutar o que dizem e depois aplicar, cada um, aquilo que aprendeu do outro, voltando ao trabalho. Depois, de vez em quando repitam essa reunião. Mas deve ser Jesus no meio a dirigir a escola de vocês.

Todas as empresas, as indústrias de "economia de comunhão", devem ser dirigidas por Jesus no meio; senão não é "economia de comunhão", mas uma economia qualquer, daquelas do mundo, que não servem para nada. É do mundo. (aplausos)

**Margaret: 12. Na Irlanda do Norte o sistema político criou estruturas que contribuem para fomentar a desigualdade e a divisão entre pessoas de diversas tradições. Você acha que além de se ocupar de cada expressão dolorosa dos nossos irmãos ou das comunidades, amando Jesus Abandonado, também devemos trabalhar ativamente para mudar as estruturas no modo necessário, apesar dos riscos que isso comporta? O que podemos fazer para que Jesus no meio possa crie "homens novos" e para construirmos assim uma nova sociedade?**

**Chiara:** Para mudar as estruturas, é preciso ter a possibilidade de fazê-lo. E temos essa possibilidade, se tivermos um emprego de interesse público.

É por isso que o Movimento convida - como faz o Papa, de resto - a entrar na política, a entrar na política, para cristianizar também o mundo da política, que muitas vezes é o oposto do cristianismo.

Que os outros, entretanto, amem Jesus Abandonado e rezem pelos nossos que trabalham na política a fim de que sejam fortalecidos por um batalhão de orações e que, quando eles propuserem uma lei, seja aceita, ou, quando fizerem um debate, que sejam ouvidos.

A resposta é: entremos na política. É uma resposta estranha para Chiara, não é? Trabalhar em política. Mas é assim.

"O que fazer para que Jesus no meio crie homens novos?". Vivam o Ideal. Vivam o Ideal. Vão adiante com a nossa Obra.

**Gen: 13. Quando organizamos atividades com os Jovens por um mundo unido, nas quais os nossos amigos ateus estão envolvidos, ou quando eles nos perguntam como vivemos, às vezes é difícil usar a palavra Deus, o Evangelho, ou o amor por Jesus, porque eles associam estas palavras à Igreja, à qual são contrários. Podemos evitar de usar estas palavras sem "enganá-los"? Que palavras poderíamos usar? As pessoas sem fé podem participar do Movimento Jovens por um mundo unido?**



## **Podemos partilhar com eles o ideal de um mundo unido, sem assustá-los com este tipo de linguagem?**

**Chiara:** Olhe, para responder a esta pergunta, ou seja: se é possível evitar certas palavras, eu conto um pouco como estou me preparando para ir à Tailândia.

Provavelmente você sabe que nos próximos meses, no final de dezembro e todo o mês de janeiro, eu estarei na Ásia e parte do mês estarei na Tailândia. Eu vou lá, porque - como Natália deve ter dito - fui convidada pela Universidade budista para fazer um discurso. Fui convidada também por grupos de monges budistas, depois de ter conhecido Luz Ardente, sobre quem Natália lhes falou. Ele é um monge. E também o seu Grande Mestre. Eles ficaram tão entusiasmados com Loppiano, ficaram tão impressionados com a realidade de Loppiano, que fizeram de tudo para que eu vá ao país deles. Portanto, prepararam tudo...

Porém, me escreveram: "Procure falar somente do amor, da unidade e... do diálogo inter-religioso", isto é, não fale de Deus, porque os budistas não acreditam em Deus.

Por um lado, eu quero fazer o que me pediram; por outro, não posso trair a minha fé. Então, pensei em fazer assim.

Devo apresentar o nosso Movimento. Em geral, nós apresentamos o Movimento partindo da escolha de Deus e do amor, etc. Porém, lhes apresentarei o nosso Movimento assim. Vou dizer: "Estou aqui porque fui convidada a contar algo de um Movimento que se difundiu no mundo inteiro. Ele é formado por cristãos, por pessoas de outras religiões e também por pessoas que não acreditam em Deus, mas possuem boa-vontade. Todas estas pessoas procuram estar unidas com o amor, naturalmente que varia de acordo com cada uma". Então continuo: "Os cristãos vivem um amor que é participação da vida da Santíssima Trindade". Eu devo dizê-lo. Não é que imponho nada. É o meu testemunho. "Enquanto que outros, por exemplo, as pessoas de outras religiões, vivem o amor que está contido na "regra de ouro", que quase todas as religiões possuem, que diz: 'Faça aos outros aquilo que gostaria que lhe fizessem. Não faça aos outros aquilo que não gostaria que...?', que é cristianismo. Porém, pertence também a todas as outras religiões, cujos membros também amam, mas com um amor que não é como o nosso amor cristão, que é inclusive o ágape, a vida da Trindade, que é a caridade, o maior dos carismas.

Eles possuem a bondade, a não-violência, digamos. Eles amam para amar; têm a filantropia.

Nós dizemos: "Vocês acionem tudo isso. Nós acionamos o nosso amor. Cada um vive o amor como sabe. Quem não crê, é movido pelo desejo de fazer o mundo unido, de fazer do mundo... uma fraternidade universal. Nós reunimos tudo, todos estes amores, que são diferentes uns dos outros, e tentamos suscitar no mundo uma onda de fraternidade".

Por um lado, uso os termos deles; por outro, testemunho que eu sou de Cristo. Entendeu?

Você deve fazer o mesmo em relação ao seu amigo que não crê.  
(aplausos)

**Irmã Teresita:**

**14. À luz da sua experiência com os religiosos no mundo e dado que diminuam sempre as vocações à vida religiosa, como você vê o seu desenvolvimento?**

**Quais são as palavras sábias que você pode dizer aos religiosos para que permaneçam fiéis neste período de transição?**

**Chiara:** Um modo para aumentar as vocações (um deles; podem existir outros) é difundir a nossa espiritualidade, que já está superando as fronteiras do Movimento.

Eu soube recentemente que, em Roma, fizeram uma reunião com o Cardeal Arinze, que é o presidente do Pontifício Conselho para as Religiões<sup>1</sup>, da qual participou um focolarino. O tema da reunião era: "Uma espiritualidade para o diálogo inter-religioso". E o cardeal Arinze disse: "Uma espiritualidade boa, a melhor (a melhor!) que existe para o movimento inter-religioso é aquela dos focolares". Ele disse isso.

Portanto eles agora, no campo inter-religioso, se apropriarão da nossa espiritualidade, a desenvolverão em todos os centros, no mundo inteiro, em todas as dioceses, e irão difundi-la. E nós estamos contentíssimos, porque ela provém do Evangelho, que é de todos e todos podem vivê-la.

Um instrumento para reavivar o mundo religioso é mesmo a nossa espiritualidade. Os mosteiros, os conventos - assim dizem os documentos da Igreja - foram criados de maneira que sirvam de exemplo para a comunidade cristã.

Por exemplo, os religiosos colocam em comum os bens; são um exemplo. Os outros darão o supérfluo; darão também esmolas. Porém, seguem o exemplo. Dado que o nosso Movimento ensina mesmo a viver comunitariamente, através desta espiritualidade, as Ordens religiosas se reforçam.

Outra coisa que eu gostaria de dizer. Nós, por exemplo, temos 54.000 religiosas e 20.000 religiosos, que "produzem muitos frutos", dentre os quais as vocações que se multiplicam.

Uma coisa bela que ouvi recentemente foi esta.

Dois conventos... Contaram-me o episódio em momentos diferentes. Um convento era formado por pouquíssimas religiosas que tinham mais de 80 anos. Eram três, quatro religiosas e não havia novas vocações. Elas me escreveram: "Chiara, ensine-nos a morrer bem". Morrer queria dizer: ver a congregação morrer, não elas mesmas. Eu pensei: "Eu não ensino ninguém a morrer bem! Eu não!", aí disse: "Tenham Jesus no meio e verão os frutos!" Enfim: oitenta anos, três, quatro... Nasceram duas vocações, duas jovens entraram para o convento. Foi uma festa! Imaginem!

---

<sup>1</sup> Para o diálogo inter-religioso.

Em outra congregação também as religiosas queriam terminar bem, porque não tinham novas vocações. Elas viveram o Ideal e também viram nascer novas vocações.

Para dizer que a esperança não morre, se temos Jesus no meio, pois é Ele que chama e Ele não tem idade.

Muitas vezes se diz: "Mas se não formos jovens, não atraímos os jovens!". Quem foi que disse? Depende se eu tiver Cristo dentro de mim. Se Cristo vive em mim, Ele não tem idade e atrai jovens, velhos, crianças... Atrai todos.

Assim deveriam fazer as religiosas: vivam bem a espiritualidade coletiva, a espiritualidade comunitária, pois: multiplicam-se as vocações, naturalmente compreendem melhor o fundador. Acontece isso. Unem-se melhor com os membros da própria comunidade. Unem-se melhor com os seus superiores. Depois, as Ordens se fraternizam. Os religiosos estabelecem a unidade com os sacerdotes seculares. Eles se unem também com os leigos. Eis a Igreja que refloresce toda unida e graças à espiritualidade do Movimento dos Focolares. Entendeu? (aplausos)

**Nick:** 15. No Novo Testamento muitas vezes se lê que a nossa vida aqui é uma preparação para o Paraíso. Quando vivemos uma verdadeira experiência de Jesus no meio, temos a impressão de 'estar no Paraíso'. É certo dizer, então, que podemos experimentar o Paraíso antes de morrer?

**Chiara:** Ah!, é claro que sim! Nós vivemos a vida da graça, que é uma coisa sobrenatural. A vida aqui e a vida lá são bem parecidas. Lá teremos a visão beatífica de Deus, pois veremos Deus face a face. Aqui nós experimentamos o Paraíso, por exemplo, com Jesus no meio: uma grande alegria, uma segurança, um ardor. Queremos ir em frente. Queremos melhorar. Queremos não retroceder. Queremos desenvolver... Somos movidos pela força da graça que temos em nós.

Porém, por vezes não acontece assim. Regredimos um pouco. Caímos em alguma imperfeição, em algum pecado, etc. Então, é por isso que a Igreja diz que existe o "já" e o "ainda-não", isto é: já experimentamos o paraíso, mas ainda não de modo perfeito como será. Porém, ambos possuem a mesma natureza, a mesma substância, porque Jesus no meio que temos entre nós, será o mesmo do Paraíso. É o mesmo Jesus. Só que aqui é presente espiritualmente. Lá o veremos com os olhos. (aplausos)

**Anthea:**

16. Pertencemos a várias denominações cristãs e existe uma grande unidade entre nós. Você acha que, nesta região, onde existem cristãos de várias denominações, a nossa vida de unidade é um modelo para

## **incrementar o amor e a compreensão recíproca entre pessoas de várias Igrejas? Como isso pode acontecer?**

**Chiara:** É claro que é um modelo! Certamente, desde que cada uma de vocês, de Igrejas diferentes, obedeça à própria consciência; isto é, que não caiam no erro de eliminar certos aspectos da própria consciência para fazer uma unidade, um irenismo, se diz. Isso estaria errado.

Se vocês se mantiverem: a católica, católica; aquela outra... respeitando a própria consciência, então é uma unidade justa. Assim testemunharão... e podem ter Jesus no meio. Vocês testemunham realmente como podem ser as Igrejas desde já. Não só quando serão unidas. Vocês ainda não estão unidas teologicamente, etc., neste caso são como as Igrejas.

Eu diria que sim! Vão em frente e testemunhem isso. (aplausos)

**Chiara:** Os focolarinos de Dublin. Não é que exageramos em escolher mais perguntas da Irlanda do que da Inglaterra? Não.

**Focolarino:**

### **17. Chiara, como você vê a contribuição da Escola Abbá para a vida do ecumenismo?**

**Chiara:** (...) Olhe, a impressão que temos, nestes primeiros anos desta Escola Abbá é esta: nascerá uma teologia nova, que conseguirá também captar a beleza e tudo o que existe de bom nas outras Igrejas, nas outras denominações cristãs. Ela conseguirá, aliás, enfatizá-los. Isto é, o belo e o bom das outras Igrejas serão essenciais para essa teologia. Essa teologia precisa exprimir-se também assim, também assim, também assim, também assim. Por isso, será muito útil o diálogo teológico que nascerá!

Não sei se sabem que Hubertus, que é da Escola Abbá, esteve na Alemanha. Ele é especializado em Lutero e foi falar sobre Lutero. Pois bem, os pastores, os presentes e os professores que estavam presentes, disseram: "Mas você fala de Lutero melhor do que nós!", porque Hubertus conseguiu compreender por que Lutero dava tanta importância à Palavra, por exemplo. Ele também diz: "Tem as suas limitações". Porém, também eles sabem que tem limitações. Todavia não sabiam que fosse tão linda a descoberta de Lutero a respeito da Palavra! E ele - agora eu não sei repetir, porque não tenho aqui o tema - o explicou amplamente de forma que ficaram muito fascinados! Entendeu?

Por isso, é o que se fará. E não só com as outras Igrejas cristãs, mas também com as outras religiões. Por exemplo, Enzo Fondi é especializado, na Escola Abbá, no estudo dos elementos de outras religiões que fariam parte da teologia da Escola Abbá. E já se fazem progressos. Ele já explica certas coisas. Certas experiências nossas, por exemplo, Enzo ilustra com... experiências de Buda. E foi o que já fez. Existe muita consonância. Não é a mesma coisa, mas existem sementes do Verbo ali que é preciso desenvolver. Desenvolvem-se ao contato com o Verbo de Deus.

Por isso, a nossa teologia terá muito a ver com as outras Igrejas. (aplausos)

**Christopher:**

**18. Chiara, poderia nos dizer que aspecto da Escola Abbá lhe dá mais satisfação e alegria?**

**Chiara:** É tudo interessante. Na Escola... Abbá é tudo, tudo interessante. Por que é assim?

A Escola Abbá, como sabem, não apresenta somente uma nova teologia, mas faz florescer uma nova filosofia e também ilumina as ciências pela raiz, de modo que todas passam a ser - para dizer a verdade - como que servas diante de Deus, diante da teologia. E não sabemos de que lado... qual é a mais linda, sabe? Quando se fala, por exemplo, de sociologia, ou de física, ou de outras coisas, eu me sinto empolgada, porque é a primeira vez que vejo uma ciência humana iluminada pela fé, por conceitos religiosos. É a primeira vez. Então, é super-fascinante este aspecto humano, mais humano.

Naturalmente, na Escola Abbá alguns são inclinados a amar mais a teologia nova que nasce, por exemplo, os focolarinos, os focolarinos sacerdotes, os sacerdotes, os religiosos, etc., que possuem também o ministério; não excluo os demais.

Os aspectos mais humanos... das ciências humanas são compreendidos melhor e valorizados pelos focolarinos, por causa do aspecto humano da sua vida, pelos voluntários, pelos gen, etc.

Os nossos religiosos... apreciam muito a nova espiritualidade que está nascendo, que é a nossa. Mas tem uma série de implicações; por exemplo, nasce uma nova ascética, uma nova mística, e eles estão muito interessados nestas coisas.

Os nossos bispos apreciam tudo. Vê-se que possuem a graça de seguir todo o povo de Deus em todas as suas expressões.

O meu caso é... Eu vibro muito, neste momento, com a teologia, porque é a mais desenvolvida. Porém, quero dizer que vibro de modo igual também com as outras coisas. (aplausos)

**Lesley: 19. Nós sabemos que existe o pecado e a luz que você recebeu pode nos iluminar sobre o seu significado. Porém, existem muitas definições diferentes sobre ele e impera o relativismo neste campo. Pode nos explicar o que é o pecado para Deus?**

**Chiara:** Olhe: o pecado - esta é uma definição, creio, somente nossa - , o pecado é o oposto do bem. Isto é, para mim o mal não existe; existe o demônio, mas o mal não existe. Existe o contrário do bem, isto é: é pecado não obedecer a Deus, não observar os mandamentos, não fazer o que Deus quer; não observar a sua palavra. É um "não". E todo o bem está concentrado no mandamento novo, porque quem ama, observa todos os

mandamentos: não rouba, não faz mau atos, não mata. Todos os mandamentos estão dentro do amor recíproco; no amor e no amor recíproco ainda mais.

A Igreja tem o mandato de... fazer, em nome de Deus, leis, etc., portanto é preciso obedecer também à Igreja.

Porém, o pecado é não fazer o bem, porque o bem indica que é preciso fazer assim, assim, assim. Não fazer como ele diz, significa pecar. O pecado é um vazio. (aplausos)

(...)

**Padre Jonathan:**

**20. O carisma da unidade uniu, na família dos religiosos da Obra, muitas famílias religiosas. Como você vê que esta unidade pode se estender também aos religiosos das outras Igrejas cristãs e a todos aqueles das grandes religiões?**

**Chiara:** Não é que podemos nos unir também a religiosos de outras Igrejas ou religiosos de outras religiões, mas devemos na Obra de Maria. Devemos.

E cada ramificação (temos 16; serão 17 com a dos bispos), cada ramificação tem os membros de outras Igrejas e de outras religiões, como também pessoas que não crêem. Por exemplo, um religioso está em crise, não acredita em mais nada; então, faz parte daquela ramificação ali. Cada ramificação tem os seus.

Temos os voluntários anglicanos, temos os voluntários luteranos, os voluntários católicos, temos os voluntários... Cada ramificação tem os seus. Não é que podemos, devemos, porque existe algo que nos une.

Entre nós, cristãos, é uma coisa... Outro dia eu falei em York àquele grupo de pessoas... Na minha frente estava uma garrafa quase cheia d'água. Eu disse: "Nós somos assim! Temos quase tudo em comum: os mandamentos, os sacramentos, o Antigo Testamento, o Novo Testamento; temos uma série de coisas! Outros dizem: 'Mas aqui está vazio. Estamos ainda separados; estamos ainda divididos'".

"Mas você não vê a parte cheia?"

Nós, focolarinos, vemos a parte que está cheia e dizemos: "Mas você - dirigindo-se a um anglicano - acredita no que eu acredito. Você pode colocar Jesus no meio. Você acredita em Deus, na Trindade. Você acredita, acredita, acredita... Por que, então, não nos unimos? Se ainda existe alguma divergência, paciência! A garrafa está cheia!", nós dizemos. E os outros: "Não. Está vazia!". E nós: "A garrafa está cheia!". E os outros: "Não, está vazia!". Nós não vemos a parte vazia. Veremos mais tarde. Por enquanto vemos a garrafa cheia.

Por isso, com os outros de outras Igrejas e também com pessoas de outras religiões temos coisas...

Estou certa de que se Luz Ardente, que esteve em Loppiano, não tivesse sido hospedado pelos religiosos, não teria compreendido o que compreendeu, porque eles tinham em comum, pelo menos, com os religiosos, a consagração. Não digo a Deus, porque os budistas não acreditam em Deus, mas falo da consagração com os votos. Tinham isso em comum.

Logo, não só podemos, mas devemos. (aplausos)

**Cathrin:**

**21. Poderia nos contar em que fase está a Obra no desígnio de Deus? E qual deve ser o nosso objetivo hoje? O que lhe sugeriu o Espírito Santo nestes dias para as nossas regiões?**

**Chiara:** A Obra hoje é assim: está bastante completa, porque temos também os bispos aprovados pela Igreja como membros da Obra. Esta é uma das últimas coisas que conseguimos em Roma. E é uma grande graça, porque temos 780 bispos, amigos do Movimento, que fazem parte do Movimento efetivamente, mas que ainda não eram reconhecidos como tais pela Igreja. Foi o Papa que interveio pessoalmente e os aprovou como membros da Obra de Maria. Portanto, a nossa Obra está bem completa, porque mais acima dos bispos, não é possível ir.

Então, o que falta ainda é desenvolver esta doutrina que está jorrando da espiritualidade e da vida. É preciso desenvolvê-la bem, porque a Escola Abbá tem só 5 anos.

E depois está surgindo a terceira era, que já mencionei e que chamamos de "terceira fase", aquela de "Hollywood", isto é: propagar o Ideal através dos meios de comunicação, do teatro, do cinema, através das mídias. E já estamos conseguindo, porque os sintomas são vários: certas redes televisivas querem mostrar as nossas produções por inteiro. Também agora, por exemplo, na Itália, o conjunto Gen Verde está fazendo uma turnê com o show "Primeiras páginas", que narra o nascimento do Movimento. É belíssimo! É belíssimo! E tem um sucesso enorme. Há pessoas que choram, pessoas que... Vocações que nascem! Dizem: "Eu quero ser uma gen. Eu quero ser uma focolarina. Quero segui-las. Eu quero ser como elas". Crianças... pequenas assim, gen 4, que choram. Vão para casa e a mãe pergunta: "O que você tem?". "Quero ser uma Gen Verde! Quero ser uma Gen Verde!" dizem assim.

A nossa Sarah já é uma semente. Vimos que tem talento. Amanhã, quem sabe o que nascerá aqui?

Mas não só. Temos muitas coisas. A televisão solicita muitas coisas. Portanto, é um modo de difundir o Ideal através da beleza, porque Deus não é apenas bondade e verdade mas também é beleza.

Depois, você me perguntou: "O que lhe sugeriu...?"

Agora digo uma última coisa.

Vindo aqui, explodiu algo. Explodiu esta idéia: realmente Deus nos deu um novo ecumenismo.

Antes havia o ecumenismo da caridade, isto é, o diálogo da caridade, como quando Atenágoras levava presentes ao Papa, e o Papa levava presentes a Atenágoras; como quando Ramsey levava presentes ao Papa, o Papa dava presentes... como um sinal de amizade.

Depois havia o diálogo da oração, onde todos rezamos juntos, sobretudo na Semana pela unidade.

E ainda havia o diálogo teológico, que está travado em muitas partes, também aqui na Inglaterra... está travado.

Nós percebemos, sobretudo vindo aqui, que temos um quarto diálogo, uma quarta linha. O nosso diálogo é o diálogo da vida, o diálogo de um povo que já é católico, anglicano, luterano, reformado... de um povo que já está unido e que é um povo... É "o" povo cristão do ano 2000, de agora. Este é o nosso modo de fazer ecumenismo: despertar nos cristãos o seu instinto cristão, unirmo-nos, porque a garrafa está quase cheia, e fazer crescer este povo.

O Papa já nos tinha dito há anos: "Vocês são um povo", mas ele o dizia referindo-se ao número. Agora quadruplicamos. Mas nós pensamos assim: que povo é? É o povo cristão. O povo... somos nós; somos nós.

Eu dizia outro dia, falando aos focolarinos, estavam presentes Lesley e Callan: "Mas quem me separará de Lesley e de Callan? Ninguém, porque Cristo nos uniu! Jesus no meio nos uniu. Ninguém nos separará!".

Pois bem, quem fala assim no mundo cristão em geral entre ortodoxos e católicos e luteranos? Todos seguem a sua linha. Todos seguem a própria Igreja, naturalmente; é preciso fazer assim. E cuidam das próprias almas, das pessoas dali, da própria corrente, da própria denominação; mas quem diz: "Ninguém me separará, porque Cristo nos uniu"?

O fato é que Cristo nos uniu e fez de nós um único povo. Esta é a pequena "bomba" que explodiu aqui na Inglaterra. (aplausos)

Caríssimos, muito obrigada pelos aplausos. Nunca agradeço os aplausos, mas é sinal de que vocês aceitam o que eu disse, que aceitamos. (aplausos) Quer dizer que existe na Inglaterra uma expressão daquele grande povo, que já conta com quatro milhões e meio de pessoas... espalhado por toda a terra.

Nós vamos em frente! Este é o nosso ecumenismo. Existirão dificuldades. Agora existem dificuldades, como sabem, entre Inglaterra e Roma. Estas dificuldades são teológicas. Nós temos a vida. Nós nos amamos. Nós nos queremos bem. Nenhuma dificuldade teológica pode travar o amor! Nós vamos adiante. Nós nos compreendemos. Nós nos ajudamos. Colocamos em comum os nossos bens. Vamos em frente. E seremos aquele povo que vencerá!

Porque, olhem, há muitos séculos fizeram o "Concílio de Florença", onde tinham restabelecido a unidade entre católicos e ortodoxos. E fizeram uma procissão por Florença. Fizeram a unidade, procissões, declarações, festas, canções nas igrejas, etc. Pouco depois tudo se desfez. Por quê? Porque o



povo não estava preparado. O povo não era um povo cristão, mas eram dois povos cristãos. Cristãos? Até certo ponto! Porque se olhavam com hostilidade!

Pois bem aqui, isso não pode acontecer se nós pudermos fazer crescer o nosso povo. Também os teólogos vão ceder! Também eles mudarão de idéia. Eles também se esforçarão... Atenágoras dizia: "Os teólogos, sabe Chiara, para onde devemos mandar? Para uma pequena ilha, sem comer; enquanto não tiverem resolvido tudo, não os chamaremos de volta!". E tinha razão, tinha razão!

Nós não os levaremos para uma ilha, porque seriam demais. Porém, vamos obrigá-los a chegar à unidade, com a nossa vida. (aplausos)

Traduzione di Iracema Amaral, Ufficio Traduzioni, 20/4/2010. nome file: bs161196.doc
---

## ANEXO D – Chiara no Congresso Ecumênico dos Bispos

Rocca di Papa, 26 de novembro de 2003

### **Chiara no Congresso Ecumênico dos Bispos: Vós sois um só em Cristo Jesus (Gal 3,28) A presença de Jesus entre os seus e o diálogo da vida**

**Speaker:** O Congresso ecumênico de bispos amigos do Movimento foi transferido, na última hora, para Rocca di Papa. Os trinta e quatro participantes, que conseguiram mudar a passagem para Roma, eram: ortodoxos, sírio-ortodoxos, armênio-apostólicos, anglicanos, evangélico-luteranos e católicos. Florescido de uma grande dor, esse encontro produziu frutos especiais.

**Cardeal Miloslav Vlk, de Praga:** *Todos participamos de uma grande experiência: o ódio destrói os programas e fecha as estradas, mas o amor cria novos programas e abre novas estradas.*

**Marco:** João Paulo II, o Patriarca Ecumênico Bartolomeu e o arcebispo de Cantuária, Rowan Williams, enviaram mensagens de calorosa participação ao encontro.

Chiara acolheu os bispos, no coração do Movimento, nos locais do Centro da Obra, e preparou cada detalhe da hospitalidade. O seu discurso sobre: «A presença de Cristo em meio aos seus e o diálogo da vida», pode ser definido como uma verdadeira *carta magna* do ecumenismo do Movimento dos Focolares.

**Chiara:** Senhores bispos, antes de tudo: que Jesus esteja no nosso meio. Isso é importante!

**Cardeal Vlk:** Antes, dissemos que era assim que queríamos receber você, com a nossa unidade.

**Chiara:** Hoje, pediram-me para abordar o tema: «A presença de Cristo entre os seus e o diálogo da vida». Trata-se do subsídio específico que o Movimento dos Focolares é chamado a dar ao empenho comum dos cristãos em vista do restabelecimento da plena comunhão visível de todas as Igrejas.

O diálogo da vida é o nosso diálogo específico.

Então, vamos começar com Jesus no nosso meio.

Quando foi que, no nosso Movimento, tivemos a idéia de ter Jesus no meio, que é a expressão máxima da nossa espiritualidade? Isso se deu quatro anos antes da data que consideramos o nascimento do Movimento. Ele nasceu em 1943. Em 1939 tivemos a primeira idéia sobre Jesus no meio. Estávamos em 1939. Eu tinha 19 anos. Foi há quase um século!

Fui convidada para ir a Loreto. Para quem não sabe, Loreto é uma cidade no centro da Itália que hospeda aquela que, segundo a história (mas já foi comprovado), foi a casinha da família de Nazaré. Esta casinha fica dentro de uma grande igreja tipo fortaleza. Ela foi trazida para a Itália no tempo das Cruzadas.

Eu fui convidada a Loreto para participar de um Congresso para jovens católicas. Mesmo seguindo o curso, eu me sentia fortemente atraída por esta grande igreja, que protege a casinha, como a chamam, onde se pensa que a Sagrada Família de Nazaré viveu. Durante o curso visitei a casinha várias vezes e, ajoelhada perto das paredes enegrecidas pelos lampiões, algo novo e divino sempre me envolvia, me comovia profundamente e quase me esmagava. Eu imaginava e contemplava a vida virginal de Maria e José com Jesus entre eles. Eu não entendia o porquê dessa fortíssima impressão.

Mais tarde, com os anos, tudo ficou claro para mim: era a vocação a viver uma vida de comunhão, realizada por pessoas que viviam com Jesus no meio, tal como na família de Nazaré: virgens, como Maria e José, com Jesus entre eles. Para mim, para nós essa presença de Jesus é espiritual.

Esse era o início de uma espiritualidade comunitária e não só pessoal: a espiritualidade da unidade, que seria vivida pelas pessoas que haveriam de fazer parte do Movimento, que estava nascendo.

Jesus no nosso meio apresentava-se também como a lei de cada pequeno ou grande núcleo organizativo ou das manifestações da nossa Obra, como esta. Por exemplo, do focolare, que é uma moderna reprodução da Família de Nazaré, uma comunidade de homens ou mulheres, virgens e casados, porém consagrados a Deus. Pelo constante amor recíproco, vivido e sempre renovado, contam com a presença espiritual de Jesus entre eles, segundo a promessa: «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles» (Mt 18, 20).

O Movimento nasceu em 1943 e o primeiro trabalho do Espírito Santo foi aquele de gravar nos nossos corações, um por um, os pontos fundamentais desta espiritualidade, sobre os quais os senhores falaram ontem. Foram necessários cinco ou seis anos para aprendermos os principais, que muitos já conhecem: Deus Amor, a vontade de Deus, a Palavra, etc., para que atingissem o seu verdadeiro objetivo. Todos eles são vividos para gerar – como diz Paulo VI – a presença de Cristo entre nós, espiritualmente. Todos esses pontos estavam em função disso. A vocação da nossa Obra, de todo o nosso Movimento é esta: levar ao mundo Jesus, espiritualmente presente entre os seus.

Com o passar dos anos, compreendemos que Jesus no meio era a base da nossa vida, não só o vértice. Por isso, nos Estatutos temos uma norma, que chamamos a "norma das normas". Ela diz: antes de fazer qualquer coisa, no campo espiritual e concreto, é preciso ter Jesus no meio, caso contrário nada vale para nós.

Simplificando tudo, poderíamos dizer que, a presença de Jesus no meio é fruto do mandamento novo de Jesus vivido: «Amai-vos como eu vos amei» (cf. Jo 13, 34). A caridade recíproca, praticada com empenho e seriedade, teve logo conseqüências impensadas. Quando a vivemos realmente, prontos a dar a vida um pelo outro, sentimos uma segurança,

uma alegria jamais experimentada, uma paz nova, uma plenitude de vida, uma luz inconfundível; sabemos como caminhar. Por quê? Porque Jesus se introduz silenciosamente entre nós, que nos amamos, como um irmão invisível, e entre nós se realizam as suas palavras: «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou no meio deles».

Nos anos 70 começamos um estudo, para ter a certeza de que este nosso modo de viver era conforme às verdades da nossa fé cristã. Em relação à presença de Jesus em meio aos seus discípulos, foi interessante o estudo dos padres da Igreja, que são comuns a todos nós. Os padres ilustram as condições pedidas para que Jesus possa estar presente em meio aos seus discípulos.

Para João Crisóstomo, trata-se de amar o irmão por amor a Jesus e de amá-lo como Jesus o ama, com a sua mesma medida. Ele deu a vida pelos seus inimigos. De fato, se não morrermos um pelo outro, se não estivermos prontos a "não ser" para amar, não realizaremos a unidade e não teremos Jesus no meio.

São João Crisóstomo explica assim a frase «onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles»: «É possível encontrar reunidos, dois ou três, em seu nome? Sim, mas raramente. De fato, Jesus não fala de uma simples reunião material. O que ele diz tem este significado: se alguém me considera a causa principal do seu amor pelo próximo, eu estou com ele. Mas é difícil – diz Crisóstomo – encontrar alguém que ame por Cristo, como se deve amar, como Cristo amou o próximo. Quem ama (por Cristo), embora seja odiado, insultado, ameaçado de morte, continua a amar, pois assim Cristo amou os inimigos, com o maior amor»<sup>1</sup>. Isso explica realmente como nós a vivíamos desde o início do Movimento, segundo o carisma.

Este padre da Igreja, comentando o Salmo 133: «Vede como é bom, como é agradável habitar juntos como irmãos, (...) pois aí Deus manda a sua bênção!», explica: «Ali, onde? Nessa morada, nessa concórdia, num tal acordo, nessa convivência. Isso atrai a bênção; e o contrário, é maldição!»<sup>2</sup>. É uma afirmação forte. Quando não colocamos Jesus no meio, Deus se afasta de nós.

O Santo diz: «Por este motivo louva-se, dizendo: "O irmão ajudado pelo irmão é como uma cidade fortificada" (cf. Prov 18,19)»<sup>3</sup>.

Orígenes insiste no "acordo" de pensamento e de sentimento entre várias pessoas, a ponto de alcançar, como ele diz numa forma magnífica, a concórdia que "une e contém o Filho de Deus"<sup>4</sup>. Isso é maravilhoso! Espero que a nossa concórdia aqui contenha Jesus entre nós. Orígenes afirma: «Cristo, onde vê dois ou três reunidos na fé no seu nome, estabelece-se no meio deles, atraído pela fé e provocado pela unanimidade deles»<sup>5</sup>.

Os padres gregos têm expressões magníficas para louvar o "estar juntos" e alertam contra a solidão.

É de Teofilato, bispo da Bulgária, uma frase maravilhosa: «Em

<sup>1</sup> Cf. *In Math.*, Hom. 60, 3, in PG 58, 587;

<sup>2</sup> Cf. *Expos. In Psalm.*, 133, in PG 55, 358;

<sup>3</sup> *Idem*;

<sup>4</sup> *Comment. In Math.*, XIV, 1s., in PG 13, 1187;

<sup>5</sup> *In Cantica Cantica.*, 41, in PG 13, 94;

verdade, Deus não se alegra por uma grande multidão; no caso, "onde dois ou três estiverem reunidos em seu nome, ali está no meio deles"<sup>6</sup>.

Então eu digo: se Deus se alegra com a unidade, qual é o ideal maior do que fazer da própria vida uma sucessão de dias que acrescentam cada vez mais alegria à bem-aventurança [...] que Deus já experimenta? Este seria o motivo da vida de focolare: viver todos os momentos com Jesus no meio, a fim de que o Céu se regozije.

Ainda. A presença de Cristo no nosso meio, que estabelecemos segundo a sua promessa, pode ser logo realizada, também agora, sem esperar para depois. Orígenes diz que não é preciso «minimizar as palavras do Senhor, pois ele não diz: "onde dois ou três... eu estarei", mas eu estou no meio deles»<sup>7</sup>.

Também Teofilato observa: «Não diz "estarei" (ele não hesita), mas diz "estou", já se encontra ali»<sup>8</sup>. Que este momento seja assim! Não teremos feito nada melhor do que estabelecer a presença de Jesus entre nós.

Santo Atanásio aplica o versículo de Mateus 18, 20 também àqueles que estão distantes. Isso é maravilhoso! Os senhores sabem que estamos em 182 países. Uma das nossas consolações é que podemos estabelecer a presença de Jesus no meio também com quem está na Austrália, com aqueles na Terra do Fogo, pois os padres da Igreja dizem assim.

Santo Atanásio aplica o versículo também àqueles que estão distantes, mas unidos espiritualmente e essa é uma grande alegria para nós. Ele afirma: «Ainda que a distância nos separe, Deus, todavia, nos reúne espiritualmente mediante a concórdia e o vínculo<sup>9</sup> da paz»<sup>10</sup>. Isso é estupendo!

Agora, falemos do diálogo da vida ou do povo em diálogo.

Passemos agora à experiência ecumênica do Movimento dos Focolares. Pois bem, é acima de tudo em virtude desta particular presença de Jesus no meio aos que estão unidos em seu nome, que o nosso Movimento teve um desenvolvimento ecumênico impensado e que hoje ele pode dar a sua contribuição específica à plena comunhão entre as Igrejas. Depois de muitos anos de vida do Movimento, compreendemos que Jesus no meio vivificava o Corpo místico. É claro, se aqui temos Jesus no meio, o Corpo místico é mais vivo. Com ele no nosso meio, nos tornamos "células vivas" do Corpo místico que é a Igreja.

Graças ao nosso batismo comum, já havia um vínculo sacramental da unidade, mas as implicações disso não eram, em geral, vividas entre nós, cristãos. Jesus entre os seus, mediante essas células, ativou esses vínculos, fazendo-os funcionar, de modo que jorrava a linfa divina e nova. Essa era a nossa conclusão: **Devemos criar continuamente células vivas do Corpo místico de Cristo, que são os irmãos unidos no seu nome, para dar vida ao Corpo todo!**

Sentíamos que Deus estava entre nós e queríamos que esta corrente de amor – que é a corrente do amor trinitário – passasse pelo mundo,

<sup>6</sup> *Expos. in Proph Os*, in PG 126, 587;

<sup>7</sup> *Comment. in Math. XIV*, 1s.; in PG 13, 1191;

<sup>8</sup> *C. Enarr. in evang. Math.*, 18, 19-20, in PG 123, 343;

<sup>9</sup> *Lapsus*;

<sup>10</sup> *Epist. fest.*, in PG 26, 1397-1398;

atingindo e iluminando todos os membros do Corpo místico. A Igreja seria diferente, se vivêssemos assim. E sem nos darmos conta, já despontava a vocação ecumênica do Movimento, embora naqueles anos pensássemos em trabalhar unicamente pela unidade entre os católicos. Deus ainda não tinha revelado o seu plano ecumênico sobre o Movimento.

Agora, nos últimos 40 anos de trabalho ecumênico do Movimento, por meio de cristãos de diferentes Igrejas, procuramos reavivar as suas Igrejas com células que, por serem vivas, aumentam a unidade no interior de cada Igreja.

Antes do Vaticano II (que em 1964, com o decreto sobre o ecumenismo, fala de Jesus em meio aos cristãos) e muitos anos antes que João Paulo II escrevesse: «Nos reunimos no nome de Cristo que é Uno; ele é a nossa unidade»<sup>11</sup>, nós nos sentimos impelidos a colocar Jesus no meio também entre os cristãos de diferentes Igrejas: entre um católico e um armênio, por exemplo, entre católicos e luteranos, anglicanos, ortodoxos, etc. E isso era possível. Se eles estavam na graça de Deus – foram batizados – e estavam dispostos a morrer por nós como nós a morrer por eles, como o amor recíproco exige, Jesus devia estar presente entre nós. Formaram-se e se formam, assim, na Igreja católica e nas outras Igrejas e entre membros de Igrejas diferentes, fragmentos do povo cristão unido no nome de Jesus à espera de mais um vínculo de unidade, isto é, a Eucaristia, quando Deus assim dispor.

Mas como foi que compreendemos esta nossa vocação à unidade em chave ecumênica? Narrarei algo da nossa história para aqueles que não a conhecem.

Um dia, estando com João Paulo II, eu lhe dirigi a seguinte pergunta: «Santidade, como o senhor vê o nosso Movimento?» Ele respondeu: «Como um Movimento ecumênico». Creio que ele usou esta palavra com um significado mais amplo, não só referente à unidade dos cristãos, mas também à fraternidade com os fiéis de outras religiões e, no plano humano, com as pessoas de boa vontade. Seja como for, o nosso Movimento é também um Movimento ecumênico no sentido estreito da palavra. Um episódio é famoso, e nos faz compreender que a nossa é uma Obra de Deus. Quando, em 1950, o Jesuíta Charles Boyer, fundador da Associação e da Revista *Unitas*, me perguntou se a unidade, como nós a entendemos, estivesse em função da unidade da Igreja, eu respondi com firmeza: «Não»!

Naquele tempo, eu não imaginava certamente que, em 1961, teríamos conhecido os primeiros pastores evangélicos e que, a seguir, a nossa Obra se teria difundido a tal ponto que milhares de cristãos de 350 Igrejas e comunidades eclesiais teriam vivido conosco, católicos, a espiritualidade da unidade. Portanto, já é uma bela coisa, uma bela realidade. Este foi um grande resultado, graças ao fato de que a nossa espiritualidade, vivida, teve a vantagem de interessar outras Igrejas, de conquistá-las, impressioná-las sob um ponto de vista ou outro.

Os evangélicos, os luteranos, em contato conosco, católicos, focolarinos, antes do Concílio Vaticano II, ficaram maravilhados, pois amávamos o Evangelho e o vivíamos com grande intensidade; então, eles desejaram vivê-lo conosco e que levássemos essa espiritualidade às suas

---

<sup>11</sup> *Ut Unum Sint*, n.23;

paróquias.

Os anglicanos, na Inglaterra, foram atraídos pela idéia e pela prática da unidade e nos convidaram para visitá-los. [...] Os ortodoxos ficaram conquistados pelo nosso modo de por em ressaltado a vida, o amor, Maria. E os reformados gostaram da presença de Jesus em meio aos seus, formando pequenos grupos. Aos metodistas agradou a tensão à santidade que esta espiritualidade suscita. Com os armênios, encontramos uma grande sintonia no amor a Jesus crucificado e ressuscitado nas dores da vida. E com os sírio-ortodoxos em querer viver como as primeiras comunidades cristãs. Embora sejamos cristãos de Igrejas diferentes, nos descobrimos todos irmãos neste estilo de vida.

A espiritualidade da unidade revelou-se com o tempo uma espiritualidade ecumênica e muitos confirmaram essa sua característica, durante a Segunda Assembléia Ecumênica Européia, que se realizou em Graz, em junho de 1997, na qual fui uma das congressistas. A nossa vida em comunhão sempre foi abençoada e encorajada pelas autoridades católicas e por todas as outras autoridades.

Eu tive quatro encontros com os últimos primazes da Igreja da Inglaterra, por exemplo. Desde Atenágoras, com os últimos Patriarcas Ecumênicos.

Os efeitos desse modo de viver esta espiritualidade em cada Igreja são iguais aos produzidos na católica: conversões a Deus, vivendo assim, novas vocações, renovação das paróquias, renovação das comunidades, recomposição de matrimônios, unidade entre as gerações, etc. Os efeitos são todos esses.

Agora, depois de muitos anos de vida ecumênica do Movimento, vemos delinear-se cada vez melhor uma nossa específica contribuição no campo ecumênico, devido à espiritualidade da unidade, que é muito útil à causa. De fato, a falta de uma espiritualidade ecumênica, como os ecumenistas hoje continuam a apontar, faz com que o objetivo da unidade entre as Igrejas seja muito difícil.

Tomei consciência dessa contribuição que damos, de modo especial em Londres, em 1996, quando me encontrei com muitas pessoas de várias Igrejas, que viviam como nós. Eram todas do Movimento. Eu senti que, apesar da não plena comunhão entre as Igrejas e Comunidades eclesiais, éramos realmente um fragmento do povo cristão vivo, um só coração e uma só alma, graças a tudo o que já nos une. De fato, com os irmãos e irmãs de outras Igrejas, que aderem ao nosso Movimento, conhecendo-nos e vivendo juntos a mesma espiritualidade, que nos une, gerando a presença de Jesus no meio e a sua luz, valorizamos ao máximo o fato de sermos todos membros do Corpo místico de Cristo pelo batismo comum; sentimos que é patrimônio de cada um e de todos juntos as grandes riquezas do Antigo e do Novo Testamento, dos dogmas dos primeiros Concílios, que compartilhamos, do Credo niceno-constantinopolitano, dos padres gregos e latinos, dos mártires, da vida da graça, a fé, a esperança, a caridade. Antes não estávamos conscientes dessas riquezas ou as conhecíamos teoricamente. Ao invés, passamos a valorizar tudo o que é comum entre as Igrejas. Foi como um renascer.

Experimentávamos ainda que, com a presença de Jesus no meio,

trazida pela vivência da comum espiritualidade, criava-se um vínculo tão forte entre todos nós a ponto de nos levar a dizer (foi o que disse, enquanto falava a essas 1.600 pessoas): «Quem nos separará do amor de Cristo?» (Rm 8,35). Perto de mim estava um focolarino anglicano e outra focolarina anglicana<sup>12</sup>. Olhando para eles eu disse: «Quem nos separará? Isso é impossível, pois é Cristo que nos une, Jesus no meio.»

Demos o nome a este modo de viver: «diálogo da vida» e também «povo em diálogo», pois sentimos que compomos um único povo cristão, que abrange leigos, mas também monges, religiosos, diáconos, sacerdotes, pastores, bispos, pois o povo de Deus é feito por todos. «Povo em diálogo», que não é um diálogo da base que se contrapõe ou justapõe ao diálogo dos vértices ou dos responsáveis de Igrejas. É um diálogo do qual todos os cristãos podem participar. Este povo é um fermento no movimento ecumênico, que reaviva em todos a noção de que, sendo cristãos e batizados, na possibilidade de amar-nos, todos podem contribuir para a realização do Testamento de Jesus.

Dando-nos o carisma da unidade, Deus fez realmente algo novo. Antes, cada um seguia o próprio caminho. Agora todos se interessam também pelos outros. Pelo amor recíproco, [...] vivido entre nós, passamos a conhecer as nossas diversas tradições e apreciamos os dons uns dos outros e o que temos em comum. Desse modo, é incrementado entre nós o diálogo da caridade, pois nos conhecemos melhor. Jesus no nosso meio suscita a comunhão e nos faz ser irmãos e irmãs.

No trabalho ecumênico a oração tem um lugar de relevo, pois a unidade é, em primeiro lugar, um dom do alto. É evidente que poderíamos obter mais facilmente a graça da unidade, pedindo-a juntos ao invés que sozinhos. Jesus disse: «Em verdade eu vos digo: se dois de vós estiverem de acordo nesta terra ("consenserint") sobre qualquer coisa que queiram pedir, isso será concedido por meu Pai que está no Céu» (Mt 18,19). Não se trata de estar simplesmente lado a lado, como na igreja, mas de rezar realmente unidos espiritualmente com Jesus em meio à comunidade.

São João Crisóstomo diz que ninguém se reúna com outros para rezar «confiando na sua virtude, mas na comunidade e no acordo, que Deus tem em máxima consideração e com o qual fica comovido e aplacado, porque – continua Crisóstomo – "onde dois ou três estiverem reunidos no meu nome, eu estou no meio deles". De fato, o que não se obtém rezando sozinho, se obterá, rezando com a comunidade. Por quê? Porque, se a virtude própria não tem uma grande força, a tem, porém, a unanimidade: "onde estiverem dois ou três reunidos"..."<sup>13</sup>.

Essa oração ao Pai, feita em unidade, fez chover infinitas graças sobre o Movimento: espirituais e materiais. Temos a certeza de que a oração de um povo cristão, unido no nome de Jesus, surtirá o máximo efeito para alcançar a plena comunhão entre as Igrejas.

Também o diálogo teológico terá grandes vantagens do "diálogo da vida". Se os teólogos se amarem reciprocamente e estabelecerem a presença de Jesus entre eles, Jesus, que é a única verdade para a qual todos tendem, iluminará as suas mentes e indicará o caminho a seguir para alcançar a

<sup>12</sup> Na realidade, eram Leslie e Callan, dois focolarinos anglicanos (N.d.T.);

<sup>13</sup> *In Epist. II ad Thess., Hom. 4, 4, in PG 62, 491;*



**plena unidade de pensamento.**

Orígenes afirma: «Se não conseguimos resolver e explicar algum problema, aproximemo-nos de Jesus com toda a concórdia dos sentimentos em relação ao nosso pedido, já que ele está presente onde dois ou três estão reunidos no seu nome e, enquanto está presente com a sua potência e o seu poder, está disposto a iluminar os corações... para penetrar com a alma nas questões»<sup>14</sup>.

Portanto, podemos esperar da espiritualidade da unidade grandes progressos para o diálogo teológico, vivida por teólogos das várias Igrejas. Porém, será de suma importância ter imprimido no coração e na prática o amor a Jesus crucificado e abandonado, que, desde o início da nossa história, identificamos como a chave da unidade com Deus e com os irmãos. Em prática, não podemos entrar na alma de uma pessoa para compreendê-la, se o nosso espírito estiver rico de uma preocupação, de um julgamento, de um pensamento, de qualquer coisa. O amor e o amor recíproco exigem a máxima pobreza de espírito; só com ela é possível realizar a unidade.

Só Jesus abandonado, que perdeu tudo, que foi martirizado na cruz de um modo incrível e no último momento gritou o abandono, só ele pode ensinar a nos desprendermos de tudo, de tudo, de tudo. Este máximo desapego exterior, mas sobretudo interior, faz com que sejamos capazes de compreender os outros, abrindo-nos para receber os dons que eles trazem.

Por fim, espero que também o perene problema de como o povo pode encarar os progressos dos diálogos teológicos oficiais, pode ser superado por um povo ecumenicamente preparado. A história nos ensina que, uma declaração formal de unidade, feita até mesmo por responsáveis das Igrejas, não basta para selar a plena comunhão entre as Igrejas; é preciso que o povo seja informado e viva conforme ao que se compreendeu e declarou. Teremos a alegria de assistir a episódios semelhantes ao que aconteceu no Concílio de Éfeso, em 431, quando os padres conciliares proclamaram Maria, como Theotókos, e todo o povo festejou.

Senhores bispos, procurei ilustrar a presença de Jesus entre as pessoas e a contribuição que o Movimento dos Focolares é chamado a dar ao grande Movimento ecumênico, que há quase um século, por uma graça do Espírito Santo, permeou todo o povo cristão.

Só nos resta formular no coração um propósito sincero: vivenciar o amor, amando a todos, todos, sendo os primeiros a amar, amando concretamente Jesus em cada um e, sobretudo, amando-nos reciprocamente, a fim de que ele esteja presente entre nós.

Que a Santíssima Trindade conceda a nós e a todos os que nos seguirão, a graça de ver o extraordinário momento da plena e visível comunhão da Igreja.

E que Cristo esteja sempre presente no nosso meio!

Obrigada pela atenção dispensada. (aplausos)

**Cardeal Vlk:** Obrigado, Chiara, por este dom que você nos trouxe. Fiquei muito impressionado pelo que você destacou acerca de Jesus no meio. Essa idéia já existia em 1939, no século passado. Parece-me simbólico. A guerra destruiu muitas coisas, provocou a solidão dos homens e nesse

<sup>14</sup> *Comment. in Mathaeum*, XIII, 15: PG 13, 1131;

momento chegou esta esperança: Jesus no meio, Jesus perto de nós. Jesus no meio foi muito importante para o período que vivemos sob o comunismo. Ele era mesmo a nossa força, era paz e esperança. Certamente, também hoje após 60 anos, 64. Se sente que ele é ainda mais necessário, vendo a divisão, o ódio. Somente Jesus pode sanar. E nós o sentimos entre nós, entre as Igrejas. A solução para a divisão é Jesus no meio, a unidade. Obrigado, por nos ter trazido esta esperança. Se tiverem alguma pergunta...

**Cardeal Vlk:** Outra pergunta.

**Bispo Gennadios Zervos:** Eu gostaria de agradecer muito. Um grande obrigado à caríssima Chiara por esta preciosa lição que nos fez hoje. Você nos deu um grande dom. As suas palavras são um tesouro inestimável. Fiquei impressionado e muito encorajado por tudo o que você nos disse hoje. Muitas vezes participei deste encontro, mas essas coisas são sempre novas para mim. Estou muito comovido, pois vivo isso que você, com grande alegria, nos apresenta e nos faz viver: Jesus no meio. Eu o vivo muito fortemente.

Desde jovem, quando eu estudava em Constantinopla, no tempo do Patriarca Atenágoras – foi ele que me mandou para a Itália -, na faculdade aprendemos uma teoria; mas esta teoria e a Palavra tornaram-se a minha vida, quando conheci o Movimento. É um Movimento evangélico, um Movimento de força espiritual, de consolação espiritual de unidade espiritual, que ajuda a superar as dificuldades e os obstáculos dogmáticos. Estar unidos como irmãos, isso é Cristo. Nós vivemos esta grande... Eu a vivo há muitos anos e posso dizer o meu grande obrigado, porque o Movimento me ajudou a viver a palavra e me ajudou muito durante a minha missão.

Eu vim para a Itália muito jovem. Tinha 21 anos. Agora tenho outra idade. Este Movimento, esta fraterna colaboração que tenho até hoje com os focolarinos e com as focolarinas, foi para mim uma grande alegria, uma força muito grande. Não tive mais medo; venci todos os obstáculos e as dificuldades.

E com este nome "Maria", que para a Igreja Ortodoxa e também para todos os cristãos é a nossa maior alegria, é a mãe da vida, Nossa Senhora, este amor que ela mostrou também na Anunciação do Arcanjo Gabriel, que foi mandado para pedir o seu sim. Este seu amor e o amor de Cristo tornou-se, como dizemos em grego, inclusive os grandes padres Capadóciós: João Crisóstomo, como a senhora bem sabe, Gregório e Basílio, tornou-se uma *kenosis*, este esvaziamento do amor de Cristo. *Kenosis*, nada, tornou-se nada, para dar este exemplo de amor e de unidade a todos. Mais uma vez obrigado.

**Cardeal Vlk:** O senhor fez uma comunhão de almas e não uma pergunta. O metropolitano Serafim, em francês.

**Metropolitano Serafim:** Eu farei uma pergunta muito simples. Sendo bispos, somos muito interessados em dar vigor às nossas dioceses e às nossas paróquias. Estamos conscientes de que é muito duro, muito difícil ter

paróquias vivas e ter sobretudo jovens na paróquia.

Constato que a espiritualidade do Movimento dos Focolares é muito simples, é unicamente Evangelho. Não é algo dogmático. Pode ser compreendida por todos. Se a senhora fosse um bispo, o que faria no nosso lugar? Como pregaria aos fiéis, aos nossos jovens a essência da fé cristã?

Por vezes, dizemos muitas teorias, coisas dogmáticas que não entram nas pessoas, ao passo que a vida é mais simples. O que a senhora nos diz, nos toca, e penso que deveria tocar tanto os jovens como os adultos. Então, o que a senhora faria no nosso lugar, como bispo?

**Chiara:** Fazem-me virar bispo!

Se eu estivesse no lugar dos senhores – digo o que consigo compreender –, se eu estivesse no lugar dos senhores, eu faria duas coisas: o que Jesus fez. Ele começou a viver e depois a ensinar. Portanto, eu começarei a viver esta espiritualidade, se eu fosse um bispo, mas a vivê-la plenamente, como é. Depois, começaria a difundir-la de duas maneiras: antes de tudo, comunicaria a quem está perto de mim. Por exemplo, o bispo tem o seu presbitério. Eu procuraria comunicar a espiritualidade aos sacerdotes, sem falar da espiritualidade de modo teórico, mas prático, ou seja: «O que vale é amar a Deus com todo o coração. Nós amamos realmente...? Eu fiz assim...» Eu explicaria aos sacerdotes, que vivem ao meu redor, como fiz para assumir plenamente esta espiritualidade.

Entre todos os sacerdotes, um ou dois aceitarão, a acolherão. Então, o senhor estabelece Jesus no meio com ele, chamando-o para conversar e aprofundar a espiritualidade. Naturalmente, com Jesus no meio, o senhor recebe uma nova luz e também o sacerdote. Terá novos elementos para explicar aos outros e fazê-los conhecer a espiritualidade. Todos eles terão uma função na paróquia, na diocese, e onde estão, também eles difundirão a espiritualidade.

Eu estava dizendo que agiria em duas direções: começaria a viver pessoal e seriamente a espiritualidade... Primeiro vivendo, depois ensinando às pessoas ao redor. Outra coisa é considerar as circunstâncias. Muitas vezes Deus move as circunstâncias, pois tem desígnios seus.

Por exemplo, a certa altura encontrei Iginio Giordani. Deus tinha um desígnio para ele. Era uma circunstância. Eu fui encontrá-lo no Parlamento. Era um deputado. Fui para lhe pedir uma casa, pois precisávamos de uma casa em Roma. Ele me pediu para que eu contasse o que fazia. Eu falei da espiritualidade. Ele ficou encantado, conquistado. Era uma personalidade de grande valor humano: era um apologeta, um jornalista, um deputado e estão para proclamá-lo santo. É Servo de Deus. É o meu co-fundador. Ai de mim se não o tivesse encontrado para desenvolver certa parte do Movimento, pois ele tinha mesmo a graça de ajudar-nos a nos abrir sobre toda a humanidade... Ele tinha a graça do ecumenismo, pois já era um ecumenista antes de nos conhecer. Ele ensinou a todos nós esta paixão pelo ecumenismo. Para dizer que as circunstâncias são importantes.

No início do Movimento Deus pensou em fazer assim: me fez encontrar um frade que me disse: "Fale a este grupo" e eu falei do amor a Deus. Natália estava presente. Natália é a focolarina que mais ama no nosso Movimento. Imediatamente tive com ela Jesus no meio. Depois conversei com ela sobre

os meus ideais, o Evangelho. Ela o comunicava a outras pessoas e assim nasceu o Movimento.

Se estamos no mundo inteiro, porque é mesmo verdade, é porque aprendemos a amar, com aquele amor que nós dizemos que é uma arte, mas é a arte do cristianismo: ser os primeiros a amar. Jesus não esperou que fôssemos bons para nos salvar. Ele deu o primeiro passo. Amar a todos, como o Eterno Pai, que manda o sol e a chuva sobre os maus e sobre os bons. Temos que amar a todos. Temos que amar, mas não com as palavras, não de modo filosófico, mas concreto; muitas vezes basta um sorriso, uma saudação ou algo concreto. Temos que conseguir nos amar reciprocamente para estabelecer a presença de Jesus, que vence o mundo. Ele venceu sempre o mundo ao nosso redor, pois é ele que vai em frente, não somos nós.

Vamos festejar os 60 anos do Movimento. Pediram-me para escrever um pensamento sobre... para esta circunstância. Eu escrevi o seguinte: nós temos dois motivos que explicam a difusão mundial do Movimento, primeiro: a unidade com a Igreja, pois somos ramos que nascemos no século XX, de uma grande árvore, que é a Igreja. Segundo: a unidade entre nós, pois temos Cristo. Ele foi para frente. Portanto, também numa diocese, numa paróquia temos que deixar que ele cresça. Naturalmente, é preciso rezar, para que ele nos faça encontrar a pessoa que ele deseja, mas é ele que estabelece. O bispo de uma diocese deve ser Jesus, não tanto uma pessoa ou outra. Ele tem que ser Jesus. Depois, com a graça de ser bispo, fará milagres na diocese. Mas não seria difícil.

Temos muitos sacerdotes no Movimento. São 17 mil. Muitas vezes eu digo que gostaria de ser um pároco para poder fazer o que sei fazer. A arte de amar: ser os primeiros a amar, amar a todos, amar concretamente, amar-se reciprocamente, ver Jesus no outro, todos podem compreender.

Ontem eu li, me contaram, um pequeno episódio de uma criança. Temos as gen 4 no Movimento. Elas são pequenas. Temos também as gen 5, os recém-nascidos. Na sua família ela ouvia falar da guerra, não é? A certa altura ela disse: «Eu teria a solução». Então, perguntaram qual seria.

Não sei se sabem que os gen 4 têm o dado do amor e em cada lado está escrita uma frase da arte de amar: amar a todos, ser os primeiros a amar, amar o inimigo, amar Jesus, amar-se reciprocamente. A criança disse: «Eu daria a todos os presidentes o dado, porque com o dado eles farão as pazes, pois devem amar o inimigo, etc.» Foi o que disse esta criança, para dizer que todos podem compreendê-lo e é o Evangelho, é o amor evangélico.

Se nós partirmos agora, também os senhores bispos, com esta única idéia no coração: vou para viver o Evangelho do amor, que compreende tudo, verão milagres, milagres. Não sofram, se as coisas não darão muito certo; se há dificuldades é Jesus abandonado; abraçe-o e vá em frente. (aplausos)

**Cardeal Vlk:** O Bispo Herrmanns quer falar.

**Bispo Herrmanns:** Obrigado, pois pude compreender a base de sua vida, a fonte na qual bebe. Tenho uma pergunta, à qual talvez possa me responder. Entre as numerosas tradições da espiritualidade cristã, da qual a senhora se sente mais próxima? Os cristãos muitas vezes vivem a diaconia, como o bom samaritano, outros nas missões e dizem: «Nós levamos o

Evangelho a países distantes ou à Europa, que se tornou uma terra de missão». Alguns vivem na contemplação, onde se dedicam totalmente à adoração de Deus. Na tradição luterana existe o pietismo, que se baseia no Evangelho e também no relacionamento pessoal com Jesus. Existem outros fenômenos. Na semana passada, visitei um grupo carismático: era uma combinação de devoção e espírito carismático. Em qual deles a senhora se colocaria?

**Chiara:** Onde estamos nós? Sim, certo, existem muitos modos para chegar a Deus. O importante é chegar a Deus, pois estamos convencidos de que na vida tudo, cada coisa, sempre tem um só motivo: conduzir-nos para a união com Deus. Para Santa Teresa D'Ávila era rezar. Ela tinha o carisma da oração. São Francisco tinha o da pobreza; vivendo aquele carisma São Francisco chegou à santidade. Santo Inácio tinha o da obediência, assim ele chegou a Deus.

Nós temos a unidade, isto é, nós chegamos a Deus de várias maneiras, mas o modo principal, indiscutível é amar o irmão, amando o irmão temos a união com Deus.

Experimentem durante todo o dia. Nós o experimentávamos, quando éramos pequenas, jovens, pois éramos iluminadas pelo carisma. Experimentem amar o irmão que encontram, o dia inteiro, sem pensar em si, sem pensar em nada. À noite os senhores sentirão que aconteceu algo novo interiormente. É Deus que os chama em seus corações, pois quer estar com os senhores. É a união com Deus, que se sente, que se manifesta. O senhor sente que não está mais sozinho, alguém o chama a unir-se com ele, a falar-lhe, a confiar-lhe tudo, a rezar. Amar o irmão é o caminho por excelência. Iginio Giordani, de quem falei antes, escreveu esta frase: «Eu, o irmão e Deus; eu, o irmão e Deus». Eu chego a Deus, amando o irmão.

Nós temos uma grande experiência disso; por exemplo, alguém diz: «Quero atingir rapidamente a união com Deus». Então, nós explicamos que, para isso, para sentir essa união o dia inteiro e de noite... Nós acordamos durante a noite e sentimos que somos dois. Nós nos recolhemos de dia e somos dois. Ele está sempre à nossa espera. Temos sempre que lhe responder. Por exemplo, para chegar depressa à união com Deus, é preciso amar o irmão a ponto de morrer. Quando falamos com um irmão, por exemplo, é preciso estar mortos a si mesmos, esquecendo de tudo, para entrar nele, para compreendê-lo, para assumir a sua cultura, para nos inculturarmos nele. Quando fazemos isso e ele tem a certeza absoluta de ser amado por nós, a ponto de nos perguntar: «E como você pensa? O que você pensa também no campo religioso?». Assim temos a unidade com o irmão. Esse é o modo para aprofundar em nós a união com Deus. Quanto mais amamos o irmão em profundidade, mais temos uma profunda união com Deus.

Descobrimos isso, mas Santa Catarina também o diz e Santa Teresa. Um padre da Igreja afirma isso, mas não recordo exatamente qual. Existe uma ligação entre o amor a Deus e o amor ao próximo: quanto mais cresce o amor pelo irmão, mais cresce o amor por Deus, isto é, a união. Quanto mais cresce a união com Deus, mais amamos o irmão. Existe uma equivalência entre essas duas coisas. E isso é o que todos dizem.

Nós damos o exemplo da plantinha e dizemos: quanto mais ela penetra as raízes no terreno, mais ela cresce. E quanto mais a plantinha absorve o oxigênio do ar, mais se aprofundam as raízes. Existe essa relação. Experimentamos isso a vida inteira. Esse é o nosso modo de viver. Por outro lado, São João disse que não podemos amar a Deus que não vemos, se não amarmos o irmão... É o caminho, é o mais evangélico, na minha opinião: o irmão.

Existem outras maneiras de encontrar a união com Deus, e falamos de Jesus abandonado, por exemplo. Quando sofremos, nós sabemos que por trás daquela dor está Jesus, pois ele – tal como Rahner afirma –, tendo assumido a natureza humana, ele assumiu tudo o que dizia respeito a ela. Ele assumiu a morte, o abandono, a traição, ele também assumiu os nossos pecados. Não eram dele, mas nossos. Ele assumiu tudo. É como se tivesse vestido um casaco. Nesse casaco eu vejo Jesus. Por isso, quando sofro, eu digo: «Eu te amo, Jesus abandonado!», porque é ele. Mas dizendo assim, o que acontece? Acontece o que nós dizemos: é uma alquimia, uma mudança. Se continuarmos a ir em frente e a viver, sentiremos que aquela dor desaparece. Nós nos sentimos fortes. No lugar de Jesus abandonado, que nós vivíamos, surgiu o ressuscitado, que traz os dons do Espírito dentro de nós e a união com Deus. Esse também é um caminho. Porém, o caminho por excelência para o Movimento dos Focolares é o irmão, este é o caminho principal.

Outro dia me perguntaram isso numa entrevista: «Mas da qual você se sente mais próxima?», depois de me terem perguntado sobre o Movimento. Eu respondi que Deus não se repete. Deus não se repete. O papa diz sempre isso: cada homem é irrepetível, cada criatura é irrepetível. Os seus dons são ainda mais perfeitos. Os seus dons são irrepetíveis.

Eu aprendo com os santos, mas não os imito. Eu desejo aprender, por exemplo, de Santa Teresa como rezar. Isso me interessa muito! De São Francisco aprendo a pobreza. Aprendo, sem ter que imitá-lo. Nós temos que fazer a vontade de Deus, tal como eles a fizeram, e também Jesus a fez. Imitar Jesus exteriormente: flagelar-se, porque ele foi flagelado, não corresponde ao nosso estilo. Temos que imitar Jesus, fazendo a vontade de Deus para nós. Isso!

**Cardeal Vlk:** Desejo agradecer-lhe por essas perguntas. Desejamos agradecer muito por esses dias, por esta abertura, por esta possibilidade de estar aqui. Então, obrigado, obrigado!

**Chiara:** Eu agradeço a todos os bispos. O fato de que as perguntas eram poucas é bom sinal. Quer dizer que já são “um” no pensamento. Pelo menos no que dissemos aqui. Eu os agradeço, mas agradeço também pela bela pergunta que o senhor me fez. (aplausos)

## Por uma cultura de comunhão

Chiara Lubich

Caríssimos amigos, irmãos e irmãs,

O título da conversação é envolvente. Um tema particular, apropriado para nós, que estamos mergulhados em problemas sempre novos.

Se considerarmos como é o mundo hoje, veremos que se apresenta realmente como foi descrito pelo Papa Bento XVI, quando ainda era cardeal.

Ele assim se exprimiu: «*Quantos ventos de doutrina conhecemos nestes últimos decénios: (...) do marxismo ao liberalismo, até chegar à libertinagem; do colectivismo ao individualismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo e por aí adiante.*»<sup>1</sup>.

Parece que Deus deixou de ser, sobretudo para nós, na Europa, o interlocutor a quem se dirige para resolver os problemas e as questões que para nós são importantes.

Constata-se, com preocupação, que os valores cristãos estão a deixar de ser um ponto de referência fundamental, e que declarar-se cristão é algo muito raro.

Deste modo, vivemos num mundo em que Deus, por assim dizer, parece estar ausente e o Evangelho já não é considerado a fonte das normas éticas.

Até mesmo as principais festas litúrgicas cristãs, que conservam ainda o mesmo nome, estão a deixar de ser vividas no seu significado religioso.

Nos dias de hoje, o aumento das descobertas científicas e tecnológicas, velozes e sem limites, é tão grande que a ética já não consegue acompanhar o passo, abrindo assim uma fenda entre ciência e sabedoria, entre cérebro e coração, como no caso da invenção da bomba atómica ou das manipulações genéticas, de modo que a humanidade corre o risco de perder o seu controle.

Por estes e por outros motivos, persiste como dolorosa verdade o lamento da filósofa espanhola do século XX, Maria Zambrano: estamos a viver **“uma das noites mais escuras que jamais vivemos”**<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Homilia do cardeal Ratzinger na Santa Missa *pro eligendo romano pontefice*, 18.4.2005; [http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontefice\\_20050418\\_po.html](http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontefice_20050418_po.html);

<sup>2</sup> Maria Zambrano, *Persona e democrazia*, vers. It., Milano 2000, p. 2;

Mas Deus não está ausente da história. São muitos os fermentos de vida nova em acção hoje no mundo, por uma nova cultura, uma cultura de comunhão.

Podemos constatar que o Espírito, precisamente nesta época, foi generoso, entrando com força na família humana por meio dos vários carismas, que inspiraram movimentos, correntes espirituais, novas comunidades, novas obras.

Cada movimento, comunidade, obra é uma resposta à noite colectiva que domina o mundo. Projecta uma luz que nasceu do Espírito Santo, é uma resposta àquela específica escuridão e constrói redes de fraternidade.

Hoje mais do que nunca é preciso ampliar estas redes e, na vivência do amor recíproco (entre elas), compor uma grande rede de fraternidade universal.

João Paulo II ressaltou: «*É preciso promover uma espiritualidade de comunhão*»<sup>3</sup> e indicou a estrela para este caminho, aquele que é a Via para a unidade: «*Nunca terminaremos de indagar – disse – o abismo deste mistério (...)*»: Jesus que grita: «*“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”*» (Mc 15,34)<sup>4</sup>. E explica: «*“abandonado” pelo Pai, Ele “abandona-se” nas mãos do Pai*»<sup>5</sup>.

É um mistério sobre o qual o Patriarca Ecuménico Bartolomeu I escreveu: «*Jesus, o Verbo encarnado, percorreu a maior distância que a humanidade perdida podia percorrer. “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”*»<sup>6</sup>.

Grandes místicos nos séculos passados, e alguns teólogos de várias Igrejas nas décadas mais recentes, já chamaram a atenção do povo cristão para o abandono de Jesus.

Diz o teólogo evangélico luterano Hermann Bezzel: «*O facto de ser abandonado por Deus (...) transformou a miséria do meu afastamento de Deus em alegria: o mundo está reconciliado com Deus, o país estrangeiro tornou-se a pátria, o deserto tornou-se vale verdejante, a distância de Deus tornou-se proximidade de Deus*»<sup>7</sup>.

E é precisamente este grito de abandono que hoje gostaríamos de propor a todos.

Jesus, na hora nona, não viveu uma treva tão densa que superava até ao infinito a nossa noção de escuridão?

Não são semelhantes a Ele as pessoas famintas, angustiadas, tristes, desiludidas...?

Não é sua imagem cada divisão dolorosa entre irmãos e irmãs, entre Igrejas, entre porções de humanidade com ideologias contrastantes?

<sup>3</sup> João Paulo II, *Novo Millennio Ineunte*, n. 43.

<sup>4</sup> João Paulo II, *Novo Millennio Ineunte*, N. 25;

<sup>5</sup> *ID.*, n. 25.

<sup>6</sup> Bartholomeos I, Patriarca ecumenico, *Gloria a Dio per ogni cosa*, Ed. Kikajon, Comunità di Bose, Magnano 2001, p. 152.

<sup>7</sup> HERMANN BEZZEL, *Die Wort am Kreuz*, Verlag Ernst Franz, Metzingen/Württ. 1967.



Não são figura de Jesus, que se fez "pecado" por nós - como diz São Paulo -, muitas das chagas da humanidade?

Cada um de nós, ao longo da vida, também passa por situações semelhantes à dele. Quem não se sente, de alguma forma, separado de Deus quando a escuridão invade a sua alma? Quem nunca teve dúvidas, perplexidades, angústias como Jesus que, na cruz, duvidou, ficou perplexo, perguntou "por quê"?

Quando sentimos estes sofrimentos, estas dores, recordemo-nos dele, que os assumiu: são quase uma sua presença, uma participação na sua dor. Façamos como Jesus, que não ficou petrificado, mas acrescentou ao grito as palavras: «*Em tuas mãos, Senhor, entrego o meu espírito*» (Lc 23,46), voltando a abandonar-se ao Pai.

Assim como Ele, também nós podemos superar a dor e a provação, dizendo-lhe: «*Nesse sofrimento eu amo a ti, Jesus abandonado, amo a ti; ele me recorda a ti, é uma tua expressão, uma tua fisionomia*».

E se, no momento seguinte, nos lançarmos a amar o irmão e a irmã e a actuar o que Deus quer, experimentaremos, quase sempre, que o sofrimento se transforma em alegria, como por uma alquimia divina. De facto, pelo nosso amor por Jesus abandonado, os dons do seu Espírito florescem na alma.

Então, também para nós a noite será uma passagem e a luz da ressurreição iluminar-nos-á. Veremos nascer uma nova cultura, uma cultura de comunhão.

Os pequenos grupos em que vivemos – a família, o escritório, a empresa, a escola, os nossos centros – podem vir a experimentar pequenas ou grandes formas de divisão. Também nesse sofrimento podemos ver o seu rosto, superar o sofrimento que sentimos e fazer de tudo para recompor a fraternidade com os outros.

O mesmo diria diante das divisões maiores, como aquelas entre as nossas Igrejas: temos que trabalhar para recompor a plena e visível comunhão.

E também entre os diversos Movimentos e grupos, em toda a parte.

Experimentaremos que Jesus abandonado, amado, é sempre a chave da unidade: nele encontraremos o motivo e a força para não fugir desses males, mas para dar a nossa solução pessoal e colectiva.

A cultura da comunhão tem como caminho e modelo Jesus crucificado e abandonado.

Às vezes pensa-se que o Evangelho traz somente o Reino de Deus entendido num sentido religioso e não resolve os problemas humanos.

Mas não é assim.

Cada cristão, como outro Cristo, membro do seu Corpo místico, pode dar uma contribuição típica para uma cultura de comunhão em todos os campos: na ciência, na arte, na política, nas comunicações, etc. E maior será a sua eficácia se trabalhar com outros, unidos no nome de Cristo.

Nasce assim, e difunde-se no mundo, aquela que poderíamos chamar “cultura da Ressurreição”: cultura do Ressuscitado, do Homem novo e, nele, da humanidade nova.

Como será possível difundir na sociedade onde vivo esta cultura? O que posso eu fazer?

No âmbito económico, por exemplo, é possível suscitar de modo espontâneo, entre aqueles que vivem o Evangelho, uma comunhão de bens que imite aquela que foi feita entre os primeiros cristãos, sobre os quais está escrito que “não havia necessitados entre eles” (At 4,34).

Nas empresas é possível tentar aplicar o mandamento do amor recíproco em todos os níveis e assim gerar a presença de Jesus no meio, prometida pelo Evangelho: «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou no meio deles». (Mt 18,20).

Quando Cristo tomar as rédeas do mundo económico – e isso acontecerá à medida que se multiplicarem aqueles que, sapientemente, colocam os seus talentos humanos à Sua disposição –, certamente florescerá a justiça e assistiremos ao maciço deslocamento de bens, de que o mundo hoje precisa urgentemente.

«Encheu de bens os famintos, e despediu os ricos de mãos vazias» (Lc 1,53). É esta a revolução social que somos chamados a realizar.

No campo das comunicações, sempre nos pareceu um sinal da providência de Deus o actual desenvolvimento dos poderosos meios de comunicação social, que favorecem a unidade da família humana

Ao mesmo tempo, é evidente – basta olhar para os factos – que estes meios sozinhos não bastam para unir povos e pessoas e para melhorar a qualidade de vida. É preciso que sejam colocados a serviço do bem comum, e que os que ali trabalham sejam animados pelo amor.

É preciso difundir o amor verdadeiro nos corações, e com ele o interesse por cada homem e mulher, e por tudo o que diz respeito à humanidade. É sendo o amor, como ensina o Evangelho, que se suscitam relações criativas, duradouras, construtivas e se actua aquela arte de comunicar que sabe receber, acolher o outro, os acontecimentos do mundo e sabe doar, isto é, falar, escrever, no momento e nos modos mais oportunos.

Então instaurar-se-á maior comunicação, valorização dos meios que a tornam possível, mas também e sobretudo haverá mais frutos de diálogo, partilha, participação, comunhão.

É possível pensar que, quando vários profissionais partilharem esta arte de comunicar, os *mass media* demonstrarão melhor a sua capacidade de multiplicar o bem, a voz de Deus tornar-se-á mais sonora e os seus agentes desempenharão melhor a sua vocação como instrumentos ao serviço de toda a humanidade.

Temos ainda o âmbito da política.

Não é talvez função da política conseguir compor em unidade, na harmonia de um só projecto, a multiplicidade, as legítimas aspirações dos

diversos componentes da sociedade? E não deveria talvez o político, pela sua função de “mediador” entre as várias partes sociais, dominar a arte do diálogo e da identificação com todos?

Os políticos que vivem assim, qualquer que seja o seu partido, decidem antepor o ternidade universal, hoje queremos dar um passo em profundidade: dar prioridade a amar e seguir como nosso modelo Cristo crucificado e abandonado. Assim poderemos abraçar o grito da humanidade de hoje e pelo Seu “grito”, que tudo redimiu, criar ao nosso redor a família que o mundo espera ver.

Poderemos então dizer realmente com São Lourenço, jovem mártir romano do terceiro século: **«A minha noite não conhece escuridão, mas todas as coisas resplandecem na luz»**<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> SÃO LOURENÇO, diácono romano, martirizado em 258: “*Mea nox obscurum non habet, sed omnia in luce clarescunt*” da Liturgia das horas, Vésperas, 10 de agosto.

## ANEXO F – Encontro de Chiara com as comunidades: Malta, Sicília e Calábria

Malta, 25 de fevereiro de 1999

### «O Ano do Pai»

#### Encontro de Chiara com as comunidades de Malta, da Sicília e da Calábria

- *Ajornamento* sobre a vida e o desenvolvimento da Obra em 1998: como procuramos viver com a Igreja o ano dedicado ao Espírito Santo
- Como viver o ano de 1999
- A relação de Chiara com Deus-Pai
- Saudação final

**Chiara:** Não é: Chiara é a nossa alegria! Vocês é que são a minha alegria (aplausos)!

Seria bom que todo o mundo "Ideal" viesse aqui e visse o que é esta pequena Malta e este grande Movimento! Isso sim. Não imaginam! Porém, espero que os nossos meios de comunicação tornem público e universal também o nosso encontro de hoje.

Caríssimos, devo lhes dizer algumas coisas.

Para dizer a verdade, não estava previsto o meu encontro com vocês. Porém, devendo falar, pensei em lhes dizer coisas que geralmente nunca digo. É o seguinte: devemos fazer juntos uma espécie de exame para ver se nós, nos últimos três anos, caminhamos junto com a Igreja.

Nós só temos sentido se estivermos na Igreja e com a Igreja. O «*ut omnes unum sint*» foi confiado à Igreja por Jesus; e a unidade, este carisma, é para a Igreja, não para a Obra de Maria. Também, mas é para a Igreja, porque a Igreja é uma (além de santa). Este carisma serve para reforçar esta qualidade da Igreja. Então, temos que caminhar em plena sintonia com a Igreja.

Ora sabemos que em 1997 (talvez um pouco antes) o Papa João Paulo II disse que tínhamos que nos preparar para o Jubileu (o grande ano do aniversário de Jesus) e que o faríamos em três anos. Dedicou o ano de 1997 a Jesus, 1998 ao Espírito Santo e 1999, que precede o Jubileu, dedicou-o ao Pai.

Eu disse: quero fazer com os focolarinos, com os gen, os sacerdotes, os religiosos do Movimento, uma espécie de exame de consciência e ver: nós vivemos assim com a Igreja? Nós, que somos uma coisa só com a Igreja?

Então disse: bem, 1997 já passou há mais tempo, é provável que não recordemos como agimos; mas vejamos o ano de 1998.

1998 era dedicado ao Espírito Santo. O que é que fizemos nesse ano para caminhar junto com a Igreja? Recordo que nós, em Roma, ouvíamos as catequeses que o Santo Padre fazia às quartas-feiras, assim, sobre um ponto de cada vez, mas com grande sabedoria, e ele falava sempre do Espírito Santo. Lembro-me que me encantavam as palavras do Papa sobre o Espírito Santo. Ele via sua ação em toda a parte, até na arte, por exemplo.

Depois, logicamente, aproveitamos esse ano para ir buscar no nosso arquivo meditações que fizemos anos atrás sobre o Espírito Santo e recordo que voltavam a produzir efeitos muito fortes nas nossas Jornadas, nas nossas Mariápolis. Mas sobretudo quando explodiu o nosso amor, o nosso interesse pelo Espírito Santo, foi na celebração de Pentecostes, quando o Papa reuniu todos nós de uns 60 Movimentos, naquela Praça maravilhosa, com 500.000 pessoas, e explicou qual é o nosso lugar na Igreja.

Nós vivíamos assim, mesmo antes de ter esse lugar, porque o Espírito Santo é aquele que continua a renovar as coisas; portanto, renovava sempre o amor de Deus no nosso coração. Porém, a realidade é que nós, na Igreja... Ninguém tinha definido o nosso lugar na Igreja. E não só o nosso lugar: não sabíamos onde nos "sentar" na Igreja, mas a própria Igreja, se pensarmos nas suas estruturas centrais, não tinha um Pontifício Conselho para os Movimentos eclesiais; só para os Movimentos leigos. Ora, como se podem vincular certos Movimentos ao Pontifício Conselho para os Leigos quando eles englobam religiosos, sacerdotes e bispos?

Do nosso Movimento fazem parte bispos amigos (não falo dos simpatizantes) que são 800! Com os simpatizantes são 2.500. Como podemos vincular os bispos ao Pontifício Conselho para os leigos? De forma que agora alguns peritos em direito canônico disseram explicitamente que a Igreja terá de criar também um ponto de contato entre todos estes Movimentos e a Cúria.

Nós sentíamos que não tínhamos um lugar. Naquele dia, que foi a vigília do Domingo de Pentecostes...

O Papa tinha-me dito antes, pessoalmente, e no ano anterior a todos: «Vou lhes dar um lugar». E nós ficamos esperando! Porém, não sabíamos onde achá-lo; parecia-nos que tudo já estava ocupado, que não havia um lugar para nós.

Eu ficava um pouco perplexa quando eram emanados certos documentos da Igreja e diziam: «Eminentes Cardeais, excelentíssimos bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas». Ponto final. E nós – eu dizia –, onde estamos? Não. No máximo falavam de leigos. E nós, onde estamos?

Ao passo que o Papa resolveu isso, pois nos ama muito. Ele pensou que a Igreja, realmente, assim como é vista até por muitos, não reflete o seu verdadeiro ser; o seu verdadeiro rosto. A Igreja não é formada apenas pela hierarquia, pela instituição, mas possui outro aspecto, que vale tanto quanto o primeiro: é o seu aspecto carismático, ou seja, tudo o que na Igreja é suscitado por carismas, que servem para construir a Igreja – embora de outra forma – tal como o aspecto institucional.

Ora o Papa, ali, naquele sábado, na Praça de São Pedro, disse o que são os Movimentos: os Movimentos «são uma expressão significativa do aspecto carismático da Igreja». Portanto, nós vimos o rosto da Igreja muito mais bonito, muito maior, muito mais dinâmico, muito mais vivo, como são os Movimentos, que se uniam ao aspecto institucional da Igreja.

Explicou (como o fez em outras ocasiões) que a relação entre a Igreja institucional (formada pelo Papa, os bispos, os cardeais, os sacerdotes...) e o aspecto carismático deve ser de amor recíproco, como se diz: uma relação de pericórese, em que um serve o outro.

Nós já sabemos que a Igreja institucional nos serve! É lógico. Serve-nos, porque nos aprovou, nos examinou, porque nos dá os sacramentos, porque é através dela que conhecemos a Palavra de Deus, etc., e obter a graça de Deus. Portanto, devemos amá-la como mãe, porque foi ela que nos deu tudo. Porém, ela também deve amar o aspecto carismático. Nesse sentido vão todos os conselhos da Igreja e do Papa para prestar atenção e estudar bem os carismas, e não apagar o Espírito Santo. Esta é a questão!

De maneira que terminamos a vigília de Pentecostes com o coração pleno de felicidade.

Vocês dirão: «Chiara, o que você sentiu?». Ali, na praça de São Pedro, sabem que fui a primeira a ser chamada para falar ao Santo Padre e explicar o que é o nosso Movimento. Eu terminei o discurso dizendo que este modo de ver a Igreja e de ter dado um lugar aos nossos Movimentos é, provavelmente, uma das obras-primas do seu pontificado. Depois eu disse que queria fazer de tudo para criar a unidade entre os Movimentos, visto que temos o carisma da unidade.

Esta manhã fiz meditação sobre os textos de São Paulo e a unidade. Ele primeiro fala da unidade, e isso é frisado numa nota; depois fala dos diversos membros. Portanto, a unidade é muito importante! Também na relação entre os Movimentos é muito importante frisar a unidade; depois cada um tem o seu carisma, de maneira que também há a distinção.

Digo coisas difíceis demais? ("Não!") (aplausos)

Isso, o que representou para nós? Para mim foi uma alegria imensa! Eu tinha esperança, pois o Espírito Santo nos ama, mas a este ponto eu não podia imaginar! Foi uma alegria imensa. Dei-me conta de que a Igreja deu um passo enorme com as afirmações do Santo Padre.

Vocês não se lembram, porque ainda não tinham nascido; muitos de vocês são jovens. Mas no tempo de Foco, ele dizia: «Sabe, Chiara, nós somos os proletários da Igreja». Naquele tempo a Igreja era vista apenas como hierarquia, portanto numa perspectiva vertical, não num modo também horizontal. Igreja era sinônimo de hierarquia.

Giordani, que escreveu uns 100 livros, muitos dos quais para defender a Igreja, pois a amava muito, dizia: «Somos os proletários».

Deixávamos de ser os proletários. Estávamos também nós em primeiro plano. Foi uma coisa enorme.

Outra coisa que aconteceu naquele dia é que foram reconhecidas, tidas em consideração, as nossas vocações. Antes não era assim. Eu via que todos diziam: há falta de vocações!

Dois bispos recentemente encontraram o Papa e o primeiro lhe disse: «Vossa Santidade, faltam vocações!...». E o Papa: «Elas vão chegar dos Movimentos!» mas eles... Depois chegou outro (não sei se no dia seguinte ou quase!) e disse ao Papa: «Santidade, faltam vocações!...». «Elas vão vir dos Movimentos!». Quem sabe o que pensavam!?

Mas a verdade é mesmo assim: os Movimentos também suscitam muitas vocações. Sabem quantos gen agora são personalidades?

Coordenadores de Movimentos ou sacerdotes ou religiosos!? Em Loppiano falei disso. Ali havia uma grande variedade de vocações, como aqui: irmãs, sacerdotes, leigos, rapazes, crianças, e eu lhes disse que, a partir daquele dia, as nossas vocações são tidas em consideração. Então disse: não são apenas vocações ao Movimento dos Focolares, que são muitas. São cerca de 800 as jovens e um bom número também de rapazes e de sacerdotes que querem entrar em focolare. Não é só isso. São também as vocações que os Movimentos dão para outras obras da Igreja. Eu contei-lhes isso.

Logo depois, aproxima-se uma jovem religiosa e me diz: «Chiara!» «O que é?» «É mesmo como você disse». «Por quê?». «Eu era uma gen». «Ah, bem!». Dou dois passos, aproxima-se outra religiosa, de outra Ordem, e me diz: «Chiara, sabe?» «O quê?» «Eu era uma gen». «Por que não subiram ao palco para confirmar o que eu estava dizendo!?».

Isso demonstra que é mesmo assim.

Ainda ontem encontrei um sacerdote, que me disse: «Eu era um gen». É esta a nossa alegria: servir a Igreja, produzir muitas vocações, encher os seminários, encher os conventos! Esta é a nossa vocação.

Ah, esperem um pouco! Primeiro enchamos os focolares (aplausos)!

Eu dizia que, para isso, precisamos de alguns anos, pois, se não tivermos focolarinos, focolarinas, focolarinos casados que vivem este espírito, não poderemos suscitar vocações. Mas será assim no futuro; este é o nosso futuro.

O Papa naquele dia valorizava essas vocações; ele as via como vocações novas na Igreja, pois a Igreja avança ao passo com os tempos; não fica parada... Podem faltar vocações de certos tipos, mas nascem de outros. A Igreja avança; o Espírito Santo continua a soprar. Isso foi outra coisa belíssima: ver confirmadas as nossas vocações.

Como lhes disse, prometi ao Papa que trabalharia pela unidade. Mas agora dou-me conta cada vez mais como é importante essa unidade, pois, se São Paulo antecede a unidade aos membros do corpo, significa que a unidade é importantíssima; temos de antepô-la ao resto. Quase a ponto de ter em conta primeiro a unidade entre os Movimentos e depois entre nós. A este ponto!

De fato, eu disse também aos nossos bispos outro dia<sup>1</sup>: sabem, não rezo apenas pelo Movimento dos Focolares. Rezo pela comunhão entre os Movimentos e por toda a Igreja; no fim rezo também pelo Movimento dos Focolares. E eles ficaram olhando. Disseram: «Até esse ponto?». Até esse ponto.

Então, tudo isso é para lhes dizer que para nós existe um: antes de Pentecoste e depois de Pentecostes 1998. Antes de Pentecostes, conseguimos organizar todos os setores da Obra, com todos os aspectos, as secretarias para os diálogos, os 18 setores. O que faltava era o setor dos bispos, que ainda não tinha sido aprovada no ano passado. Fomos com o cardeal Vlk. Eu fui com ele nos encontrar com o Papa e lhe apresentar um regulamento para os bispos amigos do Movimento. E ali o Papa teve uma graça extraordinária, pois o aprovou pessoalmente. Ele entendia que, se tivéssemos interpelado os vários dicastérios, eles teriam hesitado, pois é algo

<sup>1</sup> Provavelmente no encontro para os bispos católicos que se realizam no mês de fevereiro (n.d.t.);

muito novo, tão novo. Então, o Papa o aprovou pessoalmente. Ele depois me disse que seria bom, por gentileza, ir falar com os outros dicastérios. Fomos, mas com a aprovação do Papa, tudo estava resolvido.

No ano passado concluímos a Obra nas suas linhas principais. Agora deve crescer, multiplicar-se, invadir o mundo. Por isso, este ano podemos nos dedicar à unidade com os outros Movimentos.

Então vocês, alguns sabem, outros não, poderão perguntar: já fizeram alguma coisa? Conto-lhes como vai.

O que fizemos? Entretanto, procurei conversar com alguns fundadores. O primeiro que conhecemos foi o Prof. André Riccardi, fundador da Comunidade de Santo Egídio. Nasceu logo uma grande e bela unidade, não só entre nós, mas também entre os membros dos nossos dois Movimentos.

Contemporaneamente, tivemos a ocasião de conhecer o coordenador italiano do Movimento de Renovação no Espírito (que é aprovado pela Igreja) e fizemos o mesmo. Mas não foi uma amizade assim, platônica, sinfônica e sentimental. Logo desde o princípio nós nos conhecemos e apresentamos reciprocamente os respectivos Conselhos do Movimento, de Santo Egídio e do Movimento de Renovação. Colaboramos; falamos em encontros deles; quiseram os nossos depoimentos; eles vieram aos nossos encontros, etc. Também concretamente, por exemplo com Santo Egídio há um trabalho concreto. Eles, com grande generosidade, impelidos pelo carisma deles (porque senão não se entende), cederam-nos três casas e estão vendo como nos dar uma casa muito grande. Só pessoas com um carisma é que fazem estas dádivas!

Ontem fui visitar a Igreja maravilhosa dos Cavaleiros da Ordem de Malta e me disseram que eles davam três quartos dos bens que possuíam e sustentavam-se com o quarto. Eu disse: «Deviam ter muitos bens para poderem dar três quartos!». Mas quando é que se vê na Igreja uma generosidade tal? Repete-se nos carismas, nos carismas! Eles nos dão sem nos pedir nada. É uma coisa maravilhosa!

Assim, quando soubemos que eles, de Santo Egídio, estavam fazendo um abaixo-assinado com muitas assinaturas para fazer com que, pelo menos durante o Jubileu, não se aplique a pena de morte, nós nos mobilizamos logo. Como somos muitos, muitos, recolhemos muitas assinaturas! Eles ficaram todos contentes.

Eu soube, por exemplo, que temos a mascote destas assinaturas, porque havia um gen 4 pequenino, que não sabia escrever, mas achava que devia assinar, até que a certa altura conseguiu fazer a sua assinatura. Então disse logo à mãe: «Quero ir assinar contra a pena de morte». Era uma coisa muito participada, porque feita em conjunto.

Num dia destes vou me encontrar com Kiko Argüello, que é o fundador dos Neocatecumenais. Na Alemanha, o Movimento de Schönstatt está à nossa espera; encontraremos o responsável mundial e a comunidade. Será muito belo! Os "Cursilhos" também pediram para entrar em contato conosco, assim como os responsáveis... Vou voltar da Suíça no dia 12 ou 11 do próximo mês, pois me encontro com o responsável mundial de Renovação Carismática. Eles são 400 milhões, incluindo também os não católicos; os católicos devem ser uns 80 milhões. Se conseguirmos envolver todos eles, compreendem o que significa para o Reino de Deus e para a Igreja? E poder



corrigir, em nós, mas também lá fora, qualquer coisa que não anda muito na linha, é uma coisa enorme!

Recordo que um Cardeal participou numa manifestação organizada pela Comunidade de Santo Egídio com a nossa ajuda. Viu o efeito da unidade entre dois Movimentos e disse: «Se os Movimentos se unirem, serão uma potência para a Igreja». Sabem, esta palavra "potência" perturba um pouco a humildade das pessoas, mas eu disse: por Jesus Cristo até uma superpotência! Tudo, tudo! (*Aplauso*)

Agora decidimos que nos encontraremos em Speyer, na Alemanha, onde reuniremos todos os fundadores da Europa, que puderem vir ou os responsáveis internacionais e nacionais. Faremos um duplo encontro. Estará presente também o Cardeal Vlk... mas irá como focolarino, pois são os Movimentos que se devem colocar de acordo. Ele é o Presidente do Conselho das Conferências Episcopais Europeias. Em Speyer faremos este encontro, que estamos preparando.

Temos recebido muitas adesões. Não calculam a felicidade dos outros Movimentos. Logo que lhes dizemos: «Querem...?». «Sim!». Com um entusiasmo...! Vê-se que é a hora; é mesmo a hora. Isso também porque o Papa, naquele dia, abateu todas as divisões. Antes havia quando muito a indiferença em relação aos outros Movimentos; cada qual pensava no seu... A partir daquele dia todos abriram os olhos e o coração e se sentem irmãos: um fenômeno! É um fenômeno! Não existem rivalidades, mas nem sequer a indiferença. Todos estão interessados.

De fato, André Riccardi, de Santo Egídio, me diz sempre: «O que é meu, é teu», ou seja: uma conquista deles, é nossa e uma nossa... É assim. É assim.

Outro dia um deles me disse: «Sabe, me chamaram para ir falar na Inglaterra a toda a comunidade anglicana». «Ótimo!», eu disse. «Mas acha que devo ir?». «Claro! Temos de ir a toda a parte. Enquanto tiver forças, tem de ir!».

Depois, acompanhamos tudo, telefonamos para saber como correu; preparamos o terreno, mandamos os nossos; os outros mandam os deles. Em suma: é um grande comércio maravilhoso! (*Aplauso*)

Logicamente procurei informar o Papa de tudo, pois eu tinha lhe prometido que iria trabalhar nisso. Então, achei que devia informá-lo. No dia de Natal, como sempre, preparamos um cesto de Natal enorme para o Papa.

Na Páscoa mandamos um ovo deste tamanho, que não entra no elevador do Papa. Têm de vir buscá-lo lá embaixo os secretários ou as religiosas, que trabalham ali, para ajudar a levá-lo lá para cima.

Desta vez preparamos um cesto enorme com muitas coisas, caixas..., produtos de Natal, também oferecemos pequenas esculturas do Centro Ave, que o Papa aprecia. A nossa Fonte, a focolarina do Centro dos Encontros Romanos, de Roma, levou o cesto ao Papa, mas não cabia no elevador! Porém, tinha de subir com o elevador! Em resumo: três pessoas puseram-se a empurrá-lo até fazê-lo entrar! Quem sabe como terá ficado!?

Era acompanhado por uma carta minha, onde eu dizia: Santo Padre, quero dar-lhe um presente de Natal. Expliquei-lhe tudo o que estamos fazendo; sobretudo a respeito das Jornadas, que decidimos fazer no mundo inteiro, com a colaboração dos Movimentos para repetir a Jornada de Pentecostes de

98. Nessas Jornadas projetamos também o filme feito por nós, intitulado: «Nas Asas do Espírito», que saiu muito bem, acerca da celebração de Pentecostes de 1998 e apresentando alguns Movimentos.

Mandei esse presente ao Papa. Dias depois recebi esta carta... Vejam como é comprida. Autográfica, porque é assinada mesmo por ele. Autográfica é quando tem a assinatura e manuscrito é quando é todo escrito....

Então diz assim. Primeiro agradece muito, porque (como vocês viram) tinha havido o encontro com 800 seminaristas, que foi maravilhoso. Depois diz: «Agradeço-lhe por tudo o que me comunicou acerca do trabalho em comum com outros Movimentos eclesiais para encontrar um ponto de encontro, de unidade, embora na diversidade dos vários carismas. Este não é apenas um pequeno presente natalício – diz o Papa –, mas é uma notícia muito confortante, que me enche de alegria».

Eu, quando a li, só ao pensar que por um momento o coração do Papa se tinha enchido de alegria, decidi fazer muito mais!

«... enche-me de alegria, pois a indispensável colaboração entre as diversas realidades eclesiais dará com certeza muitos frutos. É significativo que o grande encontro dos Movimentos se tenha realizado na véspera do Domingo de Pentecostes do ano que, na preparação do Grande Jubileu do ano 2000, se dedicava ao Espírito Santo.

Alegra-me também a iniciativa, tomada de acordo com o Pontifício Conselho para os Leigos e com os Ordinários (que são os bispos), de organizar encontros (as Jornadas) na solenidade de Pentecostes para reviver juntos nas diversas dioceses a experiência do grande encontro da Praça de São Pedro.»

O Papa nos dá todas as bênçãos.

«Desejo as maiores graças do Senhor para a senhora, para toda a grande família dos Focolares (portanto, também para vocês) e para as oportunas iniciativas que me indicou (como o encontro de Speyer), e agradeço o vídeo "Nas asas do Espírito", que me fez reviver o grande encontro da véspera de Pentecostes do ano passado.»

Significa que o viu. Fiquei muito contente com isso. Sei que tem uma sala onde se projetam os filmes que deseja ver; e naquela tarde viu este. (*Aplauso*) Continua: «Muito obrigado pelas felicitações que me transmitiu para o Santo Natal e formulo votos...» Leio ainda este parágrafo porque manda uma bênção também para vocês.

«Formulo votos de que este privilegiado período, rumo ao Grande Jubileu, que nos faz cruzar as portas do novo milênio, seja rico de graças para todos. Acompanho estes votos com a minha bênção para todos.» Portanto, têm a sua bênção. (*Aplauso*)

Nós já recebemos muitas bênçãos do Santo Padre, mas sabem como é? Cada vez que chega, é uma bênção, que nos dá alegria.

Disse alguma coisa de tudo o que aconteceu em 1998 e como procuramos viver com a Igreja o ano dedicado ao Espírito Santo.

Agora o ano de 1999 está começando, que é o ano dedicado a Deus-Pai.

Eu queria agora – com todas as forças que tenho e contando com a atenção de vocês – dizer como devemos vivê-lo, nós focolarinos, nós do Movimento

dos Focolares. Para podermos viver o ano dedicado ao Pai, temos que ver como é que o nosso carisma nos apresentou o Pai.

Vocês recordam aquele fato de quando eu estava sozinha e um sacerdote na escola onde eu dava aulas me disse: «Poderia oferecer uma hora do seu dia pelo meu ministério?». Eu, que via no sacerdote a Igreja, Jesus, respondi: «Só uma hora? Ofereço tudo, toda a vida!». Ele me disse: «Ajoelhe-se. Deus a ama imensamente».

Eram palavras ditas por um sacerdote, por isso acreditei nelas e fiz bem, porque era verdade. Foi como uma fulguração para mim, pois vi que Deus não é só aquilo que eu, como boa católica, penso: um Deus a quem se reza de vez em quando, que se contempla para além das estrelas, etc. Ele está aqui, a meu lado. Ele é Amor; me ama imensamente. Todas as circunstâncias são guiadas por ele; portanto, as alegrias, as dores, as preocupações... Ele conduz tudo. E de repente senti que, a vida antes nos parecia coberta por um véu de orfandade (como dizemos), como se fôssemos órfãos, embora acreditássemos em Deus, e depois era bem diferente, porque Deus, de certa forma, através deste carisma, voltava a revelar-se como era: Amor, Pai.

Logicamente não fui só eu que fiz esta experiência, mas também as primeiras focolarinas. E anunciávamos a todos: «Deus a ama imensamente». Era uma descoberta! Tínhamos a força inicial do carisma e todos ficavam impressionados em saber que eram amados assim. «Até os cabelos da vossa cabeça estão contados». Era a revelação de Deus-Pai como a Sagrada Escritura nos apresenta.

Se recordarem, algumas frases que descrevem Deus... Há uma que recordo sempre, pois me faz impressão, uma belíssima impressão. Referindo-se ao povo hebraico, diz que, mesmo que uma mãe se esquecesse do seu filho, Deus nunca se esquecerá dele (cf. Is 49, 15). É incrível! Este é o Deus Amor que já começava a cintilar no Antigo Testamento.

Mas depois veio o Novo Testamento. Jesus explica bem quem é o Pai na Parábola do Filho Pródigo. Há dias um focolarino me deu uma reportagem, onde se vê um quadro de Rembrandt, muito famoso, que representa o pai e o filho pródigo. O pai está com as mãos nos ombros do filho; é idoso, velhinho, meio cego e olha para o filho. O filho está ajoelhado na sua frente, descalço, sujo e com a cabeça apoiada no pai. Nota-se nesse quadro, além da beleza artística extraordinária, que o pai está com as duas mãos apoiadas nos ombros do filho: uma mão é bastante forte, grande, quase rude, eu diria; a outra mão é mais delicada. Uma representa o amor de um pai; a outra, o amor de uma mãe, para dizer que Deus (como diz também o Cardeal Martini numa esplêndida carta sobre o Pai) é pai e mãe ao mesmo tempo. Não é pai no sentido humano; é pai e mãe. E Rembrandt o representa assim.

Jesus, ao descrever o pai que acolhe o filho, que quer, não só perdoá-lo mas esquecer tudo; dar-lhe uma túnica nova, dar-lhe um anel no dedo, mandar tocar música, preparar-lhe um grande banquete, Jesus exprime o amor do pai, que passou a vida – desde que o filho saiu de casa – à espera dele. Esta era a sua ocupação principal. E ao vê-lo, perdoa-lhe. Não quer que se fale do passado; quer que seja novo. Assim é o Pai. Assim devemos pensar o Pai. Este é o Pai.

Então, recordemos que temos um Pai que é assim e devemos descobri-lo em tudo. Portanto, como viver bem este ano dedicado a semelhante Pai?

Eu diria que Ele ficará contente se aceitarmos o seu amor, mesmo antes de o amarmos. Ele não precisa do nosso amor, que é um dever para nós. Mas deseja que aceitemos o seu amor. E quem nos diz como é que Ele nos ama? É Jesus.

Desde que começou o ano dedicado a Deus-Pai, por exemplo, o "Pai nosso", que Jesus nos ensina para podermos aceitar o seu amor, para mim tornou-se uma coisa enorme! Quando rezo o terço, logo que chego ao Pai nosso... Porque nós, eu, vocês sentimos a exigência de trabalhar pelo reino de Deus; porém eu, pequenina, miserável, o quê posso fazer? E vocês? Precisamos dele, da sua ajuda para desenvolver esta revolução de amor e de unidade. Então: «Pai nosso, que estais no céu, santificado seja...». Ajudai-me a santificar o vosso nome. «Venha o vosso reino», ajudai-me; sozinha não consigo. «Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu».

Sempre que rezamos o "Pai nosso", acolhemos o amor do Pai que nos quer ajudar. É verdade, pois se Jesus o disse é porque quer. Logicamente, depois, na vida precisamos de muitas coisas: de pão, de roupa, de perdão; precisamos ser ajudados nas tentações; em todos os obstáculos da vida... Então, a segunda parte do "Pai nosso" é muito bonita, mas eu gosto muito da primeira (aplausos).

Uma das coisas de que mais necessitamos nós, focolarinos (que somos fogo) é do Espírito Santo. Então Jesus nos diz (e no ano de Deus-Pai vem ainda mais em relevo)... Jesus diz uma frase maravilhosa: «Qual é o pai entre vós que, se um filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião?»<sup>2</sup>. Seria absurdo. «Portanto, se vocês, que são maus, sabem dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai celeste dará o Espírito Santo a quem lho pedir!»<sup>3</sup>.

A nossa vida – graças a Deus – sendo vida evangélica, aprendida com o Evangelho, baseia-se neste modo de raciocinar. Portanto, é fácil obtê-lo. Vamos encontrar uma pessoa ou um grupo, vamos trabalhar, e precisamos do Espírito Santo. «Eterno Pai, olha que Jesus disse que é fácil obtê-lo. Pedimos Espírito Santo, Espírito Santo, Espírito Santo!» e Ele nos indicou muitas maneiras de obtê-lo. Abraçando Jesus Abandonado, temos sempre o Espírito Santo à disposição; mas sobretudo devemos pedi-lo ao Pai: «Eterno Pai, se um pai na terra não dá coisas más..., me dê o Espírito Santo». É fácil. Foi Jesus que o disse. É fácil!

É também uma experiência pessoal.

Depois, precisamos de muitas graças na nossa vida. Ele nos responde e diz: «Se dois de vós se puserem de acordo para pedir seja o que for, o meu Pai que está nos céus vo-lo concederá. Porque, onde dois ou três estão reunidos no meu nome, eu estou no meio deles»<sup>4</sup>.

Por isso é que fazemos o *consenserint*, também o fizemos antes de virmos para aqui, com as focolarinas no hotel: «Ajude-nos, dê-nos o Espírito Santo». E é a nossa vida; foi sempre a nossa vida. Só que neste ano, dedicado a

---

<sup>2</sup> Lc 11, 11-12.

<sup>3</sup> Lc 11, 13.

<sup>4</sup> Mt 18, 19-20.

Deus-Pai, vem em relevo tudo o que Ele nos dá. Ele quer que acolhamos as graças que nos dá.

Depois há outro aspecto das Escrituras que vivemos há 56 anos: «Lançai nele todas as vossas preocupações (...)»<sup>5</sup>.

Nós trabalhamos, vivemos pelos outros em geral. De vez em quando surge uma preocupação: ele está com problemas, o outro está assim. Ou uma doença, a mãe... Temos de nos libertar, de nos livrar de tudo. Jesus não diz: "coloquem", mas diz: «lancem!». Portanto quer que o façamos depressa, que lancemos nele as preocupações para podermos estar livres, com otimismo, enquanto Ele toma sobre si todos os problemas e os resolve. Se eu pudesse, escreveria um livro assim, contando todas as preocupações que Ele me resolveu. Resolve-as mesmo. Esse é o ponto! Resolve-as mesmo! Depois, revemos aquela pessoa que estava triste e está contente; e quem a ajudou? O Eterno Pai. Descobre-se que aquela doença era um fantasma<sup>6</sup>. Muitas, muitas coisas. E foi Jesus que nos ensinou a fazer assim.

Depois, há uma frase muito linda do Evangelho, de que eu gosto muito, que diz: «Não vos preocupeis (...) com o que haveis de vestir, (...), com o que haveis de comer. (...) O vosso Pai sabe...»<sup>7</sup>. Eu gostaria de falar da "providência" que recebemos, sempre! Porque – reparem – aquilo que contamos dos primeiros tempos: que o corredor estava cheio e nós o esvaziávamos, distribuindo tudo aos pobres e voltava a se encher; também acontece hoje. Eu vejo a minha pequena experiência e das focolarinas que vivem comigo. Se vocês viessem à minha casa, veriam quantas vezes o corredor se enche... Já os seus presentes de ontem teriam enchido um corredor! Para dizer que esta "providência" é uma realidade.

E compreendi uma coisa bela: que este contar com a "providência" (foi assim que o nosso Gérard me explicou. Ele é da Escola Abbá)... não é ficar à espera de um pequeno milagre que acontece aqui ou ali. Não. Os primeiros cristãos contavam com a "providência" que vinha da comunidade. Quando Jesus diz: «Tereis cem vezes mais em pais, em mães...»...

De fato, também nós, quando contamos: «Deixamos tudo, pelo menos nos desprendemos de tudo, e o que aconteceu? Recebemos cem vezes mais: pais, mães, irmãos, casas – muito mais que cem! -, vestidos»... Quantos vestidos recebo! Com eles vou vestindo toda a comunidade feminina! É pena eu não receber roupas masculinas! Então... (aplausos)

Os estudiosos dizem que este "cêntuplo" provém da comunidade cristã e, a partir dali, chega-se... Temos todas as possibilidades.

Então, porque é que devemos amar o Pai? Porque somos chamados – e este é o último conceito -, somos chamados a fazer da humanidade (possivelmente o máximo que pudermos e o resto fará quem nos seguir), devemos fazer da humanidade uma única família. Devemos realizar o «que todos sejam um». Porém, dizem explicitamente que, quando Jesus rezou: «Que todos sejam um», referia-se aos cristãos. «Que todos sejam um». Porém, também há todos os outros: budistas, muçulmanos... E vocês sabem os

<sup>5</sup> Cf. 1 Pd 5, 7; o versículo em português diz: «Confiai-lhe todas as vossas preocupações...»; mas Chiara frisa muito o conceito de "lançar", como se dizia na edição italiana mais antiga (N.T.).

<sup>6</sup> Expressão usada por Chiara, para exprimir que foi um falso alarme (n.d.t.);

<sup>7</sup> Cf. Lc 12, 22-30.

contatos que temos com eles, que temos uma relação de amizade, de benevolência, atuando a "Lei de ouro", etc.

Em todo o caso, estamos na estrada certa, fazendo assim. Deus-Pai ama a todos: bons e maus. Ele disse que manda a chuva sobre os bons e sobre os maus. Assim devemos fazer também nós: amar a todos, ser os primeiros a amar, etc. Jesus morreu por todos. E Maria também está muito presente nas outras religiões, porque, aonde chega a redenção de Cristo, chega a maternidade de Maria para todos. E Deus é Pai de todos, se mandou o Filho para morrer por todos. Portanto, se não tivermos esse ponto de referência, o que é a família humana? É preciso um pai para ter uma família.

Por isso este ano o meu conselho é este, o meu encorajamento, o meu desejo: damos uma grande glória ao Pai, acolhendo no coração tudo o que nos dá: o alívio das preocupações, a roupa, a comida que recebemos, o Espírito Santo de que necessitamos, todas as graças, porque Ele fica contente, sim, se nós o amarmos e ainda mais se acolhermos o Seu amor em nós. (aplausos)

Esta comunidade de Malta é um milagre! (aplausos) Sabem de uma coisa? É um milagre quanto à beleza e à quantidade! Sabem de uma coisa? Creio que não. É uma coisa grande o que vou dizer agora para a alegria de todos: no mundo "ideal"<sup>8</sup>, a terra em que, proporcionalmente, há uma maior densidade de membros da Obra, é Malta (aplausos). Fizemos os cálculos e vimos que é assim. Onde há maior densidade de Ideal pelo número dos membros é aqui. A tal ponto que outro dia eu o disse a um Fundador e ele me disse: «Então Malta é a capital do Movimento!». (aplausos)

Tradução feita por Teresa Martins em expressão portuguesa, revisada por Iracema Amaral  
para a expressão brasileira em 2009 - \*\*\*\*  
Ufficio Traduzioni, Rocca di Papa, 04/05/2000

---

<sup>8</sup> Levando em consideração a população e o número de membros da Obra naquela nação, as proporções são essas que Chiara explicou (n.d.t.);

## ANEXO G – Documentário: doutorado *honoris causa* de Chiara em Piacenza

Piacenza, 29 de janeiro de 1999

### **Documentário sobre o doutorado *honoris causa* em Economia e Comércio a Chiara pela Universidade Católica do Sagrado Coração**

**Speaker:** Em Piacenza, uma cidade italiana rica de história e de tradições, mas também de um forte espírito empresarial, está a sede de um dos 4 campus da Universidade Católica do Sagrado Coração, de Milão. A Universidade ocupa um lugar de destaque internacional pela sua atuação no campo da formação e da pesquisa segundo a inspiração cristã, principalmente no campo social. Por isso este ano a Universidade decidiu outorgar a Chiara o doutorado *honoris causa* em Economia pela «inovadora contribuição socioeconômica do projeto Economia de comunhão».

**Prof. Sérgio Zaninelli (reitor da Universidade Católica do Sagrado Coração):**

Eu diria que existe uma primeira perspectiva interessante, é justamente aquela dos teóricos, daqueles que procuram interpretar e direcionar os sistemas econômicos. Eles reconhecem que a experiência em economia dos focolarinos é significativa e digna de ser objeto de estudo, porque é concreta.

**Speaker:** Atualmente são mais de 600 as empresas no mundo que aderem a este projeto, que já foi tema de seminários e congressos organizados por Universidades do Brasil, Polônia, Portugal e Itália. São mais de 40 as teses de doutorado sobre o assunto defendidas até hoje.

**Sérgio Ostan:** Para nós, escrever uma tese sobre a Economia de comunhão foi como aceitar um desafio. Na Universidade estudamos a teoria econômica, mas achamos melhor introduzir algo novo, que nenhum estudante havia tratado.

**Pierangelo Romersi:** As nossas teses permitiram que os docentes e pesquisadores das nossas faculdades conhecessem o projeto "Economia de Comunhão". Foi dessa colaboração com eles que surgiu a idéia de entregar este doutorado a Chiara motivada pela Economia de comunhão.

**Speaker:** O projeto Economia de comunhão também faz notícia. Diversos noticiários italianos veicularam amplas reportagens e entrevistas a Chiara.

**Chiara:** Não é um ato puramente “humano” como se pode pensar, quando quem doa algo fica sem ele. É um “doar” que preenche, porque inspirado numa cultura profundamente cristã. Vemos que os nossos empresários são pessoas realizadas justamente por este modo de praticar a economia, a economia da “partilha”.

**Speaker:** Na manhã do dia 29 de janeiro o Centro de Convenções [Congressos] da Universidade recebeu Chiara, que passou entre duas alas de pessoas, atraídas pela importância do acontecimento (aplausos). No lotado Centro de Convenções da Universidade, além de estarem presentes os vários componentes da Universidade diretamente interessada, compareceram também docentes de outras Universidades italianas e estrangeiras, empresários, políticos interessados no modelo econômico original proposto pela Lubich, que lhe proporcionou o título honorífico (aplausos).

O reitor da Católica, o professor Zaninelli, representando o inteiro corpo docente e os estudantes da Universidade, no seu pronunciamento de abertura, explicita duas das suas convictas reflexões, que o evento de hoje suscitou nele, relativas à história presente e futura da Universidade que representa.

**Prof. Sérgio Zaninelli:** A entrega do diploma *honoris causa* visa ser, sobretudo nesta ocasião, um momento sublime, no qual a Universidade propõe e indica solenemente à atenção pública da cultura e da ciência uma personalidade de destaque e a sua contribuição ao campo do saber e da convivência civil.

É esta a primeira reflexão que eu gostaria de propor. Refiro-me ao fato de que esta Universidade nasceu e tornou-se grande graças à contribuição de pessoas ilustres que aceitaram o radicalismo evangélico e o tornaram tão concreto e persuasivo que fizeram dele um fator genético e um elemento da construção de uma instituição com as atuais dimensões e importância.

A Universidade Católica não pode privar-se destas condições para ela essenciais. Por um lado, não pode abandonar a recordação dessas testemunhas da fé e, por outro, não pode eximir-se do conhecimento, da valorização e do encontro com as testemunhas atuais, como aquilo que estamos fazendo hoje.

A outorga de um reconhecimento acadêmico a Chiara Lubich está implicitamente ligada a toda a experiência do Movimento dos Focolares e se deve explicitamente à particular experiência da Economia de comunhão na liberdade. A este propósito tomo a liberdade de fazer uma segunda reflexão muito sintética.

Alinhando-se contra a tradição iluminista e racionalista, a cultura que deu vida à Universidade Católica, e que ela pretende representar e



servir, inspirou-se sempre no realismo, num conceito de conhecimento, de conhecimento global, inclusive científico, não intelectualista e desligado da experiência, mas que adere à realidade e lhe é obediente.

É nesta perspectiva que a outorga do diploma *honoris causa* de hoje assume um significado para nós muito exigente. Nós reconhecemos solenemente uma pessoa que consentiu e gerou uma experiência humana e social coletiva em si relevante. Nós colhemos o seu valor como um dos fatores que a nossa investigação não pode deixar de considerar, ainda que com liberdade e medidas diferentes.

Esta Universidade está a serviço de uma Igreja concebida não de um modo abstrato, mas a partir do povo que ela é, do povo que nela vive. Neste sentido todas as experiências, as várias tradições culturais existentes dentro da Igreja, uma vez reconhecidas e indicadas hoje pela sua autoridade como paradigmáticas de um modo adequado de viver o cristianismo, representam para nós uma fonte da qual como católicos e como estudiosos não nos podemos privar e não podemos ignorar também no exercício efetivo da nossa pesquisa e da tarefa educadora que nos é confiada.

Portanto, estamos gratos à Faculdade de Economia, que nos dá hoje a chance de formalizar explícita e solenemente estes nossos propósitos e estas nossas convicções.

Peço que o professor Moramarco inicie a leitura da motivação da deliberação de conceder o diploma *honoris causa*. E concluo renovando à senhora as minhas congratulações e estima pela sua obra, mas principalmente – se me é concedido –, exprimindo a minha profunda gratidão pelo seu testemunho pessoal. Obrigado (aplausos)!

**Speaker:** O professor Moramarco apresenta brevemente a figura de Chiara e o Movimento por ela fundado, indicando-o como uma resposta concreta, inspirada nos valores cristãos, para as mais variadas situações em que vive a nossa sociedade.

Introduzindo o projeto Economia de comunhão, ele evidencia a novidade da proposta em relação às teorias econômicas hoje formuladas.

**Prof. Moramarco:** Boa parte da teoria econômica contemporânea se baseia no comportamento do *homo economicus*, que é considerado racional quando maximiza o próprio proveito. O mercado é considerado o único instrumento regulador capaz de produzir o maior bem-estar social. Os debates que se seguiram nas últimas décadas levaram à conclusão de que não é de todo eficiente esta visão da economia. As contribuições teóricas de Arrow, Sen e de outros estudiosos importantes, destacaram que devem ser alargadas as variáveis a serem consideradas no comportamento econômico, introduzindo novamente o altruísmo, com toda a sua envergadura, nas análises econômicas.

De uma consideração dos pobres apenas na fase da redistribuição da renda [rendimento], com a Economia de comunhão se passa também para um envolvimento deles já no âmbito produtivo, fazendo deles os destinatários dos lucros produzidos e, onde é possível, proprietários da empresa por meio de sociedades por ações, como acontece na

cidadezinha-piloto do projeto, a Mariapólis Araceli, perto de São Paulo, onde nasceu um pólo industrial, administrado por uma sociedade com mais de 4 mil sócios, uma parte dos quais moram em favelas. As primeiras experiências demonstram que a Economia de comunhão representa um incentivo também à criação de empregos, pois tem como efeito dar novas chances de inserção no mundo do trabalho para estes indigentes.

No momento atual é cada vez mais praticada a participação internacional dos capitais, a concessão de créditos e a transferência de tecnologias entre as empresas situadas em nações e Continentes diferentes. As empresas de vários portes que aderiram ao projeto são hoje centenas.

No plano teórico o projeto Economia de comunhão está suscitando grande interesse também por parte de alguns estudiosos e economistas italianos.

Por estas motivações a Faculdade de Economia deliberou por unanimidade a outorga do diploma *honoris causa* a Chiara Lubich (aplausos).

**Leitura da motivação:** Eu Sérgio Zaninelli, Reitor Magnífico da Universidade Católica do Sagrado Coração, a Chiara Lubich que, enquanto a guerra recrudescia, deu vida a uma comunidade ligada pelo vínculo do amor, que se difundiu amplamente – no arco de 50 anos – entre cristãos do mundo inteiro; que atualmente promove uma nova visão das atividades empresariais, exortando a restituir a terceira parte dos lucros de cada indústria aos mais necessitados, seguindo um critério preciso: eles mesmos se tornam sócios das fábricas e oferecem, por conseqüência, a própria contribuição, porque o bem-estar dos cidadãos não consiste unicamente no poder pessoal e privado dos bens, mas também na felicidade de todos juntos e no cultivo dos sentimentos humanos, entrego o título e os privilégios de doutor em Ciências Econômicas *honoris causa*.

Milão, 29 de janeiro de 1999

O Reitor Magnífico e o Presidente da Faculdade (aplausos).

**Chiara:** Excelências reverendíssimas, Reitor Magnífico, prof. Sérgio Zaninelli, ilustre Senado Acadêmico, ilustres Professores, Senhoras e Senhores, prezados amigos, em primeiro lugar dirijo o meu mais caloroso agradecimento ao Reitor Magnífico desta Universidade Católica, ao Senado Acadêmico e ao diretor da Faculdade de Economia, prof. Vito Moramarco, por me terem agraciado com este doutorado.

Ele foi conferido a mim, visando homenagear o Movimento dos Focolares, que constitui uma entidade religiosa e social ao mesmo tempo; um dos Movimentos eclesiais que, na véspera de Pentecostes de 98, o Santo Padre João Paulo II definiu: significativas expressões do aspecto carismático da Igreja.

O Movimento dos Focolares pode ser considerado a partir de vários pontos de vista: do espiritual ao apostólico, do caritativo ao social e econômico, do aspecto político ao ecumênico, inter-religioso, cultural.

Pensando que seja do interesse dos senhores, ao descrever brevemente o Movimento, aproveitarei para evidenciar em primeiro lugar a sua atuação no social, que o caracterizou desde que nasceu, e na segunda parte ilustrarei o projeto Economia de comunhão, que é a expressão econômica desta Obra mais visível e famosa.

O Movimento dos Focolares, no seu conjunto – tal como João Paulo II o vê – é "um povo", expressão do grande povo de Deus, um povo que caminha edificando uma civilização do amor, com o objetivo de criar a fraternidade universal, tendo como alvo um mundo mais unido.

Ele nasceu em Trento, em 1943. Hoje tem mais de 5 milhões de membros de todas as raças, idiomas, nações e religiões, presentes no mundo inteiro, em 182 países.

Aderem ao Movimento cristãos católicos, mas também cristãos de outras Igrejas, fiéis de várias religiões, e pessoas que não possuem um referencial religioso, mas são homens e mulheres de boa vontade.

Se os seus membros cristãos estão unidos como irmãos e irmãs pela caridade de Cristo, de origem divina, os fiéis de outras religiões estão unidos a eles pela benevolência que, em prática, todas as religiões propõem; esse amor é aceito, como meio necessário para que os homens possam viver como irmãos, até por pessoas indiferentes à religião.

"A primeira centelha inspiradora" do Movimento, como a definiu o Papa, foi simples como tudo o que vem de Deus.

Durante a Segunda Guerra Mundial, fruto do ódio, tivemos uma nova revelação, se assim podemos dizer, sobre a verdadeira essência de Deus: Deus é Amor; Ele ama a todos e nos ama imensamente.

Essa redescoberta fez com que nós, que formávamos aquele primeiro grupo de jovens, sentíssemos que Deus não estava longe de nós mas muito próximo, presente em todas as circunstâncias da vida.

Era esse o primeiro anúncio que dávamos a quem encontrávamos: «Deus te ama; Ele conta até os cabelos da tua cabeça».

E acreditamos realmente no Amor, em Deus-Amor.

Mas espontaneamente quisemos retribuir o infinito amor de Deus com o nosso amor.

Podíamos amá-lo, praticando as suas Palavras.

Não era possível levar nada conosco quando corríamos aos abrigos antiaéreos de dia e de noite para nos protegermos das bombas. Só pegávamos um Evangelho, um pequeno Evangelho. E lá, enquanto esperávamos, lendo aquelas palavras já conhecidas, por uma luz especial, descobrimos que eram novas, únicas, universais, feitas para todos, eternas, para qualquer época e que podiam ser colocadas em prática. Intuímos logo que, se vividas, suscitariam uma revolução.

De fato, o mundo dentro de nós e ao nosso redor se transformava.

Infinitos episódios evangélicos aconteceram naquele período.

Jesus garantia no Evangelho: "Pedi e obtereis"<sup>1</sup>. Pedíamos coisas para os pobres e sem falta chegavam coisas e mais coisas: pão, leite em pó, doces, lenha, roupas... que dávamos a quem precisava.

Um dia – este é um fato, talvez o primeiro, que contamos sempre – um pobre me pediu um par de sapatos número 42. Sabendo que Jesus tinha se identificado com os pobres, dirigi a Jesus na igreja esta oração: "Eu preciso de um par de sapatos número 42 para você naquele pobre". Ao sair da igreja uma senhora me entregou um pacote. Eu o abri: era um par de sapatos número 42. Este é um exemplo dos milhões de fatos que se verificaram com o passar dos anos.

"Dai e vos será dado"<sup>2</sup>, lemos um dia no Evangelho. Dávamos o que tínhamos e voltava multiplicado.

Um dia tínhamos em casa algumas maçãs, que demos aos pobres. Na mesma manhã chegou um saco de maçãs, que demos novamente aos pobres e recebemos depois uma mala cheia de maçãs... Tudo aquilo que dávamos, recebíamos. Portanto, o Evangelho era verdadeiro! Jesus mantinha também hoje as suas promessas!

Essas entusiasmantes experiências evangélicas passavam de boca em boca. E quem encontrava esta nova realidade eclesial, que estava nascendo, não encontrava um Movimento nem sequer uma comunidade. Quem a encontrava, deparava – é uma frase ousada, mas verdadeira – com Jesus vivo entre nós, fiel às suas promessas.

E se os Apóstolos um tempo gritaram: "Cristo ressuscitou!", nós exclamávamos: "Cristo está vivo!" E tendo-o encontrado, ninguém jamais poderia esquecê-lo.

Fascinadas por tudo o que o Evangelho dizia, fomos tocadas principalmente por algumas palavras de Jesus, que poderiam ser sintetizadas assim: amar a Deus com todo o coração, amar cada próximo como a si mesmos, amar-nos reciprocamente com a medida exigida por Jesus: estando prontos a dar a vida uns pelos outros; acolher e gerar – como disse Paulo VI – a presença espiritual de Cristo entre nós, pois Ele prometeu que estaria onde dois ou mais se reúnem no seu nome<sup>3</sup>, isto é, no seu amor; seguir como modelo do amor ao próximo o Amor completamente revelado: Jesus crucificado; realizar a unidade segundo o modelo da Santíssima Trindade, estabelecendo relacionamentos interpessoais nos quais a diversidade é riqueza e a individualidade de cada um desabrocha na abertura e na doação ao outro.

Um fato daquela época nos indicou bem a nossa vocação à unidade, quando um dia nos reunimos num subterrâneo para nos protegermos dos perigos da guerra. Abrimos o Evangelho ao acaso e nos deparamos com a solene oração de Jesus ao Pai. "Pai Santo (...) que todos sejam uma coisa só como nós"<sup>4</sup>. E naquele momento tivemos a certeza de que havíamos nascido para realizar aquela página do Evangelho, para realizar a unidade entre todos. Era a "*carta magna*" do novo Movimento.

---

<sup>1</sup> Mt 7, 7; Lc 11, 9

<sup>2</sup> Lc 6, 38

<sup>3</sup> cf Mt 18, 20

<sup>4</sup> Jo 17

A seguir, as frases evangélicas citadas acima começaram a compor as linhas de desenvolvimento de uma espiritualidade sintonizada com o nosso tempo: a espiritualidade da unidade, pessoal e comunitária conjuntamente.

Para viver esta espiritualidade colocamos tudo em comum, de livre e espontânea vontade, na comunidade de 500 pessoas aproximadamente que se formou em Trento nos primeiros meses de 1944. Colocamos em comum os bens espirituais e os poucos bens materiais, mas também as necessidades.

Essa iniciativa, com a qual desejávamos de alguma forma imitar os primeiros cristãos, foi o primeiro indício – podemos dizer – de que o nosso Movimento teria também uma expressão social. E isso não deixou indiferente quem nos observava.

De fato, um dia alguns senhores se apresentaram no nosso primeiro e pequeno focolare perguntando-nos qual era o segredo de tudo o que estava acontecendo ao nosso redor. Afirmaram também que, o que tinham visto realizado na cidade de Trento, eles teriam atuado no mundo inteiro.

Indicamos um crucifixo na parede. Não era por Ele que nos amávamos reciprocamente a ponto de partilharmos tudo o que tínhamos? Mas esse segredo, evidentemente, não se conciliava com a ideologia deles e, abaixando a cabeça, foram embora. Mais tarde nos revimos e nasceu também entre nós um diálogo.

A guerra terminou e o Movimento começou a expandir-se rapidamente: primeiramente na Itália, de 1956 em diante na Europa, inclusive Oriental, e a seguir nos outros Continentes.

Tudo isso graças ao "segredo" que indicamos àqueles senhores que nos tinham visitado. De fato, viemos a saber que Jesus crucificado chegou ao ápice do seu sofrimento quando experimentou o abandono do Pai, gritando: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"<sup>5</sup>.

Esse fato nos comoveu. A nossa pouca idade, o entusiasmo, mas sobretudo a graça de Deus impeliram-nos a escolher como ideal da nossa vida justamente Jesus no seu abandono, máxima expressão do seu amor por nós, chave para recompor a união com Deus e com os irmãos.

Desde então descobrimos o seu semblante em nós mesmos, quando sofriamos, e nos próximos.

Ele, que experimentou a terrível a separação do Pai, foi reconhecido por nós em todas as divisões do mundo, grandes ou pequenas: entre pobres e ricos, entre as raças, entre os povos, entre as gerações, no interior da Igreja, entre as várias Igrejas; e ainda, na luta entre as Religiões e no contraste entre quem crê e quem não possui uma fé religiosa.

Mas – isso é importante – nenhuma dessas fraturas nos intimidou. Pelo contrário, pela escolha que fizemos dele Abandonado, todas nos atraíram. Vimos que o nosso lugar era exatamente aquele, onde havia as desigualdades prejudiciais, os desequilíbrios, as faltas de unidades, para procurar resolvê-las.

Os efeitos positivos dessa vida foram e são imensos.

Uma espiritualidade comunitária, como a nossa, contendo em si o "código" para transformar a sociedade, tem influência em todos os seus campos,

---

<sup>5</sup> Mt 27, 46

desde o mundo da economia e do trabalho ao da política, da justiça, da saúde, da educação, da comunicação social, da arte, etc.

Nas famílias, por exemplo, revitaliza-se o amor. Casais à beira da separação ou do divórcio readquirem a força para iniciarem um diálogo novo.

A diferença entre as gerações é transformada num positivo intercâmbio de dons.

E ainda, produz efeitos semelhantes em todos os campos: leigos e eclesiásticos.

Em 1960 o espírito do Movimento começou a penetrar entre os luteranos, que ficaram impressionados com o fato de que católicos falassem e vivessem tão intensamente o Evangelho. E quiseram fazer como nós.

Atualmente são de mais de 300 Igrejas os cristãos que aderem ao nosso Movimento.

No campo ecumênico a nossa espiritualidade produz principalmente um efeito: sendo comunitária, une espiritualmente todos aqueles que a vivem. Eles se sentem solidários entre si. Formamos com alegria um único povo cristão e descobrimos o imenso patrimônio que temos em comum como o Batismo, a Bíblia, os Concílios, etc.

O Movimento promove também o diálogo com fiéis de outras religiões: judeus, muçulmanos, budistas, xintoístas, sikhs, fiéis de religiões tradicionais. Muitos episódios, contatos e atividades recentes ou não poderiam ilustrar este diálogo.

Muitas pessoas de outras culturas partilham os nossos objetivos, que são iguais aos delas, por exemplo, a defesa dos valores universais como a unidade, o amor, a paz, a legalidade, os direitos humanos, a solidariedade, etc., e colaboram nos nossos projetos e nós nos delas.

O grande desenvolvimento do Movimento se deve, sobretudo, à unidade entre os seus membros sempre vivida e restabelecida. E da unidade sabemos o que podemos esperar. Jesus disse: "Que todos sejam um para que o mundo creia"<sup>6</sup>.

Além disso, o seu grande desenvolvimento se deve também à sua perfeita comunhão com a Igreja.

Quanto ao aspecto cultural, na verdade, no Movimento sempre tivemos muita consideração pelos estudos. Todavia nestes últimos anos percebemos que está desabrochando desta experiência evangélica uma doutrina que contribui para a renovação da tradição teológica.

Já que em Jesus todas as realidades criadas foram recapituladas, ela está iluminando também outras ciências.

Passemos agora ao aspecto social do Movimento.

A respeito da comunhão de bens no Movimento alguns membros a fazem de modo total (e são milhares), pois dedicaram-se completamente às suas finalidades, que dão todos os meses o salário [ordenado] inteiro e entregam todos os seus eventuais bens através de um testamento em favor dos pobres, que serão beneficiados sobretudo através de atividades formativas, apostólicas, caritativas e sociais da Obra, que por sua vez pensa em sustentá-los.

Os outros membros dão o que têm a mais.

---

<sup>6</sup> Cf. *Jo* 17, 21

A atividade social do Movimento exprime-se também em obras concretas. Elas não são programadas previamente, mas nascem espontaneamente do coração dos seus membros educados ao amor. Não são um fim em si mesmas, mas querem ser testemunho do amor para que se realize entre muitos o testamento de Jesus.

Um exemplo.

Numa floresta de uma região da República dos Camarões, chamada Fontem, vivia um povo pagão, os Bangwas, cheio de dignidade e rico de valores humanos. Entretanto estava sendo dizimado pelas doenças: 98 por cento das crianças morriam no primeiro ano de vida.

Em 1954, não sabendo o que fazer, esses africanos se questionaram: “Por que Deus nos abandonou?” E concluíram: “É porque não rezamos”. Então decidiram: “Rezemos; pode ser que assim Deus se recorde de nós!” Mas no fim notaram que nada havia mudado. Então disseram: “Por que Deus nos abandonou? Porque as nossas orações não valem para Ele. Façamos uma coleta para dar ao bispo, que pedirá a uma tribo mais digna que reze por nós”.

O bispo se comoveu e nos informou sobre isso. Em 1963 transferimos para lá alguns médicos, que no início viviam em cabanas, onde entravam inclusive as cobras. O povo Bangwa viu nisso a resposta de Deus. Foi aberto um ambulatório, superando dificuldades imensas.

Três anos depois eu também fui visitar Fontem. O vilarejo já era irreconhecível: com ruas e algumas casas.

A obra precedente dos missionários, que raramente podiam visitar a região, já havia colocado as bases. Mas alguns anos depois de nos termos estabelecido lá, pelo testemunho de amor dos focolarinos e pela unidade vivida entre eles e com todos, a marcha desses animistas para o cristianismo havia assumido as proporções de uma avalanche.

Atualmente, depois de 32 anos, chegando a Fontem vemos uma harmoniosa cidadezinha com mais de 600 casas, a igreja, o hospital, com 98 funcionários, a escola do 1º grau completa.

Fontem tornou-se um distrito da região de língua inglesa e, juntamente com outras localidades a ela ligadas, tem hoje uma população de 80 mil habitantes.

O Movimento, no esforço de ser amor e serviço, é uma presença que irradia, ilumina, surpreende, converte... Quem entra, por motivos de trabalho, também nas repartições públicas – polícia, escolas, obras públicas – sente que deve mudar de vida. Muitos acham que Fontem é a esperança de uma África nova.

No mundo são cerca de mil as obras sociais de vários portes.

Porém, é típica do nosso Movimento a "Economia de comunhão" na liberdade, uma experiência particular de Economia solidária. Ela é uma autêntica expressão da espiritualidade da unidade na vida econômica e pode ser compreendida completamente e na sua complexidade só se estiver inserida no contexto da visão que a nossa espiritualidade tem do homem e dos relacionamentos sociais.

Nasceu – como foi dito – no Brasil, em 1991.

O Movimento, presente nesse país desde 1958, difundiu-se em todos os seus Estados, atraindo pessoas de todas as categorias sociais.

Porém, fazia alguns anos que, apesar da comunhão de bens, eu estava percebendo que, devido ao crescimento do Movimento (no Brasil somos cerca de 250 mil pessoas), já não conseguíamos cobrir as necessidades mais urgentes de certos membros.

Pareceu-me, então, que Deus convidasse o nosso Movimento a tomar providências.

Embora eu não seja competente em problemas econômicos, pensei que era preciso criar empresas, a fim de que a capacitação e os recursos de todos confluam para a produção de riquezas em favor de quem se encontra em dificuldades. Elas seriam dirigidas por pessoas competentes, capazes de fazê-las funcionar com eficiência e obter lucros, que livremente deveriam ser colocados em comum.

Em parte os lucros seriam destinados aos mesmos objetivos da primeira comunidade cristã: ajudar os pobres e dar-lhes um meio de subsistência enquanto não conseguem um trabalho. Outra parte seria para construir estruturas de formação de "homens novos" (como os define São Paulo), formados e animados pelo amor, idôneas em viver a "cultura da partilha". E uma terceira parte, é lógico, é novamente investida na empresa.

Desse modo, nas nossas cidadezinhas-testemunho (que são cerca de 20 no mundo) – que são um modelo de convivência com todas as expressões da vida moderna e por isso exigem também a presença de empresas junto das escolas de formação, das casas para as famílias, da igreja, do artesanato e das outras obras que nasceram para manter os seus habitantes –, nasceria também um verdadeiro pólo produtivo.

Essa idéia foi acolhida com entusiasmo não só no Brasil e na América Latina, mas também na Europa e em várias partes do mundo.

Muitas empresas nasceram e muitas já existentes aderiram ao projeto modificando o próprio estilo de gestão empresarial.

A este projeto já aderiram 654 empresas e 91 atividades produtivas menores. São empresas que atuam nos diversos setores econômicos, em mais de 30 países: 164 no comércio, 189 são indústrias e 301 prestam outros serviços.

A experiência da "Economia de comunhão", com as suas particularidades que derivam da espiritualidade da qual nasce, coloca-se ao lado de numerosas iniciativas individuais e coletivas que procuraram e procuram "humanizar a economia": iniciativas de muitos empresários e trabalhadores – em geral pouco conhecidos –, que concebem e vivem a própria atividade econômica como algo mais amplo e diferente da simples busca de uma vantagem material.

De fato, como em muitas outras realidades econômicas permeadas por motivações ideais, os que aderem ao projeto – empresários, dirigentes, trabalhadores ou outras figuras da empresa – empenham-se antes de mais nada colocar no centro da própria atenção, em todos os aspectos de suas atividades, as exigências e as aspirações da pessoa e as instâncias do bem comum. Em particular eles procuram:

- instaurar relacionamentos de lealdade e de respeito, animados por um sincero espírito de serviço e de colaboração em relação aos clientes, aos fornecedores, à administração pública e até aos concorrentes;



- ❑ valorizar os seus funcionários, informando-os e envolvendo-os de vários modos na gestão da empresa;
- ❑ manter uma linha administrativa empresarial inspirada na cultura da legalidade;
- ❑ reservar grande atenção ao ambiente de trabalho e ao respeito pela natureza, mesmo suportando investimentos de alto custo;
- ❑ cooperar com outras realidades empresariais e sociais presentes no território, abertos também à comunidade internacional, com a qual se sentem solidários.

O projeto "Economia de comunhão" apresenta ainda outras características muito significativas para nós, porque mais diretamente ligadas à visão do mundo que nasce da nossa espiritualidade. Refiro algumas:

1. Os protagonistas das empresas da "Economia de comunhão" procuram seguir, embora nos moldes exigidos pelo contexto de uma empresa produtora, o mesmo estilo de comportamento que eles vivem em todos os âmbitos da vida. De fato, estamos convencidos de que é preciso imbuir dos valores nos quais se crê cada momento da vida social e, portanto, econômica, que assim se torna mais um espaço de crescimento humano e espiritual.
2. A "Economia de comunhão" propõe comportamentos inspirados na gratuidade, na solidariedade e na atenção para com os mais necessitados (comportamentos que normalmente são considerados típicos das organizações sem fins lucrativos) também a empresas às quais é conatural a busca do lucro. Portanto a "Economia de comunhão" não se apresenta como uma nova forma de empresa, alternativa às que já existem. Ela pretende sobretudo transformar a partir de dentro as estruturas empresariais tradicionais (podem ser sociedades anônimas, cooperativas, ou outras), direcionando todos os seus relacionamentos intra e extra-empresariais segundo um estilo de vida de comunhão. Tudo isso respeitando plenamente os valores autênticos da empresa e do mercado (evidenciados pela Doutrina Social da Igreja e, de modo especial, por João Paulo II na *Centesimus Annus*).
3. As pessoas que se encontram em dificuldades econômicas e que são os destinatários de uma parte dos lucros, não são considerados simples "assistidos" ou "beneficiários" da empresa. Ao contrário, eles são membros essenciais do projeto, no âmbito do qual oferecem aos outros as próprias necessidades. Também eles vivem a "cultura da partilha". De fato, muitos renunciam à ajuda que recebem, tão logo recuperam um mínimo de independência econômica; e muitas vezes partilham com outros o pouco que possuem. Tudo isso porque na "Economia de comunhão", que também ressalta a "cultura da partilha", não se dá muita ênfase à filantropia de alguns, mas à partilha, onde cada um dá e recebe, com a mesma dignidade, no âmbito de um relacionamento de substancial reciprocidade.

4. As empresas de "Economia de comunhão", além de se firmarem em um profundo entrosamento entre os dirigentes de cada uma delas, sentem-se parte integrante de uma realidade mais ampla. Os lucros são colocados em comum, porque já se vive uma experiência de comunhão. Por este motivo as empresas – como já mencionei – desenvolvem-se no interior de pequenos (pelo menos por enquanto) "pólos industriais", situados perto das Mariápolis permanentes do Movimento ou, se geograficamente distantes, "coligam-se" idealmente a elas.

Muitos se perguntam como podem sobreviver no mercado empresas tão atentas às exigências de todos os interlocutores com os quais tratam e ao bem de toda a sociedade.

É claro que o espírito, que as anima, ajuda a superar muitos daqueles contrastes internos que obstaculizam e, em certos casos, paralisam todas as organizações humanas. Além disso, o seu modo de operar atrai a confiança e a benevolência de clientes, fornecedores ou financiadores.

Todavia, não podemos esquecer um outro elemento essencial: a Providência divina, que acompanhou passo a passo o desenvolvimento da "Economia de comunhão" durante estes anos. Nas empresas em que se aplica a "Economia de comunhão" se deixa espaço para a intervenção de Deus inclusive nas ações econômicas concretas. E se constata que, após cada decisão "contracorrente", que a usual praxe comercial desaconselharia, Deus nunca faz faltar o "cêntuplo" prometido por Jesus: um faturamento imprevisto, uma oportunidade inesperada, a oferta de uma nova colaboração, a idéia de um novo produto que faz sucesso no mercado...

Esta é, em linhas gerais, a "Economia de comunhão".

Quando a propus, eu decerto não pensava numa teoria. Todavia vejo que atraiu a atenção de economistas, sociólogos, filósofos e estudiosos de outras disciplinas, que encontram nesta nova experiência e nas idéias e categorias, nela subjacentes, motivos de interesse que ultrapassam o próprio do Movimento no qual se desenvolveu historicamente.

Em particular, na visão "trinitária" dos relacionamentos interpessoais e sociais, fundamento da "Economia de comunhão", há quem vislumbre uma nova chave de leitura que poderia enriquecer também a compreensão das interações econômicas e contribuir, portanto, para superar a visão individualista que prevalece hoje na ciência econômica.

Excelências, Reitor Magnífico, ilustre Senado Acadêmico, excelentíssimos professores, senhoras e senhores, queridos amigos, com estas palavras espero ter demonstrado que existe uma nova e ampla Obra na Igreja e na nossa sociedade, com diversos objetivos, um dos quais é econômico, realizada sobretudo por Aquele que faz triunfar a sua força e a sua potência exatamente onde se encontra a fraqueza.

Obrigada a todos pela atenção que me dispensaram.

Que o Senhor abençoe esta ilustre e amada Universidade Católica e todos os que nela trabalham e a freqüentam (aplausos).

**Prof. Zaninelli:** A palavra agora a sua Excelência dom Monari, bispo de Piacenza, para uma saudação.

**Dom Monari:** Direi brevemente a minha admiração e a alegria pela outorga deste diploma *honoris causa* em Economia a Chiara Lubich. O motivo da minha admiração é compreensível. A palavra Economia leva a pensar nos problemas da produção e do mercado, no valor do Produto Interno Bruto e no índice de inflação. São coisas importantes, mas pensávamos que não fosse objeto do trabalho de Chiara Lubich. Nós conhecemos Chiara sobretudo pelo Movimento dos Focolares, difundido no mundo inteiro, e pelo seu diálogo incansável com muitas figuras do mundo religioso.

Nós a conhecemos pela Palavra de vida que escreve e que todos os meses acompanha a meditação e a oração de muitos cristãos. Que ligação têm os comentários espirituais de versículos do Evangelho com uma ciência tão material como é a Economia? A admiração é calcada pela motivação da outorga do diploma: a "Economia de comunhão". Não sei se alguma vez na vida vocês ouviram estas duas palavras combinadas. Elas me dão a impressão de um paradoxo. O termo "comunhão" logo me leva a pensar na Trindade, como mistério de um Deus que existe em doação, cuja existência é comunhão. Enquanto o termo "economia" me sugere instintivamente a busca do próprio interesse. É claro que encerra a esperança de que o interesse de cada um redunde no bem de todos, como garantia com otimismo Adam Smith, mas indubitavelmente com uma ótica bem diferente daquela da comunhão, do viver pelo outro.

São estas as causas da admiração, que são as mesmas da minha alegria, porque é belo ouvir falar de partilha no contexto de uma Faculdade de Economia. Eu acho que assim são reconhecidas e valorizadas muitas experiências importantes da nossa vida, que poderiam ficar esquecidas.

Por exemplo, refleti, mas creio que cada um de nós poderia pensar o mesmo, que no meu relacionamento com os meus pais, eu recebi mil vezes mais do que dei do ponto de vista econômico e também afetivo. Esta experiência, tão fundamental para a minha vida, para a nossa vida, não pode ser calculada em termos de trocas. Todavia é exatamente esta experiência que me tornou uma pessoa adulta e me capacitou a entrar no tecido dos intercâmbios pessoais, culturais e também econômicos, que constitui hoje a minha, a nossa vida.

Se não tivesse recebido, eu não teria sido capaz de viver o intercâmbio. É belo, portanto, que a partilha volte a ser objeto de atenção também da análise econômica. Creio que a imagem do homem, a imagem do *homo economicus*, que dela deriva, é a mais correta e também – entre parênteses – a mais agradável.

E ainda, estamos contentes com este diploma porque nos ajuda a recordar quanto a fé tem ligação com a vida cotidiana concreta. Fé e dinheiro são coisas diferentes, mas a fé manifesta a sua seriedade, porque obriga também a enxergar o dinheiro com uma nova visão,

assim como obriga a considerar com olhos novos o poder, a cultura, a sexualidade, a pessoa humana em si.

Portanto, estou agradecido a Chiara Lubich pelo testemunho de humanidade e de fé que nos transmite. E obrigado à Universidade Católica que, outorgando um diploma *honoris causa* em Economia a uma pessoa como Chiara Lubich, nos transmite uma imagem atraente da ciência econômica em si, aquela de uma ciência a serviço do bem e da comunhão entre os homens (aplausos).

**Prof. Stefano Zamagni (professor de economia política da Universidade de Bolonha):** Como estudioso de questões econômicas, eu diria que a considero interessante, porque representa o típico desafio que é lançado das bases, ou seja, do agir econômico concreto ao mundo da ciência econômica.

O mundo da ciência econômica, que tem muitos méritos, de alguns tempos para cá está em crise, em crise no sentido literal do termo. É um tempo de passagem, de transição, porque desapareceram as antigas certezas, aquelas que afirmavam que para obter prosperidade, bem-estar e sobretudo felicidade, o único meio era incentivar os mecanismos do mercado e comportar-se segundo o paradigma do *homo economicus*, que convida cada um a pensar em seus interesses. O modelo da Economia de comunhão mostra com os fatos que é possível produzir riqueza, ser eficientes, ser produtivos no interior de um paradigma relacional, isto é, reconhecendo-se como pessoas e não mais como indivíduos que, porque aderem a valores que poderão ser religiosos mas também não religiosos, porém profundamente humanos, que conseguem realizar concretamente iniciativas de grande relevo.

**Deputada Burani Procaccini:** Nós nos debatemos entre mercado e Estado. Chiara nos dá uma terceira indicação. Até agora individualizamos o famoso *non-profit*. Chiara nos diz que também com o lucro podemos fazer algo grande. A meu ver esta é uma estrada muito inteligente para nos reapropriarmos de novo do mercado como o novo milênio deveria.

**Prof. Adriano Bausola (ex-reitor da Universidade Católica):** Nem sempre as coisas de sucesso provêm de gente considerada muito prática ou de professores importantes. Em muitos campos, em geral os professores se limitam a interpretar o que já aconteceu, dizendo que tinham previsto, mas... Os industriais, os agentes, etc. vivem barricados demais numa dimensão própria.

Se quisermos testar algo novo, é bom que venha de pessoas que tenham até mesmo um carisma, como Chiara, a fundadora, mas transmitindo tudo aos outros. Portanto, a novidade por vezes parte de pessoas de fora. Não é a primeira vez que acontecem transformações históricas que não dependeram dos poderosos de turno, mas das pessoas do povo, digamos.

**Speaker:** Daquela inicial intuição de 1991, chegou-se ao reconhecimento de uma teoria científica que se fundamenta numa experiência

evangélica. Certamente foi colocada sobre o monte uma luz para muitos, mas isso também representa um novo empenho para recolher a sabedoria suscitada pelo carisma da unidade.

Traduzione di Iracema Amaral, Ufficio Traduzioni, 20/4/2010. Nome file:bs290199
--

ORIGINALE

Piacenza, 29 gennaio 1999

Conferimento a Chiara della laurea *honoris causa* in Economia e Commercio all'Università del Sacro Cuore:

Testo preparato del videogiornale.

Traduzione in espressione brasiliana.

File: bs290199 (winword)  
Disco: 11  
Stampata il: 20/4/2010  
Rivista da:

Para a tradução simultânea do vídeo n. 1337  
(in espressione brasiliana)

PORTOGHESE

---

## **ANEXO H – Pronunciamento do Pr. Ervino Schmidt na abertura da SOUC 2008**

### **Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos 2008 “Orai sem cessar”**

Pr. Ervino Schmidt

Queridas Irmãs, Queridos Irmãos,

Mais uma vez celebramos a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. É, sem dúvida, um momento muito especial. Aqui, nessa comunidade, a Semana já se tornou tradição.

Que bom! Demos graças a Deus. Mas hoje tem algo diferente das outras vezes.

Hoje é dia de lembrar uma longa história. Aliás, uma história linda e estreitamente relacionada com a Igreja Anglicana. A Semana completa um século de existência. É isso mesmo. Um século! Exatamente cem anos atrás, por iniciativa do padre episcopal anglicano, Paul Wattson, foi celebrada, em 1908, uma oitava de Oração pela Unidade dos Cristãos, em Graymoor, Nova York. Aos poucos essa iniciativa foi se espalhando pelo mundo. A partir de 1968 (exatamente 60 anos mais tarde) a Semana passou a ser preparada, em conjunto, pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, da Igreja Católica Romana e pela Comissão de Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas. Em nosso país a Semana é coordenada pelo CONIC (Conselho Nacional de igrejas Cristãs do Brasil). Recordo com que alegria e também com que cuidado cada ano os subsídios para as celebrações são adaptados a nossa realidade. Entre nós esse projeto secular é realizado no período que antecede Pentecostes. No hemisfério norte, em janeiro. Vocês hão de concordar que o período de férias de verão não seria muito apropriado. De qualquer modo, a Semana tornou-se um marco para as Igrejas. Muitas pessoas têm, em uma das celebrações que acontecem nesses dias, a sua primeira experiência ecumênica. E ficam maravilhadas! Quem uma vez experimentou como é “bom e agradável viverem unidos as irmãs e os irmãos”, será dali em diante uma fiel testemunha do desejo de Cristo “que todos sejam um” durante toda a sua vida.

Nunca estaremos mais próximos uns dos outros do que quando unidos em oração do mesmo e único Deus.

Mas eu preciso contar mais um detalhe que julgo de interesse geral. Depois de assumir a secretaria executiva do CONIC, em 1992, conheci uma pessoa extraordinária e que me ajudou muito no trabalho em favor da unidade. Trata-se do Frei Leonardo. Ele desenvolvia um belo projeto ecumênico em São Paulo do qual nasceu o Movimento de Fraternidade das Igrejas Cristãs que veio a se tornar a primeira Representação regional do CONIC. Frei

Leonardo provinha de uma Congregação religiosa dos Estados Unidos, chamada Frades Franciscanos da Reconciliação. Essa Congregação tem o ecumenismo como carisma. Por que eu conto tudo isso? Porque o mesmo Reverendo Paul Wattson que lançou a Semana de Oração, alguns anos antes, fundou essa Congregação. A busca da unidade e outras circunstâncias levaram os freis e as irmãs a solicitarem ao Vaticano que aceitasse essa Congregação na Igreja Católica Romana. É um fato deveras curioso.

Esse pedido foi atendido. Era a primeira vez que uma Congregação religiosa, de origem protestante, teve a permissão de ingressar na Igreja Católica Romana, diretamente, em bloco e tal qual estava constituída. O normal teria sido conversão individual e adesão a alguma Congregação já existente. Bem, tudo isso, de algum modo, está relacionado com a história da Semana de Oração.

“Orai sem cessar”. Cem anos de oração pela unidade.

Alguém poderia argumentar: Mas não mudou tanta coisa assim. Continua a haver incompreensão entre as Igrejas. Podemos perceber disputas de poder e até concorrência entre elas.

Há estudiosos, inclusive, falando em retrocesso na caminhada ecumênica. Há pessoas que dizem estarmos passando por um “inverno” na busca da unidade ou, no mínimo, por uma época de crise.

Dois anos atrás tivemos, aqui em Porto Alegre, a IX Assembléia do CMI. Nessa ocasião o então Moderador, Aram I, disse em seu relatório: “Olhando retrospectivamente o período que deixamos atrás, podemos perguntar o quanto fomos capazes de avançar rumo aos nossos objetivos ecumênicos. Na verdade, não é fácil descrever exaustivamente tudo o que ocorreu nessa caminhada da nossa comunhão de Igrejas. Uma das palavras freqüentemente usadas em anos recentes para caracterizar a vida e o trabalho do CMI é ‘crise’. Temos atravessado crises de vários tipos. Temos enfrentado tensões tremendas e conduzido nosso testemunho sob pressões enormes”.

E o teólogo brasileiro Gottfried Brakemeier afirmou: “O barco ecumênico, neste início de milênio, sente o vento soprar pela proa, estando ameaçado de ver anuladas as milhas avançadas até o momento”.

São expressões críticas e bastante fortes.

Cem anos de oração pela unidade e, no entanto, os avanços parecem pequenos. Será que Deus não ouviu as orações? Será que Ele não as atende? Com essas perguntas lembrei-me de uma história que um velho missionário contou de um cristão que já tinha dedicado muito tempo à oração, mas que não havia percebido qualquer atendimento. Aos seus olhos tudo permanecia igual ao seu redor. Então procurou um irmão de muita experiência de fé. Chegou a ele triste e lhe disse: “Não estou vendo qualquer resultado das minhas orações”.

O amigo experiente, então, lhe colocou uma cesta nas mãos e o enviou para buscar água do rio.

Ele foi. Mas quando voltou, lógico a cesta estava vazia. O irmão lhe ordenou que novamente fosse ao rio com a mesma incumbência. A cesta outra vez estava vazia. Foi pela terceira vez. Na volta, o mesmo resultado. Então protestou: “Por que me mandas se nada acontece”? A resposta foi: “Sim, a cesta está vazia, mas olha para dentro dela! Antes estava suja, agora está limpa”.

Deus atende a nossa oração. Disso podemos ter certeza!

Ela é uma necessidade na vida das pessoas cristãs e se localiza no contexto da camada mais profunda da existência. Na verdade, ela é a resposta que acontece em um diálogo iniciado por Deus mesmo. Ele vem a nós. E a cada um de nós Ele se dirige bem pessoalmente como Redentor e Salvador. A relação com Deus não é algo impessoal, algo nebuloso, mas sim pessoal. Ela se manifesta na mais profunda realidade do amor. Assim, gratidão e entrega confiante são expressão máxima da nossa oração.

Por isso, a melhor maneira de nos dirigirmos a Deus é conversar com Ele, assim como se conversa com uma pessoa amiga. Isso tanto mais porque Deus, encarnado em Seu Filho, apareceu-nos em rosto humano. E Jesus mesmo ensinou-nos a chamar Deus de “Abba”, Pai. A oração deve ser uma constante. Ela não é um último recurso em situações sem saída. É conhecida a história de caráter anedótico em que um capitão exclamou, quando seu navio estava no maior dos perigos em alto mar: “Agora só nos resta orar”. Alguém então poderia ter respondido: “Mas já chegamos a esse ponto”?

Deus não é um ‘tapa-furo’. Dietrich Bonhoeffer, conhecido teólogo luterano, assassinado durante o Regime nazista, insistia que o lugar de Deus é no centro da vida e não na periferia da mesma. Seu lugar não é lá, onde nossa razão humana não consegue chegar. A oração não é um pedido para que Deus interrompa o curso das leis naturais. Ela expressa, muito antes, a absoluta confiança que nos fundamentos de toda existência está o infinito amor do Pai.

É na certeza desse infinito amor de Deus que aconteceram os cem anos de oração pela Unidade. E é nesta mesma certeza que hoje estamos aqui unidos em oração. Chamando Deus de Pai reconhecemos todas as pessoas como irmãs e irmãos.

Estar assim diante de Deus tão diretamente já é o início do próprio atendimento da oração. Aqui começam as grandes transformações!

Conforme o texto da Primeira Carta aos Tessalonicenses, base para a Semana de Oração deste ano, é na presença de Deus que passamos *a viver em paz, a exortar-nos e a encorajar-nos mutuamente, a sustentar os fracos, a ser pacientes para com todos a não retribuir o mal com o mal e a buscar sempre o bem entre nós.*

Eis aí uma segura base para autêntica vivência ecumênica!



Nossa cesta não fica vazia. Nem a cesta de cem anos de Semana de Oração ficou vazia. O Movimento ecumênico é irreversível!

Muita coisa aconteceu: criou-se, ao longo do tempo, uma maior sensibilidade ecumênica nas relações entre nossas igrejas. Isso corresponde às necessidades práticas do testemunho e do serviço, mas, sobretudo, ao desejo de Jesus Cristo “que todos sejam um”. Percebeu-se que o ecumenismo não é um simples capricho ou desejo de poucos, mas um mandato do próprio Senhor.

Nenhuma Igreja nega sua confessionalidade, mas agora o caráter separatista da mesma está sendo superado.

As Igrejas, cada vez mais, se esforçam em expressar visivelmente a unidade a partir de elementos que já lhes são comuns com vistas à plena comunhão em Cristo.

Em conjunto elas também se empenham para combater a injustiça, aliviar o sofrimento humano, superar a violência, enfim, buscar a plenitude de vida para todas as pessoas.

Isso é pouco? Não, isso é muito!!

Só nos cabe confessar: O Senhor tem feito maravilhas. Por isso: “Estai sempre alegres, orai sem cessar, dai graças, em todas as circunstâncias, pois esta é a vontade de Deus a vosso respeito em Cristo Jesus”. Amém.